

Larvalho

HISTORIA UNIVERSAL.

TOMO QUINTO.

Historia Testis temporum; Lux veritatis;
vita memoriæ; Magistra vitæ; Nuncia
vetustatis.

Cicero.

HISTORIA UNIVERSAL.

SEGUNDA PARTE:
HISTORIA MODERNA,

ESCRITA EM FRANCEZ
PELO ABBADE MILLOT;

E TRADUZIDA EM VULGAR

POR J. J. B.

*Professor de Lingua Franceza no Real Colle-
gio de Alcobaça.*

TOMO QUINTO.



Allo

L I S B O A,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

MDCCLXXIV.

Com Licença da Real Meza Censoria.

DEC
11
1985

P R E F A Ç A Õ

D O

A U T H O R.

JÁ fica exposto o plano desta Obra na Prefação, e Introducção á História antiga. O que tenho de accrescentar neste lugar he sobre a Historia moderna em particular, muito mais difficullosa de tratar-se, vista, e considerada geralmente.

O meu trabalho não tem sido para meninos incapazes ainda de reflexões seguidas, mas para a mocidade já instruida nos primeiros estudos, e para as pessoas do mundo, que pertendem, ou adquirir as principaes noções historicas, ou renovallas na memoria com fructo, e sem muito estudo. Todavia minha intenção he ser tambem util aos proprios meninos; pois facilmente podem escolher-se as passagens mais convenientes, explicar-lhes as difficul-

culdades, e duvidas, que nellas acharem, e suprir os poucos conhecimentos preliminares, que requer semelhante leitura.

Os elementos, em materia de sciencias exactas, devem definir, e demonstrar tudo, contribuir para que se formem immediatamente todas as idéas, nascendo humas das outras, enlaçar os principios, e as consequencias em huma ordem necessaria, e igualmente luminosa: sendo muito raro que os entendimentos mediocrementes exercitados os aprendaõ sem soccorro algum.

Semelhante methodo não he proprio para a historia, e particularmente para a historia geral, que he hum número infinito de factos, a maior parte soltos, confundidos no abyssmo dos seculos, e na immensidade do Universo; mais, ou menos interessantes a nosso respeito, conforme os nossos gostos, e as nossas correlações pessãoas; taes em fim, que cada nação (por não dizer cada

da

da povoação) compõe dos factos a ella concernentes, hum montão de enormes volumes. Como se pôde extrahir de semelhante chaos, como se pôde arrumar com ordem, concisão, clareza, exactidão, e elegancia, a materia de huma obra propria para dar os conhecimentos essenciaes, e para fazer o estudo mais agradavel, e menos fastidioso?

Se cheguei a alcançar o fim da minha idéa, he todo o feliz successo que podia esperar deste dilatado trabalho, cujos defeitos irão talvez a menos na continuação desta obra. O titulo de *Elementos* não tem neste lugar o mesmo sentido rigoroso, que se dá n'outros generos. Preferi este titulo por ser o que melhor procede com o meu objecto, sem me sujeitar aos obstaculos de hum constrangimento inutilmente escrupuloso. A brevidade me pareceo especialmente necessaria: e muitas vezes basta indicar os factos,

Étos, para formar a união das idéas. N'hum a palavra, não devia escrever nem hum a esteril Chronologia, cheia de nomes, e de datas; nem hum a enfadonha compilação de noticias triviaes, e fastidiosas: devia debuxar o grande retabulo das cousas humanas, e não apresentar nelle senão as individuações absolutamente necessarias, para fixar a attenção nos factos os mais importantes de conservar-se na memoria, Esta he a origem dos conhecimentos, que as Historias particulares haõ de descobrir.

Nas Obras desta natureza, não he facil a boa narraçãõ; porém muito menos facil he o bom methodo. O melhor, a meu vêr, seria o que excitando mais a curiosidade do entendimento, dirigisse melhor as operações da memoria. Porém de qualquer modo que se proceda, o ponto principal he ajuntar os objectos analogos, notar o fio das causas, e dos ef-

effeitos , observar o principio das diversas revoluções , seguir o caminho da intelligencia humana , e distribuir as materias por certos limites , por onde possaõ ser vistas , e consideradas distinctamente. As Épocas , taes como se empregão ordinariamente , me parecem muito insufficientes. A pezar da minha vigilancia em aperfeiçoar semelhante methodo , não me lisongeio de ter chegado ao ponto de perfeição , que considerava.

Discorramos a respeito da historia , para extrahir della idéas justas , e consequencias praticadas sobre tudo quanto interessa a sociedade. Eis-qui sem dúvida a essencial em hum curso de instrucção , onde todos se propõem de nunca separar nem as luzes , nem os sentimentos. Tudo deve guiar ou para as reflexões , ou para as máximas : tudo deve ou illuminar o entendimento , ou formar o coração.

A sabedoria, se tivesse reinado ordinariamente entre os homens, fer-lhes-hia natural, e quasi que não exigiria nem estudos, nem esforços. Tal he pelo contrario a humana fraqueza, que a Historia Geral continuamente offerece hum espectáculo de loucuras, e de defordens, e que nos instrue muito mais por meio dos erros, e das infelicidades dos nossos antepassados, do que por meio dos exemplos dignos de todos os elogios.

Esta a razão, porque os vícios dos antigos governos chegáão a ser huma das melhores lições da politica; assim como as distrações, ou os erros do antigo clero, huma das melhores lições de disciplina, e de moral.

Naõ hei de pois dissimular nenhum dos excessos, que tiverão perniciosos effeitos; nem ainda aquellos mesmos, que tão cruelmente se arguem ao Pontificado, ao Sacerdo-

docio, e aos Religiosos. Sou obrigado a mostrar, que semelhantes excessos, nos seculos da ignorancia, e da superstição, forão a origem de huma grande parte das desgraças da humanidade. Por ventura não descrevem os Livros Santos semelhantes desordens com as cores as mais vivas? Por ventura a Lei Divina não condena até as imperfeições dos seus Ministros? Hum dos triunfos da Igreja he o ter subsistido entre tantos escandalos. Em vão se afouta o impio a imputallos á mesma Religião: nelles acha o Christão hum motivo de mais para adorar a Providencia.

Além de que, todo o homem imparcial ha de julgar, que se o abuso do Ministerio Santo produzio muitas vezes grandes infelicidades, o seu uso diario sempre produzio grandes bens. O mal he conhecido por manifestos effeitos; o bem he incognito por hu-

humana uniforme continuação. O primeiro occupa infelizmente a história; o segundo segue o curso habitual da sociedade.

Finalmente semelhante mal procedeo muito mais do erro, do que das paixões. O mesmo mal póde de algum modo hoje em dia servir para gloria dos Ministros do Altar; pois que huns o confessão com candura, outros o evitam com cuidado, e a maior parte, conhecendo melhor as obrigações da sociedade civil, e christã, mostraõ-se mais dignos da confiança, ou da estimação publica.

A perfeição he hum quimerá admiravel na terra. Porém todo o governo devia rectificar-se, e se rectificará sempre mais, por meio de qualquer exame reflectido dos antigos erros. Em todos os generos de funções, ecclesiasticas, politicas, e civis, os precipicios, e as decadencias de outrem ensinaõ

naõ a arte de cada qual haver-se com fífudeza.

Aquelles, que pretendem alterar, ou affectar de disfarçar os factos historicos a este respeito, sempre serão suspeitos de hum orgulho, e de hum interesse, taõ mal entendidos, que patenteando-se a verdade depois de muito tempo, nada a faz brilhar tanto como os vãos modos, dos quaes usa a imprudencia a fim de a escurecer. A mesma verdade amiga essencialmente da Religiaõ, das Leis, e da boa ordem naõ tem outro fim senaõ inspirar as virtudes, e as obrigações. Sem a desnaturalizar, naõ a podemos fazer favoravel para a excessiva liberdade. Todo aquelle que, em escrevendo, se aparta dos principios fundamentaes do Christaõ, e do Cidadaõ, ou he cego, ou mentiroso; e a Historia sempre ha de depôr contra elle.

Praza a Deos que a mesma Historia possa formar por toda a parte
pas-

pastores dignos de citar-se para modelos; magistrados, verdadeiros órgãos da justiça; guerreiros, generosos defensores do Estado: vassallos fieis ao seu Principe, e zelosos pela sua Patria; Principes attentos em merecer o amor, e o zelo dos seus Vassallos; escritores capazes de illuminar as Nações; e finalmente homens, em cada condição particular, felices por meio da prudencia, e da sabedoria, e uteis para a sociedade por meio do trabalho!

Se esta pequena, e fraca Obra inspirar a algumas almas o gosto da verdade, e da virtude, terá o successo coroado os meus empenhos. Se der a qualquer justo motivo de queixa, não haverá cousa mais contraria ás minhas intenções. Taõ injuriosa seria para mim a satyra, como vergonhosa à lisonja.

OBSERVAÇÕES PRÉLIMINARES

*A respeito de estabelecimento dos Barbaros
no Imperio Romano.*

ENTRE tantas revoluções sanguinolentas, que mudáráo a face do mundo, nenhuma ha mais digna das attenções da politica, e da mesma filosofia, do que aquella, que destruindo o Imperio Romano, levantou sobre as suas ruínas as Monarquias da Europa. A gloria, a grandeza, as forças, e as luzes daquelle famoso Imperio; tudo acabou em pouco tempo. Huns Barbaros desconhecidos, ou desprezados, destroem a obra dos seculos, a obra de innumeraveis Heróes, e engenhos immortaes. Os mesmos Barbaros triunfão de Roma, assenhoreão-se das suas Províncias, e dellas fazem Estados independentes, estabelecem-lhes as suas Leis, e as suas preocupações juntamente com o seu poder. As causas, e os effeitos de tão memoravel successo daríão materia para muitos volumes, todos ajuntarei n'humas só descripção, limitando-me a algumas reflexões uteis, sem procurar na historia mais que aquillo que póde illuminar a razão, inspirar sabedoria.

—
A ruína do
Imperio
Romano,
grande ob-
jecto de re-
flexões.

Explica-se
esta revo-
lução por
meio das
causas mo-
raes.

O nome Romano nos impõe a sabedoria. Pouco falta para não gemermos sobre as ruínas do Imperio, aborrecermos os seus destruidores, como huns monstros vís, e igualmente abominaveis. Porém o colosso, que arruinava as nações, e que das suas ruínas se tinha formado, acaso deve interessar-nos mais do que os Póvos, cujo sangue corre pelas nossas veias? Por ventura os Honorios, os Arcadios, e os herdeiros da sua cobardia, e da sua estúpida imprudencia, são mais dignos da nossa veneração do que os Alaricos, os Ataulfos, os Clovis, os Odoacros, os Theodoricos, os Totilas, os Alboínos, os Autharicos, &c.? Acaso o jugo dos Imperadores era preferivel ao jugo dos novos fundadores de Monarquias? Finalmente, não se devem considerar as victorias, e o estabelecimento fixo dos Barbaros como huma serie das causas moraes, cuja influencia cedo ou tarde produz a elevação, e a decadencia dos Imperios? Nós o julgaremos pela Historia. Voltemos hum instante sobre os nossos passos; lembremo-nos de algumas idéas importantes, dispersas na primeira parte desta Obra, que são a origem das consequencias, que nos ficam para descobrir.

Era

Era Roma devedora da sua fortuna tanto aos seus costumes, como á sua politica, e ás suas armas. As suas conquistas dilatárao-se, e fortificárao-se por causa da nobreza dos sentimentos, do amor da liberdade, e da patria, da paixao da gloria, da invencivel constancia nos trabalhos, do desprezo dos perigos, e da morte, da obediencia ás Leis, e sobretudo da disciplina militar. As suas proprias injustiças erao revestidas de huma certa, e brilhante magestade, e o *Povo Rei* fazia respeitar a sua tyrannia.

Como os Romanos tinham adquirido o seu Império.

Produziraõ as riquezas em Roma, o mesmo que por toda a parte : o luxo corrumpo os costumes, e os vótos da plebe foraõ comprados pela ambição dos grandes; a liberdade extinguiu-se no sangue dos Cidadãos; as gueras civís naõ socegáraõ, senaõ com o dominio de hum Senhor; do interesse nascêraõ os Cortezaõs, e os escravos da força; as legiões chegáraõ a ser os instrumentos do despotismo, julgando ter direito para dispôr da Soberania : os Pretorianos vendidos sempre a quem melhor partido lhes fizesse, zombáraõ assim da vida dos Principes, como das Leis da República; n'huma palavra, com a fórma do antigo governo viraõ-se reinor o crime, e os abusos mais monstruosos. Hum Senado vil, Ma-

Como, e até que ponto se corrompêraõ os Romanos.

gistrados sem authoridade ou sem honra, tropas desenfreadas, hum Povo cobarde, opprimido, e insolente, abandonárao-se a todos os generos de desordens; sómente o ar da Corte teria sido sufficiente para infectar toda a Nação: as desordens, a perfidia, e quasi todos os vicios, ordinariamente estavao annexos ao Throno.

Alguns
grandes
Imperado-
res não re-
mediáram
o mal se-
nao de
passagem.

Alguns homens grandes chegando a occupar o Supremo lugar, traçáram novamente a imagem das virtudes antigas. Roma pareceo renascer; porém semelhança áquelles enfermos, que se livráram da sepultura, sem extirpar o principio da morte annexo á sua substancia, a sua decadencia foi horrorosa, assim que novamente se abriáram as origens da corrupção.

Licença
horrorosa
dos solda-
dos.

Os exercitos, os quaes estabeleciao Principes, a fim de tirar delles violentamente immensas liberalidades, e os mata-vaõ cruelmente, a fim de tirar tambem violentamente as mesmas quantias de seus Successores, chegáram a tal extremo de devassidaõ, a tal excesso, que o nome de disciplina se torna em sinal de rebelliaõ. Já os mesmos exercitos não se compunhaõ de soldados, mas de huns destruidores da Patria; os soldados já não eraõ Cidadãos armados para a defeza commum, eraõ

eraõ huns salteadores desenfreados, que não se fartavaõ de roubar : alistando-se tambem entre elles hum grande número daquelles Barbaros, cujos compatriotas, e cujos irmãos tinhaõ dado por ultimo sobre as Provincias. Os inimigos achavaõ até nas proprias legiões homens ansiosos de recebellos.

Ao mesmo tempo que guardava, ou arruinava as Fronteiras huma milicia temerosa, o Povo nas Capitaes, longe da guerra, de cuja arte não tinha já conhecimento, quasi do mesmo módo ignorava o trabalho taõ necessario para a conservação dos costumes. Como indigente, e ocioso vivia de distribuições, de prodigalidades, estabelecidas por huma pessima politica, a fim de acarear a sua benevolenciã. O mesmo Povo exigia paõ, e jogos, não como o salario, ou alivio dos seus suores, mas antes como fructo, e alimento dos seus vicios; prompto sempre para sobrevar-se quando se lhe não podia pagar semelhante tributo, por causa das necessidades do Estado. A Italia mudada em jardins por causa de huma ostentação Asiatica, não queria alimentar os seus habitantes. Se por infelicidade faltavaõ as frotas da Africa, e da Sicilia, desgraça que de ordinario acontecia em meio das perturbações, e das guerras,

Vicios, e
miseria do
Povo.

o Povo respirava sómente sedições. Se o inimigo apparecia ás portas da Cidade: o Povo não sabia nem obedecer, nem combater. Estava Roma totalmente falta de Romanos.

Estado deploravel do Occidente, depois da fundação de Constantinopla.

Quando Constantino fundou a sua Capital, para a qual attrahio, por meio de hum orgulho imprudente, quasi todas as riquezas do Estado, exaurido o Occidente cahio n'huma especie de aniquilação. Certifica-se, não obstante, que no tempo da tomada de Roma por Alarico, a renda de muitas familias excedia a quantia de quatro milhões de livras de França, (hum milhaõ e seiscentos mil cruzados) e que as familias da segunda ordem ao menos tinhaõ hum milhaõ de livras Francezas de renda, (quatrocentos mil cruzados.) Se diminuirmos ainda muito de semelhante calculo, por ventura não he próva evidente, de que o pequeno número absorvia a riqueza da Nação; que hum luxo abominavel multiplicava continuamente os crimes, augmentava continuamente a miséria; e que as Provincias eraõ a victima dos Cortezãos, dos Magistrados, e dos Officiaes dos Erarios?

Roubos públicos.

Com effeito, a Historia não apresenta senão huma descripção de concussões, e de roubos. O famoso imposto do chrysargiro, imposto que se pagava de

de quatro em quatro annos) estabelecido sobre as cousas-as menos susceptiveis de taxa, e de algum modo sobre a mesma mendicidade, manchou a memoria de Constantino. Diversas Leis, principalmente aquellas dos loucos filhos de Theodosio, como que pozéraõ freio á injustiça. Porém as Leis não eraõ mais que palavras desprezadas. Nunca a injustiça foi nem maior, nem mais impune. Os ministros, as mulheres, os eunucos, e os infimos criados, tudo sacrificavaõ ás suas paixões com o nome sagrado do Imperial poder: semelhante nome annunciava unicamente tyrannia.

Basta reflectir sómente sobre dous pontos de historia incontestaveis. No espaço de sincoenta annos, depois de Alexandre Severo, mais de sincoenta Cesares, ou Augustos são acclamados, e degollados pelos militares, tão promptos para a rebelliaõ, e homicidio, como indifferentes para a gloria, e o Estado. Por outra parte, a infame traiçaõ chega a ser hum dos recursos principaes do governo. Mandaõ-se assassinos contra os Principes, cujas armas são para temer: armaõ-lhes também siladas, para as quaes são attrahidos com apparencias de amizade, e a hospitalidade he homicida; a hospitalidade, tão santa antigamente entre os Romanos!

Revoluções continuas.

Traições praticadas contra os Barbaros.

a hospitalidade, exercitada pelos Barbaros com sinceridade tão generosa! O Reinado de Valencio offerece dous exemplos de Reis mortos cruelmente deste modo ao sahir da meza. Modo extraordinario de suspender as emprezas daquelles Póvos conquistadores, ao mesmo tempo que se não envergonhavaõ de pagar-lhes tributos, e de comprar a paz, fazendo-lhes desejar a guerra!

Já não ha virtude, já não ha honra.

He logo para admirar que dasapparecendo da Corte, dos exercitos, e dos empregos a verdade, e a honra, não conservasse hum Povo infeliz, e vil, mais que o unico nome de Romano? Que este nome, chegando a ser commum para todos os vassallos do Imperio, não despertasse em nenhum os sentimentos da antiga Roma? Que os animos antigamente tão fervorosos a favor dos publicos interesses, não se inflammassem senão pelos partidos de cocheiros, e disputas Theologicas? Finalmente, que os odios de religião, acabando de extinguir o patriotismo, chegassem a ser huma das causas principaes da ruina, que se preparava?

Odios de religião, depois do estabelecimento

Tinha o Christianismo subido felizmente ao Throno. A verdade, por meio do Christianismo, devia desterrar os erros, e a virtude triunfar das paixões; por meio do

do mesmo Christianismo devia huma caridade universal unir os homens com Deos, cuja bondade, e misericordia infinita lhes eraõ propostas por modelo. Porém esta Religião não os fazia impeccaveis. Podiaõ os homens, apartando-se das suas maximas, tomalla por pretexto para os mais perniciosos excessos. Se os Christãos chegassem a ser perseguidores, depois de ter confirmado a sua fé sob o ferro das perseguições, huma guerra intestina arruinaria o Corpo Politico, e abriria por todas as partes as brechas, por onde os inimigos exteriores penetrassem no seu seio: O que effectivamente succedeo.

Constantino, posto que tivesse alguma inclinação para o despotismo, não tinha apprehendido violentar as consciencias dos idolatras. Como teria Constantino imaginado que os Romanos ajoelhariaõ diante da Cruz, se a persuasão não lhes fizesse adorar interiormente o seu mysterio? Muito era que o verdadeiro Deos tivesse Altares, e o Evangelho fosse pregado no Capitolio. Alguns Imperadores seguiriaõ este systema de moderação. Porém o impaciente zelo, com o qual a paixão se pôde confundir com tanta industria, authorizou-se finalmente do favor. Os Deoses de Roma foraõ insultados publicamente, as suas Estatuas quebradas, e ve-

mento do
Christia-
nismo.

Violencias
contra os
Pagãos.

xados os seus seguidores. Fulmináraõ-se em breve tempo Leis penaes contra o antigo culto: a pena de morte foi pronunciada contra huns sacrificios prescritos antecedentemente pelas Leis; o Senado vó abater o Altar da Victoria, aquelle mesmo Altar tão precioso para a Nação; e posto que o número dos Pagãos ainda fosse muito consideravel, posto que o imperio não tivesse bastante força contra hum diluvio de inimigos, o governo excluio dos empregos, e da milicia todo aquelle que não seguisse a Religiao do Principe, isto he, cortou de algum modo as cabeças, e os braços daquelles mesmos, de cujo soccorro necessitava.

Donde
procedê-
rão as dif-
cordias, e
fanatismo.

Daqui nascêraõ as reprehensões, as injurias, e os odios mutuos, tão proprios para excitar o fanatismo. Daqui nascêraõ os partidos pro, ou contra os novos Augustos, conforme a cada hum se affiguravaõ ou favoraveis, ou contrarios ao partido de que eraõ zeladores. Daqui nasceo aquelle descontentamento dos Pagãos tão excessivo, que a invasão de Radagazio na Italia, na frente de duzentos mil Godos (no anno de 405), foi para elles motivo de jubilo manifesto, como se os Deoses tivessem vindo pessoalmente vingar os seus Altares. N'humas palavras, os Pagãos accusavaõ o Christianismo como

mo causa de todos os desastres do Império ; os Christãos certificavaõ que os restos do Paganismo attrahiaõ os flagellos do Ceo ; a huns , e outros não roubava tanto seus cuidados a salvação commum , como suas religiosas contendas.

Para maior infelicidade , odios muito mais funestos dividiaõ. cruelmente os Discipulos de Jesu Christo. Aquelle espirito contencioso , reprovado por S. Paulo , quasi que chegou a ser o espirito geral. As seitas multiplicáraõ-se , e combateraõ humas contra as outras. Todas louváraõ os seus Apostolos ; todas deraõ os seus sofismas por oraculos Divinos : todas pretendêraõ ser depositarias da Fé , e empenháraõ-se a arrastar a plebe sob os seus estandartes. A discordia reinou na Igreja. Os Bispos anathematizáraõ os Bispos ; as violencias seguiraõ-se aos argumentos , e a loucura dos Principes ateou o fogo , que causava tantas , e taõ grandes ruinas. Os mesmos Principes pertendêraõ ser Theologos ; quizêraõ governar , e ser superiores a todas as opiniões , e castigáraõ todos os que elles não podiaõ converter. As Leis contra os idolatras envolveraõ em breve tempo os Hereges. Porém o mesmo que hum Imperador proscrevia como heresia , era dogma para outro Imperador ; deste modo irritava a persegui-

Os mesmos Christãos divididos entre si.

Imperadores Theologos , e perseguidores.

guição successivamente os diversos partidos, sem produzir já mais bem algum; pois que perseguindo a mesma heresia, fazia a catholicidade mais odiosa do que triunfante.

Grande
imperio
que o Cle-
ro tomava.

Paixão fu-
riosa das
Seitas.

Que succedeo? o Clero já poderoso na Corte, e muito mais entre o Povo, principiou desde aquelle tempo a perder o respeito, que a Religião inspira á Soberana authoridade. Disso não trarei aqui os exemplos não ignorados. Todos chamariamos hoje em dia libellos sediciosos a alguns escritos de pessoas illustres, cujos nomes citaõ os fanaticos com audacia, irritando-se contra as potencias; porém de cujas virtudes se esquecem, a fim de authorizar-se com os seus erros. Abrazando a animosidade de hum grande número de Pastores o impeto popular, não houve mais respeito nem ao Principe, nem á Patria, nem ás Leis, nem ás obrigações; houve ampla liberdade para ser ou Ariano, ou Donatista, ou Priscillianista, ou Nestoriano, ou Menothelita, &c. Ninguem era já Cidadão; ou para melhor dizer, todos foraõ mortaes inimigos dos Cidadãos, cujas opiniões se condemnavaõ. E terminando sempre os antigos Romanos as suas disputas a respeito dos direitos mais preciosos, tanto que qualquer sinal de guerra lhes annunciava

os perigos da Republica; aquella raiva nunca ouvida de irritar-se huns contra os outros, a respeito das materias, em que era necessario referir-se ao parecer da Igreja, nunca já mais se attenuou no meio dos mais terriveis desastres. Tantas eraõ as Seitas, quantos os partidos no Estado, cujos odios reciprocos conspiravaõ para alluir os fundamentos do Estado. Isto he provavelmente o que tinha inspirado a Juliano o furor de abolir o Christianismo. Cégo a respeito de hum objecto taõ essencial, não pensava senão no abuso que do dogma se fazia, sem ver que semelhante abuso era condemnado expressamente pela Moral Christã, e que os melhores Cidadãos deviaõ formar-se na escola do Evangelho.

Os vicios do Governo avigoráraõ cada vez mais estes principios de destruição. A sabedoria, e a prudencia faltou ao mesmo Theodosio, o qual permittio às violencias aos catholicos, contra os heterodoxos, que se ajuntassem em casas particulares. Declarando Theodosio os Manicheos por dignos de morte, julgáraõ todos ter direito para matallos como proscritos; e o Imperador vio-se em fim obrigado a prohibir, sob pena de morte, taes homicidios occasionados pela sua Lei. Ambos os seus filhos Arcadio, e Hono-

Leis pessi-
mas de
Theodo-
sio, e dos
seus filhos.

rio apressáraõ por meio da sua superstição, e da maldade dos seus validos, as desolações da torrente que muito tempo havia que ameaçava o Imperio já pouco seguro.

Os Barbaros muito superiores aos Romanos daquelle tempo.

Os Povos do Norte armados contra os Romanos, mereciaõ, sem duvida, o nome de Barbaros; pois que respirando só combates, e roubos, procuravaõ hum clima mais temperado, e terras mais férteis que os seus matos, e montes, sem mais titulo do que o direito da espada, que elles exercitavaõ sem remorsos, como se fosse o direito da natureza. Mas estes Barbaros, dos quaes bem longe estou de querer fazer o panegyrico, quaõ tremendos não eraõ, e quaõ superiores ás Nações polidas que accommettiaõ! Os seus costumes simples, e duros ignoravaõ até o nome de brandura; tudo era sufficiente para a sua grande frugalidade; os seus corpos acostumados aos trabalhos, como que eraõ insensíveis ás dores; sendo a guerra, por assim dizer, o seu alimento, zombavaõ dos perigos, e desprezavaõ a morte com sinaes de júbilo; livres, e inimigos da sujeição, nem por isso craõ menos sujeitos aos seus Chefes, porque sempre elegiaõ os mais dignos de governallos. Hum valor feróz, posto que assim o digaõ, não era a sua unica virtude.

Te-

Temos a descripção dos costumes Germanicos feita por hum Historiador filosofo, na qual vemos a santidade do matrimonio, huma generosa hospitalidade, o odio aos vicios depravadores, e diversas acções respeitaveis de sabedoria, ás quaes para fazer hum Povo solidamente virtuoso, só falta a cultura da razão, que guia aos verdadeiros principios da vida social. Acaso não diz a historia que os proprios Hunos, aquelles salteadores selvagens, cumprião inviolavelmente a sua palavra? De mais disso os Francos, os Godos, e outros muitos Barbaros, humas vezes combatendo contra os Romanos, outras vezes pelejando a seu soldo, tinhão adquirido idéas, e conhecimentos; e os seus desprezõs para hum Povo, do qual exigiaõ tributos, mostra sufficientemente que tinhão a seu respeito as vantagens, que asseguraõ as conquistas. Os seus Principes conquistadores foraõ homens grandes: estes homens grandes, com forças terriveis accommettêraõ fracos inimigos; o valor, e a politica dos vencedores, os vicios, e os erros dos vencidos explicaõ a revolução.

Grande he o horror, que causa a leitura das barbaridades, que commettêraõ naGaula, e depois disso além dosPyreneos, os Vandalos, os Alãos, e os Suevos,

Os Vandalos noReinado de Genferico.

pri-

primeiros conquistadores da Hespanha. Com tudo, assenhoreados que estivessem os Barbaros daquella região, logo os vemos suavizar a sua ferocidade, cultivar a terra, arredar os temores dos habitadores, e socegar por meio da sua reputação de justiça, e de clemencia, aquelles mesmos, que tinhaõ fugido por causa do terror. Alguns annos depois, vemos a Genserico, Rei dos Vandalos, preferindo á Hespanha huma conquista mais util, tomar a Africa aos Romanos, assim pela sua prudencia, como pelo seu valor, formar repentinamente huma marinha tremenda: esse Genserico, que nem hum unico navio possuia, manter-se como grande politico, negociar, e combater com o mesmo successo; n'huma palayra triunfar do Imperio até á morte com os mesmos meios, de que Roma se valeo taõ felizmente nos primeiros seculos.

Alarico, Rei dos Visi-Godos, mostrou-se muito mais admiravel na Italia. As multiplicadas perfidias da Corte de Honorio o irritaõ, sem o poder fazer nem perfido, nem cruel. Alarico reclama a fé dos tratados, vingando-se como hum heróe conduzido pela honra. O mesmo Alarico conserva, e respeita Roma duas vezes; e sendo obrigado finalmente a tomalla em 410, nada lhe esquece para diminuir

os horrores da vingança ; ordenando o respeito ás mulheres, e ás Igrejas, a conservação do sangue dos vencidos, Alarico salva a vida a infinitos Romanos. Por sua morte , Ataulfo, seu Successor, herdeiro dos seus generosos sentimentos, e amigo da paz, vai estabelecer-se além dos Alpes, para a parte dos Pyreneos, e por causa das suas virtudes merece a mão de Placidia. Sómente a moderação de Ataulfo era hum penhor do poder dos Visi-Godos.

Aquelle altivo, e soberbo Attila, o qual depois penetra até o interior do Imperio do Occidente , depois de ter feito tremer a Theodosio II. em Constantinopla ; Attila, a quem este Príncipe tinha pretendido assassinar, e o qual lhe tinha perdoado , arguindo-o de ser hum perfido escravo ; Attila, o qual rico com os despojos, tinha recebido os Embaixadores Romanos com huma simplicidade tão nobre, dando-lhes hum banquete moderado, em o qual comia em huma baixella de pão, ao mesmo tempo que os mesmos Embaixadores eraõ tratados com baixellas de ouro ; Attila, o qual se deixou vencer, e applacar por hum Santo Pontifice no mesmo instante de saquear Roma ; capaz, valeroso, e igualmente poderoso , chegando a ser o terror do

Attila, homem grande a muitos respeitos.

fa-

famoso Aecio, pelo qual tinha sido vencido huma vez; Attila, digo, teria privado do Throno sem grande custo a Valentiniano III., se não tivesse preferido antes tello, assim como a Theodosio, para seu tributario.

Odoacro, e Theodorico côquistadores da Italia.

A conquista da Italia estava reservada para o Chefe dos Herulos, para Odoacro; digno de nella fundar hum Reino, pois que lhe conduzio a paz, a segurança, e a felicidade, incognitas desde muito tempo, governando os Imperadores Romanos. Hum novo conquistador se apresenta para o despojar; porém felizmente para os Povos, Theodorico he o novo conquistador, Principe superior a todo o elogio por causa da sabedoria do governo, do amor do bem público, das intenções de huma consummada prudencia, da eleição dos seus ministros, dos seus Generaes, e de tudo quanto faz hum Soberano amavel aos seus vassallos, e respeitavel aos seus inimigos. Os Trajanos, e os Antoninos, devião pois renascer em hum Ostro-Godo, ao mesmo tempo que os seus Successores eraõ o opprobrio do Imperio, e o ludibrio dos Barbaros. A nação Gothica devia pois desvanecer a gloria do nome Romano, depois de ter assolado cem vezes as Provincias do Imperio! Deste modo,

os

os Póvos formão-se, exaltaõ-se, florescem, degeneraõ, descahem, e desaparecem succesivamente; e todas estas revoluções tem suas causas, que o estudo da historia feito com reflexaõ póde descobrir.

Huma unica acção descreve algumas vezes os homens. Odoacro, e Theodorico, Arianos, protegêraõ os Catholicos com rectidaõ. *Nós não temos, dizia o ultimo, imperio algum sobre a Religiaõ, porque a Fé não póde ser obrigada.* O Imperador Justino pelo contrario, fulminava novos decretos contra os Heterodoxos, sem vêr que enfraquecendo muito o Imperio, dava ao Rei da Italia huma razaõ para tratar os Catholicos com o mesmo rigor. Theodorico indignado ameaçou por semelhante causa a Justino, e pouco faltou para que os Italianos não perdessem huma das maiores vantagens, que a prudencia, e a sabedoria de semelhante Principe lhe procurava. Tanto importa para o bem da Religiaõ, não irritar os seus adversarios.

Os Francezes, menos illuminados do que os Godos, eraõ, sem duvida, mais barbaros. Porém Clovis possuia sómente na sua pessoa todas as qualidades proprias para dilatar, e fortificar as conquistas. Como heroe politico, soube apro-

A sua tolerancia, comparada com a intolerancia de Justino.

Clovis, o os Francos.

veitar-se assim da Religião, como das armas, para executar os seus intentos. E por que razão abraçou a Gaula o seu jugo com fervor, senão porque Clovis o fez tão digno de ser desejado, quanto odioso era o jugo dos Romanos? Barbaros desejados, recebidos como os vingadores das Nações sujeitas pelas suas armas! Tal he o horror, que a tyrannia inspira.

Revolução
passageira
no tempo
de Justiniano.

O Imperio exalta-se na apparencia no tempo de Justiniano. Os Vandalos, frouxos, e corruptos no seio do luxo, são vencidos, e expulsados da Africa; os Godos, posto que tenham no Principe Totila, outro Theodorico, também são vencidos, e expulsados da Italia. Semelhante revolução passageira foi unicamente obra de dous homens grandes, os quaes necessitárao, assim se póde dizer, triumphar primeiramente dos vicios do Governo, antes de triumphar dos barbaros. Belizario, sem tropas, e sem dinheiro, estava reduzido a andar vagamundo como fugitivo na presença de Totila. Se Narséz fosse menos cortezaõ, se não se tivesse aproveitado do seu favor para conservar os meios todos de conseguir as suas emprezas, Totila não teria tido vencedor.

Quando vemos pagar Justiniano pen-
sões immensas aos Persas, aos Hunos,
aos Turcos, aos Abaros, &c.; exhaurir os
seus thesouros por causa de hum número
prodigioso de vãos edificios; arruinar as
suas Provincias com grandes, e pezados
impostos; empregar Belizario quando ha-
via delle necessidade, sem lhe dar soccor-
ro, e privallo do seu favor, depois dos
maiores serviços; declarar-se sequaz de
hum dos partidos do circo, e armar por
semelhante meio, e vergonhosa impru-
dencia a raiva sanguinolenta dos parti-
dos; erigir-se como doutor da Igreja, ou
antes como juiz da Fé, no centro das ca-
lamidades da guerra; despovoar regiões
inteiras perseguindo os Heterodoxos, e
cahir depois na heresia para perseguir os
Catholicos; amontoar noCodigo, e no
Digesto infinitas Leis, as quaes apenas
lhe sobreviverão; e mudar o mesmo Jus-
tiniano perpetuamente aquellas Leis por
meio de *Novellas* de pouca entidade, e
venaes; quando examinamos, digo, as
suas acções, e os seus monumentos, des-
confiamos com justiça dos elogios, que
prodigamente lhe deraõ os Jurisconsultos;
antevê-se com certeza que fataes revolu-
ções haõ de seguir-se ao seu Reinado.

As revoluções já principiaõ no tempo
de Justino II., seu Successor. Os Italianos,

Erros

enormes
deste Im-
perador.

Os Lom-
bardos es-
tabelecidos
na Italia.

os quaes com o zelo da Catholicidade, se tinhaõ livrado dos Reis Ostro-Godos, cujas Leis rectas respeitavaõ os seus dogmas, e as suas riquezas, arrependêraõ-se logo com o pezo de hum governo mais cruel. As intrigas da Corte de Constantinopla contra Narséz lhes alcançaraõ a mudança, que desejavaõ. Alboino apparecendo na frente dos Lombardos, senho-reou-se facilmente de quasi toda a Italia, onde fez amavel o seu dominio cheio de bondade, e de justiça. Alboino teve sabios, e prudentes Successores, os quaes reináraõ por meio das Leis. Esta admiravel, e excellente Comarca sempre melhorou, passando do Imperio dos Augustos para o Imperio dos Barbaros, taõ temerariamente desprezados.

Heraclio
conduz-se
muito mal
no Oriente.

Basta sómente lançar huma vista de olhos pelo Oriente, para ficar plenamente convencido do principio das revoluções inevitaveis, que examino. Ao mesmo tempo que o Imperador Heraclio escureceo as suas victorias contra os Persas, entregando-se a hum estúpido descanço, do qual sómente desperta para os delirios do monothelismo; ao mesmo tempo, que o proprio Heraclio por meio da sua *ectheze*, ou exposição, pretende regular o dogma, provocando os Theologos para novas disputas; Mafoma ajun-

ta os Arabes debaixo das suas Leis, dos quaes faz hum Povo de heróes, e governa tão industriosamente os principios do fanatismo, que os seus subditos, sujeitos humildemente ao absurdo dos seus oraculos, são invenciveis guerreiros contra os seus visinhos. Mafoma, com hum número pequeno de Musulmãos, dá a primeira ferida ao Imperio, e destroe hum exercito numeroso de Heraclio. Abubeker, e Omar, seus dous primeiros Successores, pobres, virtuosos, prudentes, e intrepidados, voão de conquista em conquista. A Mesopotamia, a Syria, a Palestina, o Egypto, e a Africa, além do grande Reino dos Persas, passáráo em poucos annos ao dominio dos Arabes. Exemplo unico, em o qual a superioridade do procedimento não se manifesta menos, do que a superioridade do valor.

Mafoma, e os Arabicos.

Semelhantes guerreiros, descriptos algumas vezes como monstros insaciaveis de sangue, sempre offereciaõ a alternativa, ou de lhes pagar tributo, ou de abraçar a sua religião. Tomando o segundo partido, estavaõ certos de participar das suas vantagens; e tomando o primeiro, estavaõ certos de hum tratamento moderado. Que he o que a cobarde, e cruel politica dos Imperadores podia oppor a huns meios semelhantes de amplifi-

O seu procedimento a respeito dos Christãos.

figuração, sustentados por tudo o que a victoria concede? Se os Musulmãos não tivessem tambem experimentado o veneno das riquezas, e da grandeza, e a mania do espirito de Seita, o mundo descoberto teria sido totalmente absorvido talvez em o seu Imperio.

Todos os barbaros deviaõ vê-cer os Romanos.

As causas mais notorias do estabelecimento dos Barbaros nas ruinas dos Romanos, são de huma parte, a corrupção, e a cobardia, e da outra, valor, vigor, actividade, e politica. As individuações em semelhante genero nunca acabariaõ. Os erros dos Principes, os crimes da Corte, as traições dos Generaes, as sedições do Povo, as acções de perfidia, de cobardia, e de baixeza são innumeraveis. Os Barbaros eraõ, sem duvida, menos indignos de reinar; pois que desde o Téjo até o Eufrates, todos os Póvos respiráraõ, quando o Romano poder cessou de os opprimir com o seu jugo.

Tristes effeitos da revolução.

Porém por muito necessaria que fosse semelhante revolução, deve-se considerar como huma infelicidade o ter sido feita por huns barbaros. Observemos os seus effeitos relativamente ás Leis, ao governo, aos costumes, ao entendimento humano, e á religião. Nós acharemos

mo-

motivos para gemer a respeito da humanidade, que raras vezes sahe de hum abysmo, sem cahir em outro abysmo.

As Leis Romanas, sem embargo da grande confusão de abusos, que nellas havia, especialmente depois de Constantino, geralmente eraõ as melhores que a razaõ tivesse produzido. Theodorico o Grande as adoptou, e o seu genio, favorecido por Cassiodoro, aproveitou-se de semelhante meio para fazer o seu dominio mais suave, e mais respeitavel na Italia. Porém o seu exemplo foi muito pouco seguido. Chindasuinto, hum dos Reis Visi-Godos de Hespanha, procreveo semelhantes Leis por serem muito cheias de difficuldades, e muito subtis para a prompta decisaõ dos negocios. Os outros Povos reprovando-as julgáraõ provavelmente do mesmo modo; he necessario confessar que a simplicidade das Leis Germanicas era muito mais conveniente para homens simples, e ignorantes, para guerreiros incapazes de applicação, e igualmente de contrangimento.

As Leis Barbaras reináraõ pois quasi por toda a parte, com as quaes reináraõ juntamente as desordens. Estas Leis na apparencia suaves, pois que conservavaõ a vida dos malfeitos, não reprimindo sufficientemente o crime, faltavaõ

Decadécia
das Leis
Romanas.

Abuso das
Leis barbaras.

ao fim da Legislação. Permittir o resgatar o homicidio a preço de dinheiro, acaso não he o mesmo que dizer ao rico que póde livremente sem receio de castigo manchar-se com homicidios? Por ventura a prova do duelo, estabelecida para decidir os processos, não reduzia tudo ao direito do mais forte? As absurdas experiencias do ferro, da agua, e da Cruz, não mudavaõ a justiça em força, e em industria? Semelhantes, e enormes abusos se encontraõ até em as Leis Lombardas, por outra parte taõ cheias de sabedoria, prudencia, e rectidaõ, que se mantiveraõ na Italia depois da expulsaõ dos Lombardos. Tal he o imperio do uso sobre a mesma razãõ.

Confusaõ
perigosa de
ambas es-
tas especies
de Leis.

Se os Conquistadores não adoptáraõ as Leis dos vencidos, tiveraõ bastante prudencia para lhes deixar o seu uso. O Romano na Italia, na Gaula, e na Hespanha, foi ao principio julgado pelas Leis Romanas. Mas além de que devia chegar a ser com o tempo Lombardo, Francez, ou Visi-Godo, por causa da confusaõ dos Povos, semelhante contrariedade de Leis occasionou necessariamente novas desordens, desde que a authoridade não se lembrou mais dos primeiros principios. A legislação, em lugar de se aperfeiçoar, mostrou-se cada vez
mais

mais pessima, mais tenebrosa. Consequentemente, aquillo mesmo que devia contribuir para a felicidade da sociedade, contribuiu tambem para a sua infelicidade.

Naõ obstante he necessario conce-
der que o coração humano se interessa Governo dos barbaros, admiravel na apparencia,
na forma do governo dos barbaros. Em
lugar daquelle despotismo, que os Im-
peradores exercitavaõ, vemos neste lu-
gar a liberdade sentada á sombra do Thro-
no. As assembleas nacionaes contrabalan-
çaõ juntamente com o Principe os direi-
tos da nação. As Leis, ás quaes todos se
devem sujeitar, são a obra de todos, ou
parecem providas com o consentimento
de todos. Nunca os Barbaros considerá-
raõ os Reis senaõ como Generaes, ou
como os Chéfes do governo. Esta he
a razão por que a Coroa entre elles
nunca já mais foi de tal sorte heredi-
taria, que qualquer Pai a podesse trans-
mittir de direito a hum filho incapaz
de a pôr na sua cabeça.

Naõ nos deixemos cegar com en-
gonosas apparencias. Semelhante forma de Inconvenientes que de semelhante governo resultão.
governo, que parece a mais digna da na-
tureza, e que seria excellente entre hum
povo sabio, e prudente, chegou a ser
hum origem de paixões extraordinarias,
e da anarchia. Supprimo os numerosos ex-
em-

Abatimen-
to do Po-
vo.

emplos de grandes Reis assassinados, de pessos Reis exaltados, ou por meio das facções, ou por meio da violencia: applico-me sómente ao essencial. O Povo, entre os mesmos Lombardos, cuja sabedoria, e prudencia tanto se louva, não fazia figura em as assembleas geraes. Toda a historia dá sufficiente prova do ponto de vileza, a que foi reduzida aquella parte da sociedade, que alimenta a outra parte por meio do seu trabalho; que põe limites tão estreitos aos seus desejos; e que a pezar da civilidade dos nossos costumes, ainda he tão miseravel quasi em toda a Europa. O direito, ou ao menos o poder de regular juntamente com o Principe os negocios do estado, pertencia effectivamente aos grandes, e aos magistrados guerreiros. A sua crueldade natural, o seu desprezo para a agricultura, para o Commercio, e para as Artes, tudo lhes fazia desprezar, e pizar aos pés huns homens, que apenas distinguiaõ dos seus escravos.

Indepen-
dencia dos
Grandes.

E quanto aquelles Grandes, quanto aquelles membros do publico conselho, ciosos do seu poder, procuravaõ com ancia aproveitar-se das occasiões, que se lhes offereciaõ, para mais o dilatar! Dividindo a Legislação, e dispondo algumas vezes da Coroa, que meios não tinhaõ el-

elles para chegar ao fim, a que se encaminhão as almas ambiciosas? Os Reis conferiaõ-lhes beneficios, conhecidos depois com o nome de feudos. Semelhantes terras desunidas do Real Dominio, para entrar novamente nelle segundo a vontade do Soberano, eraõ como o soldo do serviço militar, e impunhaõ a sua obrigação. Porém pela mesma natureza das cousas, acaso não devia succeder que o uso-fructuario quizesse fazer-se possuidor; que se acostumasse a olhar como propriedade para a terra, de cuja posse gozava com grande gosto; que procurasse fazer della a herança da sua familia; e que tendo na mão a força, se pudesse lisongear de o conseguir?

Os feudos.

Eis-aqui a origem do governo feudal, incluído na constituição das novas Monarquias: o qual se descobrio insensivelmente, lançando por baixo da terra infinitas raizes incognitas, antes de produzir aquella monstruosa confusão de dignidade real sem poder, e de vassallagem sem submissão; confusão donde sahíraõ as maiores infelicidades da Europa.

Governo feudal.

Posto que a jurisprudencia dos feudos tenha a sua origem nos Lombardos, Giannones observa com razão que antes dos Lombardos já se conheciaõ os feudos

Anarchia feudal.

na propria Italia Os Póvos Germanicos estabelecêraõ por toda a parte o seu uso, ligado com o seu systema de governo. Por toda a parte seriaõ necessarios engenhos superiores para prevenir os seus abusos; por toda a parte a cobardia, e a impericia dos Principes suscitáraõ infinitos, e innumeraveis usurpadores, que foraõ os tyrannos assim dos vassallos, como dos Principes. O governo feudal chegou a ser hum flagello universal, digno dos costumes, que caracterisavaõ os destruidores do Imperio.

Costumes
Barbaros.

Se os Romanos, com taõ grande gosto, e com tanto luxo, conserváraõ sempre huns restos de barbaridade: testemunha a sua paixã pelos espectaculos sanguinolentos, e o furor com que eraõ animados os partidos do circo; se os costumes se endurecêraõ muito mais, quando se admittiraõ Barbaros em a milicia, e em os empregos, no corpo dos Cidadãos; o dominio dos mesmos Barbaros não podia deixar de fazer geral, e permanente a barbaridade. Theodorico, e alguns homens grandes suspendêraõ os seus effeitos, sem poder destruir o seu principio. A Italia ao principio foi a menos infectada da barbaridade, porque os seus Póvos eraõ mais bem governados: porém o caracter dos conquistadores im-
pri-

primio-se finalmente por todas as conquistas; e todo o bem, que dos vencidos alcançáram, degenerando augmentou talvez o mal.

A virtude republicana da antiga Roma, sem dúvida muito louvada, pois que estava ligada com a ambição, e com a injustiça, subsistio por muito tempo; ou por causa de huma pobreza honorifica, ou por causa dos innocentes trabalhos da agricultura, ou por causa da influencia das Leis tiradas da Grecia, as quaes produzirão hum duplicado bem; cultura de costumes, e reforma de abusos.

Porque razão a antiga Roma tinha sido virtuosa.

Entre os novos Povos, tudo, pelo contrario, fomentou a barbaridade; a qual estava annexa ás suas Leis, ao seu Governo, e aos seus usos. Como os Barbaros desprezavaõ as artes, e só nas armas fazião consistir o merecimento, adquirindo repentinamente vastos dominios, contra-híam vicios, sem se despojar da ferocidade da sua natureza. Pouco era o caso, que os Barbaros fazião dos Romanos, para se formarem com o seu exemplo; e aquelles, que nesse tempo se chamavaõ Romanos pelas Provincias, quasi nenhuma outra cousa eraõ senão huns poucos de homens brutos, pouco dignos de lhes servir de modelo. Os combates, as violencias, e

Tudo devia peiorar entre os novos Povos.

Seus excessos.

Carlos Magno procurou de os reformar, mas em vão.

os roubos perpetuárao-se. A espada foi o limite da honra, e a regra do justo, e do injusto. Quanto menos capaz era o governo de reprimir a excessiva liberdade, que authorizou frequentemente por causa dos seus excessos, tanto maior foi o motivo, que a mesma excessiva liberdade deo para o impeto do caracter nacional. Os Francezes, que Agathias descreve como Póvos muito doces, e muito bem governados para barbaros, quantas atrocidades não manchaõ a sua historia? Quantos horrores depois de Clovis, sem fallar dos horrores do seu reinado? E por ventura não basta nomear Fredegunda, e Brunehaut, aquellas duas furias, que bebêraõ o sangue dos Póvos, para faltar a sua ambição, e a sua vingança? Humas mulheres tão crueis, e tão sanguinolentas, não faziaõ senão seguir a torrente dos costumes, com a inclinação juntamente das paixões. Carlos Magno, o prodigio do seu seculo, comprehendendo huma reforma, cujo unico projecto merece a immortalidade. Porém de que serviraõ os seus empenhos? Para deixar monumentos de hum zelo admiravel, e impotente. Este grande Principe, assim como o Czar Pedro, teria formado huma nova nação, se, como elle, tivesse achado algum modelo, e

não

naõ encontrando por toda a parte senaõ barbaridades, deixou a Europa barbara.

Como he possivel que os Povos chegassem a ser humanos, justos, e socia-
veis, entre as profundas trévas, em as
quaes estava sepultada a razao? A igno-
rancia espalhada desde muito tempo pelo
Imperio do Occidente, tendo extincto
quasi todas as luzes de Roma, tinha-
lhe substituido erros ou funestos, ou ri-
diculos. O máo gosto, indicio ordina-
rio do falso entendimento, dominava em
as obras. As letras naõ eraõ já cultivadas
com cuidado: porque os perigos, e as
calamidades absorviaõ a alma. A elo-
quencia consistia em vãs, e inuteis de-
clamações; a Filosofia tinha-se perdido
nos abysmos de huma Theologia sofisti-
ca; a guerra declarada, ou entre as duas
Religiões, ou entre os Orthodoxos, e
os Sectarios, tinha desviado os entendi-
mentos das verdades naturaes, cujo es-
quecimento sempre he pernicioso á mesma
Religiaõ; os principios da politica, e da
moral tinhaõ-se alterado prodigiosamente,
do que se encontra a sua próva até nas
Leis.

A barbari-
dade fo-
mentada
pela igno-
rancia.

Porém a ignorancia dos Barbaros,
em comparação da ignorancia dos Roma-
nos, he como a noite comparada com

Semelhan-
te ignoran-
cia devia
augmen-
tar-se.

o crepusculo. Consequentemente o reino da ignorancia, assim como o reino da barbaridade, devia-se estabelecer juntamente com elles. As poucas luzes, que aos vencidos ficavaõ, não podiaõ illuminar os inimigos da sabedoria, e da reflexão: os vencidos não podiaõ deixar de ceder ás preocupações dos vencedores.

Na China
se obrou
differê-
mête, pois
os Tartaros
se illumi-
náraõ.

Com tudo viraõ-se os Tartaros, depois da sua conquista da China, subjugados de algum modo pela razaõ, e pelos principios dos Chinezes. Semelhante differença admira, porém pôde-se explicar. Tendo o Imperio Chinez por base maximas uniformes, consagradas immutavelmente, e arraigadas nos corações de hum innumeravel Povo; extrahindo a soberana authoridade a sua força das suas maximas, e sendo as letras as depositarias das Leis, as bases da opiniaõ, e os moveis do governo; os Tartaros viaõ-se obrigados ou a mudar huma regiaõ tão admiravel em deserto por meio de huma mortandade cruel, e a perder o fructo da sua conquista; ou a fazerem-se Chinezes para possuir tranquillamente a China. Pelo contrario, as Provincias successivamente desmembradas do Imperio Romano recebêraõ sem custo o jugo dos Barbaros: pois não possuaõ naquelle tempo huma razaõ superior, que com ella podessem im-

impor ao seu entendimento. Tudo estava já mais, ou menos barbaro; tudo devia cada vez mais chegar a ser muito mais barbaro.

Naõ me demóro em descrever a horrorosa ignorancia, em que a Europa esteve sepultada; de que nos envergonhamos por causa dos nossos antepassados, e choramos o bruto estado do humano entendimento. Se houverem ainda homens injustos, que se atrevaõ a calumniar a sciencia, por se abusar algumas vezes della; que comparem ao menos a semelhante abuso as infinitas desgraças da barbaridade antiga; tantas preocupações destruidoras da ordem civil, do direito das gentes, da decencia, e da virtude; tantos erros estabelecidos ignominiosamente como verdades certas, e tantas verdades proscritas tyrannicamente como erros; tantos combates teimosos por causa de frivolas opiniões; tantos Cidadãos sacrificados, e tantos Estados arruinados por causa da influencia de principios falsos. Se semelhantes homens dissimularem todas estas infellicidades, são culpados de impostura; e se as desconhecerem, a historia falla, e a verdade triunfa.

———
Effeitos fun-
nestos da
ignorância.

A peor infellicidade foi, sem dúvida aquella de alterar huma Religião Divina, que conhecida melhor, teria prevenido,

———
Supersti-
ção cega.

e emendado todas as desordens. Examinando-se o procedimento dos Barbaros , a pezar de tão grande zelo para o Christianismo , procuraõ-se Christãos entre elles. A sua devoção , igualmente cega , e cruel , vê continuamente milagres de Santos , e raras vezes os caracteres distinctivos da santidade ; alimenta-se com fabulas , sem conhecer os preceitos do Evangelho ; permite-se os desordenados vicios , os roubos , e o homicidio , julgando comprar o Ceo por meio de práticas extravagantes , ou por meio de sumptuosas fundações ; em o nome de Deos , para gloria sua , e pelos seus pretendidos oraculos , faz , em consciencia , todo o mal que pôde inspirar o fanatismo , violando todas as beneficas virtudes ordenadas pela Religião. Huns Christãos semelhantes foraõ algumas vezes preconizados por alguns Chronistas tão ignorantes como elles : a razão he porque as liberalidades concedidas prodigamente ás Igrejas , e aos Mosteiros resgatavaõ todos os crimes , segundo o favor da opiniaõ commun.

Poder ex-
cessivo do
Clero.

O grande poder , que o Clero alcançou em breve tempo para ser arbitro dos Póvos , e dos Soberanos , originou-se daquella mesma demencia , que contribuiu para ser hum dos effeitos principaes do

ef-

estabelecimento dos Barbaros. Os Imperadores chamando o Clero para a Corte, e confundindo a Theologia com os negocios politicos, tinhaõ excitado por causa da sua imprudencia as emprezas de hum corpo tão respeitavel, tão util, e tão santo em os primeiros seculos; o qual porém se pôdia fazer perigoso algum dia pelo abuso do seu augusto ministerio. O mal augmentou-se com hum a celeridade sem igual.

Quanto menos luzes tinhaõ os Barbaros, tanto mais supersticiosos eraõ, e tanto mais cegamente se entregáraõ tambem aos Pastores das almas, muito pouco illuminados estes mesmos Pastores para discernir o verdadeiro espirito do Christianismo, e muito sujeitos ás fraquezas da humanidade para se conter nos limites das suas funções. Os Bispos, desde do principio da Monarquia Hespanhola dos Visigodos, dividem juntamente com os Cavalleiros o direito de eleger para a Coroa: os mesmos Bispos são absolutos nas suas Dioceses, regulaõ nos Concilios os negocios do Governo, e encarregados da commissão essencial de reformar, e de compilar as Leis, as fazem á satisfação do seu interesse, e das suas preoccupações. “ Nós devemos aoCodigo dos „ Visigodos, diz o célebre Montesquieu,

— — —
Em Hespa-
nha dispõe
os Bispos
da Coroa.

„ todas as maximas , todos os princi-
 „ pios , e todas as idéas da Inquisição de
 „ hoje em dia ; e os Monjes não fizeram
 „ mais senão copiar humas Leis , feitas
 „ antigamente por Bispos contra os Ju-
 „ deos. „ (*Esprit des Loix* , L. 28. C. 1.)

Os Bispos
 também
 daõ as Leis
 em França.

Clovis , devedor em parte aos Prelados da sujeição dos Póvos , foi pródigo a seu respeito de tudo quanto os podia fazer poderosos. Os seus Successores foram muito mais prodigos , por serem menos politicos. O Clero no tempo da primeira geração dos Reis de França , chegou a hum tal ponto de grandeza , que nada lhe faltava mais do que a occasião para privar do Throno , e para eleger os Monarcas , assim como fez hum Concilio de Toledo no fim do setimo seculo , no Reinado do infeliz Vamba. Pepino experimentou quanto era util para a ambição o favor dos Bispos. Luiz o Benigno , Carlos o Calvo , e outros Principes experimentáraõ quanto era formidavel para a Coroa a sua inimizade.

As Leis Ec-
 clesiasticas
 confundi-
 das com
 as Leis Ci-
 vis.

As assembleas mixtas , tão frequen-
 tes no tempo de Carlos Magno , chama-
 das humas vezes Concilios , e outras ve-
 zes Parlammentos ; por muitos elogios que
 por outra parte mereção , eraõ proprias
 para augmentar hum abuso já commum
 no tempo dos Imperadores Romanos.

Con-

Confundindo as Leis Ecclesiasticas juntamente com as Leis Cívis , confundirão também as mesmas assembléas cousas muito alheas , e bem fóra de todo o proposito , preparando a confusão total de ambas as Potencias. Se hum Principe , tal como Carlos Magno , podesse sem perigo admittir o Clero á vigilancia da legislação , não havia acaso motivo para temer que o Clero não pretendesse ser effectivamente legislador dos Reis cobardes, e ignorantes? O mesmo Clero chegou a ser Legislador , pois que muitas ordenações suas , a respeito dos objectos pertencentes á ordem civil , tiverão muitas vezes maior força do que as mesmas Leis do Estado. Sejamos justos ; semelhante poder antes o imputaremos á ignorancia dos leigos , do que á ambição dos Sacerdotes.

Tudo finalmente abisma-se por hum certo tempo em o mais horroroso cáhos. Os Bispos , e os Abbades , methamortozados em Cavalleiros seculares , abração as armas juntamente com os costumes militares ; fazem Concilios , depois de ter mandado tropas ; e introduzem no exercicio do poder espirital o genio do dominio temporal. As Centras Ecclesiasticas , destinadas para converter os peccadores , chegam a ser hum instrumento for-

Outros
abusos.

formidavel para defender terras , para sustentar privilegios , e algumas vezes injustas pretensões. Os Clerigos , conservando unicamente huma tintura grosseira das letras , que se limita quasi em saber ler , e escrever , erigem , por este meio , para si hum tribunal soberano , onde julgaõ as causas com maximas incognitas á anti-guidade. Os matrimonios , os testamentos , os contraçtos , os interesses de familia , os interesses de Corte , o estado dos vivos , e o estado dos mortos , tudo serve para o estabelecimento do seu credito , e das suas riquezas. Arguir a Religião de semelhantes abusos he huma impiedade absurda ; porque a Religião , liberta em fim das suas prisões , sempre deo provas para os condemnar , e meios para os reformar. Accrescento huma observação certa : os Ministros do Altar , a pezar dos seus vicios , e das suas usurpações , ainda exercitavaõ huma authoridade salutifera , sem a qual o crime não teria conhecido especie alguma de freio.

Emprezas
dos Papas.

Acaão devemos nós agora admirar se os Papas feitos Principes por meio dos beneficios dos Reis de França , confundirão em breve tempo os Direitos Sagrados da sua Sé com as chimeras da ambição ? Se se comportáraõ muitas vezes , menos como Soberanos Pontifices ,

ces , do que como Senhores Soberanos dos Estados Chriſtãos ? E ſe os Biſpos , os Póvos , e os Monarcas , ficáraõ tantas vezes debaixo do deſpotiſmo da nova Corte Romana? Em hum tempo , em que para ſer admittido ao Sacerdocio , baltava em muitas regiões entender a oração Dominical , ninguem hia ler no Evangelho que o Reino de Jeſus Chriſto não he deſte mundo ; de donde ninguem poderia concluir que os Succellores de São Pedro não tivesſem herdado delle o Imperio do Mundo ; ninguem hia procurar em os monumentos eccleſiaſticos ás regras antigas , cuja existencia meſmo ſe não ſuſpeitava ; todos julgavaõ que os Papas eraõ superiores á humanidade , todos os tinhaõ por huns Deoſes ; infelizmente não eraõ ſenaõ homens.

Taes foraõ as conſeſquencias mais notaveis da revolução , que deſtruio o Imperio Romano. Eſtas meſmas conſeſquencias procederaõ ſem dúvida em parte do abatimento , em que aquelle Imperio ſe conſumia antes da ſua decadencia. Porém tão grande mal cauſáraõ os coſtumes , e a ignorancia dos Barbaros como a ſuperſtição , e os vicios dos Póvos ſubjugados. Acaſo não ſe póde humanamente comprehender , como a barbaridade , e a politica , a loucura , e a ração , a tontice ,

Como a Europa ha de ſahir em ſim da barbaridade.

e a sciencia , os males , e os bens , circulaõ de huma para outra comarca , e se substituem mutuamente em a mesma comarca ? Ter-se-hia podido crer que os primeiros raios de luz , com os quaes a Europa seria illuminada no seio de huma ignorancia universal , lhe viriaõ daquelles Arabicos , que tinhaõ queimado a Bibliotheca de Alexandria , porque todas as verdades , conforme os mesmos Arabicos , estavaõ incluidas no alcoraõ ? Ter-se-hia podido crer que a Italia destruida , e arruinada , opprimida com as prizões , seria a primeira que ensinasse aos Europeos a arte de escrever , e de pensar ? Ter-se-hia podido crer , que a França , e Inglaterra , depois de tantos seculos de brutalidade , excederiaõ ás escolas de Athenas , não sómente em materias scientificas , mas algumas vezes em materia de gosto ? Ter-se-hia podido crer que a Alemanha , e a Suecia , e as geladas Regiões do Nôrte , produziriaõ repentinamente phenomenos de literatura , e de sciencia ? Que huns Córpos literarios unicamente com a authoridade da razaõ , que huns particulares concentrados no seu gabinete , serviriaõ de Legisladores para o entendimento humano ? Que estes mesmos illuminariaõ os governos , e os mesmos Póvos , e que huma multidão de

in-

infinitos erros, feitos o flagello da sociedade, se dissipariaõ como hum leve vapor diante do Sol? Revoluções tão maravilhosas, como todas as outras.

Semelhante descripção nos dispensa de diversas individuações que accumulariaõ muito hum livro elementar. Os tristes objectos apresentados pela mesma descripção fazem deploravel a sorte dos Póvos. A Europa tão infeliz no tempo do Imperio Romano, será muito tempo infeliz no tempo do dominio dos barbaros. Seraõ necessários muitos Seculos para que a boa ordem, e a humanidade se-jaõ conduzidas pela razaõ. Mas em fim as trevas dissipar-se-haõ, a cultura dos talentos civilizará os costumes, e produzirá as virtudes sociaveis; e os Póvos, a pezar dos vicios da natureza, e dos effeitos dos governos, chegarão a hum estado de luz, em que se possa esperar que aperfeiçoando-se tudo, diminuindo as infellicidades com o número dos crimes, augmentando o bem geral, e o bem particular por meio de huma influencia reciproca, e soccorrendo-se mutuamente as Leis, e os costumes, governada a Europa com prudencia, e com sabedoria, gozará de todas as vantagens, que devem suavizar os illeparaveis trabalhos da vida.

A Europa exprime-
tará antes
todas as in-
fellicidades.

Importa muito conhecer bem os costumes, e os principios dos Barbaros, que fundarão tantas Monarquias modernas. No fim das nossas primeiras Épocas, achar-se-hão diversas observações a respeito deste objecto; mas a passagem, que neste lugar ajunto, me pareceo ser muito propria para instruir os leitores, cuja attenção se inclina para as idéas geraes; pôde servir de modelo, assim como a introdução da Historia de Carlos Quinto, por M. Robertson, para formar hum excellente, e admiravel resultado dos factos particulares. Esta passagem trasladei eu de huma Obra Ingleza intitulado: Tentativa sobre a historia da sociedade civil, por M. Ferguson, Professor de Filosofia moral na Universidade de Edimburgo. L. 2. C. 3.

Das nações grosseiras, debaixo da influencia da propriedade, e do interesse.

.... **P**ARA a parte do Occidente da Europa, na America, do Meio-Dia para o Norte, com pouca excepção, debaixo da Zona Torrida, e geralmente nas regiões mais calidas, deo-se o genero humano a alguma especie de Agricultura, e teve inclinação a hum, ou outro estabe-

belecimento. Para a parte do Oriente , e Nórte da Asia esteve o mesmo genero humano totalmente dependente dos seus gados , e mudou sem cessar de lugar a fim de ter pastos. As artes , que suppoem o estabelecimento foraõ praticadas , e cultivadas por differentes maneiras pelos habitantes da Europa : aquellas artes que são convenientes para perpetuas mudanças , e passagens de humas para outras terras , subsistiraõ , sendo quasi sempre as mesmas , entre os Scythas , e os Tartaros. A barraca formada sobre hum carro , o cavallo empregado para todo o objecto de trabalho , e de guerra , para as fabricas de leite , e para os açougues , fizeram sempre as riquezas , e a equipagem deste Povo errante , e vagamundo.

Porém de qualquer modo que subsistão as Nações grosseiras , ha certos pontos , em que ellas se assemelhaõ muito , debaixo das primeiras impressões da propriedade. Homero viveo juntamente com hum Povo , que ainda se achava em tal estado , onde se vio obrigado a descrever o seu caracter. Tacito expoz o mesmo assumpto em hum Tratado particular. E se o genero humano merece ser considerado por este modo , temos certamente huma vantagem grande para ajuntar os
pas-

passos todos da descripção: a qual acha-se já traçada pelos sujeitos mais habilitados. As suas obras nos apresentam junto, o mesmo que se vê espalhado pelas relações dos Historiadores, ou o mesmo que se pôde observar a respeito dos costumes actuaes dos homens, que ainda existem no mesmo estado.

Passando do salvage para o presente estado, conserva o genero humano em grande parte o seu caracter primitivo, pois aborrece sempre o trabalho, entrega-se á guerra, admira o valor; e conforme os termos de Tacito, he muito mais prodigo do seu sangue, do que dos seus suores. O mesmo genero humano procura extravagantes ornatos em o seu enfeite, e preenche com perigosos divertimentos, e com jógos de parar, os intervallos ociosos de huma vida dada á violencia. Toda a occupação servil he destinada para as mulheres, e para os escravos. Porém tendo já o individuo o seu particular interesse, os laços da sociedade devem de vir a ser menos fortes, e as desordens domesticas mais frequentes. Des que os membros de cada comunidade se distinguem por meio de huma propriedade desigual, existe sempre hum principio de subordinação palpavel, e permanente. Os particulares

res empenhaõ-se nas contendias da competencia, e da vingança; unem-se todos a dar vassallagem a huns Chéfes, que distinguem a sua riqueza, e o esplendor da sua origem; ajuntão o desejo do despojo com a paixãõ da gloria: e tendo para si que tudo quanto pela força se adquire pertence legitimamente ao vencedor; tornaõ-se em caçadores de homens, e decidem todas as contestações com a espada na mão....

O mesmo espirito reinou sem excepção alguma em todas as Nações Barbaras da Europa, Asia, e Africa. As antiguidades da Grecia, e Italia, e as fabulas de todos os Poetas antigos, contem exemplos do seu Imperio. Este mesmo espirito foi no principio parte para os nossos antepassados darem sobre as Provincias Romanas; e depois, talvez mais do que a sua veneração á Cruz, os levou para o Levante, a fim de dividir com os Tartaros os despojos dos Sarracentos.

Se ajuizarmos do genero humano, no seu estado mais simples a respeito dos salvagens, parece estar a ponto de estabelecer Repúblicas. O amor da igualdade, o uso de ajuntar-se em conselhos públicos, e o zelo da Tribu, de que cada hum he membro, são humas qualidades, que o fazem proprio para esta especie de governo,

e parece não ter senão poucos passos que dar para o conseguir. Falta sómente determinar o número dos membros do conselho, regular a forma das suas juntas, authoridade permanente para enfrear as desordens, e fazer hum pequeno número de regulamentos á favor desta justiça, já conhecida, e já também observada por inclinação.

Mas tudo isto he mais difficuloso de fazer-se, do que se julga ao primeiro lançar d'olhos. A resolução de eleger entre os seus iguaes hum Magistrado, e sujeitar as suas acções ao parecer de outrem, está muito fóra do pensamento dos homens simples. Nenhuma eloquencia teria talvez força para empenhallo em semelhante passo, nem de lhes fazer sentir a sua utilidade.

Antes de admittir esta mudança essencial, he necessario que os homens estejam acostumados a huma distincção de lugares, e de ordens; e antes de julgar que a sobordinação he huma materia de eleição, he necessario que a sorte os guie a huma desigualdade de condições. Os mesmos homens, desejando a propriedade, não querem senão assegurar a sua subsistencia; porém os valerosos, que os guião para a guerra, tem maior parte nos despojos. Os mais eminentes desejão fazer
he-

hereditarias as suas honras ; e a plebe , que admira o pai , está disposta para dilatar o seu respeito ao filho.

As posses vão a menos , mas o esplendor de huma familia augmenta-se com os annos. Hercúles , depois de ter sido por ventura hum grande guerreiro , veio a ser hum Deos para a posteridade, e o Supremo poder , a dignidade de Rei , esteve sempre anexa á sua geração. Quando as distincções da fortuna estão unidas com as do nascimento , o mais grado da Tribu tem preeminencia assim nas festas , como nas expedições. Os seus seguidores tem postos subordinados ; e em lugar de considerar-se como partes da Tribu , poem-se como companheiros do principal , tomando do seu nome os titulos , que tem. Os mesmos seguidores achão novo motivo para afeição pública , em defender a sua pessoa , e sustentar a sua dignidade ; para formar-lhe estado tirão da sua subsistencia : e pretendem , como honra mais distincta , ser admittidos no banquete , cujos gastos são feitos por elles mesmos.

Assim como o primeiro estado da humanidade parece encaminhar-se para a democracia , o presente estado parece incluir os principios do Governo Monarquico. Mas ainda não he semelhante áquelle

le

le estabelecimento chamado depois *Monarquia*. A distincão entre o Chéfe, e a sua comitiva, entre o Principe, e o vassallo, não he observada senão imperfeitamente: as suas idades, e as suas occupações não são differentes; os seus entendimentos não tem cultura desigual; comem todos do mesmo prato, dormem juntos pelo chaõ; assim os filhos dos Reis como os filhos dos vassallos, todos são pastores, todos guardaõ rebanhos; o primeiro conselheiro da Corte de Ulysses era hum porqueiro.

O Chéfe muito distincto na sua Tribu para excitar a admiração, atrahê a si, não a inveja, mas sim o respeito; pois todos o consideraõ não como Senhor, e arbitro commum, mas como hum vinculo commum da uniaõ. O mesmo Chéfe he o mais exposto aos perigos; e tem nas inquietações a maior parte. A sua gloria consiste no número dos seus companheiros, na superioridade do seu valor, e da sua grandeza d'alma: a gloria dos seus companheiros consiste no seu zelo em derramar sangue pelo seu serviço.

A pratica frequente da guerra encaminha-se a apertar os vinculos da uniaõ; e a pratica dos mesmos roubos públicos inclinaõ os homens aos lances de valor, e reciproco apego. Tudo quanto ameaça-

çava a destruição de qualquer boa disposição no coração humano, tudo quanto parecia banir a justiça das sociedades humanas, he realmente proprio para unir a especie em Tribus, e associações inimigas, na verdade, e tremendas humas para as outras, porém fieis, desinteressadas, e generosas na sua doméstica sociedade. Os perigos, com os quaes se provaõ muitas vezes a fidelidades; e o valor, excitão o amor destas virtudes; dellas fazem objecto de admiração, e tornaõ amáveis todos os que as possuem.

O Barbaro, animado por meio de grandes paixões, do amor da gloria, e desejo da victoria; excitado com os ameaços de hum inimigo, ou com a vingança, e suspenso entre a ruina, e a conquista, consagra á preguiça todos os instantes de descanso, e não se póde humilhar ás sollicitações da industria, e ao trabalho mecanico: semelhante á ave de rapina quando dorme, dorme o guerreiro, ou o cassador, ao mesmo tempo que as mulheres, e os escravos trabalhaõ para o seu sustento. Porém mostrai-lhe qualquer victima ao longe, logo o Barbaro se mostra atrevido, impetuoso, sagaz, e ladraõ. Nenhuma barreira ha que possa suspender a sua violencia, e nenhuma fadiga, que possa extinguir a sua actividade.

O Genero Humano em semelhante estado, tem muita hospitalidade, e he generoso para com os estrangeiros..... As Tribus, e as Póvos são perseguidos; deixa-se passar tranquillamente, ou trata-se com magnificencia o viandante solitario, que não póde dar materia senão para a reputação de generosidade.

Posto que distinctos em pequenos Cantões ás ordens de diferentes Chéfes, e quasi todos separados ou por causa de odio, ou de ciume, unem-se aquelles Póvos em grandes corpos, quando he necessario sustentar guerras, e rechassar inimigos poderosos. Estes mesmos Póvos, semelhantes aos Gregos na sua expedição de Troia, seguem algum Chéfe illustre, e compõem com diversas Tribus isoladas huma especie de Reino. Porém estas uniões só são occasionaes, e em quanto duraõ, parecem-se antes com huma República, do que com huma Monarquia. Os Chéfes inferiores mantem a sua preponderancia; introduzem-se com hum modo de igualdade, no conselho do seu Commandante, assim como o Povo da sua Tribu se introduz ordinariamente no seu. E por que motivo huns homens que vivem juntamente com a maior familiaridade, e entre os quaes só ha distincões de lugar tão obscuras, poderião renunciar

ciar os seus sentimentos pessoaes, e ter huma obediencia implicita a hum Chêfe, que não está em estado nem de os atemorizar, nem de os corromper?

Foi necessario servir-se da força militar para violentar, ou dos baixos meios de corrupção, para comprar a obrigação, que o Tartaro contrata com o seu Principe, promettendo « hir onde lhe ordenas- » se, vir quando o chamasse, matar todo » aquelle, que lhes fosse indicado, e con- » siderar para o futuro a voz do Prin- » cipe como huma espada. »

Taes são os termos, a que o coração indocil de hum Barbaro foi reduzido, em consequencia do despotismo por elle mesmo estabelecido. Os homens, neste estado rustico, experimentáraõ na Europa, e na Asia a escravidão politica. Des- que o interesse domina em todas as al- mas, o Soberano, juntamente com os seus seguidores, não pôde evitar a sua infecção: empréga a força, que entre as mãos lhe pozeraõ, para se fazer huma propriedade do seu Povo. « Os Suinos, » diz Tacito, fazem caso das riquezas; » razaõ por que vivem sem armas, e na » escravidão..... »

Quando os Póvos rusticos livraõ-se deste flagello, necessitaõ de guerras estrangeiras para manter a paz domestica: se

por fóra não apparece inimigo algum, occupão o tempo com contendas particulares; e empregão nas suas dissensões o valor, que no tempo de guerra he empregado na defeza da Patria.

« Ha, diz Cesar, divisões entre os
» Gaulezes; não só em cada nação, e em
» cada districto, ou Villa, mas quasi em cada
» da casa: cada qual deve recorrer a hum
» proctetor para protegello. » Em taes
circunstancias, não só as contendas das
Tribus, mas as das familias, e ainda as
differenças, e as pretensões dos individuos
são decididas por meio da força. Se o Soberano não he soccorrido, e ajudado
pela superstição, de balde procura exercer a sua jurisdição incerta, e sujeitar os
homens á authoridade das Leis. Hum Povo
acostumado a não possuir nada senão por meio
de violencia, e que despreza a fortuna sem a
reputação de valor, não admitte mais arbitrio
que a espada. Offerecendo Scipião o seu arbitrio
para terminar a differença de dous Hespanhoes,
a respeito de hum successão, que entre si disputavaõ.
: « Já rejeitámos, dis-
» seraõ elles, outro tal offerecimento,
» que os nossos parentes nos fizeraõ;
» não sujeitamos as nossas causas ao
» parecer dos homens; e ainda en-
» tre

» tre os Deoses, só para Marte appella-
» mos. »

Não se ignora que as Nações da Europa, chegáão a pôr este uso em excessiva formalidade desconhecida das demais do mundo. O juiz civil, ou criminal, em muitos casos, o que fazia era indicar o terreno deixando decidir as partes a sua causa por meio do duelo. Julgava-se que o vencedor tinha a seu favor sentença do Ceo; e se algumas vezes senão seguia esta estranha forma de processo, subsistiaão-lhe outras appellações á sorte, muito mais extravagantes, persuadidos de que os Deoses nella declaravaão tambem o seu parecer.

Aquelles Póvos ferozes amavaão o combate, como se fora exercicio, e brinco. Quando não havia contenda verdadeira, os amigos desafiavaão-se mutuamente para ensaios da sua destreza, nos quaes muitas vezes hum dos dous perdia a vida. Quando Scipiaão celebrou as exequias de seu Pai, e de seu Tio, vierão os Hespanhoes combater-se a dous, e dous, a fim de augmentar a solemnidade por meio do espectaculo dos seus duelos.

Em semelhante estado de barbaridade sem Leis, onde os effeitos da verdadeira religiaão teriaão sido taão desejaveis,

e tão salutifeos , não he raro , que a superstição dispute o ascendente ao proprio respeito, que se tem ao valor ; e huma classe de homens, taes como os Druidas dos antigos Gaulezes, e Bretões , achão na confiança, que todos tem nos seus sortilegios, hum meio para se segurar do poder. A sua vara magica entra em concurrencia com a espada ; pois dá a alguns Póvos, á maneira dos mesmos Druidas , os primeiros elementos do governo civil ; ou qual o Lama entre os Tartaros mostra a outros os primeiros ensaios do despotismo, e da escravidão.

Difficultosamente comprehendemos, em geral, como pôde subsistir o Genero Humano com usos, e costumes tão differentes dos nossos, e exaggeramos voluntariamente a miseria dos tempos barbaros, imaginando o que nós mesmos soffreriamos n'hum estado, ao qual não estamos acostumados. Porém cada seculo tem suas felicidades, e suas infelicidades. No intervallo das offensas passageiras, e entre a mesma rusticidade, o commercio amigavel dos homens, he cheio de affectos, e de affabilidades. A pessoa, e a propriedade dos individuos, em aquelles tempos barbaros, estão seguras ; porque todos além de ter o seu inimigo, tambem tem o seu amigo ;
por-

porque se hum está disposto para offender, o outro se acha disposto para defender; e porque a admiração do valor, o qual se encaminha algumas vezes para consagrar a violencia, tambem inspira certas máximas de honra, e de generosidade, que se dirigem a prevenir as injúrias.

Os homens sopportaõ os defeitos da sua politica, assim como tambem as incommodidades, e trabalhos do seu modo de viver. Os temores, e as fadigas da guerra, chegaõ a ser hum passatempo necessario para aquelles, que tem o seu costume, e cujas paixões fortes não se-rião excitadas com objectos menos perspicazes. Entre os Cortezãos de Attila, os velhos choravaõ quando ouviaõ o nar-ração das acções heroicas, que já os mesmos velhos não eraõ capazes de executar; e entre os Celtas, quando qual-quer guerreiro não estava já em estado de continuar os seus trabalhos marciaes por causa da idade, era uso a fim de abreviar huma vida ociosa, e inutil, pedir aos seus amigos que o matas-sem.

Com semelhante ferocidade, as Na-ções rusticas do Occidente foraõ sobju-gadas pela politica, e sciencia militar dos Romanos. O ponto de honra, que os
Bar-

Barbaros da Europa adoptáraõ como individuos, os expunha a hum prejuizo particular, inspirando-lhes aversaõ, ainda nas suas guerras nacionaes, para os ataques subitos, e fructos do estratagemma. Além de que, posto que valerosos, e affoutos, quando separados; se se achavaõ juntos em grandes corpos, eraõ como os outros Póvos rusticos, dados á superstição, e sujeitos a terrores panicos..... Estes mesmos Barbaros, considerando voluntariamente cada successo como huma sentença dos Deoses, não tinhaõ nunca hum systema uniforme de prudencia, para tirar o melhor partido das suas forças, reparar os seus desastres, e augmentar as suas vantagens. (*)

Governados estes diversos Barbaros pelo affecto, e pela paixão, eraõ generosos, e fieis huma vez que contrahiaõ qualquer obrigação; e quando concebiam odio eraõ implacaveis, máos, e crueis. Entregues ás desordens, e aos excessos de bebidas fortes, e espirituosas, deliberavaõ, quando estavaõ bebados, a respeito dos
ne-

(*) M. Ferguson falla dos Barbaros vencidos pelos Romanos. A politica formou-se juntamente com os estabelecimentos.

negócios do Estado ; e nestes temerosos instantes, ou formavaõ o projecto de huma empresa militar, ou terminavaõ as suas dissensões domesticas com o punhal, e com a espada.

Na guerra preferiaõ a morte ao cativo. Os Romanos victoriosos, tomando qualquer Cidade de assalto, ou forçando qualquer campo, encontrá- raõ Mães que matavaõ os seus filhos para livrallos da escravidão, e Pais, os quaes depois de matar a sua familia ás punhaladas, embebiaõ no seu proprio peito o mesmo punhal.

Todas estas particularidades mostraõ huma alma vigorosa, propria para fazer respeitar até as proprias desordens, e para pôr os homens em estado, se for feliz a sua situação, de lançar os fundamentos da liberdade domestica, assim como de defender contra os inimigos estrangeiros a sua liberdade, e independencia nacionaes.



HISTORIA UNIVERSAL.

SEGUNDA PARTE.

HISTORIA MODERNA.

SENDO a Historia da Europa a unica
materia, de que ha de tratar quasi toda
a presente Obra, só escreveremos nella o
que he necessario saber para cada qual
dirigir-se no estudo particular das na-
ções. Huma vista d'olhos, lançada de
tempos em tempos pelas outras partes do
mundo, darão as idéas geraes, que de-
vem determinar o juizo a respeito do es-
tado do Universo. Examinemos de passa-
gem os primeiros seculos; porque quasi
que basta observar a origem das cousas,
nas trévas da barbaridade. Tomemos o fio
dos successos principaes, sem nos sujeitar
á ordem Chronologica, de que se origi-
naria mais confusão do que clareza. Con-
vem muito conhecer, não a data preci-
za

Designio
desta parte
da Historia
Geral.

za dos factos, mas a sua correlação com o genero humano, e com a felicidade, ou com a desgraça da sociedade. A ordem das cousas he sem dúvida preferivel á dos tempos: e na immensidade das cousas he necessario limitar-se áquellas, de que podemos tirar grandes luzes, grandes conhecimentos. Todo o nosso estudo se dirige á verdade, e utilidade.

Na primeira Parte desta Obra, seguimos a Historia do Imperio Romano até o tempo de Mafoma; temos visto as conquistas, os primeiros estabelecimentos dos Barbaros, especialmente dos Ostro-Godos na Italia, e as revoluções, que soffrêraõ no tempo de Justiniano. Estes objectos tem particular correlação com a antiga Roma. Agora passaremos além do termo, a que tinhamos chegado; mas sem repetição, porque a ordem das materias assim o parece requerer.

PRIMEIRA ÉPOCA.

FUNDAÇÃO DA MONARQUIA FRANCEZA.

A BARBARIDADE ESPALHADA PELA EUROPA.

Desde CLOVIS até CARLOS MAGNO.

*Espaço de quasi tres seculos,
pricipiando em 486.*

CAPITULO I.

*Monarquia Franceza, até o tempo, em que
dominaõ os Maires do Paço.*

AQUELLA multidão de Póvos barbaros, que sahiraõ da Germania, e que se estabelecêraõ sobre as ruinas do Imperio do Occidente, tinha introduzido por toda a parte o mesmo character, a mesma barbaridade, e talvez os mesmos usos. Estes Póvos ignoravaõ as artes pacificas, só respiravaõ guerra, e tinhaõ unicamente Leis cheias de abusos. Os seus Reis não eraõ propriamente mais que Generaes, os seus Magistrados ignorantes guerreiros, e as suas Juntas nacionaes hum corpo de soldados cobigosos, e fogosos. Em quanto não fossem

governados por homens grandes, sempre raros, ainda entre as nações civilizadas, deviaõ por certo aquelles Barbaros ficar, depois da sua conquista, tanto mais tempo injustos, e ferozes, quanto menos exemplos de humanidade, de justiça, menos principios, e menos côstumes, achassem nas provincias conquistadas. Se os Romanos não tivessem degenerado extraordinariamente, ou teriaõ vencido, ou civilizado os seus vencedores.

Os Visi-Godos tinhaõ-se assenhoreado da Hespanha, e de huma grande parte da Gaula. Os Borgonhezes occupavaõ vastas Provincias entre o Saona, o Rhodano, e os Alpes; os Francos, ou Francezes, senhores já de Tournay, e das praias do Escalda, tinhaõ-se extendido até ao Somma, rio que banha a Picardia; os Armoricos, situados entre o Sena, o Loire, e o Oceano, formavaõ huma especie de República independente. Não ficava aos Romanos senão a Gaula Belgica, onde Siagrio seu general affectava dignidade Real; quando Clovis, filho do Rei Childe-rico, com dezanove annos de idade, venceu a Siagrio perto de Soissons, expulsou os Romanos, e firmou por meio desta victoria os fundamentos da Monarquia Franceza.

Os seus estabelecimentos na Gaula.

An. de J. C.
486.

Clovis vencedor dos Romanos.

Sua politica a fim de grangear, e attrahir os Gaulezes.

Clovis casou com Clotildes.

496
Clovis, depois da batalha de Tolbiac, faz-se Christão.

A sua ambição, igual ao seu valor, lhe inspirou em breve tempo o intento de augmentar-se em todas as partes; para o que lhe servio tanto a politica como as armas. Os Gaulezes abominavaõ o dominio Romano, sendo muito apaixonados pelo Christianismo: Clovis grangeou a sua benevolencia, poupando-os, respeitando a sua Religião, e favorecendo os seus Bispos. O seu casamento com Clotildes, sobrinha de Gondebaldo, Rei de Borgonha, deo-lhes grandes esperanças, de que abjurando Clovis a idolatria abraçaria a Fé Christã; para a qual o dispozeraõ pouco a pouco as exhortações desta piedosa Princeza. Clovis não allegava já outra cousa senão a paixão dos Francezes pelo seu culto. Porém tendo o mesmo Clovis vencido os Alemães em Tolbiac, junto a Colonia, e attribuindo a sua victoria ao Deus de Clotildes, a quem tinha invocado neste perigoso combate, faz-se baptizar por S. Remigio, Bispo de Rheims. A maior parte seguirão seu exemplo. Hum Chêfe feliz, e prudente facilmente persuadia aquelles animos rusticos. Clovis mostrou des daquelle tempo muito zelo pela verdadeira Religião, que veio a ser muito util para os seus projectos. Os Armoricos sujeitáraõ-se voluntariamente á sua Coroa. A

qua-

qualidade de Catholico o fez amavel aos mais Gaulezes, porque os Borgonhezes, e Visi-Godos eraõ Arianos. Quanto ao demais, pela profunda ignorancia dos Francos se pôde julgar do seu Christianismo, e da sua Catholidade. Tudo quasi que se reduzia ou a palavras sem idéas, ou a superstições sem virtudes, do que veremos infinitas próvas.

Gondebaldo, homicida de seus irmãos, e usurpador dos seus Estados, dava pretextos de guerra ao ambicioso conquistador. Clovis, de concerto com Theodorico o Grande, Rei de Italia, e seu cunhado, intenta privar do Throno a Gondebaldo, e sem esperar pelos Ostrogodos, despoja com effeito o Rei Borgonhez. Clovis cede huma parte da conquista a Theodorico, segundo as convenções feitas entre si. Mas arrependendo-se Clovis de ter augmentado por este modo o poder de hum visinho mais temeroso do que Gondebaldo, determina por outra vez este ultimo de posse do seu reino. Tudo foi entregue. Huma politica mais perspicaz não teria emprehendido a guerra para não tirar della fructo algum.

Guerra inutil contra Gondebaldo, Rei de Borgonha.

Resoluto Clovis a invadir o Estado de Alarico, Rei dos Visigodos, que estava senhor das Provincias entre o Rhodan-

Clovis accommette com o pretexto de

da-

Religião ,
ao Rei dos
Visigodos.

dano , e o Loire , soube encobrir com a Religião o intento , que a ambição lhe inspirava. Horrorosa cousa era a seu ver que os Arianos reinassem na Gaula. Posto que Alarico não fosse perseguidor , foi favorecido pelos Bispos daquelle paiz ; e já se pôde observar que entre os Póvos barbaros , assim como em Roma , e em Constantinopla , o Clero teve grande parte nas revoluções politicas. Os votos dos seguidores de Clovis foram coroados com a batalha de Vouillé junto a Poitiers em 507. Clovis matou o Rei Visigodo , e tomou muitas Provincias. Gondebaldo seu alliado nesta expedição sitiava a Cidade de Arles.

—————
Theodori-
co salvahu-
ma parte
deste Rei-
no.

Aquellas Provincias foram soccorridas por hum exercito de Theodorico ; porque este Principe não podia socegar vendo os perigos , que ameaçavam a sua Nação. Unidos outra vez Clovis , e Gondebaldo foram vencidos , ficando Theodorico senhor da Provença , da Provincia Narboneza , e de huma parte da Aquitania. A Europa não tinha Rei tão poderoso , nem tão prudente , nem tão sabio : o qual tendo-o já dado a conhecer em outro lugar , não devo repetir o que já fica dito. (*Vêja-se a Hist. Roman.*)

Deshonra Clovis o fim do seu reinado com perfidias, e com atrozes crueldades para com os seus proprios parentes, que despoja de tudo: e ao mesmo tempo funda Igrejas, e Mosteiros, persuadido, sem duvida, de que as Leis Divinas, assim como as dos Barbaros, perdoavaõ todos os crimes, por meio de dinheiro. Morreo Clovis em 511, depois de hum Concilio de Orleãs, para onde tinha mandado os artigos, pelos quaes devia regular-se a disciplina.

Crueldades, e fim de Clovis em 511.

Hum dos regulamentos principaes foi, que nenhum leigo, excepto os descendentes dos Clerigos, entrasse em o Clero sem ordem do Rei, ou licença do Juiz. Constantino tinha-se acautelado do mesmo modo, para que os homens necessarios para o serviço do Estado não fossem admittidos á dignidade do Cléro. Hum sem numero de homens abraçavaõ este estado pelos privilegios a elle annexos: a Lei foi mal observada.

Regulamento a respeito da recepção dos Clerigos.

Quatro filhos de Clovis, Thierry, Clodomiro, Childebarto, e Clotario, fazem entre si partilhas da sua successaõ; e divide-se a Monarquia infelizmente em quatro Reinos; de Austrasia, ou de Metz, de Orleãs, de Pariz, e de Soissons. Desta divisaõ não podiaõ deixar de seguir-se infallivelmente gueras civis. Quando

Os quatro filhos de Clovis dividem a sua successaõ.

os irmãos tiverão interesses diferentes tornárao-se em inimigos. As barbaridades as mais horrorosas são os acontecimentos ordinarios. Sigismundo, filho de Gondebaldo, he morto cruelmente com sua mulher, e seus filhos, por ordem de Clodomiro; e deste modo veio a acabar a guerra entre estes Principes. Depois da morte de Clodomiro, dous filhos seus são mortos ás punhaladas por seu Tio Clotario, unido com Childeberto, a fim de roubar-lhe a sua herança. A Historia daquelles tempos, cheia de atrocidades, e de perfidias, ou de fabulas ridiculas, só interessa quando descreve os antigos costumes.

Barbaridades que commettem.

Theodeberto, Rei celebre de Austrasia.

Theodeberto, filho, e successor de Thierry, Rei de Austrasia, distingue-se por meio de grandes qualidades, e de vastas empresas: faz-se respeitavel a seus Tios, cuja ambição o teria pretendido despojar: e depois une-se com elles, com a vista de conquistar o Reino de Borgonha, que obra de cem annos havia que fora fundado. Esta importante conquista foi acompanhada d'uma embaixada do Imperador Justiniano, que convidava os Reis de França para humaliga contra os Ostrogodos. Amalasonta, digna filha de Theodorico, os tinha sabia, e prudentemente governado, em nome

Conquista do Reino de Borgonha em 534.

me de Athalarico, seu filho. Theodato, Successor de Athalarico, tinha sido privado do Throno, como hum cobarde, no tempo da expedição de Belizario na Italia. (Os Barbaros assim como davaõ a Coroa tambem a tiravaõ, e queriaõ sobre tudo Reis valentes.) Vitigez eleito em lugar de Theodato, negoceia com os Francezes, alliados já do Imperador, e estes acceitaõ sem escrupulo, assim os seus offerecimentos como o seu dinheiro. Guia Theodeberto hum grande exercito para além dos Alpes; accommette successivamente os Ostro-Godos, e os Romanos; vence-os, derrota-os, e volta para os seus Estados. Tal era a boa fé destes guerreiros, cobiçosos de roubar, e julgando ser-lhes tudo licito, com tanto que o successo coroasse as suas injustiças.

Os Francezes perfidos alliados dos Romanos, e dos Ostros Godos.

Muitos annos depois, a Venecia, e hum parte da Liguria foraõ conquistadas por hum exercito de Theodeberto, ao mesmo tempo que Totila, em 547, levantava novamente o poder dos Ostro-Godos. Esta conquista foi inutil; o Principe Francez morreo sem ter tempo de fortificalla. Com taes Reis como Thedeberto poderia a Monarquia de Clovis vir a ser senhora dos Estados visinhos.

Outra expedição para Italia.

Os homens, que não sabem reflectir, não podem ser instruidos pela experiencia.

162
A Monarchia

quia divi-
dida em
quatro ,
depois da
morte de
Clotario I.

As muitas , e grandes infelicidades , que occasionáraõ a divisaõ do Reino , renováraõ-se por meio de outra divisaõ semelhante , depois da mórte de Clotario , unico Successor de seus irmãos , e de seus sobrinhos. Cariberto , Gontrano , Sigeberto , e Chilperico , seus filhos , tiráraõ sórtes sobre os quatro estados. Posto que o Reino de Pariz tocasse a Cariberto , ajustáraõ entre si que todos teriaõ direitos sobre aquella Cidade , de que Clovis tinha feito a sua Capital ; e que nenhum poderia entrar nella sem o consentimento dos outros tres. Taõ extravagante tratado era semente de guerras civís. Tudo concorreo para as infelicidades da naçaõ.

Brune-
haut ,
e Frede-
gunda , cõ-
petidoras
furiosas.

Duas mulheres , mais dignas do nome de furias , do que do nome de Rainhas , Brunehaut , e Fredegunda , destruíraõ a França por meio da sua sanguinolenta ambiçaõ. Brunehaut , Princeza de Hespanha , tinha casado com Sigeberto , Rei de Austrasia. Fredegunda , ao principio concubina de Chilperico , Rei de Soissons , o tinha induzido a fazer hum divorcio , a fim de chegar a ser sua esposa. O seu odio mutuo , e o imperio , que tinhaõ em seus maridos , produzíraõ crimes infinitos , taõ funestos para os Póvos como para a Real Familia. Sigeberto , sitiando a Chilperico em Tournay , he assassinado pe-

pelos Satellitas de Fredegunda. Como cruel madrasta, sacrifica esta mulher depois os filhos do primeiro matrimonio do seu esposo ; Brunehaut de sua parte , ardendo em desejos de vingança, arma os Principes , e atea o fogo das guerras civis. A mesma Brunehaut cahe finalmente nas mãos de Clotario, filho de Fredegunda, o qual a condemna a horrosos supplicios, como culpada da morte de déz Reis, ou filhos de Reis, S. Gregorio Papa faz elogios a esta Princeza, a qual se mostrava zelosa, e liberal para a Igreja.

Gontrano, Rei de Orleães , e de Borgonha, (morto em 593,) tinha passado de hum para outro partido, procedendo com o seu capricho, e accomodando-se ás conjuncturas. Principe pio sem luzes, prodigo em fundações, sujeito cégamente aos Bispos ; docil, e cobarde quando necessitava de constancia ; violento , e cruel quando necessitava de docilidade ; e muito celebre em os nossos annaes antigos, porque os Escritores julgavaõ de tudo, e da propria virtude, conforme as preoccupações do seu seculo. Este Principe tão docil tinha jurado de mandar matar os seus medicos, se não curassem a Rainha, estando perigosamente doente. A Rainha morreo : os

Me-

—————
Gontrano,
Rei de Bor-
gonha ,
muito lou-
vado pelos
Historia-
dores da-
quelle té-
po.

Medicos foraõ justicados. Citaõ-se outros muitos exemplos desta natureza ; porẽm tudo cobria a devoçaõ de Gontrano.

613.
Clotario
II., reina
fô.

Clotario II., filho de Chilperico, e de Fredegunda, reinou só depois da cruel mortandade de huma multidãõ de Principes. Clotario restabeleceo a tranquillidade, grangeou o amor dos seus vassallos, particularmente dos grandes, cujo poder augmentava; deixou o Governo da Austrasia, e da Borgonha aos Maires do Paço, semelhantes naquelle tempo a Vice-Reis, os quaes adquirindo cada vez mais authoridade, preparavaõ, e abriaõ de longe hum caminho para o Throno. Estes Officiaes, Juizes no Palacio, feitos Ministros dos Principes, e arbitros do Governo, deviaõ em breve tempo obrar como Soberanos, tanto que huns Reis cobardes, e pusillanimes fossem incapazes de os reduzir a fazer o seu dever.

Maires do
Palacio.

O seu poder augmẽta-se no tempo de Dagoberto, e de seus Successores.

Os vicios de Dagoberto, filho de Clotario, e os impostos, com que opprimio o seu Povo, ou para acodir às suas desordens, ou para expiallas segundo o uso, por meio de liberalidades pias, abatendo, e humilhando o real poder, o enfraquecêraõ. Ambos os seus filhos, Sigeberto II., e Clovis II. não souberaõ senão fundar novos Conventos, e occupar-se em ninharias. Os Maires do Paço

tudo fizeraõ. Grimoaldo, Maire do Paço de Austrasia, depois da morte destes Principes, atreveo-se a collocar no Throno o seu proprio filho. O usurpador foi expulsado, mas o exemplo da usurpação annunciava novas empresas. E que limites lhe podia oppôr hum nome de Rei, o qual não era mais do que hum nome?

O Maire do Paço, Ebroino, sem consultar os Cavalleiros, tinha collocado no Throno de Austrasia a Thierry III., hum dos filhos de Clovis II. Os Austrasienses rapando a cabeça a este Principe, o mettrão em hum Claustro: o qual foi restabelecido por morte de Childerico, seu irmão, que fora assassinado. Com tudo a Austrasia tyrannizada por Ebroino, sollevou-se pretendendo ter Duques, ou Governadores independentes. Pepino Heristel, digno da pública confiança, exercitou em Austrasia o supremo poder. Thierry, que reinava só em França, tendo-o irritado, cahio entre as suas mãos victoriosas.

Pepino, Senhor do Reino todo, governou com o titulo de Maire do Paço, vinte e sete annos, com prudencia, e com valor. Os Reis não eraõ mais que fantasmas condecorados, que appareciaõ algumas vezes ao Povo. O sobrenome de *Preguiçosos* expressa a sua frouxidaõ, e

A Austrasiatyrannizada pelo Maire do Paço Ebroino, não quer mais Reis.

O Duque Pepino governa a Austrasia. — nega a ser senhor da Monarquia.

a sua estúpida inercia. O mesmo Pepino, restabelecendo as assembleas antigas da nação, cujo uso tinha intorrompido o despotismo dos Maires do Paço, e tornando sobre tudo a impetuosa viveza dos Francezes contra os inimigos estrangeiros, que sempre venceo, e derrotou, gozou tranquillamente de hum poder, até então nunca ouvido na Monarquia.

714.
Carlos
Martel, seu
filho; he
Successor
de todo o
seu poder.

Depois da morte deste homem grande, a authoridade passou ás mãos da sua viuva Plectrudes, cujo neto, ainda menino, era Maire do Paço; porque Pepino tinha pretendido fazer hereditario para a sua familia hum emprego, que substituiu a dignidade de Rei. Carlos Martel, filho de Pepino, e de huma sua concubina, foi preso por suspeito ao novo governo. Enojando-se logo a nação de obedecer a huma mulher, elegeo hum Maire do Paço, chamado Rainfroi. Tinha Carlos fugido da prisão, e os Austrasienses o receberam como hum libertador. Rainfroi, pretendendo sujeitar a Austrasia, experimentou muitas vezes juntamente com o Rei Chilperico II. a invencivel superioridade deste heroe. Carlos Martel, segundo o exemplo de seu pai, assenhoreou-se de toda a authoridade, de que era digno. Hum Governo sabio, prudente, e vigoroso, as victorias aturadas, n'huma pa-

palavra, a gloria, e a prosperidade do Estado, foraõ os seus titulos mais respeitaveis. A França, a naõ ser Carlos Martel, teria sido sujeita aos Musulmãos, senhores já da Hespanha.

C A P I T U L O II.

A Hespanha invadida pelos Sarracenos. ---

Carlos Martel vence, e derrota os Sarracenos em França.

A HISTORIA da Hespanha, merece neste lugar a nossa attenção. Fundado que tivessem os Visigodos a sua Monarquia nesta Provincia Romana, conquistada já pelos Vandalos; o seu Clero em geral era mais absoluto do que os Principes, os quaes por consequencia merecem ser pouco nomeados. Quasi todas as causas corriaõ no Tribunal dos Bispos : os quaes muitas vezes decidiaõ nos seus Concilios os grandes negocios do Estado. Os mesmos Bispos juntos com os Cavalleiros entre os quaes occupavaõ o primeiro lugar, dispunhaõ da mesma Coroa, mais electiva do que hereditaria. Este Reino era hum Theatro de revoluções, e de crimes. O número dos Reis assassinados

Estado do Reino dos Visi-Godos em Hespanha.

O Clero domina na mesma Hespanha.

Revoluções frequentes.

cau-

causa horror Os Barbaros , depois do seu estabelecimento, contrahiaõ novos vicios, chegando a sua ferocidade a ser mais inclinada para o homicidio. Que crimes lhes não devia inspirar só o interesse ? Indiquemos sómente os principaes Reinados, onde se achão alguns factos memoraveis.

Reinados
principaes.

Leuvigil-
des.

Recaredo.

Sisebuto.

Chintila.

Recesuin-
tho.

Leuvigildes, morto em 585, he célebre, ou pelas victorias, que alcançou contra os Suevos, cujos Estados conquistou; ou pelas suas violencias contra Hermenegildo seu filho, por ter abraçado a Religião Catholica. Recaredo, outro filho seu, e seu Successor, abjura com tudo o Arianismo. Os Arianos tambem são perseguidos. Este espirito de perseguição reinou mais em Hespanha do que em outra parte. Sisebuto, em 612, obriga os Judeos, sob pena de morte, a receber o baptismo : Principe sabio, e prudente a outros muitos respeitos, cujo valor tomou aos Imperadores do Oriente, o que ainda possuaõ nas côstas do Mediterraneo. Chintila desterra todos os Judeos, e hum Concilio declara que nenhum Principe poderá occupar o Throno sem ter jurado a observancia das Leis publicadas contra este desgraçado Povo : parece que já se formava, e se originava a Inquisição. No tempo de Recesuinho, a eleição

ção dos Reis he reservada por hum Concilio para os Bispos, e para os Palatinos: (os Palatinos eraõ os Officiaes principaes da Coroa.) Neste lugar vemos perder o corpo da nação hum dos seus mais preciosos direitos. Vamba, vencedor dos Sarracenos, que vinhaõ accommetter a Hespanha, envenenado pelo ambicioso Erviges, he excluido do Throno em 682, porque na fraqueza, e cobardia, a que o reduzio a enfermidade, o tinhaõ revestido com hum vestido de penitente. Empreza odiosa, a primeira deste genero, e que annuncia de longe as emprezas do Clero. O Throno foi concedido a Erviges por hum Concilio. Outro Concilio, que se teve no tempo do seu Reinado, prohibe aos Reis de casar com a viuva de qualquer Rei, como crime digno do Inferno. Este Canon basta para julgar do espirito da legislação. As crueldades, e as desordens de Vitiza, o qual permittio aos Clerigos o casamento, e aos leigos, que sustentassem tantas concubinas quantas quizessem, excitavaõ huma guerra civil em 710. Este Principe foi privado do Throno por Roderigo, ou Rodrigo, o qual tambem foi em breve tempo privado do Throno, por hum Povo, ao qual nada resistia.

Vamba.

Erviges.

Vitiza.

Roderigo.

Progreſſos
do maho-
metiſmo.

No fim da Historia Romana fallá-
mos do estabelecimento do mahometismo,
religião que excitava as conquistas por
meio do fanatismo, o qual fortificava por
via das conquistas. Maſoma, ſeu funda-
dor, tinha morrido em 633. Pouco tem-
po depois, o Imperio dos Arabicos, ou
Sarracenos abrangia já Comarcas immen-
ſas ou na Asia, ou na Africa. O alcoraão
sustentado com as ſuas armas, parecia
que tinha de ſubjugar o mundo inteiri-
ro.

A Hespa-
nha inva-
dida pelos
Sarracenos
ou Mou-
ros.

Conta-se que o Conde Juliaão, acce-
ſo em cólera por causa de Rodrigo ter
deshonrado ſua filha, fora o meſmo, que
convidára os Sarracenos para invadir o
Reino de Hespanha. Eſte facto não he
confirmado pelos monumentos antigos:
hum exemplo seria de mais das revolu-
ções occasionadas pelos vícios dos Prin-
cipes. Os Sarracenos, ſenhores naquelle
tempo da Mauritania, (donde tomárao
o nome de Mouros,) derao ſobre a Hes-
panha, e ganhárao em 712 a batalha de-
cisiva de Xerés na Andaluzia, depois da
qual desapareceo para ſempre o Rei
Visi-Godo. Muza, que governava em
Africa, como Vice-Rei do Calife Valid,
veio logo acabar a conquista, offerecen-
do ſegundo a prudente politica da ſua
Seita, aos habitantes que os deixaria na

Batalha de
Xerés em-
712.

ſua

sua Religião, e Leis, e contentando-se com o mesmo tributo, que pagavaõ aos seus Soberanos. A maior parte das Cidades o recebêraõ sem resistencia, e elle queimou, e saqueou as outras. Oppas, Arcebispo de Sevilha, tio dos filhos de Vitiza, não se envergonhou de combater a favor dos Musulmãos, e de sacrificar a Patria, e a Religião, ao odio que a Roderigo conservava. Mas Pelagio, heroe de sangue real, tendo-se retirado para as montanhas das Asturias, e de Burgos, acompanhado com infinitos Christãos, fundou nas mesmas montanhas hum pequeno Reino, onde se manteve por meio do seu valor. Affonso seu genro occupando depois o Throno, aproveitou-se, para adiantar as suas fronteiras, das guerras civis, que não tardáraõ muito tempo, que não dividissem os conquistadores.

Traição de Oppas.

Pelagio refugiado nas Asturias.

Com tudo a sua ambição não se podia conter nos limites dos Pyreneos. Accommettêraõ logo os Mouros, sem feliz successo, a Eudes, Duque de Aquitania, descendente da familia de Clovis. Abderamo, novo Emir, ou Governador de Hespanha, fez segunda invasão com forças superiores, e entrou até o coração da Cidade de Sens. Rechassado pelo Bispo Ebbon, deo sobre a Aquitania, venceo, e derrotou o Duque, adiantando-

732.
Carlos Martel vence, e derrota os Mouros, que querião conquistar a França.

do-se para o centro do Reino. A esta invasão devia de ir á mão Carlos Martel: o qual salvou a França por meio de huma batalha sanguinolenta, que deo entre Poitiers, e Tours. Abderamo foi morto. Os Sarracenos perdêraõ nesta batalha mais de trezentos mil homens. Porém as exaggerações desta especie merecem pouco lugar na Historia. Os inimigos, a pezar da sua derrota, ficáraõ alguns annos em Languedoc, e na Provença, donde finalmente os expulsou o heróe Francez.

A Hespanha ao principio infeliz sob o seu Imperio.

A Hespanha foi infeliz no principio, com o dominio dos Mouros. Os Emires, dependentes dos Vice-Reis de Africa, que os deixavaõ pouco tempo no Governo, apressavaõ-se mais a estancar as Províncias, do que a fazer florescer nel-las a justiça, e o socego. As guerras civís ateáraõ-se. Não só os Califes, cuja Corte era Damasco, não podiaõ pacificar de taõ longe as perturbações, mas tambem as discordias, que excitava a mesma dignidade de Calife, chegavaõ a ser favoraveis para as emprezas dos sediciosos. Esta grande dignidade Real, e Sacerdotal juntamente, passou em 750 da familia dos Omniadas para a familia dos Abassidas. A revolução foi sanguinolenta, da qual nasceo outra verdadeiramente util para a Hespanha, pois a livrou dos seus oppressores.

Revolução da dignidade de Califa.

O Principe Abderamo, a quem dão o nome de Almanzor, livre da cruel mortandade dos Omniadas, veio fundar nesta região hum Reino independente. Aclamado Abderamo Rei depois de humavictoria, sujeitou todas as Provincias, excepto a que Pelagio, e Affonso tinham conquistado, ou conservado, e estabeleceu a sua residencia em Cordova, da qual fez a habitação das artes, da magnificencia, e das delicias. O mesmo Abderamo, sem perseguir os Christãos, achou infelizmente o meio de anniquilar quasi o Christianismo; ou reservando as mercês, e as dignidades para os seguidores de Maoma, ou unindo por meio de casamentos huns com os outros. Nenhum Principe da Europa o igualava em politica, assim como Povo nenhum igualava aos Arabicos em tudo quanto dá honra ao humano entendimento. Os Arabicos, inimigos antigamente da razaõ, e das sciencias, tinham aprendido a cultivallas, sahindo-se bem em diversos generos, ao mesmo tempo que huma ignorancia barbara degradava os outros Póvos. Este lugar he proprio para dilatar-nos em semelhante objecto.

Reino dos Mouros em Hespanha, fundado por Abderamo ou Almanzor.

Este Principe reina gloriosamente.

Temos anticipado por hum pouco a ordem dos tempos, a fim de não confundir as materias: outro qualquer methodo con-

confundiria as idéas, e opprimiria a memoria.

Carlos Martel
naõ occupa o Throno vacãte.

Carlos Martel, depois da derrota dos Sarracenos, tão capaz para o Governo, como invencivel na frente dos exercitos, mais Rei com o simples titulo de Maire do Paço, do que Soberano algum da Europa, não cessou de augmentar a gloria do nome Francez. Vagando o Throno em 737 por morte de Thierry IV., reinou Carlos em qualidade de Duque, sem se dignar de eleger Rei, nem affectar hum titulo, que nada teria augmentado ao seu poder. Tinha elle entregue a Aquitania a Haraldo, filho de Eudes, reservando para si, e seus filhos os direitos de Soberania: estando a preparar-se para passar á Italia, para onde o Papa Gregorio III. o chamava com vistas

Carlos Martel
morre em 741, depois de ter dividido a Monarquia por ambos os seus filhos.

políticas, offerecendo-lhe o reconhecimento por Consul de Roma, morreo em 741, antes da execução deste projecto. Para seu Successor na Austrasia deixou destinado a Carlomano hum dos seus filhos, e a Pepino o *Breve*, para seu Successor na Neustria, ou na França Occidentel, e na Borgonha. A memoria de Carlos foi ani-

A sua memoria ani-
quilada pelos Ecclesiasticos.

quilada por Authores Ecclesiasticos, que não poderão perdoar a este grande homem o ter concedido aos Cavalleiros o usufructo de varias terras da Igreja, a

fim

fim de os pôr em estado de satisfazer ás obrigações do serviço militar. Como podiaõ os Ecclesiasticos esquecer-se, de que as suas armas tinhaõ preservado do jugo Mahometano assim a Igreja como o Reino? Brevemente examinaremos o motivo da sua animosidade.

Carloman, depois de ter mostrado o seu distincto valor na Germania, faz-se Monge; contribuindo o seu retiro para seu irmão ser poderosissimo. Aspirava Pepino á Coroa; posto que tivesse feito acclamar hum certo Childerico II., o qual não he nomeado ainda nos annaes do tempo. O Papa necessitando de Pepino contra o Imperador Grego, e contra os Lombardos, satisfez industriosamente á sua ambição. Esta a occasião de lançarmos os olhos para Italia, Rôma, e Constantinopla. A sua actual situação he a origem dos maiores successos.

Carlo-
man fazê-
do-se Mõ-
ge, deixa
tudo a Pe-
pino, seu
irmão.

CAPITULO III.

Estado do Reino dos Lombardos, e do Imperio de Constantinopla --- Intrigas dos Papas. --- A geração de Clovis privada do Throno por Pepino.

JA' vimos como Alboino fundou, no tempo de Justino II., o Reino dos Lombardos em Italia, pouco tempo depois dos Generaes de Justiniano introduzirem nella o dominio gotico. Este novo poder augmentou-se por meio das armas, e avigorou-se por meio da sabedoria, e prudencia de muitos Principes. Autharico, terceiro Rei, fez a felicidade dos seus Póvos, agitados cruelmente por causa de déz annos de anarquia. As insinuações de Theodelinda sua mulher, Princeza Bavara, o convertêrao ao Christianismo. Foi Autharico Ariano, assim como quasi todos os Barbaros convertidos; os Lombardos tambem foraõ Arianos; porém os Catholicos gozavaõ de humana teira, e total liberdade: parecia que ainda reinava Theodorico o grande. He para admirar, que o Papa S. Gregorio diga não obstante isto que Deos fizera morrer o malvado Autharico (*nefandissimus*), em

Estado do Reino dos Lombardos, depois de Alboino.

Autharico abraça a Religião Christã, e governa sabiamente.

em castigo de ter prohibido que os meninos Lombardos se baptisassem na Religião Catholica. Acaso não se teria podido, pelo contrario, louvallo por deixar os Catholicos seguir pacificamente a sua Religião? Porém o zelo, especialmente nos seculos da ignorancia, dá a certos objectos huma côr, que a imparcialidade lhe não acha.

Agilulfo, Successor de Autharico, Príncipe valeroso, emprehendeo a conquista de Roma. As negociações, e presentes de Gregorio salvárao a Cidade.

Agilulfo
pertende
conquistar
Roma.

Theodelinda que se correspondia com o Papa, tinha casado com Agilulfo, a quem inspirou os seus sentimentos de Catholicidade, os quaes não tinha podido inspirar ao seu primeiro esposo. Em quasi toda a Europa, vemos Rainhas mudar a Religião dominante, e servir de Apostolos nas Cortes. O seu sexo as fazia mais susceptiveis das fortes impressões da Fé Christã, e mais proprias para a commu-
nicar por meio do sentimento.

Sua mu-
lher o re-
duz a abra-
çar a Reli-
gião Ca-
tholica.

Rothar excedeo a gloria dos seus Predecessores, dando aos Lombardos Leis escritas, feitas n'huma Junta geral no anno de 643. Professava Rothar o Arianismo, porém com tanta moderação, que a maior parte das Cidades tiveraõ dous Bispos, hum Ariano; e outro Catholico.

Rothar, le-
gislador
daquelle
Reino.

Em nenhuma outra parte se via tolerancia igual,

Luitprando. Sua Lei a respeito do duelo.

No tempo de Luitprando, cujo Reinado principiou em 712, estava a Nação sujeita aos Dogmas da Igreja Romana. A sisudeza deste Principe manifesta-se sobretudo n'humas das suas Leis, na qual condemna *o ridiculo uso dos duelos, por cujo meio, segundo o capricho dos homens, pretende-se obrigar a Deos a manifestar a verdade*: accrescentando que tolera o seu abuso, *pela grande paixão que os Lombardos lhe tem*. Entre os Barbaros quasi todas as causas eraõ decididas por meio do duelo.

O Imperio Grego enfraquecia-se todos os dias, posto que os Sarracenos se sujeitassem ao tributo.

Pretendia Luitprando, activo, prudente, e valeroso, engrandecer-se, trabalhando pela felicidade dos seus vassallos. A fraqueza do Imperio de Constantinopla, e os funestos passos desta Corte davaõ-lhe occasião para isso. As idéas supersticiosas dos Gregos influiã sempre nos negocios públicos: Constantinopla tinha sido muitas vezes sitiada pelos Sarracenos. Tendo as suas frótas sido consumidas pelo fogo Grego, que ardia na mesma agua, (invenção do engenheiro Callinico) foraõ os Sarracenos reduzidos no Reinado de Constantino Pogonato, a concluir hum tregoa de trinta annos, no espaço da qual deviaõ pagar hum

hum tributo. O sexto Concilio Geral que se ajuntou em 680, parecia dever extinguir as disputas de Religião, condemnando o Monothelismo. Duplicada vantagem para os Gregos, se della se tivessem sabido aproveitar. Mas nada curava a Nação das suas preocupações, e da sua opiniaõ. Hum partido pretendeo coroar os dous irmãos de Constantino Pogonato, porque *assim como as pessoas da Trindade eraõ tres, eraõ necessarios tres Imperadores*. Discorria-se, e obrava-se de hum modo incomprehensivel. Este ridiculo espirito dominou no tempo de Justiniano II., o qual teve a imprudencia de interromper a tregoa com os Sarracenos, no tempo de Filipe Bardana, o qual animando novamente o Monothelismo, condemnou o seu sexto Concilio, no tempo de Anastacio II., e de Theodosio III., os quaes se fizeraõ ambos Monges, e por ultimo, no tempo de Leaõ Isauro, que por meio de huma nova heresia, ateou novas dissensões, mais funestas para o Imperio do que as precedentes.

Em 727 procreveo Leaõ o culto das Imagens, culto santo, e util em si, do qual abusava todavia rusticamente a cega credulidade, e naõ podia deixar de defendello com enthuziasmo. Em lugar de illuminar o Povo a respeito dos abusos,

A supersti-
ção cega-
va os Prin-
cipes, e os
Povos.

Heresia
dos Icono-
clastas no
tempo de
Leaõ Isau-
ro.

—
Sedições
excitadas
por causa
de seme-
lhante he-
refia.

tiraõ-lhe os objectos da sua veneração, e da sua confiança. Desfizeraõ-se as pinturas, destruíraõ-se as estatuas, depois de se ter prohibido inutilmente que não fossem honradas, e veneradas. Por toda a parte houveraõ sedições, e rebeliões. O vulgo fazia consistir a Religião nestes objectos sensiveis, suppondo-lhes sempre alguma virtude milagrosa. A maior parte dos Padres, especialmente os Monges, interessados na sua conservação, entregavaõ-se a hum zelo tão violento como contagioso. Constantino Copronymo, filho de Leaõ, levando vantagem nos excessos a seu Pai, achou huma resistencia tão invencivel, que a perseguição mudou-se em furor. Os Iconoclastas (*destruidores de imagens*) foraõ hum objecto de horror para a plebe. Os Arianos, accommettendo a Divindade de Jesu Christo, não tinhaõ sido mais odiosos aos Catholicos.

—
Rebeliões
excitadas
pelos Mõ-
ges.

« A razão porque as disputas, a res-
peito das imagens, eraõ tão fortes,
» diz Montesquieu, he porque estavaõ
» unidas com cousas muito delicadas :
» tratava-se do poder; e sendo este usur-
» pado pelos Monges, não o podiaõ
» augmentar, ou sustentar, senão augmen-
» tando continuamente o culto exterior,
» do qual eraõ partes os mesmos Mon-
ges.

» Monges. Esta he a razão por que as
 » guerras contra as imagens sempre foraõ
 » guerras contra elles, e por que, ven-
 » cido que tivessem os Monges este pon-
 » to, não foi o seu poder mais limita-
 » do. » (*Grand. & Decad. des Romains*,
Chap. 22.) He verdade que os Monges do
 Oriente, sediciosos, e fanaticos, geral-
 mente fallando, ateáraõ o fogo da rebe-
 liaõ : he evidente que o seu falso zelo
 era excitado mais por causa do interes-
 se, do que por outro qualquer motivo ;
 mas com que demencia davaõ os Impera-
 dores sempre materias para o incendio.

Os Italianos não foraõ os menos
 fervorosos em defender as Imagens : pois
 sobleváraõ-se abertamente contra os de-
 cretos. Roma, Napoles, e as outras Ci-
 dades que dependiaõ do Imperio, entrá-
 raõ a tratar o seu Soberão, não como
 tal, mas como abominavel herege. Rave-
 na, Capital do Exarcado, chegou a ser
 hum Theatro de perturbações, e soble-
 vações. Aproveitando-se Luitprando das
 conjuncturas, sitiou aquella Cidade, da
 qual se senhoreou em 728 : e tomando
 outras muitas Praças, esteve a ponto de
 subjugar o resto da Italia. As excommu-
 nhões, com que excommungavaõ os Ico-
 noclásticas, dispunhaõ o Povo para sacudir
 o jugo de Constantinopla. A Pentapola, vi-

A desfordê
 em Italia
 tambeem
 era grande.

Toma
 Luitpran-
 do Rave-
 na, e ou-
 tras mui-
 tas Cida-
 des.

sinha de Ravenna, na qual estavaõ comprehendidas as Cidades de Pesaro, Rimini, Fano, Ancona, e Uniena, tinha declarado que a causa do Papa, era a causa da Provincia; e que estando excomungados o Exarca, e seus adherentes, pretendia eleger para si governadores Catholicos. Finalmente, parecia estar já resoluta a eleição de hum Chéfe; isto he, de hum Imperador.

Os Papas já
poderosí-
simos em
Roma.

E occupa-
dos em
objectos
políticos.

Posto que Roma fosse governada por Duques, dependentes dos Exarcas de Ravenna, os Papas tinhaõ naquelle tempo a authoridade principal, de que eraõ devedores, naõ tanto ás suas grandes riquezas, como ao respeito, que a Religiaõ inspirava para a sua Sé, e á confiança que todos tinhaõ na sua pessoa. S. Gregorio tinha negociado, e tratado com os Principes em diversos negocios de Estado. Os seus Successores dividíraõ a sua vigilancia entre os objectos do Bispado, e os objectos da politica. Por ventura podia deixar de ser assim, des que as funções espirituaes se uniaõ com os interesses profanos? Os Papas igualmente interessados em libertar-se do dominio dos Imperadores, e em resistir ás emprezas dos Reis de Italia, procuráraõ todos os meios de desempenhar estes dous objectos; e empregando a industria, e a

Re-

Religião para este fim , adquirirão huma Monarquia. De todas as obras humanas , esta he talvez a mais digna de huma atenta curiosidade , ou por sua natureza , ou pelos seus progressos, ou pelas suas prodigiosas consequencias.

Receando-se Gregorio II. , e temendo sobretudo hum visinho tal como Luitprando , declarou-se a favor do Imperador Leaõ , e reclamou o soccorro dos Venesianos. Esta República, que de algum módo procedêra do terror que Attila espalhára, tinha chegado a ser consideravel, á força de valor, e de industria. Os Lombardos foraõ expulsados de Ravenna. Porém Leaõ não pareceo menos animado nem contra o Pontifice, nem contra as Imagens. Determinando suas violencias os Romanos á rebellião , não reconhecerãõ mais outro Chêfe senão o Papa Gregorio II. Inimigo sempre dos Lombardos, empenhou-se a armar contra elles a Carlos Martel, que era seu aliado ; mas esta negociação não teve effeito. Gregorio III. a renovou, fazendo offerecimentos mais vantajosos, e grangeou finalmente o heroe. Porém a execução da empreza ficou suspensa por causa da morte de Carlos. Cedeo Luitprando ás instancias do novo Papa Zacharias, a quem entregou tambem quatro

Gregorio II. faz expulsar os Lombardos de Ravenna.

Gregorio III. , e Zacharias seguem os seus pareceres.

Fim de
Luitprádo.

tro Cidades do Ducado de Roma, de que se tinha assenhoreado. O mesmo Luitprádo acabou em paz, no anno de 744, hum Reinado tão dilatado, como glorioso.

Ratchis, seu Succesor, a Perousa, tambem se deixou desarmar pelo Pontifice. Tal era a influencia da dignidade Pontificia, que este Principe, depois de huma conferencia com Zacharias, não sómente levantou o sitio, mas entregou-se inteiramente ás religiosas impressões, até tomar o habito de Monge. Com tudo a situação de Zacharias, entre os Gregos, e os Lombardos, sempre era inquieta, e perigosa. Pensava pois Zacharias, assim como os seus Predecessores, em conservar a protecção da França, e em supprir com a politica aos recursos, que a força não alcançava. Os meios da Religião fortificavaõ as suas esperanças.

750.
Decisão de Zacharias a favor de Pepino, o qual pretende ser Rei.

Sitiando Ratchis, seu Succesor, a Perousa, tambem se deixou desarmar pelo Pontifice. Tal era a influencia da dignidade Pontificia, que este Principe, depois de huma conferencia com Zacharias, não sómente levantou o sitio, mas entregou-se inteiramente ás religiosas impressões, até tomar o habito de Monge. Com tudo a situação de Zacharias, entre os Gregos, e os Lombardos, sempre era inquieta, e perigosa. Pensava pois Zacharias, assim como os seus Predecessores, em conservar a protecção da França, e em supprir com a politica aos recursos, que a força não alcançava. Os meios da Religião fortificavaõ as suas esperanças.

Nestas conjuncturas, o ambicioso Pepino, o qual sem dúvida, conhecia os desejos do Papa, propoem-lhe hum caso de consciencia, que ninguem se tinha ainda lembrado de sujeitar ao parecer de Roma. Tratava-se de decidir, a quem se devia deferir o titulo de Rei, se a hum Principe incapaz do Governo, ou a hum Ministro depositario da authoridade Real,

a qual exercitava com honra. Decide Zacharias a favor do vassallo contra o Rei legitimo. O Clero favorecia a Pepino, porque este lhe restituia huma parte das terras, de que Carlos Martel o tinha despojado; os Cavalleiros respeitavaõ a Pepino, por ser capaz, e poderoso; a Nação desprezava Reis negligentes, e sem reputação alguma, os quaes apenas conhecia no nome. Deste modo o parecer do Papa não deixou escrupulo algum. Rapaõ a cabeça ao Rei Childerico; isto he, foi Childerico degradado, e recluso n'hum Mosteiro juntamente com seu filho. Foi Pepino exaltado ao Throno; e o famoso Missionario dos Germanos, São Bonifacio, Bispo de Moguncia, hum dos seus mais uteis seguidores, o sagrou solememente em Soissons.

Childerico
privado do
Throno
por Pepi-
no.

Esta cerimonia da sagração, extrahida dos Judeos, e até áquellé tempo desconhecida da Nação Franceza, pareceo imprimir ao Rei hum character Divino. Porém como de tudo abusa a ignorancia, os Bispos imaginar-se-haõ conferir em breve tempo a dignidade de Rei, sagrando os Principes, cuja opiniaõ terá consequencias perigosas. Havia muito tempo que os Imperadores se faziaõ coroar pelos Patriarcas de Constantinopla: do mesmo módo coroáraõ os Papas os Impera-

Ceremo-
nia da sa-
gração, da
qual se
abusará al-
gum dia.

dores do Occidente. Suppor-se-ha que a coroação, e a sagração são necessarias para o Soberano Poder; e o Clero, de huma pia cerimonia, fará para si hum direito a respeito das coroas. Bom he prever as cousas des da sua origem.

752.
Negociação atrevida de Estevoão III. com Pepino.

Finalmente o successo correspondeo á politica dos Papas : o novo Rei de França pagou o seu favor com usura. Aistulfo, ou Astolfo, successor de Ratchis, toma Ravena, todo o Exarcado, a Pentapola, e ameaça o Ducado de Roma. Já não vivia Zacharias. Estevoão III. (*) pede, mas em vão, soccorro a Constantino Copronymo, occupado unicamente na guerra das Imagens. Este Imperador o encarrega de negociar com Aistulfo; ou se for intratavel, de se dirigir ao Rei dos Francezes. Estevoão parte, chega a França, sagra novamente a Pepino, e o declara assim a elle como a seus filhos, patricios de Roma; titulo ao qual se anexou a soberania. O mesmo Estevoão obteve em recompensa huma doação do Exarcado, e da Pentapola, para a Igreja Romana. « Estes são daquelles factos, diz hum » esti-

(*) Zacharias teve por Successor outro Estevoão, o qual morreo tres dias depois da eleição, não sendo ainda sagrado. Alguns Authores não fazem menção delle no número dos Papas, e dão a este o nome de Estevoão II.

» estimavel Author, de que se achão
 » poucos exemplos na Historia. Hum em-
 » baixador, encarregado de negociar com
 » hum Principe estrangeiro sobre a con-
 » servação de huma parte dos Estados de
 » seu Soberano, faz duas partes daquel-
 » la porção de Estados, e vende huma
 » ao Principe estrangeiro, com condição
 » do mesmo Principe dar-lhe a outra
 » quando della fosse senhor.» (*Abregé
 de l'Hist. d' Italie.*) Porém devemos con-
 fessar que o primeiro erro, procedia do
 Imperador, que abandonava os Roma-
 nos.

Preparava-se Pepino com diligencia
 para passar os Alpes. Aistulfo pede, e ob-
 tem a paz, e violando-a depois da retira-
 da dos Francezes, põem sitio a Roma.
 Escreve então Estevão ao seu Protector
 aquella famosa Carta, em nome de São
 Pedro, na qual confunde industriosa-
 mente todas as idéas, o sagrado com o pro-
 fano, os bens da Igreja com a natureza
 da Igreja, o interesse das almas com a
 fortuna dos pastores; e na qual, em
 premio de huma guerra politica, promet-
 te a felicidade deste mundo, e a bem-
 aventurança eterna, não sem ameaço de
 condemnação, no caso de lhe negar soc-
 corro. Linguagem artificiosa, que chegou
 a ser muito ordinaria. Dar á Igreja, era
 dar

Carta arti-
 ficiosa do
 Papa, para
 empenhar
 a Pepino
 na guerra
 contra os
 Lóbardos.

dar a Deos, ou a S. Pedro; disputar qual-quer cousa á Igreja, era accommetter a Deos, ou a S. Pedro. A credulidade, e a superstição soccorrêraõ huma, e outra com tanta força semelhantes sofismas, que delles resultou huma grande, e enorme desordem na ordem natural da sociedade.

755.
Pepino cõ-
cede ao
Papa mui-
tas Cida-
des, das
quaes Ais-
tulfo se ti-
nha ampa-
rado.

Pepino cõ-
ferva a so-
berania co-
mo patri-
cio.

Em breve tempo foi Pepino visto novamente na Italia. Offereceo o Imperador pagar-lhe os gastos da guerra, com tanto que as ultimas conquistas dos Lombardos fossem restituídas ao Imperio. Porém Pepino respondeo, que tendo feito a S. Pedro huma doação daquellas Províncias, não a revogaria por todo o ouro do mundo. Sitiado Aistulfo em Pavia, sua Capital, subscreve ás condições, que se lhe impõem. Dá Pepino ao Papa a posse de Ravena, Classea, Cesarea, Rimini, Fano, Pesaro, Cesena, Sinigaglia, Comachio, Urbino, Forli, &c. conservando a soberania neste Estado, como patricio dos Romanos. Napoles governada por hum Duque, Gaeta, quasi toda a Calabria, a região dos Brutienses, e algumas Cidades maritimas, ficáraõ debaixo do dominio do Imperador. Deste modo se aproveitou a Sé de Roma, á sua custa, da disputa das Imagens.

Pepino depois de huma série continuada de victorias; depois de ter sujeitado ao tributo os Saxonios, os Esclavonios, e o Duque de Baviera ao juramento de fidelidade; e depois de ter unido á Coroa a Aquitania: respeitado interior, e exteriormente, morreo em 763, no decimo setimo anno do seu Reinado. Nunca Pepino tinha affectado poder muito absoluto: pois sempre remettia os negocios principaes para as Juntas da Nação, de quem pela sua prudencia, era o oraculo. O mesmo Pepino, com a approvação dos Cavalleiros, tinha dividido o Estado entre os seus dous filhos, Carlos, e Carlomano. A Época do primeiro será grande, e célebre na Historia. Demoremó-nos ainda alguns instantes em considerar a situação da Europa.

—————
Morte de
Pepino em
763.

CAPITULO IV.

Observações Geraes.

I.

Conformi-
dade de to-
dos os Bar-
baros esta-
belecidos
no Impe-
rio do Oc-
cidente.

OS Gaulezes antigos, os Germanos, os Bretões, os Escandinavos, e geralmente todos os Póvos Celtas espalhados pela superficie da Europa, (porque se suppõem com probabilidade todos esses Póvos de huma origem celtica) tinhaõ entre si muita conformidade no governo, nos costumes, e nas opiniões. Esta conformidade se vê em todos os Estados, que fundáraõ os Barbaros, desmembrando o vasto Imperio dos Romanos. As suas paixões dominantes eraõ a liberdade, e a guerra. Persuadidos elles, de que a força dá todos os direitos, e a victoria he huma próva certa da justiça, tanta ambição tinhaõ de vencer, e despojar os seus inimigos, isto he, aquelles que accommettiaõ, quanto mais evitavaõ de snjeitar-se á vontade absoluta de hum unico homem ; de maneira que até na sujeição se mantinhaõ livres. O seu primitivo governo foi huma especie de democracia militar, governando hum General

O seu pri-
meiro go-
verno foi

ral, o qual ordinariamente intitulava-se Rei. Esta dignidade não podia ser hereditaria: não se cuidava n'outra coisa senão no presente: pretendia-se hum Chéfe capaz de reger o seu exercito, e inspirar obediencia. Se tal não era, em breve tempo lhe tiravaõ o poder, de que o tinhaõ revestido. Quando qualquer guerreiro se distinguia por meio de eminentes qualidades, outros muitos uniaõ-se com elle: huma mutua obrigação os obrigava a combater huns pelos outros. Todos se impunhaõ a obrigação de morrer pelo seu Chéfe: sobreviver-lhe era cobardia. Estas sociedades parecem ter sido a primeira origem do governo feudal.

huma democracia militar.

Os seus
Reis, os
seus Ché-
fes.

Todos os negocios principaes decidiaõ-se nas Juntas da Nação, onde aquelles guerreiros, armados, sentindo as suas forças, e aborrecendo a violencia, não se rendiaõ senão á intima persuasão da utilidade das cousas, que se lhes propunhaõ. A Junta nacional chamou-se em França, ao principio *o campo de Março*, por se ter em campo descoberto no mez de Março; depois, *o campo de Maio*, porque chegando a ser commum o uso da cavallaria, Pepino transferio a mesma Junta para o tempo das forragens. No Outono havia outra Junta, porém menos consideravel. As Povoações chegáraõ a ser Na-

Assembléas
da Nação.

ções, e as Juntas deviaõ tomar differente forma.

A democracia, depois do estabelecimento, chegou a ser aristocracia.

Tanto que os Barbaros tiveraõ estabelecimentos determinados, em breve tempo mudou-se a democracia em aristocracia militar. Os Grandes com dominios, e com riquezãs tiveraõ todas as qualidades de meios para reduzir os pequenos á dependencia, reservando para si mesmo o poder, do qual tinha gozado o corpo da Nação. O Povo foi abandonado, e desprezado; o Rei, e os Cavalleiros dispozeraõ do Estado; e a desigualdade das riquezas trouxe nova ordem de cousas. Com tudo no tempo das duas primeiras gerações em França, o Povo, ou os homens livres sempre participáraõ, ao menos pelo direito, do poder legislativo:

Poder legislativo em o Povo.

as Leis faziaõ-se *com o consentimento do Povo*, conforme a expressão dos Capitulares. Porém parece ser mais que provavel que este consentimento chegasse a ser pura formalidade. Por ventura os Maires do Paço teriaõ-se atrevido, ou teriaõ podido supprimir as Juntas nacionaes; se a Constituição antiga não tivesse soffrido derogações essenciaes?

Como o Real poder se augmentou, sobre tudo em França.

Como toda a authoridade tende a engrandecer-se, a authoridade dos Reis, especialmente na Monarquia Franceza, adiantou-se; e estendeo-se muito: o que foi ef-

effeito da conquista, e das circumstancias. Por huma parte, os Póvos vencidos, acostumados ao jugo dos Imperadores, e exercitados pelo Christianismo n'huma continuada obediencia, tinhaõ principios muito favoraveis para a authõridade dos Principes. A sua mistura com os conquistadores devia influir muito a respeito das suas opiniões, mórmente quando a mesma Religiaõ lhes chegou a ser commua, e os Bispos todos Romanos tinhaõ muito imperio nos espiritos, e nos corações. Por outra parte, possuindo os Reis vastos dominios, concediaõ-os com titulo de *beneficio* aos cavalleiros, cuja amizade pretendiaõ obter, e tornavaõ a tirallos quando o julgavaõ conveniente. Deste módo a esperança, e o temor, grandes moveis do coração humano, concorriaõ para as idéas da sua politica. Viraõ-se Reis, semelhantes a Chilperico I., exercitar tambem huma especie de despotismo violento. De mais disso os Francezes sempre deixáraõ a Coroa na familia de Clovis, posto que não conhecessem huma ordem rigorosa de successaõ, a favor dos primogenitos, ou dos mais proximos herdeiros. Que vantagens para os Principes desta casa! Se os Merovingienses (este he o nome que se dá á primeira geraçaõ) tivessem sustentado a sua dignidade com

Beneficios.

*Successaõ
á Coroa.*

o merecimento ; se entre elles tivesse havido Pepinos , e Carlos Martel sem dúvida ter-se-hião feito Monarcas poderosos , em lugar de cahir na dependencia dos Maires do Paço. Entre mãos prudentes , sabias , e vigorosas , a authoridade para o bem commum augmentava-se. Tres gerações de homens grandes exaltáráo o Império de Carlos Magno ; ao mesmo tempo que por meio da inepecia dos negligentes , e preguiçosos se arruinava , e cahia o grande edificio , que Clovis tinha fundado.

As Leis dos
Barbaros
muito suaves.
Por-
que.

Pelas Leis se conhece o character dos Póvos ; á proporção que mais livres são os póvos , as Leis são mais suaves ; porque huma grande liberdade não se sujeita a hum jugo , que a sobleva. Ordinariamente a traição , e a cobardia eraõ os unicos crimes , que não se perdoavaõ. Não havendo público castigo para o homicidio , cada qual vingava-se a si mesmo , vingava os seus parentes , ou compunha-se com o homicida. Aquelles Póvos Septentrionaes , sempre em guerra , tinhaõ hum particular interesse na conservação dos seus membros. Não he logo de admirar , que em lugar de penas capitaes , tenhaõ estabelecido penas pecuniarias.

O duelo
na falta de

Taõ pouco he para admirar , que o duelo fosse ordenado para supprir as provas

vas judiciaes. O fructo da opiniaõ rece- próvas ju-
bida era que a victoria prõva a justiça; diciaes.
o duelo, segundo o seu systema, e a sua Porque.
linguagem, era o *juizo de Deos*; tambem
era para os Barbaros o meio mais breve
de pôr fim ás differenças; era o alimento
daquella virtude guerreira, considerada
pelos Barbaros como a primeira das vir-
tudes; e algumas vezes foi tambem pre-
servativo contra o abuso do juramento.

Gondebaldo, Rei de Borgonha, que au- Gondebal-
thorizou principalmente o duelo, dá na do oppõe
sua Lei a seguinte razã d'elle: *para que* o duelo ao
os ñossos vassallos ñão façã mais juramen- abuso do
tos quanto aos factos escuros, & ñão jurem juramento.
falso a respeito de factos certos. « Deste mo-
» do, diz Montesquieu, ao mesmo tem-
» po que os Ecclesiasticos declaravaõ
» impia a Lei, que permittia o comba-
» te, a Lei dos Borgonhezes tinha por
» sacrilega a que estabelecia o juramen-
» to. » Observação verdadeira n'hum sen-
tido, e falsa no geral; porque os Borgo-
nhezes admittiaõ algumas vezes o jura-
mento dos proprios meninos. Mas em fim
a loucura dos combates judiciaes ~~naõ~~
estava menos unida com os principios das
nações Germanicas.

A observação, que acabamos de fazer Abfurdo
a respeito do duelo, tambem se póde ap- das pró-
plicar ás próvas extravagantes, por meio vas ju-
das

diciarias, das quaes se purificavaõ dos crimes em fundado juizo. Tinha a opiniaõ estabelecido estas na opiniaõ próvas, ella as sustentou por muito tempo. Des das primeiras idades, anexava-se aos alimentos huma virtude milagrosa, suppondo-os animados por meio de alguma intelligencia, que dirigia sempre a sua acção, devendo necessariamente fazellos servir para o triumpho da equidade. Persuadiraõ-se que o fogo não queimaria o innocente, e que a agua arrojaría de si o culpado, e por conseguinte o innocente devia manejar sem perigo hum ferro em braza, ou metter as mãos em agua fervendo: e o criminoso não iria ao fundo mettido que fosse n'huma cuba de agua, onde seria mergulhado, de pés, e mãos atado. Taes eraõ as principaes próvas, a que chamavaõ *ordeal* em algumas terras.

Depois do estabelecimento do Christianismo, estas próvas ainda foram conferidas pela superstição

Não as pôde destruir o Christianismo, porque os Barbaros o amoldavaõ ás suas preocupações, mais depressa, do que sujeitavaõ estas mesmas preocupações aos seus principios. A superstição não deixou de procurar textos nos nossos livros Sagrados para authorizar huma pratica contraria á boa razão, e a superstição julgou tellos achado; por maneira que as próvas chegáraõ a ser ceremonias religiosas, que o Cléro se interess-

ressou em sustentar : sem fallar das outras utilidades, que dellas tirava, e hum era o fazello evidentemente arbitro de muitas grandes causas. A cruz, a agua benta, e a mesma Eucharistia chegáram também a ser provas. Clerigos, Monges, e algumas vezes leigos, accusados por crimes, commungando, purificava-se dos mesmos crimes, e semelhante abuso foi authorizado por alguns Concilios.

Era no principio ponto essencial do direito público, o ser julgado pelos seus *Pares*, ou seus iguaes. Em França houve-ram *centenas*, subdivididas em *dezenas*; isto he especies de districtos, compostos ao menos de cem familias, e comprehendendo outros districtos menos numerosos. Os Chefes *centenareos*, *dezenareos*, sentenciavam as causas pequenas. O *Conde*, em cada Provincia era o verdadeiro juiz; e elegia para seus accessores huns Echevinos (*scabini*), eleitos entre o Povo, e ordinariamente das familias principaes. O Rei reservava para si o sentenciar os Bispos, os Abbades, e os Grandes. A dignidade de *Par* anexa aos grandes feudos da nação Franceza, teve principio quando os feudos foram hereditarios.

Eram julgados pelos seus Pares.

Ordem da jurisdicção

II.

—
A Religião
devia alte-
rar-se entre
os Barba-
ros.

Se a Religião Christã não tivesse sido logo infectada com superstições absurdas, e igualmente perniciosas, teria, sem duvida, convertido os Barbaros em outros homens. A sua moral benéfica, e divina achou-se com envolta n'uma grossa, e grande capa, que a fazia desaparecer : o que tambem era effeito inevitavel das circumstancias. Antigamente tinhaõ os Sacerdotes imperio absoluto entre os Gaulezes; não era somenos a authoridade, que tinhaõ os sacerdotes Germanos. Estes Póvos, mudando de culto, foraõ mais sujeitos ao Sacerdocio. Por desgraça, não tinhaõ o Clero naquelle tempo nem bastantes luzes para regellos bem, nem a virtude necessaria para não abusar do seu poder. Como teria resistido o Cléro, sem hum grande milagre, á torrente dos costumes públicos; especialmente quando os Barbaros foraõ admittidos á dignidade de Bispo, e lhe introduziraõ os seus vicios com a sua ignorancia. Naquelle tempo tudo devia degenerar. Grandes abusos alteravaõ já a pureza do Christianismo; e augmentando-se cada vez mais, produziraõ outros maiores.

Os

Os Imperadores Christãos enriquecendo a Igreja, tinham sido prodigos em conceder-lhe privilegios, e immuniades; estas falsas vantagens não tinham contribuido pouco para a relaxação da disciplina, e para as desordens, mais ou menos sensiveis, que alteravam o espirito do santo ministerio. O mal no tempo do dominio dos Barbaros, augmentou-se com prodigiosa celeridade. Como os Barbaros estavam persuadidos, de que todos os crimes se remiam a dinheiro, e que dando á Igreja, se ganhava o Ceo; quanto mais se entregavam ás suas paixões brutaes, tanto mais pródigos se mostravam em semelhante especie de boas obras. «Julga» va-se de algum modo, diz o Abbade «de Mably, que a avareza era o pri» meiro attributo de Deos, que os San» tos commerciavam com o seu credito, » e sua protecção. Donde procedeo o » bom dito de Clovis, que *S. Marti» nho não servia mal aos seus amigos, po» rém que se pagava muito caro pelo seu » trabalho.* » (Observações a respeito da Hist. de França, C. 4.) Aquelle dito de Clovis faz hum pouco suspeita a sua piedade. Na Historia encontraõ-se as lamentações de Chilperico seu neto, o qual muitas vezes dizia: *O nosso Fisco está pobre; as nossas riquezas passáraõ para as Igrejas;*

Enriquecê-
do a Igre-
ja, julga-
vaõ salvar-
se.

Lamenta-
ções de
Clovis, e
de Chilpe-
rico a este
assumpto.

jus; e os Bispos são os Reis. Posto que haja quem descreva a Chilperico como hum impio, as suas queixas não eraõ sem fundamento.

Poder excessivo dos Bispos.

Com effeito, fazendo-se os Prelados Cavalleiros, e Senhores por meio das terras adquiridas, e ajuntando o poder da fortuna com o credito, que lhes dava a Religião, foraõ muitas vezes os arbitros dos Estados. Dispunhaõ do Throno, e regulavaõ a legislação em Hespanha, França, e outras partes: e compilando tambem as Leis, não deixáraõ de estender as suas prerogativas: o que não podia ser de outro modo; pois que sabendo só o Cléro alguma cousa, havia necessidade de consultallos: os seus conselhos eraõ sentenças; fallavaõ ordinariamente em nome de Deos; e eraõ homens.

Discordias do Clero, e dos leigos; effeitos que dellas resultaõ.

Como o interesse dos leigos não concordava com o seu, desta opposição procedêraõ novas desordens. O Cléro valeo-se da astucia contra poderosos adversarios; inventáraõ-se fabulas a fim de os atemorizar, e sujeitar; consagraõ-se as armas espirituaes á defeza dos bens temporaes; a doce, e suave linguagem da caridade foi mudada em terriveis excommunhões, como se a Religião só respirára terror. Os mesmos Concilios tomáraõ muitas vezes mais por objecto os di-

rei-

reitos lucrativos, que se pretendiaõ estabelecer, ou conservar, do que a disciplina. A estes meios se ajuntava o soccorro da espada. Alguns Prelados, guerreiros por gosto, e por costume, combatêraõ pelos seus dominios, ora para usurpar os dominios de outrem, ora para resistir ao Soberano. A historia offerece mil exemplos de escandalos semelhantes. As violências dos leigos eraõ sem dúvida a sua causa primeira: porém sómente a inimizade de ambas as Ordens mostra que havia estranhos abusos, profundamente arraigados.

Quando huma jerarquia numerosa de Cidadãos he isenta dos empregos communs, e está livre das sentenças ordinarias; quando lhe está a opiniaõ sujeita; quando suppõe os seus privilegios de direito divino, e lhe he favoravel a ignorancia junta com a supersticiaõ; huma vez que se governar por meio da ambiçaõ, e do interesse, pódeprehender tudo. Os Bispos chegáraõ a hum tal gráo de poder, que o imperioso, e cruel Chilperico, accusando de conspiraçãõ contra a sua vida a Pretextato de Ruaõ, lançou-se aos pés dos outros Bispos pedindo-lhes que o castigassem. Esta authoridade dos Prelados servio em muitas circumstancias de freio para o crime. Naquelle tempo

Os Bispos
chegãõ a
fer formi-
daveis aos
proprios
Reis.

a authoridade era util; mas como segundo o curso das cousas humanas, o interesse devia corromper o seu exercicio, muitas vezes foi perigosissima.

—————
 Multiplicação perigosa dos Monges no Oriente.

As fundações Monasticas, que se multiplicáraõ sobremaneira influirão muito na sôrte dos Póvos. O Oriente, depois de tempos immemoraveis, tinha visto hum número grande de homens entregar-se a huma vida solitaria, e contemplativa. O calor do clima, e a viva imaginação inspiravaõ facilmente o gosto della. Entre os Judeos, os Therapeutas, e os Essenios tinhaõ dado o seu exemplo aos Christãos. Estes os seguiaõ com tanto ardor, quanto a Religião os separava das cousas terrestres. O Egypto especialmente povoou-se de Monges. No quarto seculo, contavaõ-se déz mil Monges, e vinte mil Religiosas na Cidade de Oxyrinca na Thebaida, onde o número dos Mosteiros excedia ao numero das casas. Com tudo poucas são as pessoas, que são chamadas pela providencia a hum estado taõ contrario á ordem natural da sociedade (*), e para o qual são necessarias virtudes muito superiores ás forças hu-

(*) Quaes são os homens, que são chamados pela Providencia para hum estado contrario á ordem natural da sociedade?

manas, e consequentemente a relaxação, e a desordem deviaõ introduzir-se nos Claustros. Infinitos Monges vagamundos, fanaticos, e sediciosos, inundáraõ o Oriente, onde perturbáraõ a paz da Igreja, e abaláraõ o proprio Throno. O Imperador Valencio, não imaginando outro meio para reduziillos á obediencia, ordenou por huma Lei, em 376, que servissem nos exercitos. Taes Leis cahem sem execucao, e o mal augmenta com o remedio. A regra de S. Basilio estabeleceo huma regularidade edificante, a qual todavia teve por limites os muros de alguns Mosteiros. A mesma regra não impedio, que nas dissensões Theologicas, os Monges, senhores já da Dignidade Episcopal, não fizessem a primeira figura.

Regra de
S. Basilio.

Conhecidos eraõ já os Monges no Occidente, cãde tinhaõ principiado a estabelecer-se, quando S. Bento fundou a sua Ordem em Italia, no principio do sexto seculo. O celebre Cassiodoro tendo setenta annos de idade, largou a Corte para abraçar a nova Regra. Totila, aquelle grande Principe, a fez mais respeitavel honrando o seu Fundador. Milhares de Proselytas foraõ attrahidos pelas virtudes da nova Ordem, onde o fervor se sustentava com o trabalho. Os Principes, e os Cavalleiros abraçáraõ a devoção do Claus-

Os Monges
estabele-
cem-se no
Occidente.
S. Bento.

Claustro, como o melhor caminho da salvação; semelhante devoção se espalhou por todas as partes juntamente com a força do entusiasmo.

—————
Fundações
de Mostei-
ros.

—————
Os vícios
entraão nos
Mosteiros.
Porque.

Fundar Mosteiros com grandes despesas, assim nas Cidades como nos campos, enriquecellos com offertas, e com doações, foi hum dos principaes actos do Christianismo dos Barbaros. Os Monges adquirirão huma parte consideravel das terras; das quaes arrotearão muitas, o que era ao menos de utilidade para a terra, em que habitavaão. Porém chegando os Monges a ser muito poderosos, e muito numerosos, perdêraão insensivelmente a idéa da santidade do seu Instituto, chegando a ser cobiçosos, vãos, ambiciosos, guerreiros, e cavalleiros do mesmo modo que o Cléro secular; e contrahindo os vícios do seu seculo, sahíraão os escandalos do mesmo azilo da religiosa austeridade. A preguiça, a miseria, as calamidades públicas, ou huma devoção momentanea, ou a fantasia dos parentes, era a vocação da maior parte daquelles que ao Claustro se consagravaão. Por ventura podiaão os Monges, mudando de habito, mudar o seu genio? Logo o Estado perdia muitos vassallos, e adquiria poucos exemplos bons. Os principios sempre cegáraão a todos; nunca se quiz pre-
ver

ver as consequencias , posto que a experiencia do passado annunciasse evidentemente o futuro. A preocupação , e o costume governaõ os póvos.

Os Monges ao principio eraõ sujeitos aos Bispos ; porém em breve tempo obtiveraõ isenções contrarias ao direito commun. Requerêraõ isenções aos Papas : a mesma Rainha Brunehaut, por exemplo, pedio isenções a S. Gregorio para Mosteiros, que tinha fundado. Os Papas, concedendo as isenções, tinhaõ duas utilidades , a primeira de estender a sua authoridade a respeito do Bispado, e a segunda de unir a si mais estreitamente os corpos Monasticos. Donde procedêraõ diversos inconvenientes ; huma alteração natural na disciplina, huma opposição de interesses entre os Bispos, e os Monges, e hum grande apego dos mesmos Monges á Corte Pontificia. Sendo os Monges os Missionarios dos Pontifices, prégavaõ juntamente com a Religião, a inteira, e total obediência ás suas ordens ; quanto menos pertenciaõ á ordem civil , e politica, tanto mais trabalhavaõ em estender este estranho poder , do qual recebiaõ tantas prerogativas, e tantos favores. Deste modo he que a Inglaterra, como em outro lugar o veremos , e outras regiões cahiraõ n'huma especie de escravidão. A

Isenções
Monasti-
cas uteis
para os Pa-
pas.

mes-

mesma Roma se admiraria, se tivesse comparado as regras antigas com o seu novo governo.

Augmen-
to da au-
thoridade
Pontificia.

Os Papas, cabeças da Jerarquia, ordinariamente mais illuminados, e mais sabios do que os outros Bispos, tinham sido muitas vezes consultados nos importantes, e difficultosos negocios: pouco a pouco se tinham acostumado a expedir ordens, porque os seus avisos eram respeitados: e pertendêrão depois ter Vigarios, os quaes governassem por toda a parte em seu nome; e não sómente a liberdade das Igrejas, mas também o poder politico, tiveram frequentes assaltos, antes de ser opprimidos. Fazendo Pepino, e Carlo-

Ordens
que os Pa-
pas dão a
respeito
do que
lhes não
pertence.

mano a guerra em Alemanha, o Presbytero Sergio, mandado por Zacharias ao Duque de Baviera, lhes ordenou da sua parte, e em nome de S. Pedro, que se retirassem, como se ordenasse a observancia de alguma Lei da Igreja. Com tudo Pepino, e Carlomano combatêrão, e sahirão vencedores. *Se S. Pedro, disse Pepino a Sergio, tivesse julgado injusta a nossa causa, não nos teria soccorrido.* Compare-se esta acção com as intrigas para collocar a Pepino no Throno; para expulsar da Italia os Reis Lombardos, e para sacudir o jugo dos Imperadores: ver-se-ha já de longe, até onde devião os Papas

ir com as suas empresas, quando o seu dominio estivesse mais sólidamente firmado.

Demoro-me contra minha vontade, em semelhantes, e desagradaveis objectos, cujo conhecimento he infelizmente necessario. A prodigiosa influencia do Sacerdocio em os públicos negocios, chegou a ser a origem dos successos principaes. Duas classes, divididas nos interesses, dividem os Reinos: a sua competencia, humas vezes encoberta, e outras vezes manifesta, produzirá por muito tempo perturbações, que augmentarão também os partidos oppostos em cada classe. Hum Pontifice estrangeiro ha de sujeitar as mesmas Coroas, com preoccupações de Religião, ao mesmo tempo que a Religião desfigurada, e desconhecida, servirá de pretexto para mil intrigas intestinas. Finalmente as infellicidades da Igreja estarão essencialmente unidas com as infellicidades do Estado, até que a verdadeira sciencia dissipe as trévas de muitos seculos.

—————
O conhecimento dos abusos em materia de Religião he essencial.

Temos visto na Historia Antiga que quasi todos os Sacerdotes das falsas religiões tinhaõ reconcentrado a sciencia no centro da sua Jerarquia; porque este era o meio de sustentar, e dilatar a sua authority. Estes Sacerdotes queriaõ que

—————
O que augmentou a ignorancia, Politica pessima do Clero.

tudo se ignorasse, excepto o que elles mesmos julgassem ser conveniente ensinar; faziaõ mysterio das cousas mais importantes: n'humas palavras, tinhaõ a verdade captiva. Os Druidas Gaulezes, com este intento, reprovando severamente a Escritura, tinhaõ-se mettido na posse de pronunciar os seus oraculos, sem que fosse possivel sujeitallos ao menor exame. O Cléro, por meio de humas infelicidades muito natural, seguiu entre os Barbaros humas politica taõ perniciosa; conservando o seu soberbo desprezo ás letras. Tendo este desprezo chegado a ser commum aos Bispos em geral, imbuidos nos costumes da Nagaõ, quasi que em nenhuma outra parte se escreveo senaõ nos Claustros. Nelles se copiáraõ diversas Obras dos Antigos, e por esta via nos foraõ conservadas muitas, cuja perda teria sido irreparavel; porém nos mesmos Claustros occupáraõ-se mais em compôr Chronicas pessimas, e fabulosas lendas: o que alterou sobre manciã a Historia, a Religiaõ, os principios, e os direitos da sociedade.

—
Veja-se a
Historia
dos Celtas.

—
Cega credulidade
dos homens.

Huma rustica, e grosseira supersticiaõ forjou todos os dias novas cadeias para os homens. Os falsos milagres, as falsas reliquias, os falsos actos, e as fraudes que se suppunhaõ pias, multiplicáraõ-se in-

infinitamente. Para nos atemorizarmos da estúpida cegueira dos Povos, basta só lançar os olhos para os Historiadores daquelle tempo. Beda, e Gregorio de Tours, recebem muitos absurdos por factos certos. S. Gregorio, Papa tão digno de elogios, por causa das suas virtudes, desprezava, e aborrecia a bella litteratura, que fórma o entendimento, e o juizo. As suas proprias Obras provaõ que elle necessitaria de critica.

As questões vãs, que lhe fazia o Monge Agostinho, Apostolo da Inglaterra, e as respostas do Pontifice a estas questões, bastariaõ para fazer sentir quanto se confundiaõ naquelle tempo as falsas idéas com o ensino, e com as práticas do verdadeiro culto. O que faz este ponto muito mais sensivel he a correspondencia de Bonifacio, o Missiõario dos Germanos, com o Papa Zacharias. Participa-lhe Zacharias n'huma carta que aos Christãos he ordenado que se abstenhaõ da carne das gralhas, pegas, cegonhas, lebres, &c. e n'outras cartas diz o mesmo Zacharias: « Vós me perguntais quanto » tempo he necessario conservar o touci- » nho antes de comello. Os Padres nada » prescrevêraõ sobre isto. Com tudo o » meu parecer he que se não deveria » comer o toucinho, senaõ depois de

———
Falsas
idéas de
Religião
que se lhes
davaõ.

» se seccar ao fumo, ou cosido no lu-
» me. Mas se o quizerem comer crú,
» bom será esperar que passem as festas
» da Pascoa. » Em que se torna a Re-
ligião, cuja essencia he adorar a Deos
em espirito, e em verdade, conforme o
Oraculo de Jesu Christo; em que se tor-
na a Religião, quando a unem com hu-
mas ninharias despreziveis, e ainda com
práticas perniciosas?

As infelici-
dades de-
viao au-
gumentar.

Quasi todos os Europeos sem estu-
dos, sem arte, sem commercio, nem po-
litica, nem principios, não podião dei-
xar de ser mais Barbaros, e mais infe-
lices, em quanto huma revolução singu-
lar não forçasse, por assim dizer, a natu-
reza. Grandes esforços fará Carlos Ma-
gno: terá grandes successos: mas depois
delle tudo cahirá novamente na confu-
são, e desordem.



SEGUNDA ÉPOCA.

CARLOS MAGNO,

OU O NOVO IMPERIO DO OCCIDENTE.



INVASÃO DOS NORMANDOS

Des do fim do oitavo seculo até ao meio do decimo.

CAPITULO I.

Guerras de Carlos Magno.

ESTAVA a Monarquia dividida entre os dous filhos de Pepino ; Carlos, chamado depois Carlos Magno, e Carlomano. Deshouveraõ-se os dous irmãos entre si ; e a sua desavença teria tido funestas consequencias, se a morte de Carlomano, em 771, não tivesse posto fim ás disputas. Achando-se com toda a liberdade o vasto, e ambicioso engenho de Carlos, na frente de hum Imperio poderoso, formou em breve tempo projectos capazes de immortalizar o seu nome. Hum Reinado de quarenta e seis annos, fecundo em victorias, em politicas instituições, e em

Principios
do Reinado de Carlos Magno.

Morte de
seu irmão.

suc-

successos singulares, nos offerecerá, no meio da Barbaridade, espectaculos dignos da nossa occupação.

Odio mu-
tuo dos
Papas, e
dos Reis
Lombar-
dos.

Havia sempre em Italia huma origem de perturbações, conservada por causa do odio mutuo dos Papas, e dos Lombardos. Os Duques de Espoleto, e de Benevente não querião reconhecer a Didier por Successor de Aistulfo. Este Principe, que attribuia a sua rebelião ás intrigas Pontificias, tinha assolado o que chamavaõ o *patrimonio de S. Pedro*. Tinha-se depois ajustado com o Papa Paulo I., cuja politica imitava a dos seus Predecessores. Conservaõ-se cartas de Paulo para Pepino, nas quaes este Principe he havido por novo Moysés, os Francezes, por nação santa, e os Lombardos, posto que filhos, assim como os outros, da doutrina Catholica, por inimigos da Igreja, e da Fé. Os elogios, e os vituperios eraõ dictados pelo interesse.

Ingratidão
de Estevão
IV. para
com Didier.

772.

Por morte de Paulo I., subido que tivesse Constantino, filho do Duque de Nepi, á força d'armas, para a Cadeira Apostolica, favorecendo a eleição de Estevão IV. (em 772) tinha Didier suffocado hum scisma escandaloso. Não deixou Estevão de recorrer á França para obri-
gallo á restituição de alguns bens da Igreja. A ingratidão de Estevão ainda foi
mui-

muito mais excessiva. O projecto dos dous casamentos de Carlos Magno, e de seu irmão Carlomano, com duas filhas do Rei da Italia, causando a Estevão grandes, e fortes temores, empenhou-se a desfazellos, e não só instou a respeito de que ambos os Principes já erão casados, mas descreveo-lhes os Lombardos como huma nação digna de desprezo, e de horror, *da qual sabemos certamente*, disse Estevão, *que procederão os loprosos*. Esta imputação que tanto ultraja, não servio de obstaculo para que Carlos Magno deixasse de casar com a filha de Didier, a qual pouco tempo depois repudiou, provavelmente com o intento de conquistar o Reino do Pai.

Carlos Magno casa com a filha deste Rei, e a repudia.

Enojado Didier com esta affronta, dá azylo á viuva de Carlomano, e a ambos os seus filhos, os quaes Carlos Magno privára dos direitos do seu nascimento: empenhando-se depois com o Papa Adriano I. para que fosse a seu favor, e não podendo conseguillo, accommette as terras da Igreja. Voa então Carlos Magno, cujas disposições erão conhecidas de Adriano, passa os Alpes, toma Verona, onde os filhos, e a viuva de Carlomano estavaõ recolhidos: assenhoreou-se de Pavia depois de hum dilatado sitio, em 774, e destroe a Monarquia

O Reino dos Lombardos destruido por Carlos Magno, conforme a vontade de Adriano I.

quia dos Lombardos, que duzentos e seis annos havia, que subsistia. Morreo Didier n'hum Mosteiro. A Historia não falla do que aconteceu aos sobrinhos de Carlos Magno ; e por ventura ignorar-se-hia, se fosse objecto de elogio para o vencedor?

Sua viagem
a Roma ,
no tempo
do sitio de
Pavia.

Durante o sitio de Pavia, tinha Carlos Magno ido para Roma. Todo o Clero sahio a recebello com pendões , e Adriano o recebeu pomposamente na Igreja de S. Pedro , cantando o Povo , *bem-dito seja aquelle que vem em nome do Senhor*. Segundo os Historiadores , a doação de Pepino foi confirmada. Com tudo não apparecendo depois nem o original, nem copia alguma de hum acto tão importante , daqui nascêraõ as duvidas de certos criticos.

Os seus direitos , e
os direitos
do Papa.

Por muito generoso que Carlos Magno fosse para com a Santa Sé , não desprezou os seus proprios interesses. Ajuntou ao titulo de Rei dos Lombardos, como patricio dos Romanos , os direitos de Soberania em Roma , e nos Estados concedidos aos Papas. Conta-se que Adriano lhe concedêra o direito de ordenar , e confirmar a eleição dos Pontifices ; porem os Reis Ostro-Godos , e os Exarcos tinhaõ usado de semelhante direito, como pertencente aos Soberanos de Roma. Se julgarmos por huma moeda do

do Pontifice, parece que tivera a soberania em Roma : quando, e como, he cousa que se não póde averiguar. Fez Adriano sem duvida todo o possivel para obter novas concessões. Por outra parte, tudo dá motivo para crer que Carlos não se despojou das suas conquistas.

Naõ seguiremos a este heróe nas expedições, que distinguem quasi cada anno do seu Reinado. A guerra daquelle tempo fazia-se sem systema, e sem continuadas operações. Naõ havia tropas reguladas, nem fundos para as subsistencias. Todo o Cavalleiro capitaneava os seus soldados, e só devia servir hum certo tempo. Ordinariamente eraõ todos obrigados a acabar o serviço depois da campanha : despediaõ-se as trópäs, e no caso de necessidade voltavaõ no anno seguinte. A guerra porém contra os Saxonios, a pezar de continuadas victorias, durou trinta annos. Contentemo-nos de observar os factos memoraveis.

Idéa geral das guerras daquelle tempo, simpllices. expedições

Reinava gloriosamente em Hespanha Abderamo, ou Almanzor, esse Principe Arabico, de que já fallámos. Os pequeno Reis Christãos das Asturias tinhaõ prudentemente pedido a paz. Porem rebelando-se os Governadores de Saragossa, e de Aragaõ, chamaõ a Carlos Magno,

Expedições da Hespanha contra Abderamo.

e reconhecem-o por seu Soberano. Passa este Principe os Pyreneos em 778: sujeita toda aquella região até o Ebro; ou para melhor dizer he nella recebido pelos Cavalleiros, com os quaes tinha trato secreto. Ao voltar elle desta expedição, derrotou-lhe o Duque de Gascunha a retaguarda em Roncesvalhes; onde morreo Roldão taõ celebrado pelos Romancistas, e que se suppõe ser sobrinho de Carlos. As idéas da Cavallaria ainda não eraõ taes, como se ajuiza, á vista das suas fabulas.

Morte de
Abderamo

Morreo Abderamo em 778; e a sua morte, a que se seguiuõ guerras civis entre os seus filhos, deo aos Christãos de Hespanha occasião para se exaltarem de novo. A grandeza deste Monarca ainda respira n'hum soberba Mesquita, que veio a ser a Cathedral de Cordova: edificio de seiscentos pés de comprimento, e duzentos e sincoenta de largo, sustentado em trezentas sessenta e sinco columnas de alabastro, jaspe, e marmore preto. Semelhantes obras não teriaõ podido ser concebidas, nem executadas por outro Povo, senão pelos Arabicos.

Mesquita
de Cordova
sobsis-
tente.

Guerra de
trinta an-
nos com os
Saxonios.

Muito tempo havia já que os Saxonios estavaõ em guerra com a França. Conservavaõ estes Povos toda a ferocidade dos costumes Germanicos, sendo o seu

seu valor inflammado tambem pelo amor da liberdade. Sujetos ao tributo por Pepino, que de mais disso os tinha obrigado a receber Missionarios; não podião suportar nem o tributo, nem huma Religião pacifica, taõ contraria ás paixões humanas. Tendo aquelles Barbaros morto alguns Missionarios, o Abbade de Fulda, n'huma Junta de Wormes em 772, moveo o Rei a armar-se contra elles. Os Saxonios foraõ vencidos muitas vezes, e sempre rebeldes. O célebre Witekind, seu General, não cessava de despertar na sua alma o ardor dos combates, e o amor da independencia. O mesmo Witekind, em 782, alcançou huma victoria completa contra os Francezes.

Carlos Magno vingou-se cruelmente com a mortandade cruel de Verden, onde quatro mil e quinhentos Saxonios, dos principaes, foraõ degolados. Depois de sanguinolentas victorias sujeitou-se Witekind, e abraçou o Christianismo, e sendo fiel em cumprir aquillo, a que se obrigava, nunca já mais pôde inspirar aos seus compatriotas saudavel docilidade. Tantas eraõ as submissões, quantas as rebelliões. Finalmente foraõ os Saxonios subjugados, depois de trinta annos de guerra; muitos milhares de familias foraõ transportadas para Flandres,

Mortanda-
de cruel,
feita por
Carlos
Magno.

Witekind
sujeito.

e para outras partes. Os mais valerosos leváram comsigo para a Escandinavia o seu implacavel odio ao jugo, e á Religião dos Francezes.

Violencias
para o es-
tabeleci-
mento do
Christia-
nismo em
Saxonia.

O conquistador considerando com razão o Christianismo, como o melhor meio de domar hum Povo feroz, ignorava que os Christãos não se fazem á força. Os seus Capitulares a respeito dos Saxonios parecem ser quasi tão barbaros como os seus costumes. Obriga-os sob pena de morte a receber o baptismo; impõe-lhes os dizimos Ecclesiasticos, a que os mesmos Francezes não se querião sujeitar: condemna ao ultimo supplicio os transgressores da abstinencia da Quaresma, n'humas palavras, substitue a violencia á persuasão. Estas primeiras Leis Saxonias são contrarias á humanidade. Com tudo acostumando-se o Povo finalmente a ellas,

Duração
das Leis
Saxonias,
posto que
Barbaras.

as fez confirmar pelo Imperador Conrado II. Huns tribunaes sanguinarios, chamados *Corte Vehmica*, *Justiça Westphaliana*, exercitáram por muito tempo mais huma horrorosa inquisição, do que huma verdadeira justiça. Sem outra fórma de processos, e sómente com o testemunho de alguns vis delatores, eram condemnados todos os accusados. Estes tribunaes não foram abolidos senão no seculo decimo sexto, e a não suppormos que

a superstição tinha mudado de alguma sorte a natureza, parece inexplicavel este phenomeno.

Tudo quanto se atreveo a mover-se em Alemanha ficou sujeito ás armas do heróe Francez. Tassilaõ, Duque de Baviera, a quem tinhaõ obrigado a receber a investidura, tendo-se soblevado, foi despojado do seu Estado. Os Esclavonios da Pomerania foraõ subjugados, e os Hunos ou Abaros, estabelecidos na Hungria, expulsados alem do Raab. Bastava apparecer Carlos Magno para desaparecerem seus inimigos. Nós o veremos muito maior entre os seus vassallos.

Alemanha
sujeita á
França.

C A P I T U L O II.

Concilio de Francfort, e negocios Ecclesiasticos. ---- Carlos Magno Imperador. ---- Fim do seu Reinado.

ENTRE tantas guerras, occupava-se Carlos Magno no governo, nas leis, nos costumes, nas letras, e na Religiaõ; tinha frequentes Juntas nacionaes, para regular os negocios do Estado, e da Igreja: examinava tudo, e a tudo presidia com incansavel zelo. O Concilio de Francfort;

A vigilância de Carlos Magno chegava a tudo.

em

em que foi condemnado o culto das Imagens, offerece á Historia huma materia interessante, que dará a conhecer as preocupações do seculo, a authoridade do Soberano, os inconvenientes de huma Theologia contenciosa, e os remedios para o mal, que ella póde produzir.

794.
Famoso
Concilio
de Franc-
fort.

O primeiro objecto deste Concilio era condemnar a doutrina de Felix Urgel, e de Elipando de Toledo, Bispos Hespanhoes, os quaes para refutar a imputação de Polytheismo, feita aos Christãos pelos Judeos, e Musulmãos, sustentavaõ que Jesu Christo era filho de Deos unicamente por adopção, e parecendo defender, destruião a Trindade. Trezentos Bispos, com dous Legados do Papa, rendêraõ-se ás ordens do Rei, e Francfort se tornou n'outra Nicea, onde o dogma da Igreja devia triunfar da heresia.

O Rei em
femelhante
Concilio
manifesta a
sua autho-
ridade.

O mesmo Carlos, sentado em hum Throno, fez a abertura da Junta, e propôz a condenação. N'huma carta dirigida ás Igrejas de Hespanha, se explicou nos seguintes, e notaveis termos: *Insta-
veis comigo para que eu mesmo julgasse
assim o fiz; assisti como auditor, e como
arbitro na Junta dos Bispos; temos visto
e com o favor, e ajuda de Deos, deter-
mi-*

minado o que he nescesario crêr. Nem Constantino, nem os outros Imperadores muito ciosos de decidir as materias Theologicas, usáram de expressão mais forte, e Carlos Magno em lugar de ser por essa causa vituperado, sempre foi muito elogiado. Todos os defeitos do seu procedimento, foram, sem dúvida, encobertos com a sua authoridade, e com os seus beneficios.

Mostrou Carlos Magno muito maior altivez na questão das Imagens. Leão IV., filho de Constantino Copronymo, imitando a perseguição de seu Pai, tinha desterrado Irene, sua propria mulher, por occultar Imagens debaixo da cabeceira da sua cama. Esta Princeza, devota, e ambiciosa, alcançou depois o Governo na menoridade de seu filho Constantino Porphyrogeneto, Imperador ainda menino, ao qual foi associada. Pretendia Irene restabelecer hum culto, que amava por gosto, e por politica. Tarasio, Secretario de Estado, eleito Patriarca de Constantinopla, foi o instrumento dos seus designios. O segundo Concilio de Nicea, em 787, decidio que se deve dar ás Imagens a *adoração* de honra, e não a verdadeira *latria*, que só he devida á Natureza Divina. Humas obras falsas, e huns factos apocryfos, citados nos Actos deste Concilio, pró-

Irene restabelece o culto das Imagens.

Decisão do Concilio de Nicéa.

próvaõ bem a ignorancia dos Gregos, mas segundo a observação dos grandes Theologos, não prejudicaõ o parecer sustentado com obras verdadeiras.

— Faz Carlos reprovar a—
 quelle Cõ-
 cilio com
 desprezo.

Era por desgraça tão defeituosa a traducção dos Actos, que o Papa Adriano mandou para França, que nella se liaõ estas palavras: *Recebo, e honro as Imagens, segundo a adoração que dou á Trindade*. Tanto não era necessario para scandalizar os Francezes, prevenidos já contra os Gregos, e contra o seu culto; porque na Monarquia não se dava honra alguma ás Imagens. Carlos mandou compôr por varios Bispos, e publicou em seu nome os *Livros Carolinos*, cujo titulo he o seguinte: *Contra o Concilio que se teêde oculta, e arrogantemente na Grecia, para fazer adorar as Imagens*. Sómente este titulo dá idéa de hum compendio de injurias, e de sofismas. Finalmente, o Concilio de Francfort reprovou o de Nicéa com o ultimo desprezo; e o Rei mandou ao Papa os seus Livros Carolinos, tão proprios para atear mais o fogo á disputa.

— Prudencia,
 e politica
 do Papa A-
 driano.

Entre hum Povo de sofistas, tal como os Orientaes, apaixonado pelas controversias da Theologia, consequencias muito temerosas teria infallivelmente tido hum negocio tão melindroso: e se as não teve, a razão foi, porque o Cléro na-

cio-

cional pensava do mesmo modo que o Principe, e por que a prudencia de Adriano sabia, por outra parte, conformar-se com as conjuncturas. A sua resposta a Carlos Magno he toda circumspecta, e nella sustenta a doutrina de Nicéa, sem condemnar a de França; se recebeo o Concilio dos Gregos, he com receio, diz Adriano, de que não tornassem ao erro; falla geralmente dos projectos, que fórma *para a exaltação da Igreja Romana, e do poder Real.* Estes projectos eraõ provavelmente os que temos de vêr pôstos em obra por seu Successor. Os Papas abominavaõ o Imperio de Constantinopla, e experimentavaõ quanto lhes era util a protecção da França: qualquer Imperador Francez, que lhes fosse devedor da sua dignidade, devia-se interessar mais na *exaltação da Igreja Romana.* Chega o tempo, em que Carlos Magno ha de receber este titulo.

Os seus projectos a favor de Carlos pela Santa Sé.

Queria este que Adriano excommungasse o Imperador Grego, persuadido sem dúvida, de que a excommunhaõ adiantaria os seus intentos. O Papa já o não podia excommungar na occasião das Imagens; mas prometteo (coisa pasmosa) declarar por herejes a Constantino, e a Irene, se negassem a restituição de certas terras da Igreja. Regulará pois o

Adriano promette excommungar sem outra razão senão a do temporal.

interesse temporal , o uso das armas espirituaes ! Quantas tormentas se vão formando ao longe contra os Principes !

Leão III. , Successor de Adriano em 796 , mandou com toda a diligencia a Carlos Magno o Estandarte de Roma , pedindo-lhe que enviasse alguem para receber o juramento de fidelidade dos Romanos : prova sensivel dos seus direitos de soberania em Roma , sempre reconhecidos. Tres annos depois , dous homens consideraveis do Cléro , parentes do ultimo Pontifice , e inimigos de Leão , não só forão seus accusadores , mas até o accommetêrao na rua ; onde o maltratárao , e prendêrao meio morto em huma prizaõ Monastica. Foge Leão da prisaõ , e vai ter com Carlos Magno , o qual mandao hir para Roma cheio de honras , dispondo-se a acompanhallo para Italia.

Leão III.
fugitivo
para a Cor-
te de Car-
los.

800.
Este Prin-
cipe sen-
teceã o
Papa em
Roma.

Este Principe , depois de chegar a Roma , teve por espaço de seis dias , conferencias secretas com o Papa ; depois do que convocou os Bispos , e os Cavalheiros , para examinar as accusações , que lhe imputavao. Exclamárao entao os Prelados : *A Sé Apostolica não póde ser julgada por pessoa alguma.* Não era este o sentimento de Simaco , quando requereo no tempo de Theodorico , o ser julgado por hum Concilio. Fallou todavia Leão como

ac-

accusado , dizendo que o Rei tinha vindo *tomar conhecimento da causa* , e purificou-se por meio do juramento.

Vai Carlos Magno ouvir Missa no dia de Natal á Igreja de S. Pedro. O Papa, repentinamente , entre as Ecclesiasticas ceremonias , poem-lhe na cabeça a Coroa Imperial , e o Povo clama de todas as partes: *Vida , e victoria para Carlos , Augusto , coroado pela mão de Deos , grande , e pacifico Imperador dos Romanos*. Este Principe , se dermos credito a Eginhardo seu Secretario , não esperava tal cousa : pois testificou não sómente a sua admiração , mas também a sua dor. Porém por pequena que seja a reflexão , que se faça a respeito da ambição de Carlos Magno , da sua politica , e da politica do Papa , das suas occultas conversações , e das circumstancias do successo , desconfiar-se-hia muito de taes demonstrações. Demais disso , que direito tinham os Romanos , e particularmente o Papa para acclamar hum Imperador ? Que direito podia dar semelhante titulo , conferido por este modo ao Principe Francez ? Nenhum , talvez , se o julgarmos pelo estado de Roma , e do Occidente. As palavras bem ou mal entendidas determinão as opiniões. Julgou-se pois que o Imperio , do qual não existião já vestigios , estava restabelecido ;

Carlos Magno coroado Imperador pelo Papa Leão.

Segundo Imperio do Occident , em que fundado.

e Carlos Magno obrou como Successor dos Augustos.

Irene privada do Throno por Niceforo.

Irene, que tinha privado do Throno, e mandado matar a Constantino, a fim de reinar só, propôz a Carlos Magno casar com ella, com o receio de perder o que conservava na Italia. Concluido estava o matrimonio, quando o Patricio Niceforo conspirando contra Irene, a deſterrou para hum Mosteiro, e occupou o Throno. Temendo Niceforo o poder de Carlos Magno, enviou lhe Embaixadores, e foraõ regulados os limites de ambos os Imperios. Por meio de hum novo Tratado em 311, os Gregos ficáraõ senhores da Calabria, da Sicilia, da costa maritima de Napoles, da Dalmacia, e de Veneza. Algumas próvas ha da independencia, em que Veneza ainda estava. Porém merecendo, e aspirando a mesma Veneza a huma inteira, e total liberdade, em breve tempo a alcançou.

Tratado com o Imperador do Oriente.

Veneza ainda independente.

Carlos Magno em correspondencia cõ Aaraõ Raschild.

Chegava até á Asia a fama de Carlos : o qual conservava correspondencia com o famoso Aaraõ Raschild, vigesimo quinto Xarife, hum daquelles, que contribuíraõ mais para illustrar, e civilizar os Arabicos. No sentir de Eginhardo, a amizade do Rei de França, parecia-lhe digna de ser preferida á amizade de todos os outros Principes. Prova do grande ca-

fo, que della fazia, he o ter-lhe cedido o Senhorio de Jerusaleem, Cidade para onde a devoção attrahia já infinitos Christãos. Entre os curiosos mimos, que Aaraõ Raschild lhe mandou, foi particularmente admirado pelos Francezes hum relógio, que dava as horas, o primeiro que no Reino se tinha visto. Por muito empenho que Carlos Magno tivesse para illuminar a nação, os Sabios da sua Corte não eraõ para comparar-se com o proprio Xarife. Podiaõ naquelle tempo os Arabicos servir de mestres a toda a Europa, sepultada nas trévas da barbaridade. Digamos alguma cousa a respeito de tão admiravel phenomeno.

Os Abassidas, occupando novamente o Throno, tinhaõ trasladado o do Imperio Muzulmaõ, de Damasco para Cassa, e depois para Bagdad, nas margens do Tigre: para onde o Xarife attrahio as Sciencias, e as Artes; das quaes tinhaõ os Gregos dado a idéa, e communicado o gosto aos seus Barbaros vencedores: especie de triumpho reservado para os Povos civilizados, no seu proprio abatimento; triumpho consolador, se alguma cousa ha que possa consolar na escravidão; depois da ruina de huma gloriosa liberdade! Aquellas preciosas sementes foraõ cultivadas por Mahadi, Successor de Alman-

O Xarifes
cõtribuiaõ
para que a
Sciencia, e
as Artes
florescessem.

manzor ; Raschild, Successor de Mahadi, augmentou a sua fecundidade por meio dos seus trabalhos, e das suas luzes. No tempo de Almamon, de Motaslem, e de Watike, as Artes, e as Sciencias florescerão muito mais ; até que finalmente as discordias, e guerras civis, roubárao aos Arabicos, assim como a outras muitas Nações, os fructos do engenho annexos ordinariamente á felicidade, e tranquillidade politica. Em todos os Imperios se encontrao as mesmas revoluções produzidas pela mesma causa ; e nada ha que mereça ser mais observado, quando se estuda sábia, e prudentemente a Historia.

Divisão da
Monar-
quia Fran-
ceza.

Huma das causas da decadencia dos Estados foi sempre a divisão entre muitos Principes. O seu uso estava estabelecido. Carlos Magno o seguiu em 806, por meio do seu testamento, que fez, e mandou assignar pelos Bispos, e pelos Cavalheiros : mandando-o depois a Roma para ser assignado pelo Papa. Declára este testamento que no caso de disputa entre os seus tres filhos, recorrer-se-ha á sentença da Cruz a fim de conservar a vontade de Deos. (Era esta huma das prôvas judicarias a mais ridicula : porque aquelle que podesse estar mais tempo com os braços em cruz, ganhava a causa.)

Em

En: 813, ficando unicamente dos tres irmãos, Luiz, Rei de Aquitania, Carlos o associou no Imperio, e ordenou-lhe que tomasse a Coroa no Altar, dando a entender por este meio, que sómente a recebia de Deos. Veremos em breve tempo estabelecer o Cléro outros principios.

Luiz, socio de Carlos no Imperio.

C A P I T U L O III.

*Observações á respeito de Carlos Magno. —
Estado de Inglaterra, até o fim da
Heptarquia.*

A GLORIA do Imperio Francez pareceo sepultar-se juntamente com Carlos Magno : o qual morreo em Aquisgran, sua residencia ordinaria, de idade de setenta e hum annos. Estava elle senhor de toda a França, e de toda a Alemanha, de huma parte da Hungria, dos Paizes-Baixos, Condado de Barcelona em Hespanha, e continente da Italia até Benevente. Para sustentar poder tão vasto, era necessario tal engenho, como o seu.

814.

Fim de Carlos Magno.

Extensão do seu Imperio.

Este heróe, pelos seus talentos, e pelas suas proezas, grandes idéas, incrivei vel actividade, sifudo governo, e virtudes proprias, posto que nellas se possão

Suas grandes qualidades.

observar muitos defeitos, foi o prodigio do seu seculo. Ao mesmo tempo que meditava, e executava as mais vastas emprezas, não desprezava infinitas individuações. A sua casa era hum modelo de economia, e a sua pessoa hum modelo de simplicidade, e de verdadeira grandeza. Estabeleceo o excellente uso de mandar pelas Provincias Commissarios, para examinar o procedimento dos Duques, que as governavaõ, e dos Condes que lhes administravaõ a justiça; para ouvir as queixas, enfrear as vexações, e manter o socego. Aquelles *Enviados Reaes* faziaõ a sua visita de tres em tres mezes. Muitas vezes se víraõ em Roma, os mesmos enviados, onde a sua authoridade era respeitada pelos proprios Pontifices.

Enviados Reaes, estabelecidos por Carlos Magno.

O que Carlos Magno fez a favor do Cléro.

Sendo o Clero o unico corpo que tinha alguns conhecimentos, e algumas luzes, não he para admirar que Carlos Magno, amigo das sciencias assim como da Religião, o tivesse sempre enchido de favores, e de mercês. Carlos Magno empregou os Bispos em todos os negocios; affociou-os com os Condes para a administração da justiça; e fez juntamente com elles, e com os Cavalleiros aquelles Capitulares muito numerosos, nos quaes se achão abusos confundidos com boas

boas Leis. Prescreveo Carlos o dizimo, em compensação das terras que se retinham á Igreja: imposto que excitou por muito tempo grandes murmurações. Porém por outra parte, ordenou o mesmo Carlos Magno, que os Bispos deixassem de trazer armas; que se applicassem ao estudo, e ao ministerio de Pastores: n'humas palavras, empenhou-se para pôr novamente em vigor a disciplina Ecclesiastica; e se o não pode conseguir, he a prova maior, de que o mal era incuravel. A submissão do Cléro ás suas ordens, não he menor prova do seu talento para reinar.

Temos visto até onde se estendia a authoridade deste Principe em materias de Religião, sem que nem os Bispos, nem os Papas lhe fizessem a menor resistencia: do que se vê hum novo exemplo na famosa disputa a respeito da Terceira Pessoa da Trindade. O Symbolo de Nicéa dizia que o Espirito Santo *procede do Padre*. Depois do setimo seculo, os Hespanhoes, e os Francezes accrescentavam, e do *Filho* (*Filioque*). Era este hum escandalo horroroso nos olhos dos Gregos; huma novidade digna de condemnar-se nos olhos da Igreja Romana, a qual desapprovava tambem o uso de cantar o Symbolo. O Rei convocou, em 809,

Carlos Magno muito presumido de Theologo.

Negocio das palavras *Filioque*, accrescentadas ao Symbolo.

o Concilio de Aquisgran, a fim de confirmar a addição. Carlos Magno sustentou-a como doutor n'hum carta dogmatica, cheia de textos compilados, a qual remetteo ao Papa Leão III. Este Papa não decidio nada, justificou sómente o uso de Roma, e aconselhou que se fizesse descahir a pouco, e pouco o uso de França. O *Filioque*, sem a condescendencia do Pontifice, teria talvez occasionado hum scisma entre os Italianos, e os Francezes, assim como entre os Gregos, e os Latinos. Felicidade era não se entregarem o Cléro, e os Monges do Occidente, naquelle tempo ao espirito de controversia: n'outro qualquer tempo estes passos do Soberano poderiaõ ter chegado a ser signal de disensões civis.

Leão III.
pela sua
prudencia
prevenio
hum Scisma.

Projectos, e
estabelecimento de
Carlos Magno.

Se Carlos Magno, seguindo o exemplo dos Imperadores de Constantinopla, se estimulava de ser Theologo, ao menos o seu engenho não se limitava a hum circulo de vãs subtilezas: pois sempre tendia para tudo quanto era grande, e util em todos os generos. Formou elle huma marinha, para oppor-se aos assaltos dos Normandos, piratas terriveis, que insultavaõ já o Reino, e o assoláraõ depois da sua morte. O mesmo Carlos Magno emprehendeo unir o Oceano com o mar Negro, por meio de hum canal de com-

communição entre o Rheno, e o Danubio. Que utilidade não tiraria o commercio de semelhante projecto : mas eraõ necessarios para a sua execucao conhecimentos superiores á capacidade de todos os Francezes.

Ajuntando este Principe infinitos Sabios na sua Corte, formou no seu palacio huma especie de Academia, de que era membro. Estabelece escolas nas Cathedraes, e Mosteiros; nas quaes nenhuma outra cousa se ensinava senão Grammatica, Arithmetica, e o Canto da Igreja; o que era muito, pois que alguns Concilios tinhaõ requerido que os Sacerdotes podessem comprehender a oração Dominical.

Escola; o
que nellas
se aprendia.

Não fallo na liberalidade, que Carlos Magno usou com as Igrejas, especialmente com a de Roma, para onde Eginhardo se admira que elle só fizesse quatro viagens por devoção: este foi o espirito dominante de muitos seculos. Os thesouros dos Hunos, e dos Lombardos supprião as necessidades públicas, e davaõ para o gosto de piedosas prodigalidades. Couza parece bem fóra do commum, que reprehendendo Carlos aos Ecclesiasticos o amor das riquezas, continuasse a enriquecellos. Tres grandes Abbadias foraõ a recompensa de Alcuino, Inglez sabio,

Liberalidades para a Igreja.

O Abbad de Alcuino,

que

fabio, e
rico, por
Carlos Ma-
gno.

que Carlos tinha attrahido para França, cujo merecimento era por elle mesmo admirado, e cujas Obras não podem encontrar já quem as leia. O poderoso Abbade era arguido por ter vinte mil escravos. Sendo o Povo servo, e podendo conter as suas tres Abbadias vinte mil subditos, não o arguiaõ sem razão: ao menos Alcuino nos dá alguma idéa da opulencia Ecclesiastica.

A respeito
da Inglaterra,
depois da
conquista
dos Saxonios.

Principia a Patria de Alcuino a merecer lugar na Historia. Depois que os Romanos abandonáraõ a Grã-Bretanha, para defender o resto do Imperio contra os Barbaros, a mesma Grã-Bretanha tinha chegado a ser a victima dos Saxonios, os quaes chamados para soccorrer os Bretões contra os Pictas, e contra os Escocsezes, rematáraõ tudo em fobjugallos. Os Saxonios, juntos com os Anglos, ou Inglezes (originariamente o mesmo Povo), fundáraõ quasi no meio do quinto seculo os sete Reinos pequenos, chamados Heptarquia. (*) O Christianismo foi introduzido no Reino de Kent, pela Rainha Bertha, filha de Cariberto, Rei de Pariz, e mulher d'El-Rei Ethelberto. Naquelle tempo mandou Gregorio

Como se
estabele-
ceo o
Christia-
nismo em
Inglaterra.

O

(*) Reinos de Kent, Suffex, Essex, Wessex, Mercia, Estanglia, e Northumberlandia.

o Grande o Monge Agostinho a prégar a Fé a estes Barbaros. O zelo de Bertha foi imitado por huma Rainha de Northumberlandia, e por outra de Mercia. Por toda a parte penetrou a verdadeira Religião. De tempos em tempos renovárao-se as venerações dos idolos, porque o Povo mal instruido, e quasi sem principios, seguia as mesmas fanteſias dos Principes. Finalmente os idolos desapparecêrao para sempre. Se a Inglaterra foi muito sujeita á Sé de Roma, he porque os Monges Missionarios, ou os seus successores, fizeram disto huma das principaes obrigações da sua Religião.

Offa, o mais célebre dos Reis de Mercia, depois de ter assassinado o Rei de Estanglia, e envadido os seus Estados, occupou o Throno em 755. Indo para Roma a fim de pedir a absolvição, recebeu-a do Papa Adriano I. O mesmo Offa estabeleceo *o dinheiro de S. Pedro*, especie de imposto de hum dinheiro por cada casa (quasi quatro centos e oitenta reis de hoje em dia), cujo imposto requerrêrao depois os Papas como tributo. N'huma palavra, desvanecceo a lembrança dos seus crimes por meio de sumptuosas fundações, que hum Estado pobre de nenhum modo podia sustentar. Sendo este Principe alliado de Carlos Magno, en-

Parte o Rei
Offa para
Roma, a
fim de ob-
ter a absol-
vição.

Dinheiro
de S. Pedro

vion-

viou-lhe o famoso Alcuino, venerado por hum prodigio de sciencia, porque apenas se sabia ler.

Egberto
unio os se-
te Reinos
da Heptar-
chia.

Invasões
dos Dina-
marquezes

Findou a Heptarchia em 827. Egberto, Rei de Wesssex, o unico que ficou das antigas familias Reaes tornou a unilla n'hum só Reino. Vendo-se perseguido na sua mocidade, tinha achado hum azylo, e lições na Corte de Carlos Magno: onde despojando-se da ferocidade Saxonia, tinha tomado costumes mais doces, e mais cultos; porque o Historiador Malmesbury descreveo os Francezes como o modelo dos Póvos do Occidente, posto que os mesmos Francezes ainda estivessem muito chegados á barbaridade antiga. A prudencia, a sabedoria, e o valor de Egberto salvárao o Reino, accommettido pelos Dinamarquezes; piratas, que se faziao cada vez mais tremendos. Brevemente veremos estabelecidos os Dinamarquezes seja em Inglaterra, ou em França. Huma parte dos Saxonios, fugindo das religiosas, e politicas crueldades de Carlos Magno, tinha-se refugiado entre os Dinamarquezes, inspirando-lhes o desejo da vingança, juntamente com o odio do Christianismo. Tornemos á Monarquia Franceza, que será por muito tempo na Historia da Europa, huma especie de centro commum, onde se de- vem

vem unir novamente os ralos extrahidos da circunferencia.

C A P I T U L O IV.

Reinado froxo , e infeliz de Luiz o Benigno. ---- Divisão do seu Reino.

NO tempo de Luiz , intitulado o Benigno , filho de Carlos Magno , tudo anuncia huma proxima decadencia. A devoção pusillanime do Principe , a frouxidão do seu caracter , e a limitação do seu engenho , devia ceder ao pezo de hum Imperio taõ vasto. Luiz entregou toda a sua confiança a hum Monge pio, o qual todavia não era proprio senão para governar bons Monges : fez-se odioso ao Cléro , por causa de projectos de refórma , sem prever que este poderoso corpo não teria para elle , a mesma submissão que tinha para seu Pai : e finalmente cuidou muito em santificar-se , e pouco em reinar ; como se a santidade não consistisse em satisfazer as suas principaes obrigações ; e se as práticas do Claustro supprissem as funções do Throno !

814.
Frouxidão
e devoção
de Luiz.

817.

A Monarquia dividida imprudentemente por Luiz o Benigno.

Rebelião de Bernardo, Rei de Italia.

Seu castigo.

Luiz humilha-se sem razão.

Hum dos grandes erros de Luiz foi o dividir a Monarquia pelos seus filhos, e enfraquecer tambem por este meio hum authoridade, já fraca por causa do desmazelo do Governo. Doou Luiz a Aquitania a Pepino, a Baviera a Luiz, e para o Imperio associou-se com Lothario, o primogenito dos tres Principes. Bernardo, Rei de Italia, e neto de Carlos Magno indignou-se com esta divisão. Nesta qualidade de Rei de Italia, e como filho de hum primogenito do Imperador, Bernardo attribue a si huns direitos incompativeis com a sociedade de Lothario. Os seus lisonjeiros o incitaõ á rebellião, e elle alista gente contra seu Tio, desprezando a imperial dignidade, a que estava sujeita a sua Coroa. As suas tropas o abandonaõ. Vê-se preso, sentenciado, e condemnado á morte. Commutando Luiz a pena, mandou-lhe tirar os olhos. Tres dias depois morreo o Principe ainda moço, e a fim de prevenir novas perturbações, mettêraõ n'hum Claustro os tres filhos naturaes de Carlos Magno, que elle tivera de diversas concubinas, mulheres da segunda jerarquia.

Depois destes rigores, agitado cruelmente por causa de remorsos, arguindo-se de fer o homicida de seu sobrinho, e o tyrano de seus irmãos, e conservando-o

do-o nos seus escrupulos Monges , e Prelados, ou imprudentes, ou ambiciosos, accusou-se Luiz a si mesmo n'hum Junta geral, e supplicou aos Bispos que o admittissem á penitencia pública. Todos se mostráráõ edificados deste procedimento; porém soube-se quanto seria facil de subjugar hum fraco entendimento, cuja devoção mal entendida humilhava a suprema Magestade.

Desenvolvêraõ-se, e brotáraõ todas as sementes da rebelliaõ, por causa da ambição de Judith de Baviera, segunda mulher do Imperador. Carlos, seu filho, (depois Rei, com o titulo de Carlos o Calvo) parecia ser excluído da successão, segundo a divisaõ regulada entre os filhos do primeiro matrimonio. Para assegurar-lhe hum estado, obriga Judith a Luiz a que faça huma nova divisaõ: para o que obtem o consentimento de Lothario, mais interessado do que qualquer outro em se lhe oppor, não tardando muito tempo, que se não arrependesse da sua complacencia. Formaõ os tres Principes hum partido tremendo; e hum Monge de sublime nascimento, que antigamente tinha grande credito na Corte de Carlos Magno, privado do favor, e amizade do Principe, e descontente, mas respeitado como hum Santo; Vala, digo,

829

A Imperatriz Judith perturba toda a familia Real.

O Abade Vala, Chêfe dos sediciosos.

Abbate de Gorbia, põe-se á frente dos sediciosos, e move assim pelo seu exemplo, como pelos seus discursos, hum número grande de Prelados. Inventão-se prodigios a fim de animar o Povo credulo. Declama-se contra o Governo, e particularmente contra a Imperatriz, que he accusada por todos de ter trato adultero com o Conde Bernardo, Ministro resolutivo, e odiado. Finalmente teme Luiz, treme, e humilha-se; sua mulher foi mandada para hum Convento; e elle vê-se quasi obrigado a tomar o habito: pois pretendiaõ reduzi-lo a isto, e se conserva a Coroa, he por causa das intrigas de hum Monge, o qual semea a discordia pelos Principes. Os Monges chegavaõ a ser no Occidente, o mesmo que eraõ no Oriente havia muitos seculos.

Luiz he quasi privado do Throno.

Luiz tinha-se sujeitado á censura dos Bispos.

Discurso extraordinario

Antes que a rebellião se manifestasse, tinha Luiz ajuntado quatro Concilios, e sujeitado á sua censura o seu procedimento, e o de seus filhos, todos os abusos, e por consequencia toda a administração. Nos Actos do Concilio de Paris, os unicos, que subsistem daõ-se-lhe excessivos pareceres a favor da Dignidade Episcopal; de Constantino dizem ser estas extraordinarias palavras, dirigidas aos Bispos: *Deos vos tem concedido o poder de julgar-nos, mas não podeis ser julgados pelos*

los homens. Deos vos tem estabelecido a nos- nario a
so respeito como Deoses, e não he conve- respeito
niente que o homem julgue dos Deoses. O da Digni-
que só pertence áquelle, de quem está es- dade Epis-
crita: Deos sentou-se na Synagoga dos De- copal.
ses, e os sentencia. Esta he a melhor ex-
plicação das emprezas do Cléro contra as
Coroas. Com taes principios até onde não
devia chegar a audacia, des que os Prin-
cipes não tivessem nem prudencia, nem
vigor?

Tantas próvas de frouxidão, acom-
 panhadas tambem de hum perdaõ geral, Erros mul-
 tiplicados,
 origem de
 rebelliaõ.
 não eraõ proprias, senaõ para augmentar
 a insolencia dos sediciosos. Pertende Luiz
 agora obrar como Senhor; novo meio
 para sobleyar os vassallos: pois chama
 novamente a Judith, a qual vendo-se sem
 o veo de Religiosa, traz para a Corte a
 sua ambição irritada com o desejo de vin-
 gança. Desterra a Vala, cujo castigo de-
 ve irritar o fanatismo dos seus admirado-
 res, e declara a Lothario privado do Im-
 perio; desherda o Rei da Aquitania, réo
 de segunda rebelliaõ, a favor do novo
 Carlos, e por este meio se expõe Luiz
 ao irreconciliavel odio de seus filhos des-
 naturalizados, e torna-se odioso ao pro-
 prio Conde Bernardo, seu Ministro, en-
 tregando-se aos conselhos de hum Monge;

— 832 —
 Gregorio IV. une-se com os Principes rebeldes. —
 —————
 razão por que o Ministro chega a ser seu inimigo.

Em breve tempo se ateou a guerra civil. Lothario, Pepino, e Luiz ajuntão as suas tropas na Alsacia, contra hum Pai que desprezaõ, e consideraõ como hum tyranno. Com estes Principes une-se o Papa Gregorio IV. sob pretexto de pacificar os animos. Porém espalha-se a noticia que o Papa vem para excommungar o Imperador. Huns Bispos fieis o arguem de ser traidor ao seu Soberano; ameaçando-o de lhe retribuir excommunhaõ por excommunhaõ, e tambem de o depôr, se perseverar no partido dos rebeldes. Agobardo de Leaõ, o mais célebre entre os Prelados Francezes, segue principios totalmente diversos. O mesmo Agobardo, recebendo ordem para vir á Corte, não obedece ao Principe, sustentando que se deve obedecer ao Papa.

—
 Agobardo a favor do Papa.

—
 Falsas decretaes, de que se abusava.

A origem destes erros procedia das falsas decretaes, forjadas no tempo de Carlos Magno, para dilatar, e ampliar sem limites a authoridade dos Pontifices. Nunca impostura alguma teve consequencias mais contagiosas. Estes suppostos decretos, attribuidos aos Papas dos quatro primeiros seculos, posto que evidentemente contrários á disciplina delles, passáraõ por Leis inviolaveis da Igreja, infectáraõ

a legislação de todos os Estados, e ainda conservaria a sua influencia, se a critica moderna não tivesse mostrado a sua falsidade. Huma compilação de textos extrahidos em parte de huma origem tão corrupta, obra de Vala, e do Monge Ratberto, seu discipulo, persuadio a Gregorio que tinha direito para julgar tudo, sendo superior a todo, e qualquer juizo. Esta a razão por que a sua resposta aos Bispos Realistas, respira huma altivez até aquelle tempo nunca ouvida.

Marcha todavia o Imperador com suas Trópas, e queixa-se de abusar-se contra elle da authoridade Pontificia. O artificiozo Lothario envia-lhe o Papa como para tratar do ajuste. Ignora-se o que entre elles se passou; sabe-se porém que Luiz se achou repentinamente desamparado, que a deserção foi geral, e que se entregára naquella occasião nas mãos dos rebeldes. Sendo Luiz deposto por huma Junta de sediciosos, conferio o Imperio a seu filho. Voltou o Papa então para Roma.

Este o meio extraordinario que os Prelados derao, para avigorar esta revolução, e prender para sempre o infeliz Imperador. «Qualquer penitente, diziao elles, deve ser exclusivo de toda a

Luiz he atraído, e entregase aos rebeldes.

833

Os Bispos servem-se da penitencia para excluillo do Throno.

» função civil: » consequentemente hum Rei penitente será incapaz de reinar: sujeitar Luiz á publica penitencia, será impedir-lhe o caminho para o Throno. Ebbon, a quem Luiz, tirando-o da condição de escravo, tinha exaltado á Cadeira de Rheins, foi o principal instrumento desta infame conspiração: e depois de ter invectivado contra o Soberrano n'hum Junta geral, mandou-o condemnar á penitencia por toda a vida.

—————
Circunstâncias ignominiosas desta cerimonia.

Forão dizer ao Principe devoto, que tendo perdido a sua dignidade, não deve cuidar n'outra cousa senão na sua salvação. Luiz, em lugar de mostrar-se indignado, ainda respeita estes perfidos, indignos do Santo Ministerio. Estando o Imperador prezo no Mosteiro de São Medardo de Soissons, ajuntáram-se os Prelados no mesmo Mosteiro para a fatal cerimonia. Estendido Luiz sobre hum cilicio, confessa-se culpado: e não sendo sufficiente esta confissão, dão-lhe escrito o que deve dizer; obrigando-o a que se accuse, entre outros muitos crimes, de ter mandado marchar tropas no tempo da quaresma, de ter convocado hum Junta em Quinta Feira Santa, e de ter-se armado contra os seus filhos: porque a superstição naquelle tempo podia transformar em crimes as cousas as mais necesses-

cessarias ; e menos dignas de condemnar-se. Depois de se ter o Imperador assim confessado de tudo quanto se pretendia , tirando o seu talabarte , e despindo os Reaes vestidos , veste o sacco de penitente , e fechaõ-o n'humã céla. O mesmo Agobardo , cuja virtude errava naquelle caso , escreveu a fim de justificar estes horrores : tudo justifica a preocupação.

Perém o clamor da natureza , e a voz da justiça fizeram maior impressãõ nas almas. Foi Lothario aborrecido ; e seus dous irmãos unirão-se contra elle. O mesmo Lothario guiando violentamente seu Pai para Aquisgran , guiou-o depois para Paris ; e obrigado a fugir , o deixou em S. Diniz , onde os Cavalleiros vierão logo tributar-lhe homenagem , como a seu legitimo Soberano. Não se atreveo Luiz a reconhecer-se por tal , senão depois de ter recebido a absolvição.

834
Lothario
fugitivo: o
Imperador
restabele-
cido.

Escreveo ao Abbade Hilduino , para dizer-lhe que tinha tomado novamente o talabarte *por meio da authoridade , e da sentença dos Bispos* ; attribuindo esta graça aos merecimentos de S. Diniz ; e convidando o Monge para compor a Historia do seu Protector. Compoz Hilduino com effeito humta vida deste primeiro Bispo de Paris , ou para melhor dizer humta no-

Luiz reco-
nhece de-
ver a Co-
roa aos
Bispos , e a
S. Diniz.

Vida fabu-
losa do
Santo.

vel-

vella, pela qual confundindo-o com Diniz o Areopagita, o descreve, depois do martirio, recolhendo a sua cabeça cortada, a qual traz depois nas mãos. Foraõ muito tempo respeitadas estas fabulas por falta de luzes.

Processo
dos Bispos
os mais
culpados.

Agobardo de Leaõ, depois de ser notificado tres vezes, por hum Concilio de Thionvilla, a quem se queixou Luiz contra os Bispos os mais culpados (os quaes segundo se julgava naõ podiaõ ser sentenciados de outro modo) para comparecer, foi deposto á terceira vez por naõ obedecer á notificação. Ebbon, que estava prezo, fazendo huma confissão occulta, e renunciando de seu motu proprio o episcopato, evitou a ignominia de hum acto de processo. Em breve tempo tudo foi esquecido. O Imperador restabeleceo Agobardo, mostrou sempre grande respeito a Gregorio IV., e recebeu os avisos, e pareceres do Concilio de Thionvilla, onde novamente se inculcou o pretendido discurso de Constantino, já referido. Luiz, docil ás idéas de semelhante assemblea, obrigou a Pepino a restituir os bens ecclesiasticos, que se reclamavaõ. Finalmente ao mesmo tempo que os Normandos fãziaõ as suas incursões ordinarias pelas Provincias, e as desordens arruinavaõ o estado, occupa-se Luiz em devoções.

Luiz, sempre frouxo.

Re-

Renovando-se os mesmos erros ,
 produziaõ sempre as mesmas infellicidades. Novos er-
ros acom-
panhados
de huma
rebelliaõ.
 Pepino morreo; a Imperatriz Judith con-
 tribuio , para que os seus filhos fossem
 despojados da successaõ, a favor do Prin-
 cipe Carlos, para quem tinha alcançado
 ultimamente a Neustria. Lothario, posto
 já novamente na posse do Reino de Ita-
 lia, teve parte no despojo de Pepino,
 e jurou de sustentar por meio deste prẽ-
 mio o filho de Judith. O Rei de Bavie-
 ra, offendido de huma divisaõ, da qual
 se via excluido, armou-se contra seu Pai:
 o mais indulgente de todos os Pais, e o
 mais docil de todos os Principes, sem-
 pre era accommettido como se fosse hum
 tyranno, porque os vicios da frouxidaõ,
 e da cobardia, assim como a tyrannia,
 pódem dar motivo para grandes subleva-
 ções.

Hindo combater aquelle filho re-
 belde, o Imperadór afflicto, melancoli-
 co, e atemorizado por causa de hum ecl-
 pse do Sol, o qual tomou per presagio 840
Morte de
Luiz o Be-
nigno.
 de mórte, cahio doente junto a Mogun-
 cia, e espirou no vigesimo outavo anno
 do seu Reinado. Foi este Principe dota-
 do de erudiçaõ, das virtudes de hum
 particular, e daquellas virtudes que qual-
 quer Monge póde possuir: mas não da-
 quellas que devem estar annexas ao ca-
 ra-

racter de hum Rei, razão por que ignorou Luiz sempre que cousa era ser Rei.

Restabele-
cimêto das
eleições
canonicas.

Logo no principio tinha Luiz restabelecido a liberdade das eleições Canonicas, das quaes era o Clero muito cioso, mas ellas em si difficultosas de conciliar-se com o interesse da Coroa. Alem dos partidos, e dos escandalos occasionados muitas vezes pelas mesmas eleições, tudo contribuia para que os Bispos, e os Abbades fossem muito poderosos n'hum Monarchia, para se referirem a respeito da sua eleição á fantesia dos electores. Esta a razão por que os mesmos Reis da primeira geração nomeavaõ, ou indicavaõ os sujeitos que era necessario eleger. Luiz o Benigno vio, e experimentou muito quanto dependia naquelle tempo da submissão do Clero a segurança do Principe. O luxo, o orgulho, o dominio, os gostos profanos dos Cavalleiros ecclesiasticos, e as preoccupações daquelles, cujos costumes eraõ irreprehensiveis, chegáraõ a ser taõ funestas, que fallando em nome de Deos, quasi sempre eraõ obedecidos.

E acafo
eraõ con-
venientes
aquellas
eleições
para a se-
gurança da
Coroa?

Doações á
Igreja em
prejuizo
dos filhos.

As doações feitas á Igreja, com prejuizo dos filhos, e dos proximos parentes do doador, foraõ declaradas nullas por hum acto capitular de 816. Este abu-

abuso, condemnado já por Carlos Magno, cresceu com tudo cada vez mais.

Os Papas, tão capazes de aproveitar-se de todas as occasiões, viraõ a vantagem, que podiaõ ter a respeito de hum Príncipe escrupuloso, e pusillanime. Não esperando Estevão V., que fora eleito em 816, que a sua eleição fosse confirmada, mandou desculpar-se formalmente, e veio sagrar o Imperador, que se prostrou tres vezes aos seus pés, ao mesmo tempo que Adriano tinha-se prostrado na presença de Carlos Magno. Qual podia ser o motivo da viagem de Estevão? Provavelmente houve a cerimonia da coroação como hum titulo para nomear o Imperador, sendo este hum direito que a Corte Romana arrogou a si. Seguindo Pascoal I. o exemplo de Estevão V., tomou posse do Pontificado sem a approvação do Imperador, e desculpouse do mesmo modo que o mesmo Estevão V. se tinha desculpado.

Os Papas aproveitáram-se da fraqueza do Imperador.

Vemos todavia que exercitando Luiz, e Lothario a Soberania em Roma, lhe mandavaõ os seus Officiaes para administrar a Justiça. Vemos que os Papas lhes mandavaõ dar juramento de fidelidade pelo Povo. Porem a clausula do juramento, salva a fidelidade promettida ao Senhor Apostolico (ao Papa), descobre ideas

Com tudo o Imperador exercitava a soberania em Roma.

po-

políticas, cujo successo deve de proceder das circumstancias. Eugenio II., e Valentin foram consagrados na presença dos Commissarios. Gregorio IV., querendo esperar a confirmação do Imperador, nem por isso lhe foi ao depois menos infiel.

Os Sarracenos em Sicilia,&c.

No tempo deste ultimo Pontificado tendo os Sarracenos subjogado a Sicilia, infestárao o mar de Toscana. A Italia via-se ameaçada das suas armas. Gregorio, receando que os Sarracenos senho-reando-se do Tibre, não viessem accom-metter a Roma, mandou reedificar, e fortificar Ostia. Sarracenos para a parte do Meio-Dia, Normandos para a parte do Norte, perigos por todas as partes; e interiormente, miseria, confusão, discor-dias, crimes horrorosos, e guerras civis: tal he o essencial da Historia por hum dilatado espaço de tempo. As infelicidades da França merecem especialmente a nossa attenção.

CAPÍTULO V.

*Perturbações, e guerras civis no tempo
de Carlos o Calvo.*

HUM filho máo nunca chegará a ser hum bom irmão; porque suffocando-se huma vez os sentimentos da natureza, as paixões senhoras do coração não respeitam obrigação alguma. Consequentemente he necessario preparar-se para vêr armados os filhos de Luiz o Benigno huns contra os outros. O Imperador Lothario esquecendo-se logo dos seus juramentos a favor de Carlos o Calvo, emprehendeo de o' despojar, e ao mesmo tempo formou projectos contra o Rei de Baviera. Ambos estes filhos segundos, unidos por hum commum interesse, vencêrao, e derrotárao a seu irmão primogenito em Fontenai na Borgonha. Poucas batalhas forão tão sanguinolentas; nesta manifestou o odio fraternal todos os seus furores.

Nada faltava mais a Luiz, e a Carlos do que assegurarem-se dos Estados de hum irmão vencido, e fugitivo: para o que se dirigem ao Cléro com huma confiança tão bem fundada, que Lothario,

841
Filhos de
Luiz o Be-
nigno, des-
concordes.

Batalha de
Fontenai.

O Cléro
concede os
Estados de
Lothario a
seus ir-
mãos.

a fim de ter tropas , tinha promettido aos Saxonios a liberdade de abjurar o Christianismo, ou para melhor dizer, a liberdade de consciencia. Varios Bispos juntos em Aquisgran , depois de feito o exame do máo procedimento do Imperador , perguntaõ a ambos os Princepes, se pretendem ou seguir o seu exemplo, ou governar conforme a Lei de Deos. A sua resposta he facil de se adivinhar. *Recebei pois o presente Reino por authoridade Divina*, continuaõ os Prelados , *para o que nós vos exhortamos, nós vos ordenamos.* Se Lothario tivesse respeitado aquelle preceito como seus irmãos, o mesmo preceito teria tido todo o seu pleno effeito.

Nova divi-
são entre
elles.

Porém este Principe ainda era formidavel. Por meio de hum novo Tratado de divisaõ, deixáraõ-lhe o Imperio juntamente com a Italia, e as regiões situadas entre o Rhodano, e os Alpes, o Mosa, e o Rheno. Carlos conservou a Neustria. e a Aquitania. Luiz, intitulado o Germanico, ficou com todas as provincias situadas além do Rheno, e algumas Cidades para a parte de cá.

A Monar-
quia amea-
çada por
todas as
partes.

O fim da guerra civil não foi mais que huma infelicidade de menos. As invasões dos Normandos, das quaes tratarei em outro lugar; as emprezas dos Sarra-
cenos, que faziaõ temer, e tremer a

Ita-

Italia; a independencia dos Cavalleiros , acostumados desde o ultimo reinado a desprezar o Principe, e as Leis; e o descontentamento do Cléro , attento sempre ás emprezas dos Cavalleiros : tudo prognosticava fataes revoluções, tudo inspirava temores.

Os tres Monarcas, em huma assemblea de Mersen, junto ao Mosa, occupados em commum dos seus interesses , convieraõ que os filhos seriaõ herdeiros da Coroa dos Pais, com tanto que tivessem o respeito conveniente para seus Tios. Esta cautella posto que insufficiente, podia impedir guerras civís. Porém outros regulamentos de Mersen atacáraõ a Real authoridade , que necessitava de ser sustentada. Ajustou-se, que os vassallos não seriaõ mais obrigados a acompanhar o Rei, senaõ nas guerras geraes, no caso de estrangeiras invasões. Ajustou-se que todo o homem livre poderia eleger, entre o Rei, e os seus vassallos, aquelles que quizesse para seu Senhor. O primeiro Artigo augmentou a independencia dos vassallos, e o segundo, as suas forças; porque infinitos vassallos preferiraõ antes depender immediatamente de hum Grande, cuja protecção esperavaõ, do que do soberano, do qual esperavaõ menos soccorro.

Famosa
Junta de
Mersen.

Regulamē-
tos funef-
tos para a
authorida-
de Real.

855
Morte de
Lothario:
divisão en-
tre os seus
tres filhos.

Lothario, poucos annos depois, morreo com habito de Monge: devoção commoda, por meio da qual Principes máos julgavaõ ser santos no art go da morte. Lothario tinha dividido os seus estados entre os seus filhos, e em virtude do tratado de Mersen, cumpriraõ-se as ultimas vontades. Consequentemente Luiz possuio a Italia, com o titulo de Imperador; Lothario II. as Provincias situadas entre o Rhodano, o Saona, o Mosa, o Escalda, e o Rheno: estas Provincias foraõ intituladas do seu proprio nome, o Reino de Lorena (*Lotharingia*). Carlos ficou com o Reino de Provença, situado entre o Rhodano, o Mediterraneo, e os Alpes. Estas continuadas divisões destruiõ a Monarquia de Carlos Magno; o que ainda não era o maior mal.

Carlos o
Calvo sem
prudencia
nos peri-
gos.

Por toda a parte se espalhaõ as desordens, e o temor, principalmente nos Estados de Carlos o Calvo, Principe tão cobarde, e tão frouro como seu Pai, e tão intrigante como sua mãi. Os Normandos entraõ pelo interior do Reino, assolando tudo quanto encontraõ, até Ruaõ, e até ás portas de Pariz. Pepino o Moço, filho do ultimo Rei de Aquitania, rapado por força, e rebelde por vingança, alliou-se com os piratas. Nomes, Duque de Bretanha, usurpa o

titulo de Rei. Carlos, em lugar de tomar sabios, e prudentes cautelas, não se occupa naquelle tempo senão em ter Concilios, e em metter-se em huma disputa de Monges, e de Bispos a respeito da predestinação, fomenta as intestinas discórdias, e parece abandonar o Estado aos inimigos. O Cléro agita-se contra os Cavalleiros que o despojaõ. Reclama os seus bens, os *bens de Deos*, o *património dos pobres*, de tal sorte expostos aos roubos publicos, que as mesmas Abbadias de homens eraõ possuidas por mulheres mundanas. Ameaça, excommunga, e todavia vê-se com horror desprezado. Por outra parte os Cavalleiros declamaõ contra o Clero, e o descrevem como author das perturbações, e como inimigo da Coroa. Os mesmos Cavalleiros conseguem, em huma assemblea geral de Epernai, em a qual não são os Bispos admittidos, reduzir os Canones dos ultimos Concilios, a hum numero pequeno de regulamentos, que só são relativos á disciplina ecclesiastica. Nesta occasião commetteo o Rei dous erros essenciaes: favoreceo os Cavalleiros, (*) inimigos da real dignidade; e irritou os Bispos, capa-

Diffensões
entre o Cle-
ro, e os
Cavallei-
ros.

Triunfo
dos ulti-
mos em
Epernai.

TOM. V.

M

zes

(*) Neste Volume se repetem varias vezes *Cavalleiros*, que vem a ser *Senhores*, ou *Fidalgos*.

zes de privar do Throno a hum Principe cobarde, e frouxo com as armas da Religiaõ.

858
Luiz o Germanico,
chamado
contra seu
irmão.

Como todos os dias se experimenta-
vaõ irremediaveis infelicidades, o espiri-
to de rebelliao chegou a ser quasi univer-
sal. Luiz o Germanico he convidado por
alguns sediciosos para invadir o Reino
de seu irmão. Luiz chega na frente das
suas tropas, e recebe a homenagem da
maior parte dos Cavalleiros. Venilaõ, Ar-
cebispo de Sens, hum dos principaes
conjurados, mostra-se o mais ansioso
em favorecer a sua empreza. Se os Bis-
pos das Provincias de Ruaõ, e de Rheins
tivessem seguido este exemplo, Carlos
o Calvo estava perdido. O célebre Hinc-
mar, escreveo em seu nome huma carta
ao usurpador, cheia de reprehensões,
na qual com tudo se descobre menos va-
lor, do que politica. *Quando nos virmos,*
dizem os Prelados, se Deos resolveo de
salvar a Igreja por vosso meio, e de pôr o
Reino debaixo do vosso dominio; nós pro-
curaremos de fazer no tempo do vosso sa-
bio, e prudente governo o que julgarmos
mais conveniente; porque Deos pôde dar
hum bom fim, ao que foi mal princi-
piado.

Luiz he ex-
pulsado; e
os Bispos

Posto que semelhantes palavras não
annunciaõ huma grande, sincera, e ver-
da-

dadeira fidelidade, com tudo os Prelados das duas Províncias, não se declarando contra o Rei, fizeram muito a seu favor. Carlos vencendo tempo, e ajuntando hum exercito, expulsou o Germanico. Naquelle tempo, huma deputação do Cléro de França mandou a Luiz ordens terriveis, como se a sua jurisdicção tivesse podido estender-se até a Alemanha. Luiz, citado por elles para se sujeitar á penitencia, e ás mais asperas condições, contentou-se em responder, que não podia tomar o seu partido; senão depois de ter consultado os Bispos do seu Reino, Deste modo se manifesta a frouxidão, e a cobardia até na sua resistencia.

Francezes
lhe madaõ
as suas ordens.

Sua resposta
ta cobardes

Não menos admiravel, nem menos singular, he o procedimento de Carlos o Calvo a respeito do traidor Venilaõ. Carlos, a fim de o sentenciar, ajunta hum concilio em Savonieres perto de Toul; em o qual apresenta hum requerimento contra elle. Diz Carlos em o seu requerimento: *Eu não devia ser deposto, ou ao menos devia antecedentemente ser julgado pelos Bispos que me deraõ a Real Unção; sempre fui sujeito á sua correcção, e ainda estou prompto a sujeitar-me a ella.* Venilaõ, fazendo a sua paz com o Principe, livrou-se da sentença; e os Bispos do Concilio obrigáraõ-se por hum Canone a

Processo
de Venilaõ
de Sens.

Requeri-
mento do
Rei Carlos.

ficar unidos, *para corrigir os Reis, os Grandes, e o Povo.*

Os Bispos julgavaõ-se senhores de dispor da Coroa.

Todos os monumentos mostraõ que o Clero julgava ter o direito de dispôr da Coroa; que fundava este direito sobre a sagração dos Soberanos; que fazia remontar ao tempo de Clovis esta cerimonia da sagração, instituida a favor de Pepino; que para se fazer independente, empregava ficções, e sofismas: que negava o juramento de fidelidade, *porque mãos sagradas não podiaõ, sem abominação, sujeitar-se a mãos impuras*; e que humas pertençaõs taõ improvaveis se arraigavaõ por meio do costume. Ao primeiro passo se-

Como se fortificavaõ as suas pertençaõs

guia-se outro; hum direito procedia de hum abuso; huma equivocação parecia hum Lei Divina. Tudo authorizava a ignorancia. E que conclusaõ se não devia tirar das ignominiosas palavras de Carlos, que reconhece em hum Concilio, que os Bispos o podem depor? He necessario convir, que os excessos do Cléro procedêraõ em grande parte do erro dos leigos cegos, e igualmente viciosos. As Historias Ecclesiasticas não dissimulaõ nenhum dos factos que refiro: he este hum grande testemunho a favor do mesmo Clero, quando condemna o mesmo que a opiniaõ parecia antigamente consagrar. (Veja-se *Fleury, & l'Hist. de l'Egl. Gallicane.*)

CAPITULO VI.

Emprezas dos Papas. — Divórcio de Lothario, e suas consequencias. — Fim de Carlos o Calvo.

SE os Bispos conseguissem estabelecer o seu systema de independencia, era huma preocupação bem favoravel ao systema da Corte Romana. Sergio II., Successor de Gregorio IV., em 844 tinha tomado posse da Sé sem a approvação de Lothario, Imperador naquelle tempo. Lothario irritado mandou Luiz, seu filho, juntamente com trópas, e com Prelados. O Papa tendo conduzido aquelle Principe para a porta de São Pedro : *Eu vos concedo a entrada, se boas são as vossas intenções*, lhe disse o mesmo Papa, *senão, nunca consentirei que entreis*. Sergio mandou fechar as mesmas pórtas de Roma, na occasião de algumas violencias dos Francezes. Houveraõ queixas, Sergio foi notificado para hum Concilio, e comparecendo, justificou-se. Leaõ IV., célebre por causa do valor, com que defendeo Roma contra os Sarracenos, e Bento III. eleito contra a vontade do

Im- Os Papas feitos mais independentes. Acção de Sergio II.

Imperador, estiveraõ em paz com as Co-roas. Porém Nicoláo I. mais atrevido do que todos os seus Predecessores, fazendo-se Juiz assim dos Reis, como dos Bispos, declarou verdadeira a quimera das falsas Decretaes.

Maximas
de Nico-
láo I. a fa-
vor da di-
gnidade de
Papa, con-
tra as Co-
roas.

Os principios consignados nas suas Cartas, e consagrados pelo seu procedimento, são : Que a authoridade da Santa Sé approva, ou reprova todos os escriptos, (donde se seguiria que tudo o que os Papas escrevêraõ, ou approváraõ he verdadeiro, e que tudo quanto por elles he reprovado, he falso : ao que nada poderia resistir). Que todas as causas Ecclesiasticas podem ser appelladas para o Papa, o qual póde mandar Legados por todas as partes, e ajuntar por todas as partes Concilios, a fim de as julgar: devendo-se referir ao seu parecer, ainda mesmo fóra do caso de appellação (consequentemente seria o Papa propriamente o unico Juiz do Universo). Que os Canones devem preferir ás Leis, quando as Leis são contrarias aos Canones (o que seria hum meio para diminuir muito o poder legislativo). Que se devem sujeitar aos Principes, com tanto que estes se comportem bem, e que governem bem os seus vassallos: *De outro modo*, diz o mesmo Papa Nicoláo, *todos os devem ter*
por

por tyrannos, antes do que por legitimos Reis, e em lugar de lhes obedecer favorecendo os seus vicios, todos devem resistir-lhes.

O verdadeiro sentido desta maxima, tal como muitas vezes se tem praticado, he que hum Principe máo, especialmente hum Principe desobediente á Igreja, perde os seus direitos á Coroa. Com tudo S. Pedro ordenava de obedecer ao Rei *como sendo superior a tudo*; e S. Pedro fallava de Nero. Mas depois de S. Pedro tudo tinha mudado prodigiosamente.

Grande occasião se offerece ao Papa para exercitar em França a authoridade que a si proprio se attribuia. Lothario, Rei de Lorena, repudia Teutbergia sua mulher, accusada falsamente de incesto. Teutbergia justificou-se ao principio por meio da experiencia da agua fervendo: e ao depois foi convencida pela sua propria confissão, se acaso póde servir de prova evidente, huma confissão involuntaria, effeito da violencia, e do temor. Lothario he authorizado por hum Concilio de Aquisgran, para casar com Valdrada, sua concubina. Suspirava Lothario unicamente por este casamento; hum amor criminoso o tinha arrastado para o precipicio. O escandalo era grande. Nicoláo toma conhecimento da causa, e emprehende obrigar ao Principe para que

862

Lothario
repudia
sua mu-
lher, e ca-
sa com a
sua concu-
bina.

re-

receba novamente a sua primeira esposa. Este Pontifice o devia sem duvida admoestar como Pai commum dos Fieis ; mas acaso tinha poder o mesmo Pontifice para sentenciar, e para constranger, e obrigar a Lothario?

Idéa do
matrimo-
nio, uso do
divorcio.

O matrimonio, até aquelle tempo, tinha sido considerado menos como sacramento (posto que a Igreja o considerasse debaixo dessa conformidade), do que como o contrato mais essencial de todos os contratos civís. Os Imperadores Christãos tinhaõ regulado as suas condições : as Leis Romanas, que permittiaõ o divorcio, mantiveraõ-se muito tempo depois de Constantino ; o duplicado divorcio de Carlos Magno naõ teve consequencias difficultosas ; os mesmos Concilios de Verberia, e de Compïenha, no meio do oitavo seculo, tinhaõ publicado Canones favoraveis ao divorcio. Tal era a força dos costnmes, e dos usos, contra a verdadeira doutrina da indissolubidade do matrimonio. A empresa do Papa era pois taõ extraordinaria, quaõ extraordinarias eraõ as cores, com que qualquer sentença Ecclesiastica coroava o erro do Rei, e quaõ extraordinaria era o protecção, com que o Papa naquelle tempo postegia Balduino, Conde de Flandres, arrebatador da huma filha de Carlos o Calvo. Com

Com tudo Nicoláo ordena aos Bispos, que fação, juntamente com os seus Legados, hum Concilio em Metz, para o qual seja notificado Lothario, e no qual seja o mesmo Lothario sentenciado. Sendo confirmado o divorcio pelo Concilio, contra a esperanza do Pontifice, depõe este os Bispos de Treveris, e de Colonia, encarregados de lhe apresentar os seus Actos. Aquelles Prelados vão queixar-se ao Imperador Luiz. Logo o Imperador parte para Roma, onde manifestando toda a sua authoridade, parece estar resoluta a reprimir o poder Pontificio. Porém adoecendo Luiz, e preocupando-se de hum temor supersticioso, retira-se depois de ter approvado o procedimento de Nicoláo: o qual por esta causa faz-se mais imperioso. Inutilmente se humilha Lothario, até prometter de vir justificar-se em pessoa. O Papa pretende que Valdrada seja antecedentemente expulsada. Finalmente o Rei he ameaçado por hum Legado de huma prompta excommunhaõ, se persistir na desobediencia. Intimidado aquelle Principe sujeita-se, perdoa, e chama novamente a Teutbergia, e consente que a propria Valdrada seja conduzida para Roma pelo Legado; especie de triumpho muito indecente. Valdrada fugindo no caminho, toma novamen-

Nicoláo
pertende
sentéciar
o Rei de
Lorena &c.

Lothario, a
pezar de
todos os
generos de
submissões,
he
sempre in-
flexivel.

mente, e em breve tempo o seu lugar de Rainha, e de Senhora absoluta. A mesma Teutbergia, a infeliz, e desgraçada Teutbergia opprimida, e perseguida, pede licença para se separar de Lothario, protestando ser nullo o seu matrimonio, e que o matrimonio de Valdrada he legitimo. Nada póde porém abrandar a Nicoláo.

— Suas em-
prezas a
respeito de
outros ob-
jectos.

O Papa Nicoláo tinha alcançado ultimamente hum victoria contra o Clero de França, restabelecendo a Rothado de Soissons, deposto por hum Concilio Provincial. Nicoláo recebia a appellação de todos os Ecclesiasticos, descontentes dos seus Bispos: deste modo acostumava os Povos a reconhecerem hum tribunal supremo, fóra da sua patria, e por consequencia hum dominio estrangeiro: e dava ordens para a successão do Rei de Provença, que Carlos o Calvo disputava ao Imperador Luiz, irmão do morto. *Ninguém poderá impedir ao Imperador*, escrevia Nicoláo, *o governo dos Reinos, de que elle está de posse, por huma successão confirmada pela Santa Sé, e por meio da Coroa que o Soberano Pontifice collocou na sua cabeça.* Por ventura quando Nicoláo foi arguido pelos Bispos de Treveris, e de Colonia, em huma invectiva, de se fazer *Imperador do mundo todo*, era sem

— Nicoláo he
arguido
por se fa-
zer Impe-
rador do
Univerfo.

sem fundamento huma tão forte, e tão cruel expressão? Nicolao I. pôde ser considerado como o precursor de Gregorio VII., e nas mesmas circumstancias, teria provavelmente commettido os mesmos excessos. O Papa Nicoláo morreo em 867.

Os seus principios tinhaõ prevalecido tanto, que Adriano II. mais moderado, e desejando a paz, julgou fazer muito em permittir ao Rei de Lorena, que viesse a Roma, ou para justificar-se, ou para receber a penitencia. Carlos o Calvo, e Luiz o Germanico, esperavaõ com impaciencia pela excommunhaõ de seu sobrinho, persuadidos que em semelhante caso teriaõ direito para lhe tomar os seus Estados. Deste modo favorecia a cega ambição dos Principes emprezas, cujo perigo deviaõ recear que a elles mesmos lhes acontecesse. Lothario partio, e empregou todos os meios imaginaveis para abrandar o Papa: e depois de ter jurado que não tivera commercio algum criminoso com Valdrada, depois da prohibição de Nicoláo, e que nenhum teria dalli em diante, recebeo a Communhaõ da sua mão. Voltando Lothario de Roma, morreo em Placencia. Não se duvidou que não fosse este hum castigo Divino do seu perjuro; e semelhante accidente fez mais respeitavel a prova da Eucharistia.

869
Lothario
parte para
Roma a
fim de justificar-se.

Lothario
he absolvido.

Sua morte.

Adriano
II. ameaça
o Rei de
França co-
mo usur-
pador.

O Imperador Luiz II., irmão de Lothario, devia legitimamente succeder-lhe ; occupado porém contra os Sarracenos, que eraõ senhores de Bari, e de Tarento, e que assolavaõ a Italia, não podia sustentar os seus direitos por via das armas : ao que pretendeo Adriano suprir, ameaçando os usurpadores com a excommunhaõ. *As armas que Deos nos dá, escreveo Adriano, estão promptas para sua defeza.* Carlos o Calvo não deixa de invadir a successaõ. Os Cavalleiros, especialmente os Bispos do Reino de Lorena, sujeitaõ-se voluntariamente a Carlos. Seu irmão o Germanico tem parte em hum taõ excellentes despojo.

Carta fa-
mosa de
Hincmar
ao Papa.

Neste tempo he que o famoso Hincmar de Rheims dirigio ao Papa fortes, e vigorosas demonstrações, em as quaes, trazendo-lhe á memoria a lembrança do respeito, e da sobmissaõ dos Pontifices antigos a respeito dos Principes, dá-lhe a entender que a sua dignidade não lhe concede direito algum sobre o governo dos Estados ; que não póde ser Bispo, e Rei juntamente ; que aos Póvos pertence a eleiçaõ dos seus Soberanos ; que as excommunhões mal applicadas não tem effeito algum em as almas ; e que huns homens *francos* não se deixarão sujeitar por hum Bispo de Roma ; &c.

Adria-

Adriano, em lugar de se sujeitar a ————— semelhantes razões, manifesta toda a sua Empreza de Adriana contra Carlos o Calvo. colera assim contra o Rei, como contra Hincmar; e toma o partido de Carlomano, filho de Carlos o Calvo, Diacono, e Abbade de diversos Mosteiros, o qual chegou a ser rebelde, e Chéfe de salteadores. Adriano ordena ao Rei que restabeleça a Carlomano nos seus bens, e nas suas honras; prohibe aos Vassallos sob pena de condemnação, de armar-se contra elle; e com a mesma animosidade, declara-se a favor do Bispo de Laon, sobrinho de Hincmar, inimigo do Soberano, e de seu Tio. Mas depois conforme as conjunturas muda o Papa de termos. Vendo Adriano a inutilidade dos seus ameaços, e querendo a amizade do Rei de França, porque o Imperador estava quasi para morrer, escreve a Carlos huma carta cheia de elogios; admirando a sua piedade, e a sua sabedoria; e promettendo-lhe de não reconhecer senão a elle por Imperador, ainda quando o quizessem desviar de semelhante promessa por meio de alqueires de ouro. Esta he a ultima carta de Adriano II., tão atrevido como Nicoláo, porem mais brando, e mais politico.

O seu projecto a favor de Carlos Adriano acabava, lisongeando publicamente a Carlos. foi executado pelo seu successor João 875 João VIII. VIII. concede q

Imperio a
este Prin-
cipe.

Como Car-
los foi re-
conhecido
pelos Ita-
lianos.

Carlos pro-
cura esta-
belecer em
Frãça hum
Vigario do
Papa.

VIII. O Imperador morreo sem deixar filhos varões. Luiz o Germanico via-se ameaçado de huma morte proxima, e os seus tres filhos deviaõ enfraquecer o seu Reino dividindo-o. Carlos o Calvo, tendo hum unico filho, parecia mais capaz para proteger a Corte de Roma: titulo certo de preferencia. Carlos passou os Alpes com hum exercito; e recebeu a Coroa Imperial, como hum presente do Pontifice. Em huma assemblea de Pavia, foi Carlos reconhecido Imperador pelos Bispos, pelos Abbades, e pelos Cavalleiros Italianos, em os seguintes termos: *Pois que a bondade Divina, pelos merecimentos dos Santos Apostolos, e pelo seu Vigario o Senhor Joaõ, vos exaltou ao Imperio, conforme o parecer do Espirito Santo, nós unanimemente vos elegemos para nosso protector, e Senhor.* Semelhantes formulas são muito dignas de observação, pelas consequencias que dellas he facil de tirar.

Carlos tinha espalhado prodigamente os seus thesouros, e quasi comprado o Imperio. Quando Carlos voltou de Roma, trouxe hum ordem do Papa, que elegia o Arcebispo de Sens para Vigario da Santa Sé, com o poder de convocar Concilios, e de regular os negocios. Carlos empenhando-se para dar

execução a semelhante ordem em hum Concilio de Ponthyon, não pôde obter da assembléa senão a seguinte resposta: *Nós, segundo as regras, obedeceremos ao Papa, como aos seus obedecêraõ os nossos predecessores.* Hincmar de Rheims, e os outros Bispos ao menos sabião defender algumas vezes a liberdade das suas Igrejas. Qualquer Vigario do Papa chegaria a ser em breve tempo senhor absoluto dos Bispos.

Carlos o Calvo sempre ambicioso, e imprudente, pretendeo, depois da morte de Luiz o Germanico, apossar-se de huma parte da successão, em que adquirio sómente a ignominia de ficar vencido. Os seus tres Sobrinhos, Carlomano, Luiz, e Carlos, conserváraõ a sua herança. O primeiro possuia a Baviera, o segundo a Saxonia, e o terceiro a Suabia.

Carlos pertende despojar os filhos de seu irmão Luiz o Germanico.

Ao mesmo tempo que tudo se desmembra, e se enfraquece, os Sarracenos continuando as suas invasões, saqueaõ Comachio. O Papa João reclama o socorro do Imperador, convidando-o a lembrar-se da mão que lhe concedeo o Imperio; *com receio*, accrescenta o mesmo Papa, *que se vós nos desesperais, não mudemos talvez de parecer.* Esta ameaça assaz evidente teve todo o seu effeito. Posto

877
Carlos he chamado pelo Papa contra os Sarracenos

que

que a França se visse inundada pelos Normandos, e posto que Carlos não lhes podesse resistir, com tudo sempre o mesmo Carlos emprehendeo de combater os Sarracenos. Apenas tinha chegado o Imperador a Italia, recebeu logo a noticia, que Carlomano seu sobrinho, marchava para lhe tirar a Coroa Imperial. Carlos, vendo-se atreçoado pelos Cavalleiros, fugio, adoeceo, e morreo em huma palhoça, com sincoenta e quatro annos de idade.

Morte de Carlos, na Italia.

Acto capitular por meio do qual se introduz a herança dos feudos

Hum acto capitular do ultimo anno do seu Reinado permite, e dá faculdade para que os Cavalleiros possam transmittir os seus empregos a seus filhos, ou a seus parentes. Esta he huma das origens principaes do governo feudal, que se estabeleceo nas ruinas da dignidade de Rei. Porém tudo, depois da morte de Carlos Magno, caminhava para a anarquia. Trataremos desta materia em as observações geraes no fim da terceira Epoca. Acrecentaremos sómente neste lugar que estando a Nação dividida, os Cavalleiros Seculares formando hum partido e os Ecclesiasticos outro, sem que o Povo tivesse influencia, e sem que a authoridade Real podesse contrabalancear as forças contrarias, era impossivel, que todo o Reino não se destruísse, e arruinasse.

nasse por causa das intestinas discórdias.

C A P I T U L O VII.

*Invasões dos Normandos em França, e em
Inglaterra — Reinado de Alfredo
o Grande.*

ATÉ agora não temos senão indicado as emprezas dos Normandos, cujas piratarías infestavaõ a Europa, e annunciavaõ novas revoluções. Convém formar huma idéa do seu character, e das suas sanguinolentas expedições. Os Póvos da antiga Escandinavia, hoje em dia a Suecia, e a Noruega, a que tambem he necessário accrescentar a Dinamarca, forão chamados Normandos (*homens do Norte.*) Dalli tiraõ a sua origem diversas Nações Germanicas, estabelecidas no Imperio Romano. Estas povoações conservavaõ os costumes dos primeiros Celtas, os mesmos cóstumes dos Scythas, costumes simplicis, crueis, e ferozes, com os quaes sempre forão conquistadores formidaveis. A sua religião era digna de semelhantes costumes. Os Normandos adoravaõ Odino, o Deos Supremo,

Idéa geral
dos Nor-
mandos.

Sua reli-
gião feroz.

A esperan-
ça que os
Norman-
dos tinhão
na outra
vida.

que era nomeado pelos Saxonios Woden. Os mesmos Normandos o descreviao como o *Deos terrivel, o author da despovoação, o Pai da mortandade, o incendiario, &c.* Sacrificavao-lhe humanas victimas; julgava-se, e cria-se que as suas recompensas erao para aquelles que matavao mais guerreiros nos combates; aspirava-se á felicidade de se embebedar com cerveja no seu palacio. As caveiras dos inimigos, que se matassem, erao as preciosas taças que deviao servir para aquelles eternos banquetes.

Atheismo
de todos a-
quelles que
discorriaõ.

Como puderao Nações innumeraveis transformar o Pai da natureza, o ser infinitamente bom, em hum tyranno sanguinario, e destruidor? A razão he porque os homens, quando vivem sepultados na ignorancia, forjaõ para si huma Divindade do seu gosto, a quem attribuem as suas paixões. Se alguem discorria entre aquelles Barbaros, naõ podendo admitir monstros por divindade, e naõ tendo a idéa de hum espirito puro, e infinito, precipitavao-se no Atheismo. Vemos dizer hum guerreiro a Oláo, Rei Christaõ de Suecia, em o undecimo seculo: *Os meus companheiros, e eu, naõ temos confiança senaõ nas nossas forças: esta he a nossa unica religião; isto he segundo o nosso parecer, tudo quanto he necessario.*

O grande principio dos Celtas, e particularmente dos Escandinavos, era que o direito procede da força, e que a victoria prova a justiça. Os Normandos tudo decidiaõ com a guerra; não suspiravaõ senão pelos combates; e corriaõ de huma para outra empreza, a fim de ajuntar, e amontoar despojos. Donde procedêraõ aquellas frequentes emigrações, attribuidas falsamente a huma grande povoação (porque o Paiz estava quasi sem artes, e sem cultura;) emigrações que não procedendo senão da sua atrevida inclinação para o roubo, despovoaõ necessariamente aquellas terras salvagens. (*)

Seus principios; suas emigrações

As fadigas, as feridas, e as armas serviaõ de algum modo de brinco, e de divertimento para a infancia, e para a mocidade. O mesmo nome de medo foi prohibido pronunciar-se em os perigos os mais terriveis. As mulheres, e os homens, todos desprezavaõ a morte. Não sómente sabiaõ os Normandos morrer com intrepidez, mas muitas vezes affectavaõ de o fazer com sinaes de jubilo. A educação,

O seu valor commum ás mulheres.

Desprezo da morte.

N ii

as

(*) Com tudo aquellas terras salvagens deraõ immensas povoações, que invadiraõ huma grande parte da Europa. Não se póde acaso crer que a povoação era favorecida pela aspereza dos costumes?

as preocupações, os costumes, o exemplo, e o habito de soffrer, tudo domava nelles a natureza. Nada lhes faltava mais do que a militar disciplina, para estar certos, e seguros de sujeitar as Nações polidas. Mario, por meio da disciplina militar, tinha triunfado dos Cimbros, visinhos da Escandinavia. Porém no tempo em que fallamos, não havia já Romanos.

Invasões
dos Nor-
mandos,
depois de
Carlos Ma-
gno.

Carlos Magno, estabelecendo huma Marinha, que defendia, e guardava as embocaduras dos rios, prevenio as invasões dos Normandos; que atemorisárao, e aterrárao a França no tempo de Luiz o Benigno, e no tempo de Carlos o Calvo commettêrao horrorosas assolações. As suas frotas compostas de barcos pequenos, e leves, despresando as tempestades do Oceano, penetravao por toda a parte. Viao-se os Normandos chegar ás Costas, e entrar pelo interior das Provincias, sem que nada os podesse suspender. O governo não sabia de nenhum modo acautelar-se, e os Póvos abandonados não conservavao senão o terror.

Suas affo-
lações

Os passos de semelhantes salteadores distinguiao-se por toda a parte, com as cruéis mortandades, e com os incendios. Os Normandos roubavao, juntamente com os seus despojos, os meninos que encon-

tra-

travaõ , dos quaes faziaõ ao depois outros tantos piratas: com o que supriaõ a povoação, Os mesmos Normandos apenas se retiravaõ, voltavaõ logo com novas forças: finalmente Ruaõ foi duas vezes saqueada, e Pariz foi sorprendida, e queimada em 845 pelos Normandos, que pozeraõ a fogo, e a sangue a Aquitania, e outras Provincias, reduzindo o Rei á ultima extremidade.

Carlos, entrincheirado em S. Diniz, quando a sua Capital era victima dos Bar-
 baros, em nada mais cuidava, assim co-
 mo o Povo, do que em salvar as reli-
 quias. O mesmo Carlos em lugar de com-
 bater, comprou, ou julgou comprar a
 paz, por huma quantia de sincoenta e
 quatro quintaes, duas arrobas, e vinte e
 quatro arrateis de prata. Este era o meio
 para dar, e para inspirar aos inimigos a
 vontade de principiar novamente, e em
 breve tempo a guerra. Violar os juramen-
 tos nada lhes custava. Os prodigios que
 os Monges referiraõ depois, lhes eraõ
 pouco persuadivos. Hum Capitaõ Nor-
 mando saqueando a Igreja de S. Germa-
 no foi segundo as Chronicas Monacaes,
 morto de hum modo milagroso, claman-
 do que o Santo á força de golpes o ma-
 tava. Com tudo sempre saqueáraõ, e prin-
 cipalmente as Igrejas.

—
 Paz com-
 prada por
 Carlos o
 Calvo.

Contribuições ordenadas para os Normandos.

Para maior infamia, hindo Carlos o Calvo em soccorro do Papa, no ultimo anno do seu Reinado publicou hum Acto Capitular para regular as contribuições, que se pagariaõ aos Normandos. Semelhante tributo consistia em hum soldo (oitoreís) por cada casa de Cavalheiros; os impostos dos homiens livres, e dos servos, eraõ á proporção; e os Bispos tinham ordem para fazer contribuir os seus Clerigos. Deste modo he que o Rei, e a Nação se sabiaõ defender. Os Sarracenos de Hespanha obráraõ melhor, pois obrigáraõ os piratas que os accommettiaõ, a se retirarem.

A Inglaterra tambem era devastada.

Alfredo occupa o Throno em 871.

Se a Inglaterra experimentou o mesmo flagello, ao menos achou a sua salvação em hum grande Principe. Os Dinamarquezes, no tempo de Ethelwolf, Successor de Egberto, fizeraõ muitas associações, porque o Rei desprezava a vigilancia do governo, por praticas de devoção. Tres filhos seus reináraõ tambem com pouca gloria. Alfredo, seu irmão segundo, homem admiravel no seculo dos horrores, occupou felizmente o Throno em 871. O mesmo Alfredo, armado sempre contra os Dinamarquezes, tinha alcançado diversas victorias contra elles. Porém como novos enxames de piratas vinhaõ continuamente unir-se com os primeiros

meiros, Alfredo vio-se abandonado pelas suas tropas desanimadas; motivo que o obrigou a se disfarçar em saloio, vivendo alguns mezes em casa de hum pastor; ao depois entrincheirou-se Alfredo no centro de huma lagoa, fazendo incursões contra o inimigo, e esperando a occasião de o vencer.

Suas infellicidades.

Finalmente, sabendo Alfredo que os Dinamarquezes foraõ vencidos por hum Cavalheiro Inglez em hum encontro, sahe com semelhante noticia do seu azylo, e fingindo-se tocador de harpa, entra com

Como Alfredo vence, e derrota os Dinamarquezes.

segurança no seu campo, onde os entretém, engana-os, examina tudo, reconhece a sua indisciplina, e a sua céga confiança, fórma o seu plano de ataque, e retira-se para o executar. Alfredo, em breve tempo, manda avisar, e ajunta os seus melhores vassallos; os quaes o julgavaõ morto. Todos concorrêraõ para alistar-se debaixo dos seus estandartes.

Tendo Alfredo vencido os inimigos, pensa em fazer delles outros tantos vassallos; permittindo-lhes hum estabelecimento em Northumberlandia, e na Estanglia, região despovoada, com a condição de abraçarem o Christianismo. Esta branda, e suave politica parece ser a melhor que as circumstancias permittissem. A agricultura, e a Religião podiaõ suavizar os

Alfredo permittelhes o estabelecimento nas Provincias despovoadas.

cos-

costumes dos piratas ; os quaes podiaõ chegar a ser os defensores de hum Estado no qual se achassem permanentes ; e deviaõ amar , e respeitar hum Rei benefico , cujo valor , cujos recursos eraõ por elles conhecidos. Todas as condições foraõ acceitas , e a Inglaterra em fim respirou.

Sabedoria
do seu go-
verno.

O essencial era pievenir novos desastres. Alfredo procurando os meios para isso, os executou. As Praças recuperadas ; huma milicia regular espalhada pelas Provincias ; huma marinha consideravel, formada em muito pouco tempo ; os Ingleses exercitados na navegação , que era por elles desprezada até aquelle tempo ; e hum governo recto , justo, e prudente, que punha toda a sua vigilancia nas necessidades públicas : taes foraõ os primeiros fructos da paz. Estes eraõ os penhores da segurança , e da victoria. Huma terrivel invasão de Dinamarquezes, renovou em 895, as infelicidades da França, mas sendo para Inglaterra huma pequena, e passageira tormenta, desbaratou Alfredo em breve tempo os inimigos.

Suas insti-
tuições pa-
ra a justia,
e para
o socorro.

Consagrou Alfredo o resto do seu Reinado aos trabalhos politicos, dignos do seu genio , e da sua grande alma. Aperfeicoou as Leis, e administrando elle mesmo a justiça , a mandou administar

trar por toda a parte; estabeleceo *jurados* para o exame dos crimes: pela relação destes jurados, *pares* do accusado, he que os Juizes pronunciaõ a sentença. Dividiu o Reino em Condados, e os Condados em *centenas*, *dezenas*, ou em pequenos districtos; de modo que facilmente se mantinhaõ o socego, a boa ordem, a harmonia, e a subordinação. A liberdade pública resultava do imperio das Leis a respeito de cada particular. Queria Alfredo que os Ingleses fossem livres obedecendo ás Leis; e obedecendo-lhes o mesmo Alfredo, reinava por meio dellas. (*)

A sciencia, que illumina a razão para formar os costumes, lhe parece hum dos meios para proprios para fazer felizes os seus vassallos. Acareou os sabios, estabeleceo escólas, fundou a célebre Universidade de Oxford, e recompensou sempre o merecimento. Dava o exemplo do estudo, e escrevia sobre a Moral. As Artes, a agricultura, e o commercio, nada escapou ao zelo activo que o animava. Espalhou todas as sementes da felicidade, e da virtude: as quaes foraõ quasi suffocadas nos seguintes reinados,

por

Excita Alfredo ao estudo, dando o exemplo.

(*) A Inglaterra parece dever os principios da sua constituição a Alfredo.

—
Suamorte.

por causa dos infinitos obstaculos, que infelizmente as impedirão de arraigar-se. Este Rei tão digno de admiração, e talvez superior a Carlos Magno, morreo em 901, com sincoenta e tres annos de idade.

C A P I T U L O VIII.

Decadencia total do Imperio Francez.

—
Luiz o Gago, como sujeito aos seus vassallos.

CALAMIDADES, desordens, e anarquia he tudo quanto nos offerece o continente da Europa. Vemos hum Luiz o Gago, filho de Carlos o Calvo, comprar de algum modo a Coroa, com as condições que os Bispos, e os Cavalleiros se atrevem a impôr-lhe; e só he reconhecido Imperador depois de ter promettido aos primeiros, que o Cléro gozaria dos mesmos bens, e dos mesmos privilegios, de que gozava no tempo de Luiz o Benigno. Semelhante promessa tinha Hincmar de Rheims exigido de Carlos o Calvo. Os Soberanos achavaõ-se reduzidos a tratar com vassallos muito pouco zelosos da Nação.

—
878
João VIII.

Vem João VIII. fazer hum Concilio em Troyes na Champaña, para excom-

mun-

munçar a Lamberto, Duque de Spoleto, e a Adalberto, Duque de Toscana, os quaes accommettiaõ o estado Ecclesiastico. Hum Canon deste Concilio declara: *Que as potencias do mundo não terãõ já mais o atrevimento de se sentarem na presença dos Bispos, se primeiro estes o não ordenarem.* O Papa fugitivo promulga em França Leis geraes, affecta de senhorear os Soberanos, coroa o Rei, e pede trópas sob pena da vingança Divina. Basta indicar semelhantes factos, para que se julgue do estado de huma Monarquia.

A Luiz, o Gago, succedêraõ em 879 Luiz III., e Carlomano, ambos filhos seus, e de sua primeira mulher, que elle tinha repudiado. O Duque Boson, sogro de Carlomano, lhes alcançou a Coroa. Dividindo estes o Imperio, vivêraõ unidos. Mas a Monarquia nem por isso foi menos desmembrada pelos vassallos. Hum Concilio de Manta, do Delfinado, concedeo *por inspiração Divina*, segundo os seus termos, o Reino de Arles, ou de Provença, ao Duque Boson, Cavalleiro ambicioso, industrioso, e cujas intrigas tinhaõ adquirido o favor, e a amizade do Papa, e do Clero, os quaes sem maior trabalho foraõ traidores á Casa de Carlos Magno. A Italia estava debaixo do poder de Carlomano, Rei de Baviera, o qual

posto que fugitivo, vein mandar, e governar em França,

—————
Boson, feito Rei de Provença por hum Concilio.

—————
Desmembramentos

qual obrigou tambem a que lhe cedessem huma parte da Lorena. Já a maior parte das terras eraõ possuidas pelos Cavalleiros; e hum Rei de França pouco, ou nada possuia.

884
O Imperador Carlos
o Gordo, eleito Rei
de França.

Despojados deste modo, e mórto
ambos os filhos de Luiz o Gago, Carlos, seu irmão, intitulado depois o Simples, devia ser seu Successor pelo direito do nascimento. Porém como não tinha mais de sinco annos, e era necessario hum Rei capaz de resistir aos inimigos, elegêraõ Carlos o Gordo, filho de Luiz o Germanico, já Imperador, e herdeiro de ambos os seus irmãos. Carlos, o Gordo, unio a si todo o Imperio Francez, excepto o Reino do usurpador Boson. Semelhante Imperio era muito vasto para hum Chefe sem engenho, e sem valor.

Os Normãdos irritados por causa da sua cobardia, e da sua perfidia.

Carlos, comprando a retirada dos Normandos, cujo furor tambem Alemanha experimentava, tinha-se deshonrado. O mesmo Carlos depois de ter cedido aos Normandos a Frisa, e depois de lhes ter promettido hum tributo, os irritou por meio de huma perfidia, ao mesmo tempo que lhes parecia despresivel por causa da sua cobardia. Mais furiosos os Normandos do que nunca, accommettêraõ a França, penetráraõ até Pontoise, e depois de queimar esta Cidade sitiáraõ Paris.

Es-

Este sitio he célebre na nossa Historia. De huma, e outra parte, fizeram todos grandes prodigios. Eudes, ⁸⁸⁶ Conde de Pariz, a quem veremos occupar o throno, Roberto, seu irmão, o Bispo Goslin, e depois o Bispo Anscherico, e o Abbade Eble, sobrinho de Goslin, distinguirão-se especialmente pelo seu patriotismo, e sua valentia. Os sitiados defendendo-se, havia mais de humano; Carlos o Gordo não apparecia nunca.

Famoso sitio de Pariz

Carlos, sendo chamado para socorrer a sua Capital, chega em fim com hum exercito numeroso; e seguiu quasi da victoria, não se atreve a combater; prefere antes huma ignominiosa negociação, obriga-se a pagar aos inimigos huma grande somma de dinheiro, e lhes permite de ir esperar o pagamento em Borgonha, isto he, de continuar as suas assolações.

Carlos faz retirar os inimigos á força de dinheiro.

Tendo os Normandos feito huma cavalharice do Mosteiro de S. Germano, tinhaõ tambem pedido aos Monges mil e quatrocentos marcos de prata, a fim de se resgatarem do incendio. Os Monges attribuirão depois ao Santo o livramento de Pariz.

Igreja de S. Germano, saqueada.

Todos os Póvos do dominio Fran-

⁸⁸⁸ cez Rebelliões

contraCar-
 los.

—————
 EmAlema-
 nha.

—————
 Em Italia.

—————
 EmFrança.

—————
 Eudes elei-
 to Rei.

vez indignados do infame procedimento do Imperador, não respiravaõ senão rebelliaõ. Os Allemães foraõ os primeiros que se subleváraõ. Carlos querendo abolir a herança dos feudos, tinha attrahido a si o odio dos Cavalleiros; além do odio que os Prelados lhe tinhaõ, por fazer o processo a Luitwardo, Bispo de Verceil, seu primeiro Ministro, accusado de hum Commercio criminoso com a Imperatriz. Luitwardo excita os descontentes. O Imperador depois de ser deposto em huma dieta, vê-se reduzido a viver das liberalidades do Bispo de Moguncia. Arnoul, filho bastardo de Carlomano, Rei de Baviera, he eleito para seu Successor. A Italia sujeita-se a Berenger, Duque de Friul, e a Gui, Duque de Spoleto, ambos descendentes da casa de França por suas Mães: e sendo ambos antecedentemente amigos, fizeraõ-se competidores, e armáraõ-se para destruir, e arruinar a Italia. O Conde Eudes, que tinha salvado Pariz, e cujo Pai, Roberto o Forte, Duque de França, tinha tambem sido hum heroe, Eudes he eleito Rei: porém parece que Eudes acceitára sómente a Corõa como tutor de Carlos o Simples. Estes homens grandes são os antepassados de Hugo Capeto, em quem principiará a terceira geraçaõ.

No-

Novos desmembramentos, além das continuadas usurpações dos Cavalleiros, enfraquecêraõ, e debilitáraõ a França, apezar do valor, e dos talentos do famoso Eudes. Tendo-se levantado hum partido a favor do herdeiro legitimo, Eudes cedeo-lhe huma porção do Reino. O Conde Raoul, ou Rodolfo estabeleceo-se Rei da Borgonha Transjurana, que comprehendia Bugei, Saboia, Genebra, e huma parte da Suissa. Chamava-se Borgonha Cisjurana (relativamente ao monte Jura) o Reino de Arles, do qual era seguro possuidor o filho de Boson, por hum Concilio, do mesmo modo que o Pai o era tambem por outro Concilio. Se a historia abraçasse as individuações do que a violencia, e o artificio produziráõ por toda a parte na anarquia, chegaria a ser hum cáhos. Nenhuma outra cousa se via senaõ feudos desunidos da Coroa.

Eudes divi-
de o Reino
com Carlos
o Simples.

Reino de
Borgonha
Transjura-
na.

Eudes morreo em 898, sem ter podido dar remedio ás chagas do Estado. Carlos o Simples, muito digno do seu sobrenome, não podia deixar de as augmentar por causa da sua frouxidão. Os Cavalleiros, aspirando todos á independencia, irritáraõ-se huns contra os outros. Os Normandos aproveitáraõ-se da

912
Carlos o
Simplesce-
de aos Nor-
mandos.

Rollon ,
Duque de
Norman-
dia.

ocasião para o seu estabelecimento. Rollon, hum dos seus mais illustres Chéfes, depois de ter sido o terror da Inglaterra, chega a tomar a Cidade de Ruaão, da qual faz huma Praça de armas. O mesmo Rollon faz-se tão formidavel, que o Rei manda-lhe offerecer sua filha em casamento, juntamente com a região maritima, que os piratas despovoavaõ. Hum Bispo encarregado da negociação, requer unicamente que o Normando abraçe o Christianismo, e para o obrigar a este fim prega-lhe a respeito do Inferno, e do Paraizo. Rollon decide-se por causa do interesse, e depois de ter consultado os seus soldados, que pouco se embaraçavaõ da religião, promette de concluir, com tanto que tambem lhe cedaõ a Bretanha, até que a outra Provincia esteja cultivada. Depois de se consentir em tudo, Rollon dá homenagem á Coroa, mais como Conquistador, do que como vassallo.

Rollon cõ-
tribue para
a felicidade
dos seus
vassallos.

Este guerreiro merecia bem fundar hum estado. A Normandia, que tomou o seu nome dos piratas, chegou a ser feliz, e florecente com as suas Leis. Rollon domou a ferocidade do seu Povo, ao roubo fez succeder a agricultura, em huma palavra, reprimio inteiramente o rou-

roubo entre os Barbaros acostumados a viver de rapinas. Taõ grande he o poder, que as Leis tem, quando a agricultura inspira o gosto da sociedade! Deste modo he que os destruidores do Imperio Romano tinhaõ ao principio estabelecido o seu poder.

O mentecapto Carlos, governado por Haganon, ministro odioso, foi o ludibrio assim dos Cavalleiros, como dos Normandos. Roberto, irmão do Rei Eudes, formou huma conspiraçãõ. Carlos, em lugar de ajuntar forças, recorreo a hum Concilio, mandando já anteceden-
 temente excommungar todos aquelles, que se soblevassem. A rebelliãõ, por algum tempo suspensa, manifestou-se em 922. Sendo Carlos obrigado a despedir o seu Ministro, promettêraõ-lhe debaixo desta condiçãõ, de lhe obedecerem ainda hum anno. Porém no fim de sete mezes, o Arcebispo de Rheims, que lhe tinha da-
 do azylo na sua Diocese, sendo-lhe traidor, cõroou a Roberto, o qual morreo em huma batalha. Hugo o Grande, ou o Abbade, seu filho, podia senhorear-se da Coroa, porém preferio antes polla na cabeça de Raoul, Duque de Borgonha. O novo Rei, prodigo em distribuir os seus dominios attrahio a si a paixãõ, e o amor dos Grandes.

Rebelliãõ
cõtra o Rei.
Carlos.

Carlos he
despojado
dos seus
Estados, e
privado do
Throno.

929
Carlos
morre na
prisaõ.

Herberto, Conde de Vermandois, tendo mandado buscar a Carlos o Simples, com o pretexto de o defender, o prendeo: deo-lhe porém depois a liberdade: mas para lhe ser ainda traidor, em premio do Condado de Laon, que Rabul lhe abandonou. No mesmo anno morreo Carlos na prisaõ.

Revolu-
ções em
Italia.

No tempo do seu deploravel Reinado, perdeu a Casa de França a Alemanha juntamente com o Imperio. O Papa Estevão VI. tinha coroado Imperador a Gui, Duque de Spoleto, inimigo de Berenger, e depois a Lamberto, filho daquelle Duque ambicioso. O Papa Formoso tinha coroado a Arnoul, filho bastardo de Carlomano, depois de o ter obrigado a senhorear-se de Roma. Luiz IV., filho de Arnoul, menino de sete annos, tinha-lhe succedido no Reino de Alemanha. Outro Luiz, Rei de Arles, filho do usurpador Boson, tinha alcançado a Coroa Imperial por meio de Bento IV. Porém sendo sorprendido em Verona por Berenger, o qual lhe mandou tirar os olhos, Berenger tinha occupado novamente o Throno de Italia. Estas revoluções annunciavaõ outras maiores.

A casa de
França não
reina mais
em Alema-
nha.

Por morte de Luiz IV., em 911, a Alemanha pertencia de direito a Carlos o Simples. Os Alemães o desprezavaõ muito

to para o reconhecer, e a sua mesma cobardia não lhe permittio de reclamar a successão. Os Estados elegêraõ por hum unanime consentimento a Otton, Duque de Saxonia, o qual rejeitando a Coroa por causa da sua velhice, propoz Conrado, Duque de Franconia. Conrado foi Rei de Alemanha, pelos votos da Nação. Berenger, Rei de Italia, foi coroado Imperador em 916, pelo Papa João X. Deste modo perdia a geração de Carlos Magno successivamente todos os fructos da politica, e das victorias deste heroe, porque nenhum dos seus successores se tinha mostrado digno de ser seu descendente.

Conrado,
Duque de
Franconia,
Rei por es-
leição.

Hum flagello imprevisto renovou os horrores com que a Europa gemia havia tanto tempo. O Imperador Arnoul tinha chamado para o soccorrer, contra hum Rei de Moravia, os Hunos, ou Hungaros, e tinha destruido trincheiras edificadas por Carlos Magno, pela Costa do Raab, a fim de suspender as suas invasões. Os Hungaros, tão ferozes como os seus antepassados, foraõ em breve tempo os destruidores daquelles, que tinhaõ vindo soccorrer. Os mesmos Hungaros desde o anno 901, assoláraõ a Baviera, a Suabia, e a Franconia. Toda a Alemanha vio-se depois exposta ao seu

Assolações
dos Hunos
ou Hunga-
ros.

avido furor. Luiz IV. tendo-se sujeitado a hum tributo annual a fim de se livrar dos Hungaros, elles cahirão sobre a Italia, e muitas vezes a saqueárao ; tambem despovoárao a Alemanha, no tempo de Conrado I. , que se obrigou do mesmo modo ao tributo, e penetrárao até á Lorena, e ao Languedoc, saqueando as terras, matando cruelmente os homens, não respeitando cousa alguma.

Fanatismo
juntamente
com as
infelici-
dades.

Não nos devemos admirar se o fanatismo se originou de tantas, e tão grandes infelidades. Todos viao chegar o fim do mundo. Todos despojavao-se dos seus bens a favor das Igrejas, e dos Mosteiros. As desordens multiplicavao-se entre o Povo, no Clero, na nobreza, e nos governos. A sem razao, e a mais profunda ignorancia, caracterisaõ o decimo seculo: o qual consequentemente tambem era o seculo dos crimes, porque não havia freio algum para as paixões.

936
O Rei Luiz
de Ultra-
mar prisio-
neiro de
Hugo o
Grande

Depois da morte de Raoul, Hugo o Grande, que possuia diversas, e ricas Abbadias juntamente com o Condado de Paris, e com os Ducados de França, e de Borgonha, desprezando ainda o titulo de Rei, ou receando de o parecer usurpar, chamou a Luiz de Ultramar, filho de Carlos o Simples, refugiado em Inglaterra, para onde sua Mãe o tinha con-

conduzido no tempo das perturbações. Este Rei não foi Rei senão no nome, assim como outros muitos também o foram. Querendo Luiz governar, Hugo chegou então a ser seu inimigo, prendeu-o, e não lhe deu a liberdade senão com a condição de lhe ceder o Condado de Laon, ao qual se reduzia quasi todo o dominio.

Otton I. de Saxonia, Rei de Alemanha, depois de Henrique o Passarinheiro, seu Pai, foi o medianoiro da paz, entre o Soberano, e o vassallo. Hugo tinha sido excommungado por Concilios, e pelo mesmo Papa. Luiz tinha sido soccorrido por hum exercito dos Bispos Lorenezes. Muitos annos também se tinhaõ combatido, a respeito do Arcebispado de Rheims, que o Conde de Vermandois tinha mandado dar a seu filho, de cinco annos de idade, a fim de elle mesmo o possuir em nome do filho. A historia nada mais offerece senão huma serie desforme de extravagancias, e de roubos.

Luiz de Ultramar, morrendo deixou a Lothario seu filho huma sombra de Dignidade de Rei; ou para melhor dizer, Hugo o Grande consentio em lhe conceder o titulo, conservando o poder. Este Cavalleiro, tão formidavel, como os antigos Maires, morreo dous annos depois.

Singularidades deploraveis.

954
Lothario
successor
de Luiz.

Lothario
perdeu o
Reino de
Lorena.

pois. Hugo Capeto, seu filho, herdou assim as suas Abbadias, como as suas dignidades, e o seu poder. Lothario sendo dotado de actividade, e de valor, emprehendo recuperar a Lorena, da qual os Alemães se tinhaõ senhoreado. Observe-mos antecedentemente neste lugar, que o Imperador Otton II. teve a industria de lhe oppor hum competidor, cedendo a Lorena inferior a Carlos, irmão do Rei, que a recebeo a titulo de vassallo. Descontente o Rei de semelhante tratado, accommetteo a Lorena, surpredeu o Imperador, e o obrigou a fugir. Foi Lothario tambem derrotado; e ainda foi outra vez vencedor. Finalmente Lothario renunciou o Reino de Lorena, que ficou dividido entre Otton, e o Principe Carlos. A fortuna dos Ottons faz E'poca, e merece a nossa attençaõ.

TERCEIRA ÉPOCA.

OTTON O GRANDE.

O IMPERIO TRANSFERIDO AOS ALEMAES. --- A FRANÇA SUJEITA AOS CAPETOS.

Desde o meio do decimo século até ao tempo do Gregorio VII.

CAPITULO I.

A Casa de Saxonia chega a alcançar a dignidade de Rei, e o Imperio. --- Reinados dos Ottons.

HUMA Potencia formidavel tendo-se exaltado em Alemanha, tinha reunido a dignidade Imperial juntamente com a dignidade de Rei. Este he o lugar, em que se deve considerar esta nova revolução. Conrado, Duque de Franconia, foi eleito Rei, como já fica dito, por conselho, e por causa da negativa do Duque de Saxonia. Conrado morreo sem filhos varões em 919, depois de ter designado para Successor dos seus Estados, a Henrique, filho do Duque Otton, ao qual era de- Henrique o Passari-nheiro, Duque de Saxonia, Rei eleito pelos Estados.

devedor da sua Coroa. Os Estados compostos *do Cléro, da principal nobreza, e dos principaes do exercito*, elegêrão effectivamente a Henrique o Passarinheiro. Chamavaõ-lhe Passarinheiro porque divertia-se com a caça dos passáros. Este Principe valente, sabio, e prudente sujeitou vassallos rebeldes, disciplinou as tropas, edificou fortalezas, e Cidades, recusou o tributo aos Hungaros, venceo-os, e pôz em segurança o seu Reino.

Henrique
qualifica-se
approvado
de Roma,
posto que
as tropas o
tivessem
nomeado
Imperador

Naõ vemos que Henrique já mais se intitulasse Imperador, posto que este titulo lhe fosse conferido pelas suas tropas. Vemos que em hum acto de 932, Henrique qualifica-se sómente, *approvado de Roma*; isto he, defensor do temporal da Igreja Romana: qualidade que indicava ordinariamente qualquer official da Igreja.

Otton I. o
maiorPrin-
cipe do seu
seculo.

Otton I., seu filho, lhe succede em 936, pela eleição dos Estados. Otton triunfa de muito rebeldes; sujeita ao tributo a Dinamarca, e a Bohemia; e chega a ser o maior Principe do seu seculo.

Revolu-
ções, e per-
tubações
em Italia.

A Italia dividida por tyrannos desunidos, arruinada, e destruida por causa de partidos, e guerras continuadas, e sempre exposta ás assolacões dos Sarracenos, que occupavaõ huma parte della, era huma das Províncias as mais infelizes

zes da Europa. Raoul, ou Rodolfo II, Rei de ambas as Borgonhas Transjurana, e Cisjurana, tendo privado do Throno a Berenger, tinha sido privado do Throno por Hugo, Marquez de Provença, cujo filho Lothario foi do mesmo modo privado do Throno por Berenger II.

Os Italianos não se contentando já mais com o seu Rei, viaõ sempre augmentar cada vez mais as suas infellicidades por causa da mudança. As divisões foraõ fomentadas por alguns Papas escandalosos, entregues a mulheres impudicas. Os estrangeiros eraõ chamados para Italia; procurava-se de algum modo o jugo, a fim de se livrarem dos oppressores; arrependendo-se, e não querendo obedecer, sempre elegiaõ Reis casualmente. Ordinariamente saõ as revoluções os fructos da discordia. Os Alemães alcançaraõ o Imperio por causa destas perturbações.

Otton passa em 952 para Italia, para onde o chamava Adelaida, viuva do Rei Lothario, que Berenger II. tinha cativa, e preza em hum castello. Otton dando a liberdade a esta Princeza, casa com ella: recebe depois o juramento de Berenger, deixa-lhe o Reino, e parte para Alemanha a fim de reprimir rebeldes. Roma tendo-lhe fechado as suas

pór-

A mudan-
ça de Se-
nhor lhes
era gostosa

Otton dei-
xa o Reino
de Italia a
Berenger
II.

pórtas, estas lhe foraõ abertas alguns annos depois, por hum Papa.

961
 Joaõ XII. chama novamente a Otton em seu soccorro contra Berenger.

Joaõ XII. tinha sido collocado na Santa Sé, na idade de dezoito annos. Este Papa, neto da célebre Marosia, concubina de Sergio III., pussia além dos costumes corruptos do seu seculo hum character atrevido, e confiado. Excitando a tyrannia de Berenger, e de Adalberto, seu filho, por toda a parte o espirito de rebelliaõ, conjura este Pontifice a Otton, *para que venha pelo amor de Deos, e dos Santos Apostolos livrar a Igreja Romana das garras de dous monstros, que a despedaçavaõ.* O Rei de Alemanha cendescende com os seus rógos. Berenger, e seu filho

Otton he coroadado Rei, e Imperador.

sendo depostos, Otton he coroadado em Milaõ, Rei de Italia, e sendo o mesmo Otton no anno seguinte coroadado Imperador em Roma por Joaõ XII., confirma as doações dos Principes Francezes, taõ interessantes para a dignidade Papal.

Otton atreçoado pelo Papa.

Esquecendo-se o Papa em breve tempo dos seus empenhos, e unido com Adalberto contra o Imperador, ajunta tambem trópas. Mas vendo-se muito fraco para resistir, foge. Os Romanos daõ hum novo juramento de fidelidade, pelo qual se obrigaõ a naõ eleger, nem a consagrar Papa algum sem o consentimento do Imperador, ou de seu filho.

Hum

Hum Concilio faz o processo a Joaõ, accusado de crimes enormes. Joaõ duas vezes he citado, e nenhuma outra resposta se recebe delle senaõ ameaços de excommunhaõ. Finalmente depondo-se a Joaõ, elege-se a Leaõ VIII., simples leigo, porém homem virtuoso. O Pontifice deposto naõ perde o animo; contribue para que os Romanos se sublevem; entra na Cidade, e ajunta hum Concilio no qual Leaõ tambem he deposto. A sedição naõ se extinguiu com a morte subita de Joaõ XII. Bento V. foi eleito para o substituir; porque os Romanos naõ pensavaõ já mais no seu juramento. Este Povo, conforme Luitprando, Bispo de Cremona, Lombardo de origem, e author contemporaneo, era taõ desprezado naquelle tempo, posto que sempre taõ altivo, que bastava sómente o nome de Romano para indicar hum homem perfido, cobarde, e infame.

Joaõ, deposto, author da rebelliaõ dos Romanos.

Idéa, que havia de semelhante Povo.

Tanta audacia contra hum grande Principe teve o mesmo effeito, que tem as emprezas insensatas. Otton, que tinha ultimamente preso a Berenger em Montefeltro, põe Roma em sitio, reduzindo-a á ultima extremidade. Os Romanos, sujeitando-se alcançaõ o perdaõ. Bento comparcendo na presença de hum Concilio, confessa-se culpado, e despoja-se dos ha-

964
Roma subjugada por Otton I.

bi-

Decreto fa-
moso de
Leão VIII.

bitos Pontificaes. Leão VIII., junto com *todo o Cléro, e com todo o Povo Romano*, publica hum Decreto celebre, que he considerado como Lei fundamental do Imperio, declarando: « Que Otton, e os » seus Successores do Reino de Italia, » terão o poder perpetuo para eleger » hum Successor, para nomear o Papa, » e para dar investidura aos Bispos. »

Se aquelle
Decreto he
falso.

Muratori, e outros duvidarão da probabilidade deste Decreto, que se acha por extracto em Graciano. Porém observa-se que a sua forma pôde ser falsa, sem que seja menos verdadeiro o seu fundamentô, pois que Luitprando refere o facto conforme ao mesmo acto. « A » Collecção de Goldasto, diz M. Pfeffel, » está cheia de Leis, e de Constituições » semelhantes, que em parte são verda- » deiras, e que todavia são impostu- » ras. »

Nova re-
bellião dos
Romanos
castigada.

Apenas o Imperador tinha-se ausentado de Italia, quando os Romanos, por meio de hum novo attentado, expulsarão a João XIII., eleito na presença dos Commissários Imperiaes, depois da morte de Leão VIII. Otton, justamente irritado, vindo pela quarta vez para o seu reino, castiga severamente os sediciosos: desterra os Consules, manda prender os Tribunos, e ordena que o Prefeito de

Ro-

Roma seja açoutado pelas ruas. Vemos que as antigas dignidades subsistiaõ ainda sómente no nome, alimento vaõ do orgulho de hum Povo taõ cobarde como turbulento.

O Imperador Grego, Niceforo, tendo reconhecido a dignidade Imperial de Otton, e tendo desposado sua filha com o filho deste Principe, com tudo mandou assassinar os Embaixadores, que deviaõ conduzir a Princeza. Ateou-se a guerra. Os Alemães accommettêraõ a Apulia, e a Calabria. Ficando vencido hum exercito Grego, foraõ mandados os prisioneiros para Constantinopla, com o nariz cortado. Niceforo tendo sido morto pelos seus vassallos, Joaõ Zimiscés, seu Successor, concluiu a paz com Otton, cedendo-lhe a soberania de Capua. Otton morreo em 973. N titulo de Grande naõ era para Otton huma homenagem da lisonja, mais hum dom do seu merecimento.

969
Guerra de
Otton com
os Gregos.

Imitador Otton de Carlos Magno nas suas emprezas, amou, como Carlos, as letras; e Bruno, Arcebispo de Colonia, seu irmaõ, inspirou-lhe o gosto de huma especie de Academia. Otton, semelhante a Carlos Magno, foi excessivo na conversação dos Barbaros, que pretendia sujeitar, fundando varios Bispados no Nórte,

Otton imitava a Carlos Magno.

———
 Otton fez
 o Clero
 muito po-
 derofo.

te, onde o Christianismo estendia já os seus ramos. O mesmo Otton, ou por devoção da móda, ou por má politica, deo grande poder ao Cléro de Alemanha, conferindo-lhe Ducados, e Condados, com os mesmos privilegios, e direitos dos outros Cavalleiros, ou Principes. Porém Otton, a fim de contrabalancear este poder, estabeleceo *approvados*, por nomeação do Imperador, os quaes devião dividir o governo com os Prelados. Os Prelados livrar-se-hão em breve tempo destes *approvados*. Otton, assim como Carlos Magno, ou não previo sufficientemente o futuro, ou deixou-se conduzir pelas circumstancias.

———
 Herança
 dos feudos
 estabeleci-
 da.

A herança dos feudos, outro principio de desordens, estabeleceo-se quasi geralmente em Alemanha. O Imperador ordenou que se decidisse por meio do duelo, huma das grandes questões, que poderião excitar a sagacidade dos Jurisconsultos; tratava-se de saber, se a representação devia ter lugar em linha recta; se por exemplo hum neto, representando o filho, devia succeder em preferencia a seus tios. O direito dos sobri-

———
 Direito de
 representa-
 ção.

———
 O duelo
 decide.

nhos prevaleceo, porque o seu campeão foi vencedor: a Lei sempre subsiste. Em o seguinte Reinado, foi ordenado em huma dieta, que as causas duvidosas

sas

sas, não seriaõ mais decididas por meio de juramento, mas sim por meio do due-lo. Ao menos os cobardes perdêraõ a vantagem, que podiaõ tirar do perjuro.

Otton II., tendo sómente dezoito annos de idade, succedêo a seu pai, que o tinha feito eleger desde 961; providencia necessaria para segurar a Coroa em huma familia. A sua mocidade deo occasiaõ a infinitas perturbações, que elle mesmo teve a força de dissipar. Roma, por meio de novos crimes, abriu hum Theatro, no qual administrou Otton a sua justiça. Crescencio, ou Cincio, filho da impudica Theodora, que se diz ter sido concubina de Joaõ X., tendo formado o projecto de restabelecer a Repúbliça Romana, sublevou o Povo, e fez morrer n'huma prisaõ o Papa Benedicto VI., a quem os sediciosos deraõ para successor Benedicto VII. Bonifacio VII. foi eleito por outro partido, e outro partido houve, que elegeo Joaõ XIV., do qual Bonifacio foi homicida. Estes horrores eraõ taõ frequentes, e taõ rápidos que os Historiadores não concordão entre si nem a respeito dos nomes, nem a respeito das datas. O Papa de huns he o Anti-Papa dos outros.

972
Otton II.

Perturbações de Roma.

Papas, e Anti-Papas em grande número.

Em a ultima E'poca fallámos da guerra de França a respeito do Reino de

O Imperador morre em Italia.

de Lorena, que Otton dividio politicamente com o irmão do Rei Lothario. Acabada esta guerra, chega o Imperador a Roma, e reprime os sediciosos. Pretendendo depois Otton tomar a Calabria aos Gregos, os Sarracenos, alliados naquella occasião dos mesmos Gregos, derrotárao todo o seu exercito. O Imperador morreo em Roma, onde fazia novos preparos.

983
Crescencio
renova em
Roma as
soble-
va-
ções.

Otton III., seu filho, já eleito, succede-lhe na idade de tres annos. A avó, e a mãe do Imperador menino disputandò entre si a authoridade, huma ré-gencia tumultuosa perturba a Alemanha. Os partidos, e os escandalos renascêrao em breve tempo em Roma, onde Crescencio pôz tudo em fogo por causa do seu fanatismo da liberdade. João XV., chamando o Imperador em seu soccorro, Otton appareceo em Italia em 996. O mesmo Otton, sendo morto o Papa, substituiu-lhe Gregorio V. fazendo-se co-roar pelas suas mãos. Gregorio era pa-rente chegado do Imperador. Crescencio não deixando de o expulsar, estabeleceo outro Pontifice, com o nome de João XVI., e persuadio ainda aos Romanos que estavao livres.

Crescencio
castigado.

Porém Otton entra em Roma em 998, põe sitio ao Castello de Santo An-ge-

gelo, onde o rebelde se tinha encerra- finalmente
do, toma-o por assalto, ou conforme os ^{por Otton}
Authores Italianos, entra nelle por capi- III.
tulação, e manda em fim cortar a cabe-
ça a Crescencio. Os Romanos tinhaõ ti-
rado os olhos ao seu Anti-Papa. Grego-
rio V. foi taõ excessivo na sua vingança,
que chegou a mandar que o levassem pelas
ruas montado sobre hum jumento, cuja
cauda lhe servia de freio. Depois de hu-
ma acção semelhante, julgue cada qual
dos costumes públicos pelos costumes dos
Chefes da Religião, que infelizmente ar-
rastados pela torrente destes perversos
costumes, lhe ajuntavaõ a força de hum
exemplo contagioso.

Neste lugar andamos por entre os
abrolhos da historia. Os objectos confun- ^{Esterilida-}
dem-se, parecem-se, e não offerecem ^{de da his-}
quasi individuação alguma interessante. ^{toria.}
Razão por que nos vemos obrigados a
indicar sómente os factos principaes, até
que mais agradavelmente se possaõ desen-
volver as materias. Estes primeiros passos
são necessarios para entrar pelos campos
ricos, e ferteis por causa da cultura.
Sempre adiantando-nos acharemos alguns
fructos para colher; por onde conhece-
remos que as individuações chegarão a
ser uteis.

CAPITULO II.

Hugo Capeto priva do Throno em França a Casa de Carlos Magno. --- Roberto. --- Philippe I.

AO mesmo tempo que a Casa de Saxonia possuia a Alemanha, e a Italia, desmembradas do Imperio Francez, a Casa de Carlos Magno perdeu a Coroa de França, que não era mais do que quasi hum titulo sem realidade. Luiz V., filho do Rei Lothario, pouco tempo sobreviveo á morte de seu Pai. Hugo Capeto, tão illustre pelo seu merecimento, como pelo seu nascimento, e pelo seu poder, aproveitou-se da occasião para se apropriar daquella mesma Coroa, que cingio a cabeça de Roberto seu avô, e de Eudes seu tio. A Coroa de França pertencia pelo direito do sangue a Carlos, Duque de Lorena, irmão de Lothario. A qualidade de vassallo do Imperador pareceo ser hum titulo legitimo para o excluir da mesma Coroa. Carlos foi desacreditado como cobarde, indigno do seu sangue, e traidor á sua mesma Patria.

Hu-

Hugo, renunciando ás Abbadias, que tinha herdado de seu Pai, obteve o favor, e a protecção do Clero, e dos Monjes. Huma grande devoção verdadeira, ou apparente, para as reliquias, lhe attrahia os seus votos, e a veneração do Povo. São Riquier, de quem se diz trouxe Hugo descalço o Cofre de suas Reliquias, era citado, como tendo-lhe promettido a Coroa; e semelhante noticia, espalhada a tempo, lhe preparava o seu caminho. Finalmente a industria, e a força ambas contribuirão para o feliz exito da sua ambição. Hugo fez-se reconhecer em huma assembléa nacional; fez-se sagrar em Rheims, e teve a providencia de se associar com Roberto, seu filho. Carlos, por meio da traição do Arcebispo Arnoul, seu Tio, entrou no Reino, senhoreou-se primeiramente de Laon, e depois de Rheims. Porém sendo o mesmo Carlos atreído pelo Bispo de Laon, e cahindo nas mãos do seu competidor, morreo prisioneiro, em 992.

Como Hugo tinha adquirido o favor do Clero, e dos Monjes.

Hugo he sagrado cõ prejuizo de Carlos Duque de Lorena.

O processo de Arnoul de Rheims, tão ingrato para com o seu bemfeitor, para com hum Rei, por elle reconhecido, e a quem já tinha dado juramento, foi hum grande negocio de Estado. Ajunta-se hum Concilio a fim de o senten-

Processo de Arnoul de Rheims, traidor ao Rei.

Disputas a
respeito da
jurisdição
do Papa.

tenciar. Os seus sequazes sustentão que sua causa deve ir a Roma. Arnoul de Orleans, hum dos Bispos mais respeitaveis do Reino, prova o contrario: e depois de descrever fortemente os escandalos, com que a Santa Sé se tinha deshonrado, diz: *Se o Papa for recommendavel pela sua sciencia, e pela sua virtude, nada temos que recear da sua parte, e se pelo contrario se apartar do bom caminho ou por ignorancia, ou por paixão, muito menos o devemos nós temer.* Finalmente decidio-se que o Coneilio podia sentenciar. O mesmo Rei veio em pessoa para proseguir com actividade a sentença. O culpado lançando-se humildemente aos seus pés, e despojando-se dos distinctivos da sua dignidade passou o seu acto de demissão. Hugo prometteo-lhe a conservação da vida, se não commettesse outro qualquer novo crime digno de ser *castigado com o alfange.* O famoso Gerberto substituiu o lugar de Arnoul de Rheims.

Gerberto
Arcebispo
de Rheims.

Gerberto, homem humilde, exaltado por causa do seu engenho, tinha sido Monge em Aurilhac. Vendo-se exposto ao odio invejoso dos outros Monges que despresava, tinha-se retirado para Hespanha, onde tinha estudado a sciencia dos Arabicos. Como Mathematico, e Filosofo, era tido, e havido entre o

Po-

Povo por Feiticeiro. Porém tendo o mesmo Gerberto praticado, e communicado com as Cortes, chegando a ser Mestre de Otton III., e depois de Roberto, filho de Hugo Capeto; o Rei não o podia recompensar melhor, senão dando-lhe a cadeira de Rheims.

Vivia Gerberto muito exposto por causa da sua fortuna, e merecimento. Alguns Bispos invejosos escreverão a João XV., que a deposição de Arnoul, era nula por ter sido feita sem o consentimento do Papa. Esta razão pareceo decisiva. Apezar das respeitosas demonstrações do Rei, não duvidou o Papa João de censurar, e prohibir as funcções de todos os Prelados do Concilio. Gerberto em semelhante occasião, entregando-se á viveza natural do seu engenho, invectivou contra o Soberano Pontifice, em huma Carta dirigida ao Arcebispo de Sens. « Não demos motivo aos nossos adversarios, diz Gerberto, para crer, que o Sacerdocio esteja de tal modo sujeito a hum só, que se acaso este homem deixar-se corromper, ou enganar por meio do dinheiro, e do favor, e temor, ou da ignorancia, não se possa mais ser Bispo sem empregar com a sua pessoa semelhantes meios. » O poder de João XV. foi maior. A Corte não o que-
ria

João XV.
pretende
depor a
Gerberto.

Sua carta
contra o
Papa.

Gerberto, deposto. ria irritar, porque tambem não approvava o matrimonio do Rei Roberto com Bertha. Hum Legado veio da sua parte dar ordens, e fazer Concilios. Arnoul foi restabelecido, e Gerberto deposto. Porém o primeiro ficou prezo até a morte de Hugo Capeto, e o segundo, achado que tivesseazylo em Otton III., seu discipulo, chegou a ser Arcebispo de Ravenna, e depois Papa com o nome de Silvestre II.

996
Gregorio V. annulla o matrimonio do Rei Roberto.

Tanto que Roberto succedeo a seu Pai, vio-se logo exposto ás emprezas da Corte de Roma, pois além de hum character frouxo, tinha huma devoção escrupulosa, e pouco illuminada. A Igreja tinha prohibido os matrimonios dos parentes até ao setimo gráo. Roberto era parente de Bertha, sua amada esposa, em quarto gráo. Vários Bispos tinhaõ authorisado o seu matrimonio. Gregorio V. emprehende annullallo, e em hum Concilio de Roma, sem exame da causa, e sem ouvir as partes, com a maior, e mais despotica authoridade, publica hum Decreto fulminante, por meio do qual ordena ao Rei, e á Rainha que se separem sob pena de excommunhaõ, e por meio do qual se achaõ tambem interdictos todos os Bispos complices do seu preten-

tendido crime, até que venhão dar satisfação á Santa Sé.

Detido Roberto, por causa da ternura conjugal, não sendo muito prompto em obedecer, consentio, e soffreo a excommunhão. Segundo a relação do Cardeal Pedro Damiaão, os Cortezãos evitáraão toda a communicacão com Roberto; ficáraão-lhe sómente para o servir dous domésticos, cuja superstição chegava até purificar por meio do fogo a baixella, com que á meza se servia. Acrescenta mais o mesmo author crédulo, que a Rainha paríra hum monstro com pescoço, e cabeça de ganço: castigo evidente do incesto. Roberto convertido por meio deste prodigio, ou temendo antes huma sublevação, e cedendo aos terrores supersticiosos, repudiou Bertha, casou com Constança, filha do Conde de Arles, e em lugar da amavel esposa, que se via obrigado a deixar, achou-se com huma tyranna. O mesmo Roberto foi obrigado por Gregorio a restabelecer o traidor Arnoul á Sé de Rheims. Quantas cousas não annunciaão taõ extraordinarias Scenas? Veremos abraçar em breve tempo os raios do Vaticano a Europa toda, abalar todos os Thronos, e romper os laços os mais fortes da sociedade.

Effeitos da
excommu-
nhaão deste
bom Prin-
cipe.

Sujeita-se
Roberto.

Com

Roberto
rejeita a
Corôa de
Italia.

Com tudo se Roberto fosse dotado de ambição, e de fortaleza, teria podido chegar a ser Soberano dos Papas. Os Italianos, depois da morte de Henrique II., Successor de Otton III., o ultimo Imperador da casa de Saxonia, desgostados do dominio Alemão, offerecêrao-lhe a sua Coroa, e o Imperio. Roberto teve a prudencia de rejeitar. A casa de Franconia substituiu a casa de Saxonia, na pessoa de Conrado II., cujo Reinado principia em 1024.

Partidos
naquelle
Região.

No Reinado de Henrique II., Arduino, Marquez de Ivrea, intitulado-se Rei de Italia, tinha sustentado a guerra contra o Monarca Alemão. Pavia seguia hum partido, Milão seguia outro. Hum odio implacavel levantou-se entre ambas aquellas Cidades. Toda a Europa seguia os seus partidos, mas em parte nenhuma eraõ estes mais tumultuosos do que na Italia. Póde-se julgar que o violento Estado de Roma, dividida entre os Imperadores, os Papas, e o amor da liberdade, imprimia em os mais Estados o movimento, ou dava maior actividade á inquietação nacional.

Roberto
tyrannisa-
do por sua
mulher.

O segundo matrimonio de Roberto, foi huma origem de pezares, e infelicidades. A Rainha Constança dominava com huma altiveza insupportavel: pretendendo

deo regular a successão : e não amando o Principe Henrique, o primogenito dos seus filhos, moveo tudo para que o Rei se associasse com o segundo, chamado Roberto. Irritada Constança por causa de lhe negarem a sua pretensão, perseguio ambos os irmãos, unidos por huma sincera amizade. Foi Constança causa de se armarem os filhos contra seu Pai, cujas vontades sempre eraõ dictadas por ella. Felizmente reconhecendo os filhos o mal, que tinhaõ obrado, em breve tempo entráraõ novamente a exercer o que deviaõ.

Naõ ha nada mais proprio para dar huma idea desta Princeza, e dos costumes do Seculo em geral, do que o negocio dos Hereges de Orleans. Huma mulher Italiana tinha dogmatizado occultamente, e seduzido diversas pessoas, entre as quaes se achavaõ Ecclesiasticos de reputação. A sua heresia accommettia os dogmas, e os usos da Igreja. Os Hereges foraõ prezos : e sendo examinados em hum Concilio, no qual disputáraõ com os Bispos, foraõ condenados ao supplicio do fogo. Estava Constança á porta da Igreja, a tempo que aquelles infelizes passáraõ para ser conduzidos ao cadafalso : e com huma vareta, que tinha na mão, tirou hum dos olhos a hum dos prin-

Hereges
de Orleães.

Acção
cruel da
Rainha.

principaes, que tinha sido seu Confessor : applaudindo-se provavelmente disso, como se esta acção fora effeito de hum grande zelo, e virtude.

1031
Reinado
de Henri-
que I.

Henrique I. a quem Roberto tinha mandado sagrar em sua vida, succedeo-lhe em 1031. Constança armou o seu outro filho contra este irmão, do qual se tinha mostrado amigo até aquelle tempo. O Rei fugitivo no principio em Normandia, e dissipando pouco tempo depois a sedição, concedeo o Ducado de Borgonha ao rebelde. O successo mais singular do seu Reinado he o segundo casamento de Henrique com a filha de Jarodislão, Czar ou Principe da Russia.

O matri-
monio dif-
ficultosi-
mo por
causa dos
impedimē-
tos.

Os impedimentos do matrimonio tinhaõ-se multiplicado tanto, e o exemplo de seu Pai era tão horroroso, que Henrique julgou, sem duvida, dever procurar huma mulher naquelle incognito Paiz, a fim de se livrar dos perigos da excomunhaõ. Tal era a confusão de todas as cousas na ordem civil, que o mesmo Rei não sabia como se havia de casar!

Paz de
Deos orde-
nada pelos
Bispos.

He impossivel descrever as desordens, que por outra parte produzia a anarchia. A paz, e a *tregoa de Deos*, imaginadas como hum remedio, darão ao menos alguma idéa do mal. Os Bispos, em

1033, publicárao hum Decreto, que elles supponhaõ ser de inspiração Divina, por meio do qual todo o Leigo era obrigado a não usar mais de armas, a não exigir a restituição de hum bem usurpado, a não vingar a morte de seus parentes, a perdoar aos homicidas, a jejuar na Sexta Feira a pão, e agua, e a abster-se de carne no Sabbado. Todo aquelle, que se não quizesse obrigar a este Decreto por juramento, devia ser excomungado; e privado da sepultura.

Hum unico Bispo atrevendo-se a condemnar esta ordenação, representou que a ninguem mais do que aos Reis pertencia ordenar ou a paz, ou a guerra; que este juramento serviria sómente para multiplicar os perjuros; e que a prudencia não permittia impôr obrigações insupportaveis ao maior número. Este Bispo foi tido, e havido por inimigo da paz, em quanto não seguiu o exemplo dos outros.

Hum sabio Prelado he o unico que se lhe oppõe.

Porém a experiencia mostrou em breve tempo a sisudeza do seu parecer. As guerras particulares, e as violencias tornárao a começar depois de hum breve accesso de devoção, e os escrupulosos forao necessariamente as suas victimas. Qualquer pequeno Cavalleiro era naquelle tempo o tyranno da sua terra, e o inimigo dos

Esta paz destruida por si mesma.

dos seus visinhos; todo o Cavalleiro maior era hum tyrannò mais terrivel. Não havia já nem Leis, nem Justiça; tudo decidiaõ as armas.

A paz de Deos, mudada em tregoa, tambem inutil.

Vendo os Bispos a utilidade das suas censuras, mudáraõ a paz de Deos em tregoa, quasi no anno de 1040. Ordenou-se que des da quarta feira á noite, até á segunda feira pela manhã as violencias seriaõ prohibidas, sob pena de condemnação, e excommunhaõ: e sendo este praso ainda muito dilatado, restringio-se este regulamento ao espaço do Sabbado á noite até a segunda feira pela manhã; de fôrma que em todos os mais dias da semana, podiaõ parecer authorizados o homicidio, e o roubo. Qualquer governo de salvagens não nos póde offerer cousas peiores. Tal he a descripção da situação dos Francezes no Reinado de Henrique I., o qual acabou em 1060. Vejamos os outros Povos, dos quaes basta presentemente ter huma idéa geral. Por toda a parte veremos os mesmos principios de calamidades.

CAPITULO III.

Inglaterra, Hespanha, Imperio dos Arabicos, e Imperadores de Constantinopla, no tempo das duas ultimas épocas, depois de Carlos Magno.

I N G L A T E R R A.

A INGLATERRA, depois de Alfredo o Grande, perdeu cada vez mais os fructos das suas admiraveis instituições, que não se podião avigorar no Reino por causa das perturbações, guerras, e barbaridade. Duarte o Antigo, filho de Alfredo, esteve continuamente armado contra os Dinamarquezes. Os tres filhos de Duarte, Athelstan, Edmundo I., e Edredo reináráo successivamente com pouca tranquillidade. No tempo de Edredo, os Monges da Ordem de S. Bento estabelecerão-se como reformadores; accommettêráo o Cléro, e os outros Monges, cujas desordens erão publicas; governáráo o animo do Rei, occasionáráo huma rebellião contra Edwy, seu Successor, que não seguia o mesmo systema; chegáráo a ter maior poder no Reinado de Edgar, cujas virtudes, posto que manchadas com infini-

Depois de Alfredo, tudo vai em decadência em Inglaterra.

Os Benedictinos chegam a ser poderosissimos em Inglaterra.

O Abbade
Dunstan,
author do
seu credi-
to.

nitas maculas, foraõ por elles louvadas, e reináraõ de algum modo com o nome de Duarte o Martyr. O célebre Abbade Dunstan, Bispo de Worcester, e de Londres, Arcebispo de Cantuaria, possuindo juntamente todas as tres Cadeiras, com a reputação de santo, foi a alma de todos os movimentos a favor dos Monges: servindo-se para este fim da gloria, e do serviço de Deos. O grande imperio, que os Monges alcançáraõ por meio de Dunstan, servio para augmentar o poder que tomava a Corte de Roma.

Invasão
dos Dina-
marque-
zes, no
Reinado
de Ethel-
redo.

Ethelredo, Principe sem talento, e sem valor, excitou o cobiça dos Dinamarquezes, comprando a sua retirada; meio que não era proprio para os rechas-
sar, pois as suas invasões principiáraõ novamente em 991. Swenon, Rei de Dinamarca, e Oláo, Rei de Noruega, accommettendo a Inglaterra, vencêraõ huma batalha, e vendêraõ por cento e vinte sinco quintaes de prata, huma paz ignominiosa, que annunciava novas hostilidades.

Os Dina-
marquezes
sobmett m
o Rei.

Os Inglezes, assim como a maior parte dos outros Germanos, tinhaõ degenerado do seu valor antigo, e daquelle amor da liberdade, que chegava a desprezar a morte. Os mesmos Inglezes sujeitáraõ-

Canuto o
Grande,

se a Swenon, em 1013. Canuto o Grande, seu filho, principiou a reinar em

1017.

1017. Este Príncipe firmando o seu poder, conquistando a Noruega, e possuindo tres Reinos, acabou o seu Reinado nos exercicios de devoção, peregrino em Roma, e fundador de Igrejas em Inglaterra. Ambos os seus filhos, Haroldo, e Canuto II. não sustentárao a sua gloria. O seu Reinado foi breve. Os Inglezes, por morte do ultimo, em 1041, sacudindo o jugo Estrangeiro, chamárao a Duarte o Confessor, Príncipe da antiga Casa Real, refugiado em Normandia, o qual reinou como Príncipe frouxo. Tendo Duarte dado motivo para que o seu matrimonio fosse esteril, por causa de hum voto indiscreto de virgindade, deixou a Inglaterra exposta á ambição do famoso Guilherme, Duque de Normandia, como veremos na seguinte E'poca.

reina de-
pois de
Swenon.

Duarte o
Confessor,
succede
aos Dina-
marquezes.

H E S P A N H A.

A HESPANHIA, mais agitada do que a Inglaterra, não nos offerece, senão hum quadro confuso de grandes desordens, de pequenos combates, e de pequenas revoluções. Os Christãos motivárao a sua perseguição no Reino de Cordova, ultrajando com os seus discursos o Mahometismo, o que as Leis prohibiao sob pena de morte. Hum prudente, e sabio

Os Chris-
tãos perfe-
guidos por
culpa sua
no Reino
de Cordo-
va.

bio Bispo declarou , mas em vão , que todos aquelles, que sem necessidade chegassem a amaldiçoar a Mofama, não devião ser tidos, nem havidos por Martyres; em vão hum Concilio, que Mariana trata por Conciliabulo, prohibio este excesso de zelo, do qual viraõ-se numerosos exemplos , celebrados como heroicas acções.

Os Chris-tãos au-gmenta-vaõ o Rei-no das Asturias, e fundavaõ o Reino de Navarra. O pequeno Reino das Asturias, fundado por Pelagio, unico parente dos Reis Godos, augmentou-se por meio do valor, e da prudencia de Affonso III., intitulado o Grande. Garcia Ximenes, Francez de origem, fundava ao mesmo tempo o Reino de Navarra, que chegou a ser depois o mais consideravel de todos os Estados Christãos daquella região. Os Mouros, on Arabicos, com tudo, ainda possuaõ Portugal, Murcia, Andaluzia, Valença, Granada, Torstosa, e o interior das Provincias, até além dos montes de Saragoça, e da Castella; isto he, mais das tres quartas partes da Hespanha, e as mais ferteis Comarcas.

Divisões entre os Christãos, ainda no Reinado de Affonso o Grande. Entre os Mouros, haviaõ infinitos Cavalleiros muito poderosos, que affecta-vaõ a independencia; o Soberano tinha sempre de combater os subditos. Os Christãos porém não estavaõ entre si mais unidos: sempre em guerra com os Mou-

Mouros, também se destruíam mutuamente. O Reinado de Affonso o Grande foi cheio de conspirações, e de rebeliões. Sua propria mulher, e ambos os seus filhos foram rebeldes. Affonso entregando a Coroa a Garcia, o Primogenito, e combatendo generosamente debaixo das suas proprias ordens, morreu em 912, com a gloria de hum heróe. Ha huma Chronica de Affonso o Grande, na qual se faz menção do Reinado de Wamba.

Ramiro II., outro heróe da Hespanha, Rei de Leaõ, e das Asturias, alcançou em 938 a célebre victoria de Simencas, contra os Mouros, dos quaes morrêraõ, segundo se refere, oitenta mil. Tinha Ramiro promettido a Sant-Iago, em huma peregrinação, que fez a Compostella, que se ficasse vencedor, todos os seus vassallos dariaõ cada anno huma certa porção de trigo áquella Igreja. Esta Igreja chegou a ser poderosa, e o nome de Sant-Iago servio para os Hespanhoes de voz de guerra. Por toda a parte se encontraõ alguns factos semelhantes, e algumas vezes a confiança, que elles inspiráraõ, produzio por toda a parte grandes, e felizes successos.

Com tudo o valeroso Almanzor, Vice-Rei de Cordova, inimigo célebre dos Christãos, venceu-os, e derrotou-os

TOM. V.

Q

em

Os Mouros vencidos por Ramiro II. em Simencas.

Seu voto a Sant-Iago.

Almanzor vencedor dos Christãos.

tãos, even-
cido de-
pois.

em 995, tomou Leão de assalto no anno seguinte, saqueou depois Compostella, e roubou os thesouros de Sant-Iago, cujas pórtas mandou transportar para Cordova, ás côstas dos vencidos. Sendo Almanzor obrigado a retirar-se, e a fugir, por causa de huma doença epidemica, os Christãos não duvidando que o Ceo fosse o seu vingador, reunirão-se finalmente, e vencêrao a Almanzor em 998. Este General, que os tinha, segundo se conta, vencido em mais de oitenta combates, e que além das virtudes politicas, possuia o heroismo militar, e governava os Judeos, e os Christãos com a mesma rectidão, com que governava os mesmos Musulmãos, não podendo sobreviver á sua derrota, deixou-se morrer á fome.

Morte de
te grande
homem.

Tres Bis-
pos mór-
tos com-
batendo
pelos Mou-
ros.

Poucos annos depois, dous Cavalheiros Mouros disputaõ entre si o Throno de Hissem II., ultimo Rei do sangue de Abderamo. Os Condes de Barcelona, e de Urgel, juntamente com tres Bispos armaõ-se a favor de hum contra o outro; e os tres Bispos morrem combatendo. Qual podia ser o motivo destes Christãos, unidos com huns Infieis, a pezar do odio de Religião? seria, sem dúvida, o desejo de se aproveitar das suas guerras civis, póde ser que tambem o gosto da

ca-

cavallaria, e a paixão das aventuras, que os Sarracenos inspiravaõ com o seu exemplo.

O Reino de Cordova, des do principio do undecimo seculo, foi desmembrado por causa da ambição de infinitos Cavalleiros, os quaes com o favor das perturbações, usurpáraõ o titulo de Reis. Toledo, Valença, Saragoça, Sevilha, Orihuela, e quasi todas as Cidades grandes, tiveraõ Reis independentes. As Províncias mudáraõ-se em Reinos. Os Reinos multiplicáraõ-se do mesmo modo entre os Christãos. Hum Sancho, Rei de Navarra, intitulado o grande, por causa das conquistas, que fez aos Mouros, teve a imprudencia de dividir os seus Estados entre os seus quatro filhos; e houve Reis de Leaõ, Reis de Navarra, Reis de Castella, Reis de Aragaõ; os quaes procedendo do mesmo tronco chegáraõ a ser inimigos: tal era o fructo das divisões. N'humra palavra, a Historia antiga de Hespanha, ao mesmo passo que se sobdivide em mais ramos implicados, sempre he menos interessante, e mais tenebrosa: nada mais se descobre nella senão humra collecção confusa de crimes que a discordia produz em outro qualquer lugar mais manifestamente.

O Reino de Córdova dividido em muitos Reinos.

A mesma divisão de Reinos entre os Christãos.

Causa por que a Historia de Hespanha he fastidiosa.

Os Ricos
homens de
Aragão.

Authorida-
de do Re-
gedor das
Justiças a
respeito do
Rei.

Huma cousa digna verdadeiramente de attenção, he que sendo o Povo por toda a parte escravo, e opprimido, a nobreza de Aragoão alcançou-lhe grandes privilegios naquelle Reino, a fim de obter hum partido poderoso contra o Soberano. Os *Ricos homens*, eleitos pelo Povo, formárao hum Tribunal muito tremendo para a Coroa. O Presidente deste Tribunal era o Regedor das Justiças, o qual recebia o juramento do Rei, e pondo-lhe hum espada núa sobre o coração, pronunciava as seguintes palavras: *Nós que somos iguaes a ti, te elegemos para nosso Rei, e Senhor, com condição que manterás os nossos privilegios, e as nossas liberdades; senão, não.* O Regedor, no caso em que o Rei violasse os privilegios, tinha direito para o citar perante os Estados geraes, e para o mandar depôr. O mesmo Regedor era o interprete, o arbitro das Leis, e o Juiz supremo. Com o andar do tempo, em 1461, creou-se hum Tribunal, por nomeação dos Estados, para sentenciar, no caso de necessidade o Regedor das Justiças. Erao-lhe necessarios Eforos. No Reinado de Philippe II. principiou este Magistratura a perder a sua authoridade: hoje em dia não he mais do que hum titulo.

IMPERIO DOS ARABICOS.

O GRANDE Imperio dos Arabicos

tambem padecia as revoluções que produ- Discordias funestas para o Imperio dos Arabicos. zem a discordia, e a guerra, e que cedo, ou tarde destroem os Thronos os mais firmes. A gloria, e a dignidade de Calife se escureceo quasi no meio do nono seculo, depois de Watik. Os Governadores, no tempo dos Principes ou frouxos, ou malevolos, sacodem o jugo da authoridade. Argel, Tunes, e Tripoli, formão Estados particulares. Em breve tempo as disputas de Religião augmentaõ as desordens, e daõ armas aos ambiciosos. A seita dos Fatimitas levanta-se juntamente com o furor do fanatismo, e funda hum Imperio no Egypto. O Cairo, Capital deste Imperio, chega a ser ao mesmo tempo a residencia de hum novo Calife, e huma Cidade de commercio muito florecente.

 Calife do Cairo.

Outros fanaticos, persuadidos de que

a relaxação introduzida na religião de Terceiro Calife em Africa Mafoma, requeria huma refórma, entregando-se aos delirios do enthusiasmo, e attrahindo perseguições, e excommunições contra si, adquirem forças, porque são perseguidos: e sublevados, alcançaõ victorias, e tomaõ as Cóstas occidentaes da

da Africa. Finalmente o seu Chéfe unindo, assim como ambos os outros Califes, o Sacerdocio, e a dignidade Real, governa com o nome de Miramolim, aquelle novo Imperio desmembrado de hum corpo immenso.

Os Turcos
chamados
pelos Cali-
fes de Bag-
dad, os
despojaõ
em breve
tempo.

Os Califes de Bagdad tinhaõ recebido para tropas auxiliares os Turcos, da geração dos Hunos, Povo que sahindo da Tartaria, naõ suspirava senaõ pela guerra, e pelas Conquistas. Estes auxiliares aproveitáraõ-se da occasiaõ para sobregar aquelles mesmos, que defendiaõ: senhoreando-se das Provincias da Asia, despojando os Califes da Real authoridade, e venerando a sua Dignidade Pontificia; porque sujeitáraõ-se com prudencia á Religiaõ do Paiz. Viraõ-se nascer muitos Estados com Monarcas chamados Soldãos, os quaes recebendo a investidura do Calife, tinhaõ grande cuidado de naõ lhe deixar tomar muita authoridade. O Rei Pontifice, quasi no meio do undecimo Seculo, era já semelhante aos Reis da Europa: quanto mais vassallos tinha, tanto menos era o seu poder.

IMPERIO DE CONSTANTINOPLA.

O IMPERIO de Constantinopla, na sua decadencia, offerece sempre hum espectáculo de frouxidão, de loucura, de superstição, de crimes, e de soblevações. Nicephoro, a quem vimos tirar o Throno a Irene, foi hum tyranno abominavel. Os Sarracenos tomárao-lhe a Ilha de Chypre, e os Bulgaros, flagello da Thracia, o matárao n'huma batalha, em 811, depois de ter destruido o seu exercito.

Tudo em Constanti-
nopla cau-
sa piedade,
e horror.

Nicepho-
ro.

Estauracio, seu filho, fez-se tão odioso des do principio do seu Reinado, que foi obrigado a ser Monge por causa de huma rebelliao geral.

Estauracio.

Miguel Rangabé recusou de fazer a paz com os Bulgaros, porque hum Monge decidio que em consciencia não se podiao entregar os desertores. Vencendo entao os Bulgaros, e derrotando inteiramente os Gregos, fugio o Imperador, e os Officiaes irritados acclamárao Leao o Armenio.

Miguel
Rangabé.

Pretende Leao o Armenio mandar assassinar o Rei dos Bulgaros, o qual vinga-se saqueando os arrabaldes de Constantinopla. O Imperador nenhuma coisa

Leao o Ar-
menio, ico-
noclasta.

ima-

imagina melhor, a fim de salvar o Estado, do que destruir a idolatria, isto he, as imagens. O mesmo Imperador, ordenando huma nova perseguição, foi morto cruelmente em 820 em huma Igreja.

Miguel o
Gago.

Miguel o Gago, seu Successor, tolera ao principio o Culto das Imagens, porém mudando depois de systema, persegue, e até quer que se guarde o Sabbado, e que se celebre a Pascoa como os Judeos. Os Sarracenos aproveitando-se da sua fraqueza, tomão a Ilha de Creta (hoje em dia Candia); tomão quasi toda a Sicilia, e entraõ pela Apulia, e pela Calabria.

Theodora
semelhante
a Irene.

No Reinado de Theofilo, posto que mais digno de reinar, redobra a perseguição, e os Sarracenos dilataõ as suas Conquistas. Por sua mórte, a Imperatriz Theodora, Regente na menoridade de Miguel III., restabeleceo o Culto das Imagens, assim como Irene tinha feito; e pretendendo depois converter os Maniqueos por meio do terror, manda degolar milhares, e milhares dos mesmos Maniqueos. Aquelles que fugindo escapaõ do supplicio, vaõ augmentar as tropas dos Sarracenos, e deste modo tem o Imperio por inimigos os seus proprios vassallos. Manda Miguel recolher Theodora n'hum Convento, entrega-se a todos

Miguel III.

os crimes, e a sua impiedade passa ao excesso de fazer ludibrio das ceremonias ecclesiasticas: finalmente he assassinado Miguel em 867 por Basilio, com o qual se tinha associado, e a quem queria imprudentemente depôr.

Basilio, antigamente mendigante, acha-se Imperador. A sua virtude, e a sua justiça são por todos louvadas: mas Basilio he a victima do célebre Patriarca Phocio, a quem entrega toda a sua confiança depois de o ter desterrado; porém occupando Basilio a sua frota na Fabrica de huma Igreja, perde Syracusa, que foi tomada pelos Sarracenos.

Basilio

Leão, seu filho, compondo Sermões ao mesmo tempo que os inimigos fazem assolações, e conquistas, he com tudo chamado o Filosofo, por amar o estudo, e favorecer os sabios.

Leão o Filosofo.

Constantino Porphyrogeneto, filho de Leão, cujo Reinado principia em 912, e acaba em 959, merece elogios, como protector das Sciencias, que cultivava. A Filosofia, a Geometria, e a Rethorica forão ensinadas por homens da primeira qualidade; mas os negocios do Imperio hiaõ cada vez mais em decadencia.

Constantino Porphyrogeneto.

Em maior decadencia hiaõ os negocios no Imperio de Romano, filho

Romano, seu filho, o de envenena.

de Constantino, o qual tendo morto seu Pai com veneno, foi o tyranno do seu Povo.

Nicephoro
Phocas.

Nicephoro Phocas teve a gloria de vencer os Sarracenos, de lhes tomar Antioquia, e outras muitas Conquistas. Com tudo foi abominado por causa da avareza, e da tyrannia; sua mulher pondo-se na frente de huma conspiração, o matou a punhaladas no seu proprio leito.

Joaõ Zimiscés.

Joaõ Zimiscés, hum dos assassinos, apoderou-se do Imperio: pelo qual tendo os Russos entrado, Joaõ os venceu em Andrinopla, e na Bulgaria. O Eunuco Basilio, seu Mordomo Mór, rico por causa das concussões, temendo ser castigado, e despojado, envenenou aquelle valeroso Principe em 976, conservando o seu credito no Imperio de Basilio II., neto de Constantino Porphyrogeneto.

Basilio II.

Naõ foi Basilio mais que hum guerreiro terrivel: o qual depois de vencer os Bulgaros, mandou tirar os olhos a quasi quinze mil pessoas. Os seus vassallos opprimidos com impostos naõ podião gozar das suas victorias, porque Basilio naõ combatia para elles, mas sim para si.

Crime da
Princeza
Zoé.

A' sua morte seguiraõ-se crimes tão horrosos que apenas se encontra em outra qualquer parte algum exemplo de

se-

semelhantes crimes. A Princeza Zoé, filha de Constantino, irmão, e Collega de Basilio, tinha casado com Romano Argyro, que foi acclamado Imperador em 1028. Namorando-se Zoé de Miguel Paphlagoniense, homem de humilde nascimento, envenena o seu marido a fim de conceder o Throno ao seu amante; e não obrando o veneno assaz prontamente mandou Zoé affogar Argyro em hum banho.

Zoé manda matar Romano a fim de casar com Miguel.

Repugnando o Patriarca de Constantinopla o matrimonio da Imperatriz com Miguel; os seus escrupulos se desvanecêraõ com o presente, que a Imperatriz lhe fez de sincoenta mil arrateis de ouro.

Em 1041, o Imperador Paphlagoniense, opprimido de enfermidades, e remorsos, morre com o habito de Monge. Concede Zoé o Imperio juntamente com a sua mãe a Miguel Calaphate, filho de hum Calafate de navios, e de huma irmã do primeiro Miguel, na esperança de ser o Ministro das suas vontades. Este novo Imperador, cioso do governo a desterra para huma Ilha. Depois de huma grande soblevação, a Imperatriz he reconduzida para a Corte juntamente com Theodora sua irmã, e tiráraõ os olhos a Calaphate.

Zoé casa com Calaphate, que a desterra.

Ambas as irmãs reinando juntamente hum anno, não se occupaõ senão em cousas frivolas. Pretendendo o

Tiraõ-se os olhos a Calaphate.

vo finalmente hum Principe, casa Zoé com Constantino Monomaco, hum dos seus antigos amantes, e o manda co-roar.

Zoé casa
com Mo-
nomaco
seu antigo
amante.

Sedição
côtra este
Principe.

Este novo Imperador despreza sua mulher por huma concubina. Enfurecen-do-se os Gregos, prendem-o n'hum Pro-cissaõ, e declaraõ que não querem obe-decer senão ás duas Imperatrizes. Se as Princezas não tivessem applicado os amo-tinadores, sem dúvida o teriaõ despeda-çado. Monomaco, pelo meio dos seus violentos roubos; augmentou a fraqueza do Imperio. As Provincias fronteiras, sen-do obrigadas a defender-se contra os Bar-baros, eraõ por esta razão livres de im-postos. O mesmo Monomaco, encarre-gando-se do cuidado de as governar, quiz que pagassem tributos do mesmo modo que as outras. Estas Provincias, a pezar dos impostos foraõ muito mal defen-didas.

O espirito
de supersti-
ção domi-
na sempre
no Impe-
rio.

Isaac Com-
neno faz-
se Monge.

Temos tratado o que basta para dar a conhecer o estado de Constantinopla; on-de se algumas vezes se encontra hum Principe capaz, e valeroso, vê-se sempre o mesmo espirito dominante. Isaac Com-neno, hum dos melhores Imperadores, acclamado em 1077, he aborrecido pelos Monges, por applicar ás publicas neces-sidades o superfluo das suas riquezas. Os Mon-

Monges gritão contra a impiedade, e sacrilegio. O Imperador, enfermo por causa de huma queda de cavallo, entregando-se á devoção, despoja-se da Coroa a favor de Constantino Ducas, e recebe o habito de Monge em 1059.

Ducas, amante da paz, deixa as Províncias expostas aos estragos dos Turcos. Fazendo Constantino Ducas os seus

Erros de
Constanti-
no Ducas.

tres filhos Imperadores, deixa o Governo a Eudocia, sua Mãe, requerendo que não casasse outra vez; ao que Eudocia se tinha obrigado por escrito. A mesma Eudocia resolveo-se em breve tempo a casar com Romano Diogenes, a quem ultimamente tinha condemnado á morte; do qual porém se enamorou por causa da belleza, e formosura do seu rosto. A

sua promessa feita nas mãos dos Patriarcas, lhe causava grandes inquietações; e a fim de retiralla, finge Eudocia, que determina a sua eleição a respeito de hum parente do Patriarca. Approvando este naquelle tempo o segundo matrimonio da Imperatriz, não se demora em entregar o escrito. Eudocia casa logo com Romano, e por este meio lhe alcança o Imperio. Por ventura os Gregos daquelle tempo valião mais do que os Barbaros? E que cousas uteis aprenderíamos nós, se

A sua viu-
va engana
o Patriarca
a fim de
casar se-
gunda vez.

nos

nos dilatássemos a respeito das uniformes individuações da sua historia?

C A P I T U L O IV.

Scisma dos Gregos.

O SCISMA dos Gregos consummado quasi no mesmo tempo, he hum objecto de curiosidade digno da Historia, independentemente das suas correlações com a Religião. A fim de seguir os seus progressos, he necessario chegar á sua origem. Tendo sido deposto em 858 Ignacio, Patriarca de Constantinopla, por travessuras da Corte, foi nomeado para substituir o seu lugar, Phocio, simples leigo, de hum nascimento illustre, engenho superior, e o homem mais sabio da Europa; mas de temeroso character, traveço, astuto, e hypocrita, humas vezes docil, e humilde com subtileza, e outras vezes soberbo com altiveza. Chegou Phocio em seis dias á dignidade Patriarcal. No primeiro dia recebeu o habito de Monge, porque entre os Gregos era necessario ser Monge para exaltar-se ás dignidades da Igreja; no segundo dia, foi Leitor; no terceiro, Sobdiácono; no quarto, Dia-

co-

OPatriarca
Ignacio
substituido
por Phocio
em o anno
858.

cono; depois, Sacerdote, finalmente Bispo, e Patriarca.

Como o antigo, e o novo Patriarca tinhaõ cada hum os seus sequazes, e a discordia perturbava o Estado, Miguel III. dirigio-se ao Papa Nicoláo I., que nenhuma outra cousa desejava senão ser Juiz da Igreja Grega, assim como era Juiz das Igrejas do Occidente.

Concilio, cujo parecer foi annullado por Nicoláo I.

A deposição de Ignácio, e a eleição de Phocio, foraõ confirmadas em 861 por hum Concilio de mais de trezentos Bispos, presidido por dous Legados sobornados. Porém Nicoláo, n'hum Concilio de Roma, depois de ter annullado a sentença de Constantinopla, excommungou Phocio, *por authoridade de Deos, dos Apostolos, de todos os Santos, dos seis Concilios Geraes, e da sentença que o Espirito Santo pronuncia pela boca do Pontifice.*

Excommu-
nhaõ de
Phocio.

Enojado Phocio por causa de hum procedimento taõ injusto, convocando da sua parte hum Concilio, excommungou, depõz o Papa, e intitulou-se Patriarca Ecumenico, ou universal; titulo que em Roma se não podia soportar. Pretendendo o mesmo Phocio, conforme o sistema que muito tempo havia que fora formado, ter sido a primasia transferida para Constantinopla juntamente com o Throno Imperial, concebeo o projecto de fazer

Vingança
do Patriar-
ca.

Phocio in-
titula-se
Ecumeni-
co.

Como Phocio argue a Igreja Romana.

a Igreja Grega independente da Romana; a fim desacreditar esta por meio de accusações capazes de persuadir o Povo, arguo-lhe a licença que dava do uso do queijo, e do leite no tempo da Quaresma; por seguir o Maniqueismo, impondo o celibato aos Sacerdotes; porém especialmente, por accrescentar ao Symbolo a palavra *Filioque*: impiedade monstruosa, dizia Phocio, e destructiva do Christianismo. Do mesmo modo era condemnado por Phocio o jejum do Sabbado, e o uso dos Clerigos fazerem a barba. Hum grande engenho, se não tivesse querido conformar-se com as baixas idéas do vulgar, teria, sem dúvida, imaginado aggravos menos frivolos.

—————
Phocio expulso
por Basilio,
e restabelecimento
de Ignacio.

Basilio, o homicida, e Successor de Miguel III., suspendeo a contenda mandando restabelecer Ignacio. Phocio, que o arguia fortemente por causa do seu parricidio, foi expulsado. N'hum Concilio de Constantinopla, (oitavo Concilio Geral), em que se achárao tres Legados de Adriano II., fulminárao excommunhões contra Phocio. A paz sim pareceo estar restabelecida entre as duas Igrejas competidoras, porém não podia durar, nem permanecer, porque a competência se não podia extinguir. O interesse deo occasião para huma segunda rotura.

Abra-

Abraçado que tivesse o Christianismo o Rei dos Bulgaros, cuja mulher era Christã, o seu exemplo foi, segundo o uso, seguido de hum grande parte do Povo. Por ventura a Bulgaria devia sujeitar-se á jurisdicção do Papa, ou á jurisdicção do Patriarca de Constantinopla? Esta foi a materia de hum famosa disputa. O Concilio de Constantinopla decidio a favor do Patriarca. Porém reclamando contra a decisaõ os Légados de Adriano, João VIII., seu Successor, ameaçou Ignacio que o excommungaria, e que o deporaria se não chamasse logo os Padres, e os Bispos empregados na Bulgaria. Sendo todavia aquelle Reino hum desmembramento do Imperio Grego, Roma ainda pretendia sujeitar tudo ao seu Imperio.

Disputa
entre as
duas Igrejas a respeito da Bulgaria.

Ignacio
ameaçado
de excommunhaõ
por João VIII.

Depois da morte de Ignacio, e depois de Phocio ter recuperado o seu credito na Corte, tendo o Papa necessidade de Basilio (porque os Sarracenos o tinhaõ sujeito a hum tributo de vinte e cinco mil marcos de prata), tudo mudou em breve tempo de figura. João VIII. resolveu a reconhecer Phocio, manda Legados para este effeito. Hum Concilio de quasi quatrocentos Bispos, junto em Constantinopla no anno de 879, restabelece solemnemente o Patriarca, e annulla os pa-

Phocio restabelecido pelo Papa depois da morte de Ignacio.

receres dos outros Concilios, em os quaes o mesmo Phocio foi condemnado. Tambem o Papa escreveo huma carta, na qual tratava de transgressores todos aquelles que ao Symbolo tinhaõ accrescentado a palavra *Filioque*.

Phocio
porém he
depois ex-
commun-
gado pelo
Papa, por
causa da
Bulgaria.

Fim de
Phocio.

O Papa não duvidava que Phocio renunciasse a sua pretensão a respeito da Bulgaria. Vendo o mesmo Papa que succedia o contrario, recorreo ás armas, das quaes continuamente usava; fulminou excommunhões. Os seus Successores não quizerão reconhecer o Patriarca: o qual sendo desterrado por Leaõ o Filosofo, deixou, morrendo, a origem de hum scisma eterno, no qual não se póde chorar sufficientemente a influencia do espirito de partido nas materias de Religião.

Miguel
Cerulario
renova as
disputas,
no undeci-
mo seculo.

O rompimento fatal só succedeo no meio de undecimo seculo. O Patriarca Miguel Cerulario, menos habil, e tão ambicioso como Phocio, emprehendendo sacudir o jugo dos Papas, invectivou contra a Igreja Latina, applicando-se a ninharias, e fazendo crimes de tudo. Comer carnes soffocadas, e animaes immundos, carne na quarta feira, ovos, e queijo á sexta feita, jejuar no Sabbado, servir-se de pão azymo, ou não levedado para a Missa; e não cantar *alleluia* no tempo da Quaresma, eraõ, segundo o mes-

mesmo Miguel Cerulario, abominações. N'hum resposta feita a Roma, se diz que os Latinos impunhaõ aspera penitencia a todo aquelle, que comesse sangue, e carnes soffocadas, excepto no perigo de morrer á fome. Cerulario sendo animado antes pela paixão, do que pela preocupação, não procurava senão pretextos, a fim de coroar a sua empreza.

O odio do Patriarca irritou-se por causa de hum carta muito forte de Leão IX., que arguia aos Gregos mais de noventa heresias, condemnadas pela Igreja Romana; e provava o poder temporal dos Papas com a quimerica doação de Constantino. As suas razões eraõ quasi iguaes ás de Cerulario; o qual não quiz vêr huns Legados enviados a Constantinopla. Naquelle tempo depozeraõ os mesmos Legados no Altar de Santa Sofia, em 1054, hum acto de excommunhaõ, declarando *que Miguel, e os seus seguidores sejaõ excommungados juntamente com os Simoniacos, e os Hereges, e com o diabo, e seus anjos se acaso não se converterem.* Os Gregos saõ accusados neste acto de fazer os seus hospedes Eunucos, e depois Bispos, de dizer que a Lei de Moysés he maldita, de observar as purificações judaicas, de cortar do Symbolo a processão do Espirito Santo, por permittir o

Os Gregos
arguidos
por Leão
IX.

1054.
Excõmu-
nhaõ sin-
gular cõ-
tra elles.

matrimonio aos Sacerdotes , por exigir que se traga a barba , e os cabellos compridos , n'humá palavra , por renovar todas as heresias antigas.

Insulta Cerulario da sua parte os Latinos.

Cerulario da sua parte respondeo aos Legados por meio de hum Decreto injurioso : *Huns homens impios , que sabiraõ das trévas do Occidente , vieraõ para esta pia Cidade , donde a fé orthodoxa se espalhou por todo o mundo ; reprehendêraõ corromper a fé orthodoxa por meio da diversidade dos seus Dogmas.* Este unico principio mostra quanto se inflammaõ os animos na disputa , quando se apartaõ dos limites da moderação. Os Gregos desprezavaõ soberanamente os Romanos , pois os tinhaõ por barbaros ignorantes ; e indignando-se do Imperio , que os Papas pretendiaõ ter sobre todo o Universo , davaõ excommunhões por excommunhões. Os Imperadores de Constantinopla necessitando dos soccorros do Occidente , algumas vezes se empenháraõ em reunir ambas as Igrejas ; porém os politicos interesses não soffocaõ os odios de religiaõ. O Scisma, posto que tenha havido algum intervallo de paz apparente , perpetuou-se. Ainda teremos occasiaõ de tratar deste mesmo scisma.

Perpetua-se o Scisma para sempre.

CAPITULO V.

Observações geraes a respeito das duas ultimas Epocas.

PARA conhecer o preço, e a necessidade das luzes que a razão deve adquirir por meio do estudo, importa muito reflectir a respeito dos erros dos nossos antepassados. Para vêr as utilidades de hum bom governo, no qual a authoridade se reveste da força conveniente, e no qual a sujeição he fundada no bem público, importa muito considerar as desordens de hum governo absurdo, e odioso. Estes os dous objectos, que me proponho em as seguintes Observações.

Utilidade das observações seguintes.

Quantas desordens não ha arraigadas por toda a parte depois de Carlos Magno! com quantas infelicidades não he opprimido o Genero Humano! A ignorancia, e a anarquia concorrem para a grande infelicidade das Nações. Huma anniquila os principios, e outra os direitos. A primeira não só embrutece os homens, mas até os constitue escravos de infinitos erros, e de nocivas preoccupações, dos quaes ao menos são isentos os brutos :

A ignorancia, e a anarquia produzem infinitas infelicidades.

e a segunda faz da sociedade huma monstruosa união de salteadores irritados para se destruirem huns aos outros, de tyrannos ferozes, e de escravos estupidos, ou furiosos. Es aqui o caracter dos ultimos seculos, e o que requer algumas novas observações.

I.

Os Mon-
ges, e os
Clerigos a
favor da
ignorancia
affenho-
reaõ-se da
authorida-
de.

Era a ignorancia tão profunda no Occidente, excepto entre os Mouros da Hespanha, que muito poucas pessoas havia que soubessem ler, e muito menos escrever. Os Clérigos, e os Monges, sendo os unicos, que possuião este importante segredo, fizeram-se necessariamente os arbitros, e juizes de todas as causas. Os mesmos Monges, e Clerigos incluíraõ na sua jurisdicção os Matrimonios, os contratos, e os testamentos, os quaes tinhaõ o cuidado de considerar debaixo de alguma correlação mystica. Por este modo acháraõ novas origens de authoridade, e riquezas a fim de compensar-se dos bens, que os Cavaileiros lhes tinhaõ tirado. Tudo tomou huma cor de Religiaõ; o civil achou-se confundido com o espiritual; desta confusão contraria á natureza das cousas nascêraõ infinitos abusos.

Os Mon-
ges, e os
Clerigos
dilataõ

Naõ citemos nenhuma outra próva senaõ o mesmo matrimonio, o mais essencial, sem duvida, de todos os laços da

sociedade, e aquelle, por consequencia, mais a au-
 a respeito do qual devem as Leis civís thoridade
 ter a maior inspecção. Os Imperadores a respeito
 Christãos tinhaõ seguido a este respeito, do Matri-
 monio.
 o exemplo dos Legisladores antigos, sem
 que fosse reclamado por pessoa alguma.
 Porém o Cléro, depois de chegar a ser
 quasi Soberano, não vio no Matrimo-
 nio senão hum Sacramento. O mesmo Cléro
 pôz novos impedimentos de parentesco,
 de affinidade, e até de affinidade es-
 piritual, os quaes dilatou tanto, que se não
 sabia quasi onde se podesse encontrar
 huma esposa legitima, porque não as ha-
 via até ao setimo gráo. Os Papas arrogá-
 raõ a si hum direito especial a respeito
 deste grande objecto, do qual todos os
 mais dependem. Como usáraõ os Papas
 deste direito? Roberto, o Pio, Rei de
 França, foi obrigado a desquitar-se de sua
 mulher, por ser parenta sua em quarto
 gráo; posto que a sua casta, e terna uniaõ
 fosse authorisada por Prelados Francezes.
 Henrique, filho de Roberto, a fim de
 evitar taes violencias, nada melhor imagi-
 nou, do que mandar vir huma esposa de
 Moscovia.

Pois que a Religiaõ era a unica, que
 podia exercitar algum imperio a respei-
 to de huns barbaros desenfreados, o po-
 der dos seus Ministros teria sido muito
 sa-
 Porém os
 mesmos
 Ecclesiasti-
 cos Barba-
 ros, e ig-

ignorantes
devião a-
buzar do
seu poder.

salutifero, se o tivesse sabido geralmen-
te empregar com prudencia, e com sa-
bedoria. Porém se os mesmos Ministros
eraõ barbaros, e ignorantes, como po-
deriaõ ser bons guias, e bons Pastores?
As preocupações accumuláraõ-se, a Re-
ligião desfigurou-se; e por consequencia
os religiosos motivos, que tudo regula-
vaõ, apartando-se daquelle fim, para o
qual era necessario encaminhar-se, chegá-
raõ muitas vezes a ser principios de erro,
e de loucura.

As prati-
cas, e as
formulas
substitui-
das ás obri-
gações.

Em lugar das obrigações essenciaes
do Christianismo, taõ proprias para es-
tabelecer o socego, e para inspirar a jus-
tiça, constituiu-se a virtude em certas prá-
ticas arbitrarías, as quaes facilmente se
unem com o crime. A moral achou-se
quasi soffocada debaixo de hum montão
de devoções. Com reliquias, peregrina-
ções, offertas, e Legados pios, parecia
estar aberta a porta do Ceo para os ho-
mens mais malvados. Antigamente a se-
veridade da penitencia continha huns,
e emendava os outros; a qual penitencia
se julgou supprir por meio destes equivo-
cos sinaes de piedade, os quaes algumas
vezes tomaõ por titulo os corações cor-
rompidos, a fim de ser impunemente
viciosos. Persuadidos com effeito que
Deos nada mais exigia, compráraõ de

al-

algun modo o direito de seguir sem remorsos a inclinação das paixões.

Se os Prelados ignoravaõ o Espirito do Christianismo, muito mais ignoravaõ os limites da sua authoridade. Em vez de consagrar para o bem das almas as censuras Ecclesiasticas, as consagrâraõ para a defeza dos seus privilegios, e para sustentar as suas pretensões. O Sacerdocio destinado principalmente para abençoar, exercitou-se muito mais em amaldiçoar. Excommungou-se não para salvar, mais para condemnar; excommungou-se á satisfação da politica, e da vingança; excommungáraõ-se os Grandes, os mesmos Reis, que se pretendia, ou despojar, ou reduzir á escravidão, e esta arma invisivel chegou a ser hum instrumento de guerras, e de sanguinolentas revoluções, como adiante veremos.

Abuso enorme da excommunhaõ.

Finalmente não ha genero algum de excessos, nem de illusões, que a ignorancia não consagrasse. A Historia daquelles seculos he o opprobrio do humano entendimento. A mesma religião deshonrar-se-hia, se lhe podessem imputar o que ella condemna nos seus proprios Ministros. Produzia ella sempre alguns exemplos grandes de virtude, absorvidos infelizmente.

O espirito da Religião opposto a estes excessos.

felizmente por causa da impetuosidade dos vícios, porém próprios ao menos para confundir os viciosos.

Os costumes do Clérigo corrompidos em aquelle tempo.

Hum Clérigo ignorante, cobiçoso, que erigia para si hum tribunal universal, tinha por infamia o dar juramento de fidelidade ao Soberano; pretendia dispor da Coroa, da qual verdadeiramente dispoz muitas vezes em França, Hespanha, e n'outras partes; e pretendendo julgar de tudo, não reconhecia Juiz algum; hum Clérigo, que via aquellas absurdas pretensões consagradas por meio de falsas decretaes, dos escritos de Prelados virtuosos, e sabios, de hum Agobardo de Leaõ, e tambem do célebre Hincmar de Rheims: hum Clérigo, o qual ordenava a paz, ou a guerra, o qual com tudo, exposto sempre ás violencias dos Cavalleiros, servia-se tão frequentemente da espada como das censuras; por meio de que milagre feria elle tido os costumes do seu estado? Apenas se conhecia o que era decente. O escandallo reinava até na Santa Sé. Viaõ-se, com desprezo dos severos Canones da Igreja Romana, Bispos casados publicamente. Os Clerigos, e os antigos Monges, tinhaõ, pela maior parte ou suas mulheres, ou suas concubinas, sem vergonha,

e sem escrupulo. (*) Os bens da Igreja servião de patrimonio para os bastardos dos Beneficiados. A maior parte das vezes aquelles mesmos bens vendião-se em leilão, e a simonia, especialmente em Roma, era hum negocio público, em o qual a violencia confundia-se com as destrezas do interesse. Os proprios monumentos Ecclesiasticos não deixaõ dúvida alguma a respeito de factos tão deplo-raveis. Acaso he necessario admirar-se da perda dos costumes, quando os vicios são authorisados pela ignorancia?

Como he impossivel que as grandes desordens não animem novamente os sentimentos de zelo, e de virtude; como, por outra parte, as publicas calamidades de que a Europa estava opprimida, inspiravaõ hum fervor religioso, a reforma

A reforma de Cluni pareceo hum reme-dio para o mal.

mo-

(*) Na Concilio de Nicéa, em 325, Paphnucio, Bispo da Thebaida superior, oppoz-se fortemente á Lei do Celibato, que se pretendia impor aos Padres. Não foi senão quasi em o setimo seculo, que se unio ao Celibato huma idéa de perfeição, e de virtude. Gregorio VIII., perseguidor zeloso dos Ecclesiasticos casados, excitou grandes perturbações. Pouco faltou que o Bispo de Moguncia não fosse maltratado pelo seu Cléro, o qual tinha mandado ajuntar em Erforte para introduzir esta innovação. Não he necessario pois collocar na ordem dos escandalos públicos o procedimento dos Clérigos, que não queriaõ sujeitar-se a huma Lei nova, e manifestamente contraria ao voto da natureza.

monastica de Cluni nasceo no principio do decimo seculo, e e os seus progressos foraõ prodigiosamente rapidos. Hum novo spectaculo de santidade persuadio, e compungio os Póvos. Huns Monges pios, e austeros parecêraõ Anjos vindos do Ceo para salvar o Genero Humano. Quanto mais desprezadas eraõ por estes mesmos Monges as riquezas, tanto mais concorriaõ todos para os enriquecer. Contribuindo todos os generos de infelicidades a persuadir que era chegado o fim do Mundo, pouco se cuidava das necessidades de huma familia. Todos imaginavaõ segurar para seus filhos, e para si mesmo a felicidade da outra vida, dando os seus bens aos servos zelosos de Deos, aos quaes o fim do mundo não lhes servia de impedimento para os receber. Todos mais ambiciosamente desejavaõ aggrerar-se ao seu corpo. Desprezáraõ-se Bispos, Clerigos, e Monges, cujo procedimento era realmente digno de desprezo; e os reformadores adquiriraõ tanto crédito, e tauta authoridade, quanta era a veneração, e a confiança que todos nelles tinhaõ. Daqui procedêraõ as competencias, e as disputas entre o Cléro Secular, e o Cléro regular, entre os antigos, e os novos Monges. Estes finalmente domináraõ, o que ainda foi huma origem

Distribue-se prodigamente as riquezas pelos novos Monges.

Desprezo do Clero, e dos antigos Monges, origem de discórdias.

gem de desordens; porque este dominio contrario á ordem por sua natureza, era para elles mesmos o precipicio das virtudes, as quaes alcançando-lhes tanto poder, os fazião tão respeitáveis.

Neste tempo he que a Religião, tendo já descahido muito da sua antiga simplicidade, vio-se em extremo carregada com muitas praticas do Claustro. Então he que as Orações vocaes se dilatáráo infinitamente, que as genuflexões, e outras ceremonias adquirirão hum merecimento superior, que as particulares devoções foraõ muito mais respeitadas, do que as obrigações; que se inventáráo meios estranhos para alliviar os mórtos, e para expiar os crimes dos vivos: e que pretendêráo, por exemplo, satisfazer a Justiça Divina, não só por si mesmo, porém por outrem, dando-se hum certo número de açoites, os quaes deviaõ resgatar de hum certo número de annos de purgatorio. Neste tempo he, que se enchêráo as vidas dos Santos de infinitas fabulas, a fim de acreditar tudo quanto ao Povo se inspirava. Estas fabulas foraõ introduzidas entre os Gregos por Metaphrastes: os Latinos como mais ignorantes, deviaõ de ser muito mais credulos. N'humal palavra, os escritos daquelle tempo estaõ cheios de extravagancias, porque a

pe-

A Religião
carregada
demasiada-
mente com
novas prá-
ticas mo-
nacaes.

Fabulas
dos autho-
res das len-
das.

penna era dirigida pela superstição, ou cega, ou interessada, e porque tanto gostavaõ huns de enganr, quanto os outros gostavaõ de crer. Os monges sabios ou Ecclesiasticos de hoje em dia reconhecem todos aquelles abusos, assim como nós reconhecemos todas as loucuras dos nossos antepassados. (*Veja-se Fleury.*)

Disputas
Theologicas do nono seculo.

Quasi no fim do nono seculo, depois de se perderem já as regras do senso commum, ainda se mettiaõ a discorrer. Consequentemente levantáraõ-se em França algumas controversias Theologicas. O Monge Godescalco, julgou illustrar o mysterio da predestinação com a doutrina de Santo Agostinho. Porém encontrou no famoso Hincmar de Rheims hum terrivel adversario, o qual não o podendo reduzir por meio dos argumentos, o mandou fustigar na presença do Rei Carlos o Calvo. O Monge Ratberto expressou o dogma da presença Real em termos taõ duros, e taõ novos, que outros dous Monges, Raban, e Ratram (*), parecêraõ combater o dogma, posto que não

Godescalco fustigado.
Ratberto e outros Monges oppostos a respeito da Eucharistia.

(*) Esta disputa serve para dar a conhecer qual foi antigamente a este respeito a doutrina da Igreja: porém esta Historia não he livro de controversia. Felizes os Christãos; se nunca se tivesse escrito hum só livro de controversias.

naõ accommettessem senaõ as expressões de Ratberto. Naquelle tempo a curiosidade inclinou-se á digestaõ da Eucharistia, do parto da Virgem, e das materias, que os mesmos sabios Theologos naõ poderiaõ tratar, sem o perigo de profanar os mysterios. Felizmente todas aquellas disputas se desvanecêraõ no cáhos do decimo seculo. Que teria chegado a ser a doutrina da Igreja, se a ignorancia a mais profunda naõ tivesse impedido o dogmatizar ainda?

Os estudos se renovaõ no undecimo seculo: porém que estudos! Huma falsa dialectica subtiliza a respeito de palavras, e naõ dá idéa alguma das cousas. Querendo analizar tudo, tudo confunde, fórma huma prática scientifica, e capaz sómente de anniquilar toda a sciencia, e abre hum campo de batalha para os animos ardentes, os quaes, segundo o exemplo dos Gregos, vaõ atear juntamente com os seus sofismas o fogo das controversias, e das heresias. Como os novos doutores naõ se daõ senaõ por Theologos, o objecto principal do seu trabalho saõ as materias Theologicas; e como naõ conhecem nem a Historia, nem a Antiguidade, nem a Critica, o seu trabalho naõ pôde produzir nenhuns fructos. Esta a razãõ por que Berenger, Conego de

Dialectica
perniciosa
do undeci-
mo seculo.

Berenger,
e Lanfranc

Tours

oppositos a respeito da Transubstanciação. Tours, querendo explicar a presença Real, dará origem á disputa a respeito da Transubstanciação; e o Monge Lanfranc, seu competidor, mandando-o condemnar por muitos Concilios, movendo contra Berenger assim os Bispos como os Papas, exporá a Transubstanciação, a respeito da qual se não disputava senão n'hum unica escola, a ser accommettida por legiões de Seitarios.

Poder infinito attribuido ao Papa pelos Monges. O número dos absurdos devia augmentar-se por causa dos pessimos estudos, do que veremos infinitos exemplos: porém o maior de todos he o grande poder, que a opinião concedeo aos Papas. Esta foi principalmente a obra daquelles pios Monges, que chegárao a ser os oraculos da Europa. A Corte de Roma lhes dava prodigamente privilegios nunca ouvidos, isentava-os de outra qualquer jurisdicção, que sua não fosse, os prendia por meio de todos os laços imaginaveis. Além de que acostumados da mocidade a receber as ordens absolutas de hum superior, como ordens da Divindade, suppozerao facilmente que a cabeça da Igreja, o Vigario de Jesu Christo, tinha huma authoridade illimitada. A preocupação, e o interesse fizerao seus principios; a ignorancia, e o entusiasmo os consagrarao. O primeiro passo sem

sempre guiou para outro mais atrevido. Qualquer successo parece em breve tempo hum titulo certo. Em lugar de demonstração houve sofismas, e falsidades. Finalmente as emprezas de Gregorio IV. contra Luiz o Benigno, de Nicoláo I. contra Lothario, Rei de Lorena, de Adriano II. contra Carlos o Calvo, de Joáo VIII. contra diversas Potencias, e de Gregorio V. contra o Rei Roberto, nada são em comparação das emprezas, que formará Gregorio VII., o qual terá zelosos imitadores.

Deste modo a Religião servirá mais do que nunca de pretexto para os excessos os mais estranhos. Entrará ella em todos os grandes negocios, e será o primeiro movel dos successos. Logo ha hum necessidade de conhecer os erros, e os abusos, que a corrompiaõ, os quaes devem-se considerar como essenciaes para a historia politica: porque as idéas religiosas absorviaõ naquelle tempo toda a intelligencia dos homens, que certamente nunca já mais tiveraõ tão pouco conhecimento nem da politica, nem da mesma Religião.

Influencia
das idéas
religiosas.

II.

Outro caracter distinctivo destas duas E'pocas, he a anarquia originada do governo feudal. Os *beneficios*, ou *feudos*,
TOM. V. S que

Como os
feudos se
multiplicá-

raão á custa
da digni-
dade Real.

que os Reis davaõ aos Grandes para re-
compensar os seus serviços, e para os
pôr em estado de servir, sendo moveis na
origem, deviaõ sustentar a Real autho-
ridade, em lugar de destruir os seus
fundamentos, se todos os Reis tivessem
sido outros taes como Carlos Magno. Po-
rém a ambição, e a ayareza dos Caval-
leiros souberaõ aproveitar-se da fraqueza
dos Principes, e extorquindo novos feu-
dos, arruináraõ o dominio. Não satisfei-
tos de ser usufructuarios, pertendêraõ
chegar a ser proprietarios, e a herança de-
terminou nas suas familias os despojos da
Coroa. Infelicidade inevitavel, des que
os Reis não sabiaõ mais reinar; des que
as dissensões civis, e os perigos sempre
de novo reproduzidos os obrigavaõ a com-
prar o soccorro, e não sei se diga, a
protecção dos seus vassallos, e des que
os Cavalleiros tiveraõ a torça de usurpar
aquillo mesmo, que era perigoso negar
aos seus desejos. O exemplo de alguns
foi o titulo, e o direito dos outros: re-
bentado que tivesse huma vez o dique,
a torrente trasbordou por todas as
partes.

Os Caval-
leiros, e o
Clero fe-
nhoreaõ-se
das Cida-
des, e das
terras.

Os *Duques*, ou Governadores das
Provincias, os *Marquezes* prepostos para
a guarda, e conservação das fronteiras,
os mesmos *Condes* encarregados da admi-
nis-

nistração da justiça, antecedentemente officiaes do Rei, em breve tempo se assegnoreárao dos seus Ducados, dos seus Marquezados, e dos seus Condados. Os Bispos, e os Monges se apoderárao, como elles, assim das Cidades como das terras, onde se achavao os mais fortes. Estes fizeram-se muito mais poderosos em Alemanha, do que em outra qualquer parte, porque a pessima politica dos Ottons, pretendeo fazer com elles hum partido contra os Grandes. Certifica-se que aquelles Principes concedêrao á Igreja as duas terças partes dos bens do Reino. Por ventura não deviao elles antever que o Cléro teria as mesmas paixões, que os leigos, e que lhes ajuntaria a arte de as encobrir com tudo o que a Religião tem de tremendo, e capaz de impôr?

O Cléro em Alemanha mais poderoso do que em outra qualquer parte.

No nono, e decimo seculo lançou o governo feudal as mais profundas raizes. Quasi todos os Estados modernos da Europa adoptárao a sua constituição, ligada talvez com os antigos usos Germanicos. O Rei, como *Suzerano*, recebia a homenagem, e o juramento de fidelidade dos seus vassallos, a respeito dos feudos da Coroa, que occupavao, os quaes não havendo herdeiros, deviao voltar para o seu dominio. O mesmo Rei ti-

Governo feudal, estabelecido por toda a parte.

nhá o direito de os convocar para a guerra; de os sentenciar na sua Corte com os seus *pares* juntos; e de confiscar os seus feudos no caso ou de falta de fidelidade, ou de rebelliaõ. Porém em quanto ao mais, os poderosos vassallos gozavaõ nas suas terras dos direitos Reaes, pois batiãõ moeda, exercitavaõ soberanamente a justiça, davaõ Leis, tinhaõ a sua Corte, e os seus vassallos, n'humas palavras, eraõ pela maior parte bastantemente poderosos para fazer tremer o Monarca, se se pôde dar tal nome a huns Principes sem authoridade Real.

Feudos, e retro-feudos, multiplicados ao infinito.

Deixando a anarquia huma carreira livre para as violencias, e sendo a protecção immediata dos primeiros Cavalleiros mais util do que a protecção do Rei, o número dos seus vassallos augmentou-se cada vez mais. Todos queriaõ participar das utilidades do corpo feudal. Os possuidores das terras livres, chamados *livres possuidores*, porque não reconheciam nenhum outro Senhor, davaõ-as a algum Grande, a fim de as receber d'elle como feudo; e constituindo-se feudatarios, tinhaõ hum defensor. Daqui procedeo multiplicarem-se os feudos infinitamente; intitularam-se os moinhos, e fornos feudos; procederem de huns retro-feudos outros retro-feudos; e formar-se huma cadeia de di-

direitos respectivos, tão complicados, e tão escuros, que em vão se empenharião a explicallos.

D.) governo feudal, onde a força decidia tudo, nascião as desordens mais horrorosas. Os grandes, e pequenos Cavalleiros, sempre armados, não cuidavaõ senão em invadir, ou em defender-se. Não podendo nenhuma authoridade castigar o crime, os homicidios, e os roubos perpetuavaõ-se sem interrupção. As guerras particulares eraõ huma especie de direito publico. A maior parte dos Cavalleiros, tyrannos nas suas terras, e salteadores fóra dellas, em nada estimaõ os principios da equidade, e os sentimentos da natureza. Os homens faziaõ-se animaes ferozes, e não he para admirar, que os Bispos recorressem a huns expedientes extravagantes, inventassem a *paz de Deos*, e a *tregoa de Deos*, para pôr freio ao furor geral. Máos Medicos pretendiaõ curar males irremediaveis; e os remedios eraõ huma nova origem de males.

Desordens
horroro-
sas, proce-
didas da
anarquia
feudal.

O serviço militar, obrigação principal dos vassallos, tão pouco tinha regras determinadas, nem para a duração da campanha, nem para a distancia dos lugares, nem para a natureza das guerras; era limitado por hum espaço de tempo,

O serviço
militar de-
vido ao
Soberano,
reduzia-se
a pouca
cousa.

sessenta, quarenta dias, mais ou menos, conforme as convenções arbitrárias, que não podiaõ ser sólidas. Em certos casos, os vassallos, em lugar de ser obrigados a servir o Suzerano, tinhaõ o direito de combatello. O Soberano achava-se algumas vezes sendo o vassallo dos seus vassallos. Finalmente tudo dependia das circumstancias, porque o mais forte, ou dava as Leis, ou recusava sujeitar-se a ellas. Os Scythas, errantes juntamente com os seus trabalhos, eraõ certamente muito mais bem governados.

Miseria, e
escravidão
do Povo.

Inutil seria descrever o deploravel estado do Povo: o qual facilmente se pôde imaginar. A escravidão, a que o Povo se achava por toda a parte reduzido, afflige muito menos a humanidade, do que as violencias das quaes era victima o mesmo Povo. Embrutecido por causa da oppressão, e das publicas calamidades, capaz porém de tornar outra vez a si, sua debil, e frouxa razaõ devia acumular as suas desgraças. A unica observação que neste lugar se pôde fazer, he que huma grande parte do Povo se tinha constituido voluntariamente escravo, ou do Cléro, e dos Monges, ou dos seculares; humas vezes por causa de huma estúpida devoção, outras vezes para adquirir o pão com o trabalho, e outras

ve-

vezes para se livrarem de huma tyrannia mais cruel. A escravidão (quem o julgaria?) foi hum recurso naquelles horrorosos tempos.

III.

O gosto da cavallaria, já muito commum, util a certos respeitos, chegou a ser funesto, augmentando a paixão das armas, e das aventuras. Entre os antigos Germanos, armavaõ-se, pela primeira vez, os mancebos com certas ceremonias proprias para inspirar o ardor marcial. Porém a cavallaria, considerada como huma ordem militar, ainda era moderna no undecimo seculo. Lem-se com gosto, em as memorias de Monsieur de Sainte Palaye (*Academie des Inscrip. T. 20.*) as individuações, que dizem respeito a este estabelecimento. Onde se vê a Religião, ou a devoção de tal sôrte unida com a cavallaria, que alguns entusiasmados a transformavaõ n'huma especie de sacramento, e a comparavaõ com o Sacerdocio, e com o mesmo Episcopato: idéa totalmente digna das loucuras antigas. Depois dos jejuns prescritos, de passar a *vigilia das armas* em orações n'huma Igreja, da recepção dos sacramentos, e de diversas ceremonias religiosas, nas quaes se empregava o ministerio dos Sacerdotes, e dos padrinhos; recebendo o no-

O gosto da cavallaria augmentava a paixão das armas.

Religião confundida com a cavallaria.

viço a espada, e a accollada dedicava-se solemnemente á defeza da Fé, das viúvas, dos orfãos, e dos opprimidos.

Galantaria
romanesca
proce-
dida dos
Mouros.

Os Mouros da Hespanha tinham espalhado huma galantaria romanesca, que chegou a ser hum dos caracteres principaes da cavallaria. Combater em honra das damas, especialmente para gloria daquella, da qual se declaravaõ Cavalleiros, foi huma inviolavel, e sagrada obrigação. Sentimentos generosos começavaõ a formar-se; podiaõ elles por ventura apurar-se entre huns vicios dominantes?

Enthusiasmo
para a
cavallaria.

Esta instituição dizia muito bem com os costumes guerreiros, para não inspirar o enthusiasmo. A nova nobreza, educada nas casas dos Cavalleiros, aprendeo com elles o Officio das armas, a religião, e o amor. A mesma nobreza moça os servia primeiramente como pagens, depois como escudeiros, aspirando ao lugar supremo da cavallaria, a que se não chegava senão depois de próvas manifestas de valor. Daqui resultavaõ duas uti-

Utilidades
que a no-
breza tira
da cavalla-
ria.

tidades para a Nobreza. A que se achava na posse dos feudos, educava valerosos guerreiros annexos ao seu serviço, e aquella que era pobre, achava recursos, huma educação, e meios para o adiantamento. Porém limitando-se toda a idéa de merecimento aos objectos da cavallaria,

a ignorancia, a superstição, e o furor dos combates chegáram a ser mais do que nunca o caracter distinctivo da nobreza.

A pezar dos elogios que *Monsieur de Sainte Palaye* faz á cavallaria, a sua imparcialidade o obriga a convir: « Que » os Seculos, e em que era mais florecen- » te a cavallaria, forão Seculos de bar- » barbaridade, de vicios desordenados, de » roubos, e de horror; e que muitas ve- » zes todos os vicios, e crimes se acha- » vaõ juntos nos mesmos Cavalleiros, que » naquelle tempo se erigiaõ em Heroes. » (*Cinquieme Mémoire*) « Os homens são in- » consequentes, accrescenta aquelle sa- » bio judicioso; sempre ha muita diffe- » rença da especulação á pratica. Nos Es- » tados os mais regulares, o número da- » quelles que vivem conforme as regras » sempre he o mais pequeno, excepto » talvez nos primeiros principios. A' pro- » porção que se apartaõ da origem, o » tempo introduz abusos; porém estes » abusos devem ser imputados aos ho- » mens, e não á profissão, que abraçáraõ. » A cavallaria teve a este respeito a sorte » de todos os outros institutos; e além » de que, para não disfarçar causa algu- » ma, a sua mesma constituição era isse- » paravel de diversos inconvenientes. Se » a considerarmos quanto á guerra, com » que

Abuso da
cavallaria.

I. Nenhuma disci-
plina.

» que desordem não devia combater hu-
 » ma milicia impetuosa , que nenhuma
 » outras Leis recebia senão aquellas ,
 » que o seu valor lhes inspirava , e pa-
 » recia procurar unicamente os meios de
 » multiplicar os perigos ; que confundia
 » a ostentação com a gloria, a temeri-
 » dade com o valor ; e que cheia das
 » suas falsas preocupações , não teria
 » já mais podido crer que houvesse Pó-
 » vos mais prudentes, taes como os La-
 » cedemonios , e os Romanos , entre os
 » quaes o excesso do valor era castigado
 » como cobardia : huma milicia final-
 » mente quasi incapaz de reunir-se , e por
 » consequencia de reparar os seus erros,
 » e as suas perdas ? »

2. Superf-
 tição.

— « Huma religião, toda supersti-
 » ciosa, parecia ser a unica regra do seu
 » estylo de proceder ; pois não conheciaõ
 » senão práticas exteriores , recommen-
 » dadas pelos Presbyteros , pela maior
 » parte tão ignorantes , como aquel-
 » les, cujas consciencias governavaõ. »

3. Defor-
 dens.

— « Como não havia senão hum
 » passo para dar da superstição dos nos-
 » sos devotos Cavalleiros para o atheis-
 » mo , tambem não tinhaõ senão hum
 » passo para dar do seu fanatismo de
 » amor , para os maiores excessos da li-
 » bertinagem , &c. »

Sem

Sem demorar-nos em descrever os Cavalleiros andantes da Hespanha, nem as justas, e torneios ; que os Mouros introduzirão, observemos sómente que estes jógos soberbos, e homicidas, foraõ em breve tempo introduzidos entre os outros póvos, e que os Cavalleiros de todas as terras se entregáraõ á paixão das aventuras. Esta paixão deo motivo para as Conquistas dos Normandos em Italia, e foi huma das principaes causas das Cruzadas. As empresas da cavallaria, confundidas com as empresas do poder Pontificio, faráõ huma das E'pocas mais interessantes.

Fim do Tomo quinto.



INDICE

CHRONOLOGICO

De alguns factos principaes da Historia Moderna, até o decimo quinto seculo.

ESTE Indice me pareceo ser muito necessario: I. porque tendo continuado a Historia do Imperio Romano até á Conquista dos Arabicos, referi anteceden-temente diversos factos consideraveis, posteriores á E'poca de Clovis: II. porque os primeiros Seculos da Historia Moderna offerecem huma mistura tão confusa, que he impossivel observar na narração ordem certa, na qual se veja sufficientemente observada a correlação dos tempos. Limito-me ás cousas mais essenciaes.

486. *Clovis* vence, e derrota os Romanos perto de Soissons, e toma tudo quanto elles possuião na Gaula. Neste tempo he que propriamente principia a Monarquia Franceza. Os *Francos*, já se tinhaõ estabelecido em Tournay, e nos seus circuitos; porém ignora-se totalmente quaes foraõ os seus primeiros Reis.

Reis. O novo Conquistador abraçou o Christianismo em 496, depois da batalha de *Tolbiac* contra os Alemães.

Alarico, Rei dos *Visi-Godos*, vencido em Vouillé por Clovis. Senhorea-se o vencedor daquelle Reino, cuja Capital era Tolosa; porém Theodorico, Rei dos Ostro-Godos, toma-lhe novamente huma parte do mesmo Reino por meio dos seus Generaes. 507.

Morte de *Clovis*. A Monarquia dividida entre os seus quatro filhos. Estas divisões forão funestas por muito tempo. As guerras civis succedêrão-se quasi sem interrupção. 511.

Morte de *Theodorico o Grande*. Theodorico tinha governado a Italia como grande Rei, ao mesmo tempo que os Imperadores Romanos se faziaõ despreziveis. O Imperador *Justino* morreo no anno seguinte, e teve por Successor o celebre *Justiniano* cuja reputação excedeo ao merecimento. 526.

Conquista da Africa contra os *Vandalos*, por *Belizario*. Este General de *Justiniano* teria podido exaltar o Imperio, se os seus fundamentos estivessem menos arruinados. Belizario servia huma Corte depravada, e ingrata. 533.

Fim do Reinado dos *Borgonhezes*. Os Reis Francezes dividirão esta conquista, 534.

ta, a qual augmentou consideravelmente a Monarquia.

537. Expedição de *Belizario* para Italia. *Belizario* violentando em Ravenna a *Viti-gez*, Rei dos Ostro-Godos, pareceo ter entregue a Italia ao Imperio, em 540 ; porém o Imperio não a podia conservar por muito tempo. *Totila*, marchando pelos mesmos passos de *Theodorico*, obrigou em breve tempo os Romanos a se retitarem.
553. O Eunuco *Narsés*, mandado por Justiniano com hum bom exercito, vence, e derrota a *Totila*. A Italia he tomada aos Godos, que poucos annos depois serão substituidos por outros Barbaros.
568. Governando *Justiniano II.*, Successor de Justiniano, *Alboino* estabelece em Italia o Reino dos *Lombardos*. O Imperio não conserva em Italia senão o *Exarcado* de Ravenna.
575. Principio das guerras civis excitadas em França pelas Rainhas *Fredegunda*, e *Brunebaut*. Nunca se virão maiores horrores. Não eraõ tanto o fructo da ambição daquellas duas mulheres, como da atrocidade dos costumes geraes, e das idéas supersticiosas que corrompiaõ a influencia da Religião.
590. *S. Gregorio*, intitulado o Grande. Este Pontificado he célebre, ou por causa das

das virtudes do Pontifice , ou porque teve grande credito nas Cortes. Mandou S. Gregorio os primeiros Missionarios para a Grã-Bretanha, que os Saxonios, e os Inglezes tinhaõ subjugado havia quasi hum seculo.

Phocas priva do Throno o Imperador *Mauricio*. Revolução notavel por horrorosas circumstancias. *Heracio* , que privou do Throno a *Phocas* em 610, venceo os Persas ; porém augmentou as infelicidades do Imperio por meio de hum pessimo governo, e de novas dissensões Theologicas. 602.

A *Hegira* dos Mahometanos , ou fugida de *Mafoma*. Este formidavel impostor, obrigado a fugir da Mecca, não deixou de sujeitar em breve tempo á sua Religiaõ, e ao seu poder os Arabicos, ou Sarracenos, dos quaes fez hum Povo fanatico, e igualmente Conquistador. Os Califes seus Successores, Reis Pontifices , subjugáraõ em muito pouco tempo, a Syria, a Persia, e a Africa. 622.

Constantinopla sitiada pelos *Sarracenos*. Já se vê ameaçada a Capital do Imperio. O fogo Grego, inventado pelo Engenheiro Callinico , a salvou : porém as Provincias rendiaõ-se de todas as partes. 672.

Wam-

681. *Wamba*, Rei de Hespanha, privado do Throno por hum Concilio de Toledo, sob pretexto de penitencia. Os Bispos dominavaõ em Hespanha; davaõ Leis; e deraõ o exemplo de huma empreza nunca ouvida contra o Soberano.
711. Conquista da *Hespanha* pelos *Sarracenos* de Africa, chamados *Mouros*. Hum Heroe do Sangue Real dos Visi-Godos, chamado *Pelagio*, retirou-se para as montanhas das *Asturias*, onde fundou hum pequeno Reino Christaõ, e daqui sahirãõ inimigos tremendos dos Conquistadores.
714. Morte de *Pepino Heristel*. Tinha *Pepino* reinado gloriosamente em França com o titulo de Maire do Paço, porque os Reis *Negligentes* não tendo poder algum, os Maires tinhaõ toda a authoridade. *Carlos Martel*, o qual succedeo a *Pepino*, seu Pai, ainda o excedeo por causa das suas proezas.
725. O Imperador *Leão Isauro* pretende destruir o Culto das Imagens. Excitando esta nova heresia dos *Iconoclastas* as perturbações mais funestas, soblevou os Papas, e os Póvos contra o Imperio.
732. *Carlos Martel* vence, e derrota perto de Tours os *Sarracenos*, os quaes sahindo da Hespanha, tinhaõ entrado na França,

ça, que os mesmos Sarracenos teriaõ talvez sujeitado ao Alcoraõ, se o Heroe Francez os naõ tivesse derrotado. As suas guerras civis contribuíraõ depois para a salvaçaõ dos Estados Christãos.

Pepino, filho de Carlos Martel, priva do Throno a geraçaõ de Clovis, ou os *Mérovingienses*. O que em parte foi effeito da politica da Papa *Zacharias*. Querendo os Papas livrar-se do Imperio de Constantinopla, e da inquietaçaõ, que lhes causavaõ os Reis Lombardos, confiavaõ-se na França. *Pepino* passou duas vezes á Italia, e obrigou a *Aistulfo*, Rei dos Lombardos, a que cedesse algumas Praças á Santa Sé. 752.

Morte de *Pepino*, o qual deixa a Coroa aos seus dous filhos, *Carlos Magno*, e *Carlomano*. O primeiro reinou só em 771. As suas expedições, leis, e governo, formaõ huma E'poca das mais memoraveis da Historia. 768.

Fim do Reino dos *Lombardos*. Tinha o Papa *Adriano* chamado Carlos Magno contra o Rei *Didier*, que foi prezo em Pavia, sua Capital. Este Reino foi incorporado com a Monarquia Franceza. 774.

Abderamo, ou *Almanzor*, Principe Arabico, tomando a Hespanha aos Califas, 778.

fes, a governava gloriosamente como Rei.

794. *Concilio de Francfort*, célebre por causa da condemnação do segundo Concilio de Nicéa, no qual o Culto das Imagens tinha sido restabelecido, em 787, governando a Imperatriz Irene. Carlos Magno não se mostrou bom Theologo nesta causa, na qual tão pouco se comprehende o sentido do Decreto de Nicéa.
800. O Papa Leão III. coroa Carlos Magno *Imperador*. Julgou-se restabelecer o Imperio do Occidente, do qual não ficava vestigio algum. O poder temporal dos Papas, cujos fundamentos Pepino tinha lançado, achou-se estabelecido mais sólidamente. Tendo *Niceforo* privado do Throno a Irene, ajustou-se com Carlos Magno. Os limites de ambos os Imperios foram regulados.
807. *Haroun-al-Raschid*, Calife, o qual cultivava, e fazia florescer as Sciencias, cede Jérusalem a Carlos Magno por amizade, e estimação, que d'elle fazia. Huma das mais notaveis revoluções do entendimento humano, he a profunda ignorancia, em que a Europa cahe, ao mesmo tempo que os Arabicos se illuminam.
814. Morte de *Carlos Magno*. O seu Imperio in-

incluia a França, Alemanha, Italia, Catalunha, &c. Seu filho, *Luiz o Benigno*, foi o ludibrio dos partidos, aos quaes não oppoz senão huma devoção pusillanime.

Primeiras invasões dos *Normandos*, ou 820.

Dinamarquezes. Estes piratas, sahindo das praias do Mar Baltico, devião ser por muito tempo hum dos flagellos da Europa, e produzir nella grandes revoluções.

Egberto, Rei de Wessex, que se tinha formado na Corte de Carlos Magno, reu- 827.
nio debaixo do seu dominio em Inglaterra os sete Reinos pequenos Anglo-Saxonios, chamados a *Heptarquia*.

O Imperador *Luiz*, privado do Throno 830.
por seus filhos rebeldes, ou antes por Bispos, que o sujeitáraõ á penitencia publica, a fim de lhe tirar a Coroa. Luiz sim foi restabelecido, mas não apren-
deo a reinar.

Depois da morte de Luiz, os seus tres 840.
filhos, *Lothario*, *Luiz o Germanico*, e *Carlos o Calvo*, dividem a Monarquia.
Nova origem de guerras civis.

Os *Normandos* entraõ na França, e che- 845.
gaõ até quasi a Pariz: seus assaltos chegáraõ a ser continuamente cada vez
mais terriveis. O Rei Carlos o Calvo

- os accommodava com dinheiro; isto he, dava-lhes motivo, e vontade para tornar, e era incapaz de lhes resistir. A Inglaterra achava-se tão arruinada como a França.
860. Divorcio de *Lothario*, Rei de Lorena. Este foi o motivo da sua famosa disputa com o Papa Nicoláo I., que deo o exemplo das medidas mais violentas contra as cabeças coroadas. As disputas com Roma chegaráo a ser cada vez mais frequentes; e os Papas venceráo aos Reis. — Nicoláo excommungou o Patriarca *Phocio*. Origem do Scisma dos Gregos.
871. Reinado do grande *Alfredo* em Inglaterra. Este he o prodigio do seu seculo, juntamente com *Carlos Magno*.
877. Morte de *Carlos o Calvo*, feito Imperador. O seu Reinado póde ser considerado como a E'poca do *governo feudal*, o qual perpetuou por muito tempo a anarquia, e as violencias.
885. Sitio de Paris pelos *Normandos*. A Cidade defendeo-se dous annos. *Carlos o Gordo* fez huma paz ignominiosa com os Barbaros. *Carlos o Simple* foi obrigado a ceder-lhes, em 912., o Paiz chamado do seu nome a *Normandia*: na qual reinou *Rollon*, seu Chéfe, gloriosamente com o titulo de Duque.

Refórma de Cluni. Neste tempo he que 910.
os Monges com costumes respeitaveis
chegárao a ser poderosissimos, porque
o Cléro era muito corrompido, e os
Póvos muito estupidos.

Conrado, Duque de Franconia, eleito Rei 912.
pelos Alemães. Deste modo a causa de
França perde a Alemanha. Carlos o
Simplex, herdeiro daquella Coroa,
naõ era senão hum fantasma de Rei.
Os Cavalleiros Francezes o despojárao
sem muito custo: morreo Carlos na
prizaõ (929.)

Ramiro II., Rei de Leaõ, e das Asturias, 938.
vence, e derrota os Mouros em Si-
mencas, batalha famosa. Os Mouros
da Hespanha estavaõ divididos por cau-
sa das guerras civís, das quaes se apro-
veitárao os Christãos, posto que pou-
co unidos entre si. Os progressos dos
ultimos eraõ vagarosos; pôrem o seu
valor avigorava-se com as esperanças.

Otton o Grande, coroado Rei de Italia, 961.
e Imperador no anno seguinte. Era fi-
lho de *Henrique o Passarinheiro*, Du-
que de Saxonia, que tinha sido eleito
Rei de Alemanha. *Joaõ XII.* chama Ot-
ton para Italia contra Berenger, o qual
tyrannizava aquella região. O Imperio
foi concedido aos Alemães pouco mais,
ou menos do mesmo modo, que tinha
si-

sido concedido aos Frantezes. Porém soblevada Roma em breve tempo por causa do Papa, foi subjugada pelo Imperador. O Cléro no governo dos Ottons, chegou a ser poderosissimo em Alemanha, onde se estabeleceo a herança dos feudos.

Os Pontifices, depois de algum tempo, participavaõ da depravação dos costumes; e a augmentavaõ com o seu exemplo. A ignorancia, a superstição, os escandalos, e os crimes estavaõ no seu auge. Todavia neste seculo he que se estabeleceo o Christianismo em Dinamarca, Suecia, Polonia, Russia, Hungria, &c.

987. *Hugo Capeto*, chegando a possuir a Coroa de França, he privada do Throno a geração dos *Carlovigienses*. Assim esta geração, como a primeira, tinha cahido em desprezo por causa da frouxidão dos Principes. A casa reinante de hoje em dia descende de Hugo Capeto, cujo avô, e o tio já tinhaõ sido condecorados com o titulo de Reis.

998. *Roberto*, filho de Hugo Capeto, excomungado por Gregorio V. Esta excomunhaõ o obrigou a desquitar-se de sua mulher.

1017. Os *Dinamarquezes*, governando *Canuto*, Rei de Dinamarca, subjugaõ Inglatera;

ra; na qual reinou Canuto como grande Príncipe. *Sweyn* seu Pai tinha principiado a revolução.

Huns aventureiros de Normandia fundão 1029.
em Italia a Cidade de Aversa. Estes nobres *Normandos*, animados do antigo espirito da sua Nação, são os fundadores do Reino das *Duas Sicílias*, fructo da sua ambição, e valor.

Paz de Deos, publicada pelos Bispos, 1033.
governando Henrique I., Rei de França. Esta extravagante instituição prôva o excesso das desordens, e calamidades, e a impossibilidade de lhes dar remédio.

Morte de *Sancho*, Rei de Navarra, inti- 1035.
tulado o Grande, por ter feito conquistas aos Mouros. *Sancho* dividio os seus Estados entre os seus quatro filhos. Eis-aqui quatro Reinos pequenos Christãos em Hespanha: *Leão*, *Navarra*, *Castella*, e *Aragão*. Origem de guerras civis.

Scisma dos Gregos, consummado pelo Pa- 1054.
triarca *Cerulario*, a quem o Papa *Leão IX.* não respeitou. A Corte de Constantinopla era hum Theatro de Crimes. Vivia então a famosa Imperatriz *Zoé*.

Os *Normandos* estabelecidos em Italia to- 1058.
maão a *Sicília* aos Sarracenos. Esta fa-
mi-

milia de heróes não cessava de engrandecer-se.

1066. Conquista de *Inglaterra* por *Guilherme*, Duque de Normandia. *Guilherme* subjogou inteiramente a Nação por meio de huma cruel politica.

1073 *Hildebrando*, Papa, com o nome de *Gregorio VII*. Nenhum Pontificado he mais célebre por causa das emprezas contra as Coroas. Vê-se hum systema de Monarquia universal formado por este Pontifice, que trabalhou menos effizazmente em reformar os costumes do Cléro, do que em abalar a constituição dos Estados.

1076. O Imperador *Henrique IV*. (da casa de Franconia) excommungado, e deposto por *Gregorio VII*. Principia então a guerra do Sacerdocio com o Imperio, cujas circumstancias causão horror. O Papa era defendido pelos Normandos, feitos vassallos da Santa Sé, e pela famosa Condeça *Matilde*, que lhe fez doação dos seus Estados. Morreo *Gregorio* em 1085. Os seus Successores seguirão os seus passos.

1085. O *Cid* toma Toledo aos Mouros. Os Christãos de Hespanha continuavaõ sempre os seus progressos. O Reino de *Portugal* principiou em 1132.

1095. *Cruzada* prégada por *Urbano II*. no Con-

cilio de Clermont, no qual excommungou Urbano o Rei de França, *Filippe I.* As Cruzadas dão a conhecer perfeitamente qual era o espirito, que reinava naquelle tempo. Esta terminou-se com a tomada de Jerusalem em 1099; conquista muito pouco sólida.

Henrique IV., privado do Throno por seu filho *Henrique V.*, a quem *Pascoal II.* tinha excitado para a rebelliao. Esta era a consequencia da contenda de Gregorio VII. O novo Imperador com tudo a continuou. Faltando Pascoal em 1112 a hum ajuste, que tinha feito quanto ás investiduras, ateou-se a guerra.

Guerra de *Luiz o Gordo*, Rei de França, com *Henrique I.*, Rei de Inglaterra, e Duque de Normandia. Este he o principio das guerras tao dilatadas entre aquellas duas Coroas. Estas guerras eraõ inevitaveis, des que o Rei de Inglaterra possuia hum grande feudo em França.

Fim da guerra das *Investiduras*, por meio de hum ajuste singular entre Calisto II., e Henrique V. Porém o uso de sobrevar os vassallos por meio da excommunhao dos Soberanos perturbará por muito tempo a Europa.

Scisma de *Anacleto*, que disputava a dignidade-

dade de Papa a *Innocencio II.* O célebre *São Bernardo*, fez com que *Innocencio* fosse reconhecido. Houve guerras a este respeito. *Innocencio* prisioneiro de *Rogero*, Rei de *Sicilia*, confirmou-lhe este titulo de Rei, que *Anacleto* lhe tinha concedido.

1140. *Abelardo* condemnado em Sens. *Berenger* tinha sido condemnado em França, e em Roma quasi no meio do seculo precedente. Nós o observamos, como a Época da falsa *dialectica*, da qual procedêraõ tantos erros, e tantas disputas funestas. Os estudos animavaõ-se novamente, e nem por isso eraõ melhores. *Arnaldo de Brescia* dogmatizava por fanatismo. *Adriano IV.* o perseguiu: *Arnaldo* foi queimado em 1155. Deste modo principiaõ novamente as heresias, que chegarão a ser mais perigosas, á proporção que se inflammarem as disputas.
1146. Segunda *Cruzada*, prégada por S. *Bernardo*. *Luiz o Moço*, e *Conrado III.* primeiro Imperador da Casa de Suabia, passáraõ para a Asia com grandes exercitos. Vencidos, e derrotados pelos Turcos, hum depois do outro, voltáraõ em 1149.
1156. *Frederico Barba-ruia*, Imperador; o qual empenhou-se muitas vezes, mas em vão, a domar o espirito de liberdade, e rebel-

belliaõ, que se espalhava pela Lombardia. Em 1176, os Milanezes vencêraõ, e derrotáraõ o Imperador. Este he o tempo, em que o Povo sahia de todas as partes da escravidão, comprando isenções. O governo *municipal* estabelecia-se nas Cidades; os Cidadãos adquiriaõ sentimento, e industria. *Veneza*, já poderosa por causa do commercio, defendeo a Adriano IV. contra o Imperador Frederico.

Principio da contenda de *Henrique II.*, 1164.

Rei de Inglaterra, com *Thomaz Becket* (Santo Thomaz de Cantuaria), a respeito dos immuniidades Ecclesiasticas. Henrique era o Rei mais poderoso da Europa; pois possuia diversas Provincias de França: esta contenda porém contribuiu para a sua infelicidade.

Terceira *Cruzada* contra *Saladin*, o qual 1188.

Frederico Barba-ruiva morreo nesta expedição: na qual não foraõ muito bem succedidos nem *Filippe Augusto*, nem *Ricardo*, Rei de Inglaterra. Tudo reduzio-se á tomada de *Acre*. Voltando Ricardo em 1192, foi prisioneiro do Imperador Henrique VI. *Filippe Augusto*, que o tinha precedido, aproveitou-se da sua ausencia, a fim de lhe causar todo o mal que podesse.

1196. O Imperador *Henrique VI.*, Senhor da *Sicilia*, com cuja herdeira tinha casado. Esta he a origem principal do odio dos Papas contra a casa de Suabia, que elles não querião consentir em Italia.
1198. Principio do Pontificado de *Innocencio III.* o qual a certos respeito, excedeo a *Gregorio VII.* Innocencio principiou pondo hum interdicto á França por causa de hum divorcio do Rei.
1202. *Filippe Augusto* confisca as Provincias, que *Joaõ*, Rei de Inglaterra, possuia em França; cuja confiscação foi executada por via das armas. *Joaõ* era tão cobarde como violento.
1204. *Constantinopla* tomada na quarta *Cruzada*. *Baldoino*, Conde de Flandres, sendo o seu Chêfe, foi Imperador. Os Cruzados, parecendo que só se armavaõ contra os Infiéis, sempre as suas intenções eraõ contra a Cidade. *Veneza* teve muita parte nesta expedição, na qual adquirio a *Morea*, e *Candia*.
1208. Cruzada contra os *Albigenses*. *Raimundo*, Conde de Tolosa, foi a victima desta atrocidade. Naquelle tempo principiou a *Inquisição*.
1212. *Innocencio III.* differente com *Joaõ*, Rei de Inglaterra, concedeo aquelle Reino a *Filippe Augusto*. Constitue-se *Joaõ* vassallo do Papa, o qual muda então de dis-

disposições. Soblevados os Cavalleiros Inglezes, obrigão o seu Rei em 1215 a assignar o *registo principal* dos antigos titulos do Estado.

Principio das *Ordens Mendicantes*. Este estabelecimento de Innocencio III. influio muito nos negocios da Igreja. --- As *Universidades* estabeleciaõ-se. Prohibia-se ler a *Metafisica* de *Aristoteles*. O estudo do *Direito Romano* preparava huma revolução politica. 1215.

Mórte de *Filippe Augusto*. A sua politica tinha augmentado o poder da sua Coroa. 1223.

Gregorio IX. excommunga *Frederico II.* 1227.
Este Imperador esteve continuamente exposto ás emprezas da Corte de Roma, que pertendia a ruina da Casa de Suabia. *Frederico* adquirio *Jerusalem* por meio de hum Tratado com o Soldão do Egypto, e não obstante foi novamente excommungado.

Gengis Kaõ, que morrêra ultimamente, estabeleceo na Asia, e n'huma grande parte da China, o dominio dos *Tartaros Mogoes*.

S. Fernando, Rei de Castella, toma *Cordova* aos Mouros. O mesmo *Fernando* lhes tomou depois *Sevilha*. *Jacques I.*, Rei de Aragaõ, tambem lhes tomou *Valença*. Ambos estes Principes foraõ
Le- 1236.

- Legisladores. O Reinado de *Affonso o Sabio*, Rei de Castella, em 1252, não he menos célebre. As sciencias principiárao a nascer em Hespanha. --- O Reino de Navarra tinha passado em 1234, ao Conde de Campanha.
1245. Concilio geral de Leaõ, no qual *Frederico* he deposto por *Innocencio IV.* *Gregorio IX.*, alguns annos antes, tinha offerecido o Imperio a *S. Luiz* para seu irmaõ; e o virtuoso Rei o tinha rejeitado. O Imperador sustentou-se pelo seu valor; e morreo em 1250. As disputas com Roma, depois de *Henrique IV.*, anniquilavao a dignidade Imperial.
1248. Cruzada de *S. Luiz*; o qual, a pezar da sua heroica virtude, foi prisioneiro no Egypto, e nada pôde fazer na Palestina.
1258. Fim da dignidade de *Calife*. Os Califes depois de muito tempo quasi que não tinhao mais do que hum grande titulo sem poder. Hum neto de *Gengis Kaõ* lhes tomou a sua Capital.
1261. Os Latinos perdem *Constantinopla*, que *Palcologo* lhes toma. Este Imperio reduzia-se quasi mieramente á Cidade
1264. *Henrique III.*, Rei de Inglaterra, despojado pelos nobres. *S. Luiz* tinha sido eleito para arbitro entre aquelle Rei e os rebeldes; porém o Conde d
Lei-

- Leicester eludio a sentença. Neste lugar se acha a Época da Camera dos *Com-miss*.
- Carlos de Anjou* priva do Throno a *Conradino*, Rei de *Napoles*, e de *Sicilia*. 1266.
Conradino era neto de *Frederico II.*, e *Clemente IV.* tinha concedido o seu reino ao Principe Francez, o qual o mandou degollar.
- Morte de *S. Luiz* na Africa, para onde o tinha conduzido a devoção das Cruzadas. 1270.
- Rodolfo de Habsburgo*, Imperador. Esta he a origem da grandeza da Casa de *Austria*. *Rodolfo* despojando o Rei de *Bohemia*, *Ottocar*, concedeo a *Austria* a hum dos seus filhos. 1273.
- Vesperas Sicilianas*. Todos os Francezes foram cruelmente mortos em *Sicilia*. *Pedro III.*, Rei de *Aragão*, assenhoreouse daquelle Reino, que foi separado do Reino de *Napoles*. 1282.
- Duarte I.*, Rei de *Inglaterra*, recebeu a homenagem da *Escossia*: effeito da violencia junta com huma politica ambiciosa. *Filippe o Bello* confiscou, e tomou a *Guienna* áquelle Principe. 1293.
- Pontificado de *Bonifacio VIII.*, que foi emulo de *Innocencio III.* As suas disputas com *Filippe o Bello*, fazem Época. 1294.

1300. *Othman* estabeleceu o Imperio dos Turcos, o qual se augmentou rapidamente no tempo dos seus Successores. A Casa *Othmana* descende de *Othman*.
1302. *Estados Geraes* em França, nos quaes são convocados os *communs* pela primeira vez. A Junta nacional declarou-se contra as enormes pretensões do Papa, que tinha excommungado o Rei, e o pretendia depôr.
1306. *Roberto Bruce* livra *Escossia* do jugo de Inglaterra.
1308. Principio da Republica dos *Suissos*. A Casa de Austria os opprimia. Tres Cantões deraõ o exemplo de huma moderação, e de hum valor heroico, cujo premio foi a liberdade.
1309. *Clemente V.* traslada a Santa Sé para *Avinhão*, onde reináraõ sete Papas Franceses.
1314. Morte de *Filippe o Bello*: o qual firmou o Throno, porém commetteo muitas injustiças. O *Parlamento* foi fixado em Pariz no tempo deste Reinado.
1321. O *Dante* morre, depois do qual *Petrarca*, e *Bocacio* aperfeiçoáraõ a Lingua Italiana. Os outros Póvos não tinhaõ gosto algum.
1323. O Imperador *Luiz de Baviera*, excommungado por *João XXII*. Esta grande

de contenda renovou os antigos escandalos.

Duarte II., privado do Throno de Inglaterra. 1326.
O famoso *Duarte III.*, seu filho, succede-lhe.

Filippe de Valois, Rei de França. *Duarte III.* era parente mais próximo do ultimo Rei, por parte porém das mulheres. A Lei *Salica* triunfou felizmente. Ambos os competidores declararão guerra em breve tempo. O Inglez ganhou a batalha naval de *Eclusa* em 1340, a de *Creci* em 1346, e tomou depois Calais.

Batalha de *Poitiers*, em que *João*, Rei de França, he prisioneiro dos Inglezes. A França, e especialmente Paris chegáráo a ser o Theatro de horrosas desordens.

Em o mesmo anno, o Imperador *Carlos IV.* estabeleceo sete *Eleitores* pela sua *Bula de ouro*.

Pedro o Cruel, Rei de Castella, privado do Throno por *Henrique de Trastamara*, seu irmão natural. 1368.

Carlos V. (o Sabio) expulsa os Inglezes de França por meio dos seus Generaes, especialmente de *du Guesclin*. — Este seculo he a E'poca mais brilhante da cavallaria. 1370.

1379. *Grande Scisma do Occidente*, depois da morte de Gregorio XI. Quarenta annos foraõ estes de infellicidades publicas para a Religiaõ, e para os Póvos.
1380. *Joanna*, Rainha de *Napoles*, deposta por Urbano VI. Joanna deo o seu Reino ao Duque de Anjou, que se não pôde estabelecer nelle: e do qual Durazzo se tinha assenhoreado.
- Em o mesmo anno, morreo *Carlos V.* hum dos maiores Reis que a França tenha tido. Nunca a França foi taõ desgraçada, como no tempo do dilatado reinado de *Carlos VI.*, seu filho.
1386. *Jagellon*, ou *Uladisláo V.*, Rei de *Polo-*
nia. Este Principe unio á sua Coroa o Graõ-Ducado de *Lithuania*, e outros estados que lhe pertenciaõ.
1390. *Bajazet I.* filho de *Amurath*, Soldaõ dos Turcos, põem o sitio a *Constantinopla*. Houve tratados de huma, e de outra parte, e *Bajazet* retirou-se. Porém este terrivel inimigo dos Christãos teria depois anniquilado o Imperio Grego, se lhe não tivessem suscitado hum competidor tal como *Tamerlaõ*, o qual o venceo em 1402.
1396. *Batallia de Nicopolis*, na qual *Sigismundo*, Rei de *Hungria* he vencido, e derrotado pelos Turcos. Este he aquelle mesmo *Sigismundo* que foi Imperador em

em 1410, e que mandou ajuntar o famoso Concilio de Constança, onde acabou o grande Scisma.

Ricardo II. privado do Throno em Inglaterra por *Henrique IV.*, cujo filho, *Henrique V.*, chegou a ser tão tremendo para a França por causa das guerras, que lhe suscitou. 1399.

COMO as principaes Potencias que fazem maior figura na Historia Geral dos primeiro seculos, e que formão quasi todo o systema politico da Europa, são os Papas, os Reis de França, os Imperadores de Alemanha, e os Reis de Inglaterra, os seguintes Indices Chronologicos pódem ser de utilidade particular.

Os algarismos denotão o anno da morte.

P A P A S

O S M A I S C E L E B R E S

Depois de Gregorio II., até o grande Scisma.

- G**REGORIO II. chamou Carlos Martel para Italia. 731
- Gregorio III. seguiu o mesmo plano de politica. 741
- Zacharias decidio que Pepino devia ser Rei. 752
- Estevão III. obteve de Pepino a doação do Exarcado. 757
- Paulo I., em disputa com Didier, Rei dos Lombardos. 767
- Estevão IV. chamou Carlos Magno contra os Lombardos. 772
- Adriano I. recebeu aquelle Principe com pompa em Roma, sempre o respeitou, e recebeu delle hum sem número de benefícios. 795
- Leão III. o coroou Imperador. 816
- Estevão V. não esperou que Luiz o Benigno confirmasse a sua eleição. 817
- Pascoal I. imitou este procedimento. Ambos se desculparaõ. 824
- Gregorio IV. unio-se com os filhos rebeldes de Luiz. 844

Ser-

Sergio II. desprezou o Imperador Lothario. 847

Leão IV. defendeo Roma contra os Sarracenos. 855

Benedicto III., eleito a pezar do Imperador. 858

Nicoldo I., muito confiado ; pois erigio-se Juiz do Rei Lothario, de todos os Bispos, e excommungou Phocio, Patriarca de Constantinopla. 865

Adriano II. abraçou o partido contra Carlos o Calvo. 872

João VIII. pretendeo dar o Imperio a este Principe: e contribuiu para fazer Boson Rei de Provença. 882

Estevão VI. coroou Imperador o Duque de Espoleto. 891

Sergio III. deshonorou a Santa Sé, e teve infelizmente alguns imitadores. 912

João X. coroou Berenger Imperador. 928

João XII., Papa de desoito annos de idade. Chamando João para Italia a Otton o Grande, e coroando-o Imperador, rebelou-se ao depois. 963

Leão VIII. substituiu a João XII. depositado. 965

Diversos Papas, e Anti-Papas : em Roma tudo era desordem.

João XV. chamou Otton III. em seu socorro contra Crescencio, fazendo com que Hugo Capeto o temesse. 996

- Gregorio V.* coroou Otton III., e triumphou de hum Anti-Papa, depois de ter sido expulsado por Crescencio. Gregorio annullou o Matrimonio do Rei Roberto, e o excommungou. 999
- Silvestre II.* Este he o famoso Gerberto, que tinha invectivado contra Joaõ XV. 1003
- Benedicto IX.*, escandaloso, e expulsado, deposto depois juntamente com outros dous por meio da vigilancia, e cuidado do Imperador Henrique III. 1048
- Leaõ IX.*, fez guerra aos Normandos, os quaes se estabeleciaõ na Italia; o mesmo Papa accommetteo o Patriarca Cerulario, e o Scisma dos Gregos consummou-se. 1054
- Nicoláo II.*, governado por Hildebrando, desprezou os direitos do Imperio. Nicoláo concedeo a investidura aos Normandos, de tudo quanto podessem conquistar. 1061
- Alexandre II.*, eleito por via de Hildebrando, sem approvaçaõ da Corte Imperial. Favoreceo a Guilherme o Conquistador na sua empreza contra Inglaterra. 1073
- Gregorio VII.* (Hildebrando.) zeloso da refórma do Cléro; inimigo declarado das Coroas. 1085

- Victor III.* proseguio a disputa das investiduras. 1087
- Urbano II.* prégou a Cruzada em França, depois de ter excommungado o Rei Filippe I. 1099
- Pascoal II.* acabou a ruina do Imperador Henrique IV., excitando seu filho para a rebelliaõ. 1118
- Gelasio II.* O Imperador Henrique V. oppoz-lhe o Anti-Papa Burdino. 1119
- Calisto II.* excommungou novamente o Imperador. 1124
- Honorio II.*, excommungou Conrado, competidor de Lothario no Imperio. 1130
- Innocencio II.*, em guerra com Anacleto, o qual disputava a dignidade de Papa. Innocencio poz a França em interdicto, porque Luiz o Moço não queria reconhecer hum Bispo Sagrado em Roma. 1143
- Eugenio III.*, fugitivo, e refugiado em França. Eugenio abalou a Europa com hum Cruzada, por via de S. Bernardo. 1153
- Adriano IV.* concedeo a Irlanda a Henrique II. por hum Bulla; e obrigou ao Imperador Frederico I., a que lhe pegasse no estribo. 1159
- Alexandre III.* expulsado pelo Anti-Papa Victor, defende Santo Thomaz de Can-

- Cantuaría contra Henrique II., e depôz o Imperador, o qual também teve disputas com *Lucio III.*, e com *Urbano III.* 1181
- Gregorio VIII.* suscitou a Cruzada contra Saladin. 1187
- Clemente III.*, fez o mesmo. 1191
- Celestino III.* mandou hum Legado para Hespanha a annullar o matrimonio de Affonso IX., Rei de Leão. 1198
- Innocencio III.* terrivel ás Potencias; author da Cruzada dos Albigenses, e da Inquisição; mais arbitro em Roma, do que nenhum Papa. 1216
- Honorio III.* exigio de Frederico II. que o Reino das duas Sicilias, não podesse ser unido ao Imperio. 1227
- Gregorio IX.* perseguio Frederico, e offereceo o Imperio a S. Luiz. 1241
- Innocencio IV.*, inimigo mortal de Frederico, a quem depôz em o Concilio de Leão. O mesmo Innocencio mandou prégar depois huma Cruzada contra o Imperador Conrado IV. 1254
- Alexandre IV.*, em guerra com Mainfrois, por causa do Reino de Napoles. 1261
- Urbano IV.* deo aquelle Reino. 1264
- Clemente IV.* author da revolução, em que morreo Conradino, Rei de Napoles. 1268
- Gregorio X.* confirmou a eleição de Rodol-

dolfo de Habsburgo para o Imperio,
e depois o excommungou. 1276

Nicoláo III., hum dos authores da cons-
piração contra Carlos de Anjou, Rei
de Napoles. 1280

Martinho IV., favoravel a Carlos de An-
jou, deo o Reino do Rei de Aragoão,
Pedro III. 1285

Celestino V. cujo Successor, (Caetano),
induzio-o a demittir-se do seu cargo,
em 1294, e o mandou matar na pri-
saõ. 1294

Bonifacio VIII. (Caetano). Pretendeo pri-
var do Throno a Filippe o Bello, e im-
por a Lei ás Coroas. 1303

Benedicto XI. levantou a excommunhaõ
de Filippe. 1304

Clemente V., dedicado a Filippe o Bello;
destruidor dos Templarios; estabelecido
em Avinhaõ. 1314

João XXII., célebre por causa das suas
exacções, e da sua contenda com o
Imperador Luiz de Baviera. Este Papa
adquirio Bolonha, e enganou os Bolo-
nhezes. 1334

Benedicto XII. proseguio a contenda com
Luiz de Baviera. 1342

Clemente VI. ordenou que se elegeisse ou-
tro Imperador. Clemente aproveitou-se
das desgraças de Joanna, Rainha de
Napoles, para comprar Avinhaõ. 1352

- Imocencio VI.* A Inglaterra soblevada por causa dos impostos da Corte de Roma, não lhe quiz pagar o tributo ao qual se tinha sujeitado o Rei João. 1362
- Urbano V.* foi a Roma, e voltou para Avinhão. 1370
- Gregorio XI.*, estabelecendo-se em Roma, arrependeo-se. 1378

Grande Scisma do Occidente.

R E I S D E F R A N Ç A

Desde Pepino até Carlos VI.

- P** RINCIPIO esta Lista na segunda geração, porque na primeira depois de Clovis, não se vê senão divisaõ, e confusaõ.
- Pepino o Breve*, grande Principe. 768
- Carlos Magno*, Imperador; o prodigio do seu seculo. 814
- Luiz I. (o Benigno)*, Imperador, frouxo, e desgraçado. 840
- Carlos II. (o Calvo)*, Imperador, ambicioso sem merecimento. 877
- Luiz II. (o Gago)* despojado em parte pelos Cavalleiros. 879
- Luiz III. e Carlomano* despojados do mesmo modo. 884

Car-

<i>Carlos o Gordo</i> , Imperador, incapaz de reinar.	888
<i>Eudes</i> (tio de Hugo Capeto), preferido a Carlos o Simples.	898
<i>Carlos III.</i> (o Simples) sem poder, e privado do Throno em 922.	
<i>Raoul</i> , por eleição ; foi prodigo na concessão dos feudos.	936
<i>Luiz IV.</i> (de Ultramar) combatido, e derrotado pelos seus vassallos.	954
<i>Lothario</i> , quasi sem dominio.	986
<i>Luiz V.</i> (o Negligente).	987

Fim da Segunda geração

GERAÇÃO DOS CAPETOS.

H UGO Capeto, Principe capaz.	996
<i>Roberto</i> , bom, e frouxo.	1031
<i>Henrique I.</i> , tambem frouxo.	1060
<i>Filippe I.</i> , desprezado, por não ter parte alguma nos grandes successos do seu Reinado.	1108
<i>Luiz VI.</i> (o Gordo) adquirio authoridade.	1137
<i>Luiz VII.</i> (o Moço), imprudente, e infeliz por causa da sua Cruzada, e do seu divorcio.	1180
<i>Filippe II.</i> (Augusto) ambicioso, politico, e poderoso.	1223
<i>Luiz</i>	

<i>Luiz VIII.</i> , Cruzada contra os Albigen- ses.	1226
<i>Luiz IX.</i> (Santo), admiravel em muitas cousas.	1270
<i>Filippe III.</i> (o Atrevido), Principe me- diocre.	1285
<i>Filippe IV.</i> (o Bello). O seu Reinado de- ve ser examinado.	1314
<i>Luiz X.</i> (o Amotinador) cruelissimo.	1316
<i>Filippe V.</i> (o cumprido) faltou-lhe o tem- po.	1322.
<i>Carlos IV.</i> (o Bello).	1328
<i>Filippe VI.</i> (de Valois), infeliz contra os Ingleses.	1350
<i>João.</i> Esteve a ponto de perder a Fran- ça.	1364
<i>Carlos V.</i> (o Sabio) restaurador do Rei- no.	1380
<i>Carlos VI.</i>	1422

IMPERADORES DE ALEMANHA

Até Wenceslão.

A CASA de França perdeu o Imperio, e o Reino de Alemanha, por morte de Luiz IV. em 912. Os Alemães elegêrao para seu Rei a Conrado, Duque de Franconia, o qual teve por Successor.

Henrique I. (o Passarinheiro), Duque de Saxonia.

Otton I. (o Grande), filho de Henrique, coroador por João XII., imitador de Carlos Magno.	973
Otton II., filho de Otton I.	983
Otton III. filho do precedente.	1001
Henrique II. da mesma casa.	1024.
Conrado II. de Franconia.	1039
Henrique III. filho do precedente.	1056
Henrique IV., filho de Henrique III.	1106
Henrique V., filho de Henrique IV.	1125
Lothario, de Suplemburgo.	1137
Conrado III., de Suabia.	1152
Frederico I. (Barba-ruiva), sobrinho de Conrado.	1190
Henrique VI., filho de Frederico.	1197
Filippe, da mesma Casa.	1208
Otton IV. de Brunswick.	1212
Frederico II. filho de Henrique VI.	1250
Guilherme, de Holanda.	1256
Rodolfo, de Habsburgo.	1291
Adolfo, de Nassau.	1298
Alberto I. de Austria.	1310
Henrique VII. de Luxemburgo.	1313
Luiz V. de Baviera	1343
Carlos IV. de Moravia.	1378
Vencesláo, filho de Carlos IV.	1400

REIS DE INGLATERRA

Des da conquista dos Normandos, até Henrique V.

- GUILHERME I.** (o Conquistador). 1087
- Guilherme II.** (o Russo), Rei malevolo. 1110
- Henrique I.**, usurpador capaz. 1135
- Estevão**, outro usurpador, menos feliz. 1154
- Henrique II.** (Plantageneto), poderosissimo, porém infeliz por causa da disputa a respeito das immunidades Ecclesiasticas. 1189
- Ricardo I.** guerreiro sem prudencia. 1199
- João** (Sem terra), despojado por Filippe Augusto, sujeitado pelos Cavalleiros; e vassallo voluntario do Papa. 1216
- Henrique III.**, devoto frouxo; ludibrio dos Cavalleiros. 1272
- Duarte I.**, politico, e attrevido, vencedor da Escossia. 1307
- Duarte II.**, escravo dos seus validos; privado do Throno por sua mulher, e por seus filhos. 1327
- Duarte III.** Reinado glorioso, funesto para a França. 1377
- Ricardo II.**, deposto, e assassinado. 1399
- Hen-*

Henrique IV., usurpador, com merecimento, Pai de *Henrique V.*, o qual se fez coroar Rei de França.

Fim dos Indices Chronologicos.



S U M M A R I O

D A S

MATERIAS DESTE QUINTO VOLUME.

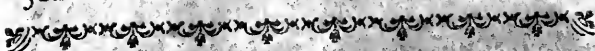
OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

A respeito do estabelecimento dos Barbaros no Imperio Romano. 15

A RUINA do Imperio Romano, grande objecto de reflexões. Esta revolução explica-se por meio das causas moraes. Como os Romanos tinham adquirido o seu Imperio. Como, e até que ponto se corrompêrao os Romanos. Alguns grandes Imperadores não remediarao o mal, fenaõ de passagem. Licença horrorosa dos Soldados. Vícios, e miseria do Povo. Estado deploravel do Occidente, depois da fundação de Constantinopla. Roubos públicos. Revoluções continuas. Traições empregadas contra os Barbaros. Já não ha virtude, já não ha honra. Odios de Religiaõ depois do estabelecimento do Christianismo. Violencias contra os Pagãos. Daqui procedêrao as discórdias, e o fanatismo. Os mesmos Christãos divididos entre si. Imperadores Theologos, e perseguidores. Grande Imperio que o Cléro tomava. Paixaõ furiosa das Seitas. Leis pessimas de Theodosio, e dos seus filhos. Os Barbaros muito superiores aos Romanos daquelle tempo. Os Vandalos no reinado de Genferico. Alarico, e os Visi-Godos. Atila, homem grande a muitos respeito. Odoacro, e Theodorico, Conquistadores da Italia. A sua tolerancia, comparada com a intolerancia de Justinio. Clovis, e os Francos. Revolução passageira no tempo de Justiniano. Erros enormes deste Imperio.

perador. Os Lombardos estabelecidos na Italia. Procede Heraclio muito mal no Oriente. Masoma, e os Arabicos. O seu procedimento a respeito dos Christãos. Todos os Barbaros devião vencer os Romanos. Tristes effeitos da revolução. Decadencia das Leis Romanas. Abuso das Leis Barbaras. Confusão perigosa de ambas estas especies de Leis. Governo dos Barbaros, admiravel na apparencia. Inconvenientes que deste governo resultão. Abatimento do Povo. Independencia dos Grandes. Os feudos. Governo feudal. Anarquia feudal. Costumes Barbaros. Por que razão a antiga Roma tinha sido virtuosa. Tudo devia peiorar entre os novos Povos. Seus excessos. Carlos Magno procurou reformallos, mas em vão. A barbaridade fomentada pela ignorancia. Esta ignorancia devia augmentar-se. Na China, se obrou porém differentemente, pois os Tartaros se illustrarão. Effeitos funestos da ignorancia. Superstição cega. Poder excessivo do Clero. Em Hespanha dispõem os Bispos da Coroa. Os Bispos tambem dão as Leis em França. As Leis Ecclesiasticas confundidas com as Leis civis. Outros abusos. Emprezas dos Papas. Como a Europa ha de sahir em fim da barbaridade. A Europa experimentará antes todas as infelicidades.

Das Nações grosseiras debaixo da influencia da propriedade, e do interesse.



HISTORIA MODERNA.

Definição desta parte da Historia geral.

74

PRIMEIRA ÉPOCA.

FUNDAÇÃO DA MONARQUIA FRANCEZA.

A BARBARIDADE ESPALHADA PELA EUROPA.

Desde CLOVIS até CARLOS MAGNO.

Espaço de quasi tres seculos, principiando em 486.

CAP. I. Monarquia Franceza, até ao tempo em que dominaão os Maires do Palacio. 76

Idéa geral dos Barbaros, que tinham destruido o Imperio. Os seus estabelecimentos na Gaula. Clovis vencedor dos Romanos. Sua politica a fim de grangear, e adquirir as Gaulas. Clovis casa com Clotildes. Depois da batalha de Tolbiac, faz-se Christão. Guerra inutil contra Gondebaldo, Rei de Borgonha. Accommette com o pretexto de religião ao Rei dos Visigodos. Salva Theodorico humana parte deste Reino. Crueldades, e fim de Clovis em 511. Regulamento a respeito da recepção dos Clerigos. Os quatro fillos de Clovis dividem a sua successão. Barbaridades que commettem. Theodeberto Rei célebre de Austrasia. Conquista do Reino de Borgonha em 534. Os Francezes aliados perfidos dos Romanos, e dos Ostro-Godos. Outra expedição para Italia. A Monarquia dividida em quatro, depois da morte de Clotario I. Brunehaut, e Fredegunda, compe-

ti-

tidoras furiosas. Gontrano, Rei de Borgonha, muito louvado pelos Historiadores daquelle tempo. Clotario II. reina só. Maires do Paço. O seu poder augmenta-se no tempo de Dagoberto, e de seus successores. A Austrasia tyrannizada pelo Maire do Paço, Ebroino, pretende não ter mais Reis. O Duque Pepino governa a Austrasia, e chega a ser senhor da Monarquia. Carlos Martel, seu filho, he successor de todo o seu poder.

CAP. II. *A Hespanha invadida pelos Sarracenos. — Carlos Martel vence, e derrota os Sarracenos em França* 89

Estado do Reino dos Visi-Godos em Hespanha. O Clero domina na mesma Hespanha. Revoluções frequentes. Reinados principaes. Leuvigildes. Recaredo. Sisebuto. Chintila. Recesuintho. Wamba. Ervigies. Vitiza. Rodrigo. Progressos do Mahometismo. A Hespanha invadida pelos Sarracenos, ou Mouros. Batalha de Xerés em 712. Traição de Oppas. Pelagio refugiado nas Asturias. Carlos Martel vence, e derrota os Mouros, que querião conquistar a França. A Hespanha foi ao principio infeliz com o seu Imperio. Revolução da dignidade de Calife. Reino dos Mouros em Hespanha, fundado por Abderamo, ou Almanzor. Este Principe reina gloriosamente. Carlos Martel não occupa o Throno vacante. Morreo em 741 depois de ter dividido a Monarquia por ambos os seus filhos. A sua memoria anniquilada pelos Ecclesiasticos. Carlomano fazendo-se Monge, deixa tudo a Pepino seu irmão.

CAP. III. *Estado do Reino dos Lombardos, e do Imperio de Constantinopla. — Intrigas dos Papas. — A geração de Clovis privada do Throno por Pepino.* 98

Estado do Reino dos Lombardos depois de Alboino.
X ii no.

no. Autharico abraça a Religião Christã, e governa sábia, e prudentemente. Pretende Agilulfo conquistar Roma. Sua mulher o reduz a abraçar a Religião Catholica. Rothar, Legislador daquele Reino. Luitprando. Sua Lei a respeito do duello. O Imperio Grego enfraquecia-se todos os dias posto que os Sarracenos se sujeitassem ao tributo. A superstição cegava os Principes, e os Povos. Heresia dos Iconoclastas no tempo de Leão Isauro. Sedições excitadas por causa desta heresia. Rebeliões excitadas pelos Monges. A fermentação em Italia tambem era grande. Luitprando assenhoreia-se de Ravenna, e de outras muitas Cidades. Os Papas já poderosísimos em Roma, e occupados em objectos politicos. Gregorio II. faz expulsar os Lombardos de Ravenna. Gregorio III., e Zacharias seguem os seus passos. Fim de Luitprando. Ratchis, seu successor, faz-se Monge, depois de huma conferencia com o Papa. Decisão de Zacharias a favor de Pepino, o qual pretende ser Rei. Childerico privado do Throno por Pepino. Ceremonia da Sagração, da qual se abusará algum dia. Negociação atrevida de Estevão III. com Pepino. Carta artificiosa do Papa para empenhar a Pepino na guerra contra os Lombardos. Pepino concede ao Papa muitas Cidades, de que Aistulfo se tinha apoderado. Pepino conserva a soberania como Patricio. Morte de Pepino, em 768.

CAP. IV. *Observações geraes.*

112

I. Conformidade de todos os Barbaros estabelecidos no Imperio do Occidente. O seu primeiro governo foi huma democracia militar. Os seus Reis: os seus Chéfes. Juntas da Nação. A democracia depois do estabelecimento, chegou a ser aristocracia. Poder legislativo em o Povo. Como o Real poder se augmentou, sobre tudo em França. Benefícios. Successão á Corôa. As Leis dos Bar-

Barbaros muito suaves. Porque. O duelo na falta de provas judiciaes. Porque. Gondebaldo oppõem o duelo ao abuso do juramento. Absurdo das provas judiciaes fundado na opiniao. Depois do estabelecimento do Christianismo, estas provas ainda foram conservadas pela supersticao. Erao julgados pelos seus Pares. Ordem da jurisdiccao.

II. A religiao devia alterar-se entre os barbaros. Enriquecendo a Igreja julgavao salvar-se. Lamentações de Clovis, e de Chilperico a este assumpto. Poder excessivo dos Bispos. Discordias do Clero, e dos Leigos: effeitos que dellas resultao. Os Bispos chegam a ser tremendos aos proprios Reis. Multiplicacao temerosa de Monges no Oriente. Regra de S. Basilio. Os Monges estabelecem-se no Occidente. S. Bento. Fundações de Mosteiros. Os vicios entrao nos Mosteiros. Porque. Isenções monasticas uteis para os Papas. Augmentos da authoridade Pontificia. Ordens que os Papas dao a respeito do que lhes nao pertence. O conhecimento dos abusos em materia de Religiao he essencial. O que augmentou a ignorancia. Politica pessima do Cléro: Veja-se a historia dos Celtas. Cega credulidade dos homens. Falsas idéas de Religiao que se lhes dava. As infelicidades deviao augmentar.

SEGUNDA ÉPOCA.

CARLOS MAGNO,

OU O NOVO IMPERIO DO OCCIDENTE.

INVASÃO DOS NORMANDOS

*Des do fim do oitavo seculo, até
meiados do decimo.*CAP. I. *Guerras de Carlos Magno.*

133

Principios do Reinado de Carlos Magno. Morte de seu irmão. Odio mutuo dos Papas, e dos Reis Lombardos. Paulo I. e Didier. Ingratidão de Estevão IV. para com Didier. Carlos Magno casa com a filha deste Rei, e a repudia. O Reino dos Lombardos destruido por Carlos Magno, conforme a vontade de Adriano I. Sua viagem a Roma, no tempo do sitio de Pavia. Os seus direitos, e os direitos do Papa. Idéa geral das guerras daquelle tempo: simples expedições. Expedições da Hespânia contra Abderamo. Morte de Abderamo. Mesquita de Cordova subsistente. Guerra de trinta annos com os Saxonios. Mortandade cruel feita por Carlos Magno. Witikind sujeito. Violencias para o estabelecimento do Christianismo em Saxonia. Duração das Leis Saxonias, posto que barbaras. A Alemanha sujeita á França.

CAP. II. *Concilio de Francforte, e negocios Ecclesiasticos. — Carlos Magno Imperador. — Fim do seu Reinado.*

141

A vigilancia de Carlos Magno chegava a tudo.
Fa-

Famoso Concilio de Francfort. O Rei neste Concilio manifesta a sua authoridade. Irene restabelece o culto das imagens. Decisão do Concilio de Nicea. Carlos faz reprovar aquelle Concilio com desprezo. Livros Carolinos. Prudencia, e politica do Papa Adriano. Os seus projectos a favor de Carlos para a Santa Sc. Adriano promette excomungar sem outra razão senão a do temporal. Leão III. fugitivo para a Corte de Carlos. Este Principe sentença o Papa em Roma. Carlos Magno coroado Imperador pelo Papa Leão. Segundo Imperio do Occidente, em que fundado. Irene privada do Throno por Niceforo. Tratado com o Imperador do Oriente. Veneza ainda independente. Carlos Magno em correspondencia com Haroun al-Raschid. Os Califes contribuião para que as Sciencias, e as Artes florescessem. Divisão da Monarquia Franceza. Luiz, socio de Carlos no Imperio.

CAP. III. *Observações a respeito de Carlos Magno. — Estado de Inglaterra, até o fim da Heptarquia.* 151

Fim de Carlos Magno. Extensão do seu Imperio. Suas grandes qualidades. Enviados Reaes estabelecidos por Carlos Magno. O que Carlos Magno fez a favor do Clero. Carlos Magno muito presumido de Theologo. Negocio do *Filioque* augmentado ao Symbolo. Leão III. pela sua prudencia prevenio hum Scisma. Projectos, e estabelecimento de Carlos Magno. Escolas, o que nellas se aprendia. Liberalidades para a Igreja. O Abbade Alcuino, sábio, e enriquecido por Carlos Magno. A respeito da Inglaterra depois da conquista dos Saxonios. Como se estabeleceu o Christianismo em Inglaterra. O Rei Offa parte para Roma, a fim de obter a absolvição. Dinheiro de S. Pedro. Egberto unio os sete Reinos da Heptarquia. Invasões dos Dinamarquezes.

CAP. IV. *Reinado frouxo, cobarde, e infeliz de Luiz o Benigno. — Divisão do seu Reino.* 159

Frouxidão, e devoção de Luiz. A Monarquia dividida imprudentemente por Luiz o Benigno. Rebelião de Bernardo, Rei de Italia. Seu castigo. Humilha-se Luiz sem razão. A Imperatriz Judith perturba toda a familia Real. O Abbade Vala, Chete dos sediciosos. Luiz he quasi privado do Throno. Tinha se este Principe sujeitado á censura dos Bispos. Discurso extraordinario a respeito da dignidade Episcopal. Erros multiplicados, origem da rebelião. Gregorio IV. une-se com os Principes rebeldes. Agobardo pelo partido do Papa. Falsas Decretaes, de que se abusava. Luiz he trahido, e entrega-se aos rebeldes, que o depõem. Os Bispos servem-se da penitencia para o excluir do Throno. Circunstancias ignominiosas desta cerimonia. Lothario fugitivo; o Imperador restabelecido. Luiz reconhece dever a Coroa aos Bispos, e a S. Diniz. Vida fabulosa do Santo. Processo dos Bispos os mais culpados. Luiz sempre frouxo. Novos erros acompanhados de huma rebelião. Morte de Luiz o Benigno. Restabelecimento das eleições Canonicas. Se eraõ convenientes aquellas eleições para a segurança da Coroa. Doações á Igreja em prejuizo dos filhos. Os Papas aproveitáraõ-se da fraqueza do Imperador. Com tudo o Imperador exercitava a soberania em Roma. Os Sarracenos em Sicilia. &c.

CAP. V. *Perturbações, e guerras civis no tempo de Carlos o Calvo.* 173

Filhos de Luiz o Benigno desavindos. Batalha de Fontenai. O Cléro concede os Estados de Lothario a seus irmãos. Nova divisão entre elles. A Monarquia ameaçada por todas as partes. Regulamentos funestos para a authoridade Real. Morte de Lothario, divisão entre os seus tres filhos. Carlos

los o Calvo sem prudencia nos perigos. Desavenças entre o Clero, e os Cavalleiros. Triunfo dos ultimos em Epernai. Luiz o Germanico, chamado contra seu irmão. Luiz he expellido: e os Bispos Francezes lhe mandaõ as suas ordens. Sua resposta cobarde. Processo de Venilon de Sens. Requerimento ao Rei Carlos. Os Bispos julgavaõ-se senhores de dispôr da Coroa. Como se avigoravaõ as suas pretensões.

CAP. VI. *Emprezas dos Papas. — Divorcio de Lothario, e suas consequencias. — Fim de Carlos o Calvo.* 181

Os Papas feitos mais independentes. Acção de Sergio II. Maximas de Nicoláo I. a favor da dignidade de Papa contra as Coroas. Lothario repudia sua mulher, e casa com a sua concubina. Ideia do matrimonio: uso do divorcio. Nicoláo pretende sentenciar o Rei de Lorena, &c. Nicoláo apezar de todos os generos de submissões, he sempre inflexivel. Suas emprezas a respeito de outros objectos. Nicoláo he arguido por se fazer Imperador do Universo. Lothario parte para Roma, a fim de justificar-se. He absolvido. Sua morte. Adriano II. ameaça o Rei de França como usurpador. Carta famosa de Hincmar ao Papa. Empreza de Adriano contra Carlos o Calvo. Acaaba Adriano, lisongeando publicamente a Carlos. Joáo VIII. concede o Imperio a este Principe. Como Carlos foi reconhecido pelos Italianos. Procura Carlos estabelecer em França hum Vigario do Papa. Pretende despojar os filhos de seu irmão, Luiz o Germanico. He chamado pelo Papa contra os Sarracenos. Morte de Carlos na Italia. Acto Capitular, por meio do qual se introduz a herança dos feudos.

CAP. VII. Invasões dos Normandos em França, e em Inglaterra. — Reinado de Alfredo o Grande.

395

Idéa geral dos Normandos. Sua Religião feroz. A esperança que os Normandos tinham na outra vida. Atheismo de todos aquelles que discorrião. Seus principios; suas emigrações. O seu valor commum ás mulheres. Desprezo da morte. Invasões dos Normandos, depois de Carlos Magno. Suas affolações. Paz comprada por Carlos o Calvo. Contribuições ordenadas para os Normandos. A Inglaterra tambem era arruinada. Alfredo occupa o Throno em 871. Suas infelicidades. Como Alfredo vence, e derrota os Dinamarquezes. Alfredo permite-lhes o estabelecimento nas Provincias despovoadas. Sifudeza do seu governo. Suas instituições a favor da justiça, e socego. Alfredo excita para o estudo, dando o exemplo. Sua Morte.

CAP. VIII. Decadencia total do Imperio Franc.

202

Luiz o Gago, como sujeito aos seus vassallos. João VIII. posto que fugitivo, vem mandar, e governar em França. Boson feito Rei de Provença por hum Concilio. Desmembramento. O Imperador Carlos o Gordo, eleito Rei de França. Os Normandos irritados por causa da sua cobardia, e da sua perfidia. Famoso sitio de Pariz. Carlos faz retitar os inimigos á força de dinheiro. Igreja de S. Germano saqueada. Rebelliões contra Carlos. Em Alemanha. Em Italia. Em França. Eudes eleito Rei. Eudes divide o Reino com Carlos o Simples. Reino de Borgonha Transjurana. Carlos o Simples cede aos Normandos. Rollon, Duque de Normandia. Rollon contribue para a felicidade dos seus vassallos. Rebelião contra o Rei Carlos. Carlos he despojado dos seus Estados, e privado do

do Throno. Morre na prisão. Revoluções em Italia. Berenger fica sendo Rei. A casa de França não reina mais em Alemanha. Conrado, Duque de Franconia, Rei por eleição. Affolações dos Hunos, ou Hungaros. Fanatismo juntamente com as infellicidades. O Rei Luiz de Ultramar, prisioneiro de Hugo o Grande. Singularidades deploraveis. Lothario, Successor de Luiz. Lothario perde o Reino de Lorena.

TERCEIRA ÉPOCA.

OTTON O GRANDE.

O IMPERIO TRANSFERIDO AOS ALEMAES.— A FRANÇA SUJEITA AOS CAPETOS.

Des do meio do decimo seculo até ao tempo de Gregorio VII.

CAP. I. *A Casa de Saxonia chega a alcançar a Dignidade de Rei, e o Imperio. — Reinados dos Ottons.*

215

Henrique o Passarinheiro, Duque de Saxonia, Rei eleito, pelos Estados. Henrique qualifica-se *approved* de Roma, posto que as tropas o tivessem nomeado Imperador. Otton I. o maior Principe do seu seculo. Revoluções, e perturbações da Italia. A mudança de Senhor lhes era gostosa. Otton deixa o Reino de Italia a Berenger II. João XII. chama novamente a Otton em seu soccorro contra Berenger. Otton he coroado Rei, e Imperador. Otton atrahido pelo Papa. João, deposto, author da rebellião dos Romanos. Idéa que havia deste Povo. Roma subjugada por Otton. Decreto famoso de Leão VIII. Se aquellé De-

cre-

creto he falso. Nova rebelião dos Romanos castigada. Guerra de Otton com os Gregos. Sua morte. Otton imitava a Carlos Magno. Otton fez o Cléro muito poderoso. Herança dos feudos estabelecida. Direito de representação. O duelo decide. Otton II. Perturbações de Roma. Papas, e Anti-Papas em grande número. Morre o Imperador em Italia. Crescencio renova em Roma as soblevações. Crescencio castigado finalmente por Otton III. Esterilidade da Historia.

CAP. II. *Hugo Capeto priva do Throno em França a Casa de Carlos Magno. — Roberto. — Filipe. I.* 220

Hugo Capeto pretendeo apropriar-se da Coroa de França. Como Hugo tinha adquirido o favor do Cléro, e dos Monges. Hugo he sagrado com prejuizo de Carlos, Duque de Lorena. Processo de Arnould de Rheims, traidor ao Rei. Disputas o respeito da jurisdição do Papa. Gerberto, Arcebispo de Rheims. João XV. pretende depôr a Gerberto. Sua carta contra o Papa. Gerberto deposto. Gregorio V. annulla o matrimonio do Rei Roberto. Effeitos da excommunhão deste bom Principe. Roberto sujeita-se. Roberto rejeita a Coroa de Italia. Partidos em aquella região. Roberto tyrannizado por sua mulher. Hereges de Orleães. Acção cruel da Rainha. Reinado de Henrique I. Este matrimonio difficilissimo por causa dos impedimentos. Paz de Deos ordenada pelos Bispos. Hum sabio Prelado he o unico que se lhe oppõe. Esta paz destruida por si mesma. A paz de Deos mudada em tregoa, tambem inutil.

CAP. III. *Inglaterra, Hespanha, Imperio dos Arabicos, e Imperio de Constantinopla, no tempo das ultimas duas épocas, depois de Carlos Magno.* 237

Inglaterra. Depois de Alfredo, tudo vai em decadência.

dencia em Inglaterra. Os Benedictinos chegam a ser poderosíssimos em Inglaterra. O Abbade Dunstan, author do seu credito. Invasão dos Dinamarquezes no Reinado de Ethelredo. Os Dinamarquezes subjagam o Reino. Canuto, o Grande, reina depois de Swenon. Duante o Confessor, succede aos Dinamarquezes.

Hespanha. Os Christãos perseguidos por culpa sua em o Reino de Cordova. Os Christãos augmentavaõ o Reino das Asturias, e fundavaõ o Reino de Navarra. Os Mouros possuiaõ mais das tres quartas partes da Hespanha. Divisões entre os Christãos, ainda no Reinado de Affonso o Grande. Os Mouros vencidos por Ramiro II. em Simencas. Seu voto a Sant-Iago. Almanzor vencedor dos Christãos, e vencido depois. Morte deste grande homem. Tres Bispos mortos combatendo pelos Mouros. O Reino de Cordova, dividido em muitos Reinos. A mesma divisão de Reinos entre os Christãos. Causa porque a Historia da Hespanha he fastidiosa. Os *Ricos homens* de Aragoão. Authority do Regedor das Justicas a respeito do Rei.

Imperio dos Arabicos. Discordias funestas para o Imperio dos Arabicos. Calife do Cairo. Terceiro Calife em Africa. Os Turcos chamados pelos Califes de Bagdad os despojaõ em breve tempo.

Imperio de Constantinopla. Tudo em Constantinopla causa piedade, e horror. Niceforo: Estauracio. Miguel Rangabé. Leão o Armenio, Iconoclasta. Miguel o Gago. Theodora, semelhante a Irene. Miguel III. Basilio. Leão o Filosofo. Constantino Prophyrogeneto. Romano, seu filho, o envenena. Niceforo Focas. João Zimiscés. Basilio II. Crime da Princeza Zoé. Manda Zoé matar Romano, a fim de casar com Miguel. Casa Zoé com Calafate, que a desterra. Tiraõ os olhos a Calafate. Zoé casa com Monomaco, seu antigo amante. Sedição con-

contra este Principe. O espirito de superstiçaõ domina sempre no Imperio. Isaac Comneno faz-se Monge. Erros de Constantino Ducas. A sua viuva engana o Patriarca, a fim de casar segunda vez.

CAP. IV. *Scisma dos Gregos.*

254

O Patriarca Ignacio substituido por Focio em o anno 858. Concilio, cujo juizo foi annullado por Nicoláo I. Excommunhaõ de Focio. Vingança do Patriarca. Focio intitula-se Ecumenico. Como Focio argue a Igreja Romana. Focio expellido por Basilio, e restabelecimento de Ignacio. Disputa entre as duas Igrejas a respeito da Bulgaria. Ignacio ameaçado com excommunhaõ por João VIII. Focio restabelecido pelo Papa, depois da morte de Ignacio. Focio, porém, he excommungado ao depois pelo Papa por causa da Bulgaria. Fim de Focio. Miguel Cerulario renova as disputas no undecimo seculo. Os Gregos arguidos por Leão IX. Excommunhaõ singular contra elles. Insulta Cerulario da sua parte os Latinos. O Scisma perpetua-se para sempre.

CAP. V. *Observações geraes a respeito das duas ultimas épocas.*

261

Utilidade das Observações seguintes.

- I. A ignorancia, e anarquia produzem infinitas infellicidades. Os Monges, e os Clerigos a favor da ignorancia apoderaõ-se da authoridade. Os Monges, e os Clerigos dilataõ mais a authoridade a respeito do matrimonio. Porém os mesmos Ecclesiasticos barbaros, e ignorantes deviaõ abusar do seu poder. As praticas, e as formulas substituidas ás obrigações. Abuso enorme da excommunhaõ. O espirito da Religiaõ opposto a estes excessos. Os costumes do Clero corrompidos naquelle tempo. A reforma de Cluni pareceo remedio para o mal. Distribuem-se

se prodigamente as riquezas pelos nove Monges. Desprezo do Clero, e dos antigos Monges: origem de discordias. A religião carregada demasiadamente com novas praticas monacaes. Fabulas dos authores das lendas. Disputas Theologicas do nono seculo. Godescalco fustigado. Ratberto, e outros Monges oppostos a respeito da Eucharistia. Dialéctica perniciosa do undecimo seculo. Berenger, e Lanfranco oppostos a respeito da Transubstanciação. Poder infinito attribuido ao Papa pelos Monges. Influência das idéas religiosas.

II. Como os feudos se multiplicárao á custa da dignidade real. A herança os determina nas familias. Os Cavalleiros, e o Clero tomao as Cidades, e as terras. O Clero em Alemanha mais poderoso, do que em outra qualquer parte. Governo feudal estabelecido por toda a parte. Feudos, e retrofeudos, multiplicados infinitamente. Desordens horrorosas procedidas da Anarquia feudal. O serviço militar devido ao Soberano, reduzia-se a pouca cousa. Miséria, e escravidão do Povo.

III. O gosto da cavallaria augmentava a paixão das armas. Religião confundida com a cavallaria. Galantaria romanescas procedidas dos Mouros. Enthusiasmo a respeito da cavallaria. Utilidades, que a Nobreza tira da cavallaria. Abuso da cavallaria. 1. Nenhuma disciplina. 2. Superstição. 3. Desordens, justas, e torneios: paixão das aventuras.

INDICE CHRONOLOGICO de alguns factos principaes da Historia Moderna, até o decimo quinta seculo.. 284

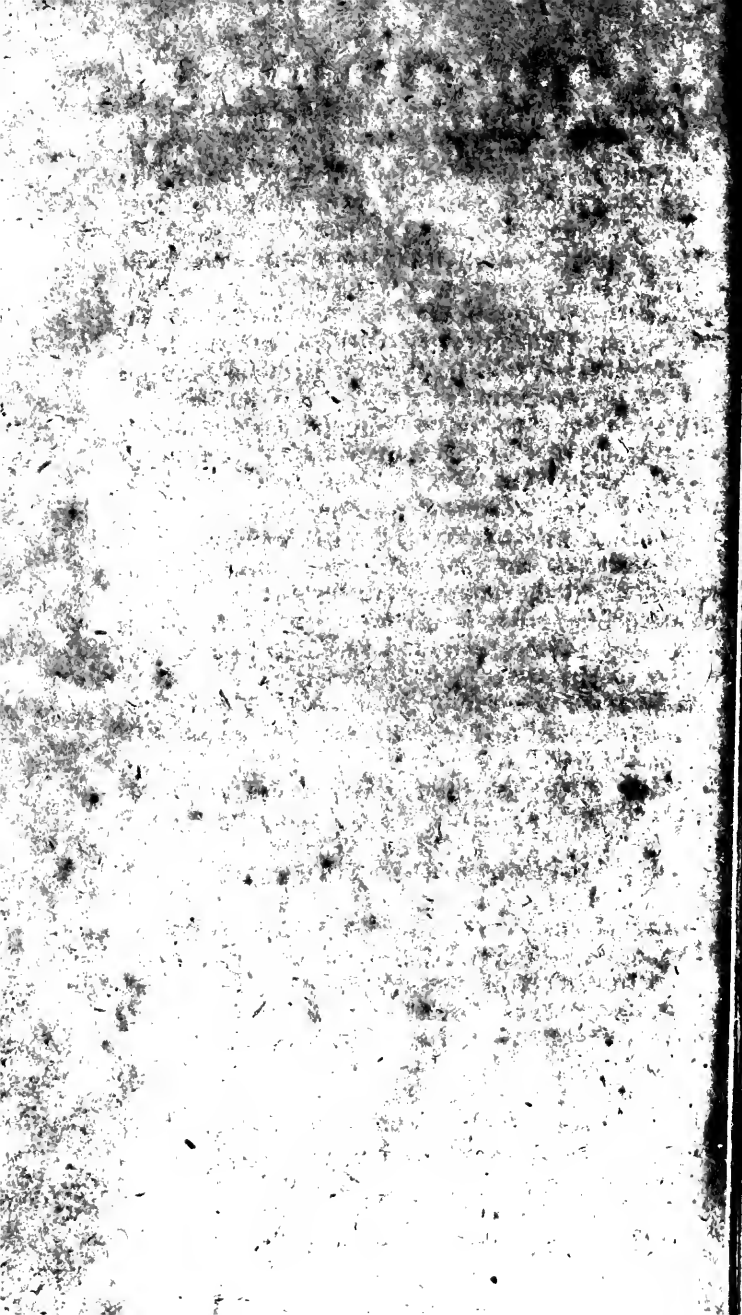
PAPAS os mais célebres depois de Gregorio II. até o grande Scisma. 308

REIS de França des de Pepino até Carlos VI. 314

IMPERADORES d'Almanha até Wenceslão. 316

REIS de Inglaterra des da Conquista dos Normandos até Henrique V. 318

Fim do Indice das materias do quinto Volume.



**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

D
18
M5419
1801
v.5
c.1
ROBA

Not wanted in PACC

